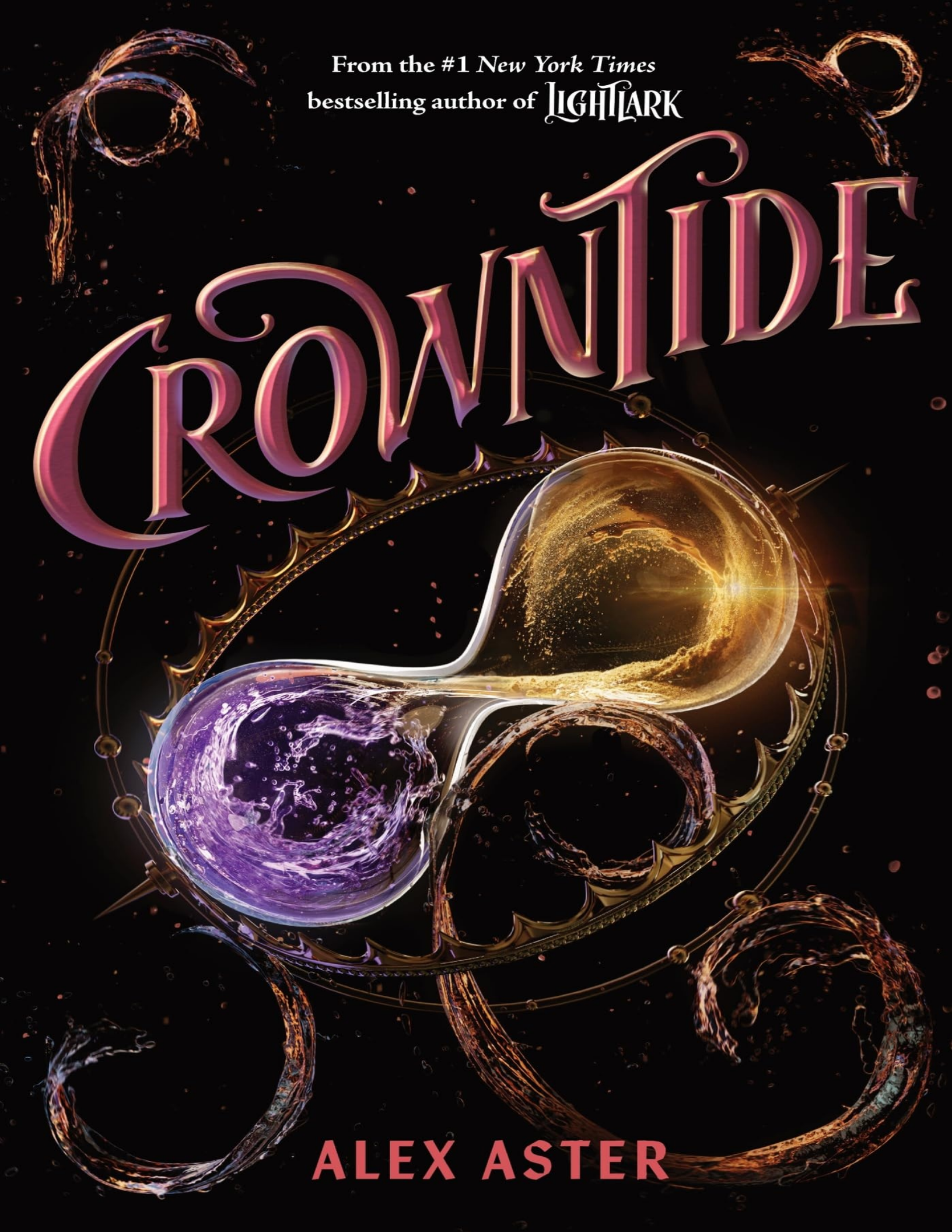
From the #1 *New York Times* bestselling author of LIGHTLARK

CROWNTIDE



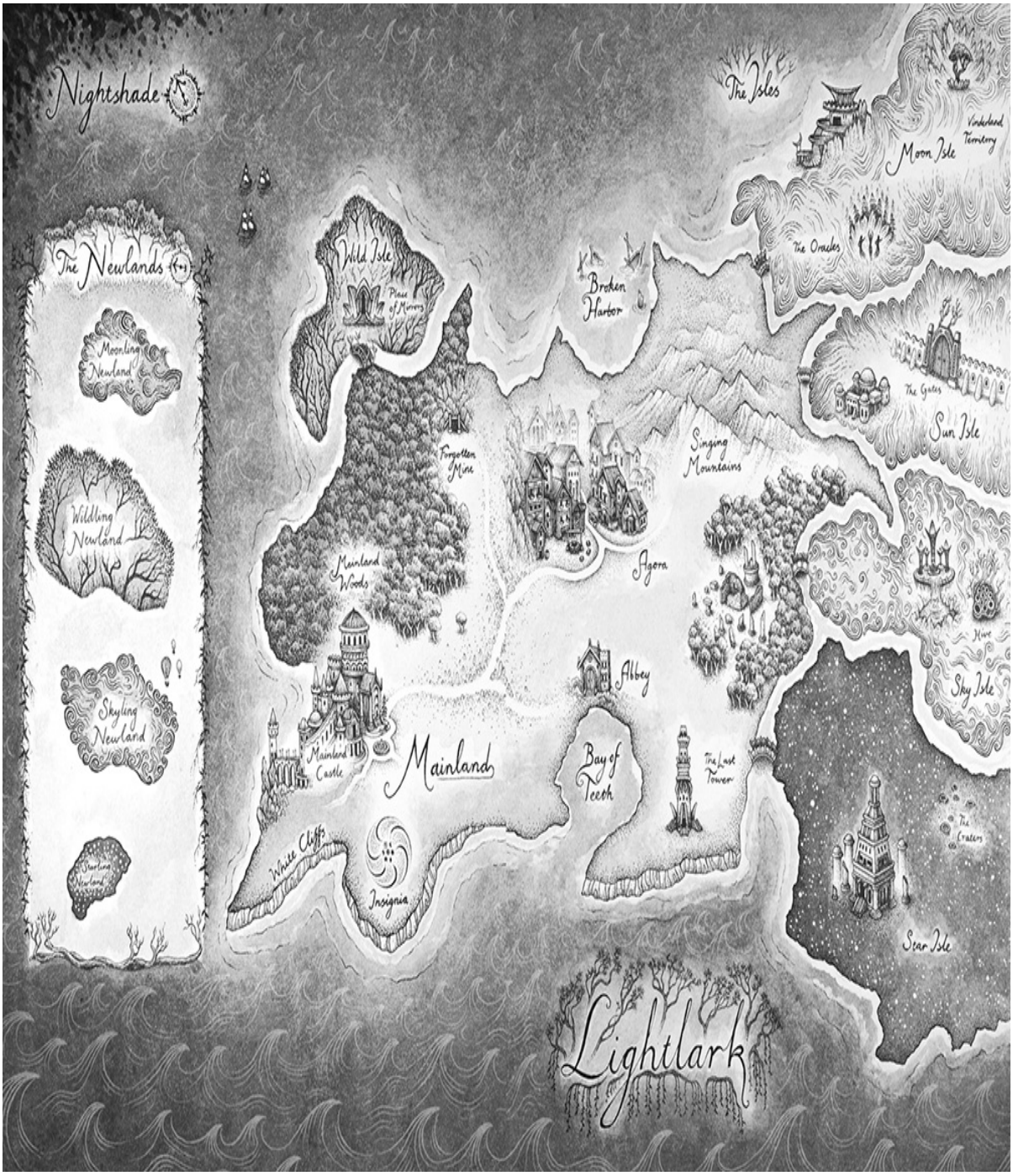
ALEX ASTER

Índice

Página de título
Direitos autorais
Dedicação
Ouro
Sinistro
Sinistro
Ilha
Ouro
Ilha
Ouro
Ilha
Sinistro
Ilha
Sinistro
Ilha
Ouro
Ilha
Sinistro
Ouro
Ilha
Sinistro
Ouro
Ilha
Ilha
Sinistro
Ouro
Ilha
Sinistro
Ouro
Ilha
Sinistro
Ilha
Ouro
Sinistro
Ouro
Sinistro
Ouro

Ilha
Ilha
Sinistro
Ouro
Ilha
Ouro
Ilha
Ouro
Ouro
Ilha
Sinistro
Ouro
Ilha
Ouro
Sinistro
Ouro
Sinistro
Ilha
Sinistro
Ilha
Ouro
Ilha
Ilha
Sinistro
Ilha
Sinistro
Ilha
Ilha
Sinistro
Ilha
Ilha
Sinistro
Ouro
Ilha
Ouro
Ilha
Ouro
Ilha
Sinistro
Sinistro
Ouro
Sinistro
Ouro

Ilha
Ouro
Ilha
Sinistro
Ilha
Sinistro
Ouro
Ilha
Sinistro
Ilha
Sinistro
Ilha
Ouro
Sinistro
Ouro
Ilha
Agradecimentos
Contracapa


Nightshade
The Isles
Moon Isle
Wonderland Territory
The Oracles
The Newlands
Wild Isle
Place of Mirrors
Broken Harbor
Moonling Newland
Forgotten Mine
Singing Mountains
The Gates
Sun Isle
Wildling Newland
Mainland Woods
Agora
Abbey
Hive
Sky Isle
Skyling Newland
Mainland Castle
Mainland
Bay of Teeth
The Last Tower
The Craters
White Cliffs
Insignia
Starling Newland
Star Isle
Lightlark



ALEX ASTER

THE LIGHTLARK SAGA
BOOK 4



AMULET BOOKS • NEW YORK

NOTA DA EDITORA: Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais é mera coincidência.

Os dados para catalogação na publicação foram solicitados e podem ser obtidos na Biblioteca do Congresso.

ISBN 978-1-4197-8571-9
eISBN 979-8-88707-934-9

Texto © 2025 Alex Aster
Projeto gráfico do livro por Chelsea Hunter e Deena Micah Fleming

Publicado em 2025 pela Amulet Books, um selo da ABRAMS. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, mecânico, eletrônico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão por escrito da editora.

Os livros da série Amulet Books estão disponíveis com descontos especiais para compras em quantidade, para uso como brindes, promoções, arrecadação de fundos ou fins educacionais. Edições especiais também podem ser criadas sob encomenda. Para mais detalhes, entre em contato com specialsales@abramsbooks.com ou pelo endereço abaixo.

Amulet Books® é uma marca registrada da Harry N. Abrams, Inc.

A ABRAMS está representada no Reino Unido e na Europa pela Abrams & Chronicle Books, 1 West Smithfield, Londres EC1A 9JU e pela Media Participations, 57 rue Gaston Tessier, 75166 Paris, França. abramsandchronicle.co.uk e media-participations.com info@abramsandchronicle.co.uk



ABRAMS A Arte dos Livros
195 Broadway, Nova Iorque, NY 10007
abramsbooks.com

Para você.
Você é forte. Nunca se esqueça .



ORO

Oro Rey jamais imaginou que veria Grim Malvere, o governante demônio de Nightshade, chorar.

Mas Oro observou as lágrimas escorrerem pelo rosto de Grim enquanto ele encarava o centro carbonizado do labirinto. Ele segurava os restos de uma pena entre os dedos — o único sinal de que ela estivera ali. Isso, e a enorme pantera rugindo e arranhando o local onde ela havia desaparecido.

Isla . Ela não podia ter ido embora. Ela não podia ter planejado isso pelas costas deles.

Mas Oro a conhecia. *Ele a conhecia* . Deveria ter previsto que ela tentaria se sacrificar de alguma forma para salvá-los da destruição de Lark Crown.

Nada neste mundo poderia matar Lark, a ancestral de Isla, então ela encontrou uma maneira de salvar seu mundo de sua ira: abriu este portal secreto e se transportou para um reino completamente diferente. O lugar de onde Lark e os outros dois fundadores de Lightlark vieram.

Oro precisava ter esperança de que Isla encontrasse um jeito de matar Lark no outro mundo, mas não tinha certeza. Ele sequer conseguia se mexer, não quando Lynx ergueu a cabeça para rugir novamente, o som fazendo o chão tremer. Não quando Grim caiu de joelhos.

Eles ficaram sentados em um silêncio miserável, esperando, como se Isla fosse voltar.

Quando ela não respondeu, depois do que pareceram horas, Grim lentamente se levantou. Respirou fundo, com a voz trêmula.

E ele acertou um soco em Oro bem no queixo.

Oro cambaleou para trás com a força do golpe. Um golpe que ele teria desviado facilmente em outras circunstâncias, se toda a sua energia não o tivesse abandonado em decorrência daquela dor esmagadora, e se ele já não estivesse ferido.

Mas ele não deixaria isso acontecer novamente. Grim voou em sua direção mais uma vez, mas Oro desviou no último instante, acertando um soco no queixo de Grim, fazendo o Nightshade cambalear.

“Pare com isso”, rosnou Oro. “Você é—”

Grim, é claro, não fez isso. Ele derrubou Oro no chão, tirando-lhe o fôlego, e os dois rolaram na terra em meio a uma chuva de golpes que fez Oro cuspir sangue. Como não podiam usar seus poderes no labirinto, se debateram no chão, emaranhados em membros, até que Oro finalmente pensou: " *Que se dane!"* , e

liberou toda a sua raiva reprimida. Ela se manifestou em um chute nas costelas de Grim, que atingiu o alvo com um estalo satisfatório. Em uma pancada com a cabeça de Grim contra o chão. Em socos repetidos no rosto de Grim, até que Grim o jogou para longe.

O Nightshade avançou e acertou Oro em cheio no nariz com um estalo repugnante. *Desgraçado* . Ele sentiu o gosto metálico do próprio sangue.

Grim não havia terminado. E parecia que ele havia se cansado de se conter. Num instante, a lâmina de Grim estava contra a garganta de Oro.

Oro ficou imóvel, o metal frio contra sua pele, seu coração acelerado. Grim estava bem na sua frente, os olhos semicerrados. De alguma forma, pareciam tomados pela emoção e, ao mesmo tempo, vazios, como se parte de sua alma tivesse sido arrancada. O pânico o invadiu. Sem Isla ali, Grim realmente o mataria desta vez?

Lynx avançou, mostrando os dentes. Mas a criatura parecia hesitante em interferir. Ele era o companheiro de Isla. Não faria nada que pudesse machucá-la.

E seu coração estava dividido entre os dois.

A pantera rosnou, mas Grim não largou sua espada.

Nesse labirinto, Oro não conseguia invocar seu fogo. Ele ponderou o risco de se mover agora, de tentar se libertar, enquanto a lâmina da espada penetrava ainda mais em sua pele. Oro sentiu uma pontada de dor e seu próprio sangue escorrendo pela garganta. Ele estremeceu, esperando que Grim terminasse o serviço e cortasse sua carne por completo. Mas, em vez disso—

Em vez disso, tudo o que ele disse foi: "Você a ama?"

Oro sabia que devia mentir. Mentir para aquele Nightshade à beira da loucura, com sangue escorrendo do canto da boca e o olho já começando a ficar roxo. Aquele Nightshade... que era seu *marido* . E que naquele momento tinha a arma pressionada contra a própria jugular.

Mas mesmo que Oro quisesse, não conseguiria mentir sobre isso. Sua resposta foi imediata: "Sim".

Oro esperava ver raiva, dor ou um lampejo de vingança no rosto de Grim, mas em vez disso... o Beladona pareceu quase aliviado.

“Ótimo. Vou trazê-la de volta. E você vai me ajudar.” Ele disse isso simplesmente, como uma ordem. Como um fato consumado.

Então, ele embainhou a espada e ofereceu a mão.

Oro apenas piscou. Seria mais um truque? Ele hesitou, e os olhos de Grim se estreitaram. "Eu cortaria sua garganta agora mesmo, *rei* . Mas eu a amo mais do que odeio você." Seu olhar brilhava com determinação. "Eu a amo mais do que tudo. Vou destruir este mundo, e o próximo, e o seguinte, até encontrá-la e trazê-la de volta. Você está comigo?"

Oro sabia o quão monumental seria a tarefa de alcançá-la, quando eles nem sequer sabiam por onde começar e o mundo ao seu redor ainda estava se despedaçando.

Mas o amor que sentia por ela abafava todas as dúvidas. Todos os medos. Ele se lembrou do que pensou durante o Centenário, depois de perceber que ela

havia sobrevivido à flecha que atravessou seu coração.

Ela nem precisa ser minha. Talvez nunca seja, mas o simples fato de ela existir prova que a perfeição existe. Prova que este mundo ainda guarda maravilhas .

“Estou com você”, disse ele.

Séculos de ódio, guerra e — em certo momento — amizade pairavam entre eles. Somente uma mulher que ambos amavam poderia unir seus interesses e transformar inimigos em aliados.

Isso ia contra o seu dever, a sua honra, os seus instintos.

Mas ele pegou a mão de Grim.

Porque a única maneira de eles conseguirem Isla de volta era juntos.



SINISTRO

Grim Malvere nunca havia sentido uma dor como essa em sua longa vida.

Ele estava sozinho à beira do labirinto, fitando suas profundezas como se pudesse fazer Isla emergir por vontade própria. Mesmo quando ela morreu, *morreu* em seus braços, ao menos aquela agonia fora útil. Havia uma maneira de ressuscitá-la. Uma maneira antiga, sagrada e perigosa de compartilhar vida e poder.

Mas e agora?

Ele nem sabia por onde começar. Estava completamente perdido sem ela.

Seu talento para criar portais sempre lhe pareceu uma maldição e uma bênção. Era a razão pela qual todos os seus irmãos estavam mortos. Era também sua única fuga do papel que o sufocara por séculos.

Até *ela* .

Ela era um sopro de primavera em pleno inverno. Era uma estrela-guia em seu céu escuro, o eixo em torno do qual seu mundo girava.

E agora... agora, ele nem sabia se ela estava viva.

Não . Ele afastou esse pensamento. Se ela estivesse morta, ele sentiria. Certo? Ele também estaria morto. Eles compartilhavam uma ligação vital...

Eles compartilhavam uma *alma muito* semelhante. Quando estavam juntos, ele não conseguia distinguir onde a dela terminava e a dele começava. Eram um só em todos os sentidos.

Ela estava viva. Tinha que estar.

Somente essa fé — nela, na persistência *deles* — o manteve firme nesse mar infinito de agonia. A crença de que um dia eles estariam juntos novamente.

"Nada neste universo pode me impedir de te ver", disse Grim para o céu noturno. Ele esperava que, onde quer que ela estivesse, pudesse ouvi-lo. "Eu arrancaria as próprias constelações para te ver de novo."

Então ele se teletransportou para a mesa em seu castelo de inverno, onde Oro o aguardava. Suas roupas ainda estavam ensanguentadas, mas ele havia curado o nariz quebrado. Lavara o rosto. Grim não se preocupou em curar nada, e não deixou de notar a expressão de desagrado do Filho do Sol ao ver o hematoma que ainda sentia se formando ao redor de seu olho.

Se o pai dele soubesse que o rei de Lightlark um dia estaria sentado ali, ele mesmo teria matado Grim.

Mas Grim não estava nem aí. Não quando a vida de Isla estava por um fio.

Os amigos irritantes de Oro entraram um instante depois. A ruiva de asas

flamejantes. O ladrão com quem ele tivera o desprazer de passar tempo demais ultimamente. O corpulento Moonling que ouvia mais do que falava. Ele, pelo menos, não era tão irritante quanto os outros. Astria, sua general, entrou por último. Todos se sentaram — e olharam para Grim.

"E então?", disse Oro, da outra ponta da mesa. "Como vamos até lá? Como a trazemos de volta?"

Grim lutou contra o impulso de transformá-lo em cinzas. Isla não gostaria disso. E o rei não seria de muita ajuda como um monte de cinzas, não é?

Com a voz rouca, carregada de raiva, ele disse, com muita cautela: "Vocês acham que, se eu soubesse disso, estaria sentado aqui, diante de todos vocês? Acham que eu estaria fazendo qualquer outra coisa além de ir buscá-la?"

A ruiva recostou-se displicentemente numa cadeira que era facilmente o dobro da sua idade. "Seu talento é criar portais. Você não deveria saber?"

As bordas de suas sombras se aguçaram, arranhando o chão.

“O portal está fechado. O único outro fica em Lightlark, e embora eu não tenha problema nenhum em usá-lo e destruir todos vocês, sei que minha esposa teria.” Ele não deixou de notar o estremecimento do Solitário ao ouvir a palavra *esposa* . Ótimo. *Estremeça, Solitário* . Ele olhou diretamente para Oro ao dizer a próxima frase. palavras. "Eu consigo senti-la. O laço entre nós." O Filhote de Sol o encarou com raiva. Ele sabia que Grim havia se ligado a ela para revivê-la. Ele deveria ser *grato* . Ele nem a teria *conhecido* se não fosse por ele.

E esse foi um dos maiores arrependimentos de Grim. Ter dado a ela a chance de amar Oro. Ele se culpava por tudo o que aconteceu depois que apagou as memórias dela. Ele pensava que estava ajudando-a, mas na verdade havia lhe tirado a escolha. E mesmo que ela o tivesse perdoado, ele jamais se perdoaria.

“Então ela é uma estrela-guia para o outro mundo”, disse o ladrão, Zed. “Seu... vínculo... é um mapa para ela.”

Grim assentiu com a cabeça. Se ao menos ele pudesse seguir aquele fio através do universo até ela. Ele tentara, é claro, no momento em que saíra do labirinto. Mas sua habilidade de criar portais não era forte o suficiente. E Isla levara consigo o conhecimento de como criar e fechar portais.

Grim percebeu um lampejo de impaciência em Oro, que contrastava com a dor lancinante que ecoava suas próprias emoções. Oro pareceu entender que, obviamente, Grim já havia tentado usar o portal para chegar até ela. Suas sobrancelhas se franziram. "Seu talento é nossa melhor chance de alcançá-la. Então, como amplificamos seu poder?"

Grim ainda queria matar o Filhote do Sol, mas pelo menos ele não era um completo idiota.

Ele balançou a cabeça negativamente. Não tinha resposta.

Oro agarrou a lateral da mesa com frustração. "Não tem nada aqui? Alguma relíquia? Algo parecido com o coração de Lightlark?"

Havia algo ali — não que fosse de muita utilidade para eles. "Bem, há uma pedra. Mais poderosa do que qualquer outra coisa neste mundo... incluindo o seu coração de Lightlark."

Oro piscou. Ele claramente não sabia do que Grim estava falando.

Grim suspirou. "Segundo o mito, é o objeto mais poderoso deste universo, e nem mesmo Cronan conseguiu reivindicá-lo. Muitos dos meus outros ancestrais tentaram, ao longo dos séculos. Meu pai inclusive." Ele franziu a testa. Imaginando seu pai no fim da vida, tão frágil que mal conseguia se manter em pé no trono. "A pedra o rejeitou, amaldiçoando-o em vez disso."

"Onde está?", perguntou Oro, com a voz concisa e séria.

Grim recostou-se na cadeira. "Ficava numa ilha ao norte daqui, chamada Atlas."

Os olhos flamejantes de Enya se estreitaram. "Por que você disse ' *era* '?"

“Porque eu reivindiquei isso.”

Silêncio. Grim podia sentir as emoções na sala se misturando — lampejos de surpresa, de preocupação... de esperança, vindos de Oro.

"E onde está agora?", perguntou Zed finalmente, as palavras escapando de sua boca, carregadas de irritação.

Os olhos de Grim encontraram os de Oro enquanto ele dizia, muito lentamente: "Em volta do pescoço dela."

A mandíbula do Filhote de Sol se contraiu. Sua esperança se dissipou num lampejo de mágoa.

As mãos de Zed bateram com força na mesa de pedra. "Você quer dizer que a pessoa mais poderosa que conhecemos levou o objeto mais poderoso do nosso mundo... para *outro* mundo?"

Sua esposa era certamente a pessoa mais forte de sua história — possivelmente do universo. Ela foi a primeira a ter acesso aos poderes dos seis reinos. Era a governante tanto do Reino Selvagem quanto do Reino Estelar. Através do laço de amor de Oro, ela também tinha acesso às habilidades dos Reinos Solar, Celeste e Lunar. Através do laço de Grim, ela tinha acesso à Beladona. Não que ela precisasse. Seu próprio pai era a Beladona. Estava em seu sangue.

E com tanto poder veio tanta dor. Sua esposa matou muitas, muitas pessoas. Ela não teve séculos para dominar seus dons. Não como os outros tiveram.

Ele sabia que esse era um dos motivos pelos quais ela havia partido. Corria o boato de que o Outro Mundo era um lugar onde os mortos podiam ser trazidos de volta à vida como eram antes. Ela queria desfazer seus erros. Corrigir tantas injustiças.

Num instante, Grim foi tomado pelo arrependimento. Ele deveria ter feito mais para confortá-la depois que ela acidentalmente matou todos naquela vila. Talvez... talvez ela não tivesse ido embora, se...

A irritante Skyling falou novamente. "Deixa eu ver se entendi. Você reivindicou o objeto mais poderoso do universo... e o colocou no pescoço dela? O que você estava pensando?", perguntou Zed, a um passo de quebrar o que restava das janelas.

Lentamente, Grim se virou para ele. "Eu estava pensando que a pessoa mais importante de todo o universo deveria usá-lo."

Zed balançou a cabeça lentamente antes de passar as mãos pelo rosto pálido e dizer: "Estamos muito ferrados."



SINISTRO

Grim não dormiria até encontrá-la. Então, tarde daquela noite, no silêncio do castelo que antes ecoava sua voz, ele sentou-se à mesa e lembrou-se da noite em que decidira reivindicar aquela pedra preciosa.

Foi logo depois de ele ter pedido Isla em casamento. Ele era o primeiro da sua linhagem a casar, mas sabia que a tradição exigia um diamante para colocar no pescoço dela. Ela merecia apenas a pedra mais poderosa do universo.

Ela merecia o Infinito.

Todos que tentaram reivindicar o diamante foram mortos no processo, incluindo seu próprio pai, amaldiçoado para o resto da vida. Nada disso assustava Grim. Ele arriscaria tudo para manter Isla viva para sempre, depois de ter ligado sua vida à dela — o que ele sabia desde o início ser uma solução temporária. A pedra poderia ser a única coisa poderosa o suficiente para salvá-la.

Ele tentara usar um portal diretamente para Atlas, a ilha onde Infinite esperava para ser reclamada, mas havia um escudo ao redor. Não importava. Ele usou um portal para chegar o mais perto possível com um barco e teria que remar o resto do caminho. Só de pensar em perdê-la, ele remava freneticamente pelas águas geladas.

O fundo do barco se despedaçou ao ser arrastado pelas ondas contra a costa rochosa. Logo além, erguia-se uma parede daquela mesma pedra irregular. Ele inclinou a cabeça para trás, mas não conseguiu ver o topo. Aquilo lhe lembrou da subida até a antiga ferraria, com Isla.

Este lugar podia parecer semelhante, mas a sensação era decididamente diferente.

No instante em que pisou na crosta áspera do terreno, todos os seus sentidos foram arrancados.

Ele não conseguia mais ouvir as ondas quebrando contra as rochas, o barco rangendo com a maré. A maresia desapareceu. Sua visão se extinguiu, como se a lua e todas as estrelas tivessem se apagado acima dele. Ele mal conseguia sentir o próprio corpo.

Ele exalou com dificuldade pelo nariz ao dar um passo hesitante para a frente. A noite viva ondulava ao seu redor, densa e pesada, puxando-o como a gravidade.

Com um lampejo de dor, a escuridão penetrou sua mente e falou com uma voz que arranhava o interior de seu crânio como uma garra, circulando sem parar.

Dê mais um passo e sua vida estará por um fio , dizia a mensagem. Um aviso.

O último que ele receberia, Grim imaginou.

Mas ele não veio aqui para se acovardar diante do primeiro desafio. Ele deu mais um passo à frente.

Seus sentidos voltaram de repente. Ele estava diante de uma parede de rochas negras pontiagudas. O penhasco que ele deveria escalar.

Com a respiração controlada, ele agarrou as pedras pontiagudas, estremecendo quando elas cortaram suas palmas, o sangue escorrendo por suas mãos... e começou a subida. Caminhou por vários minutos sem qualquer distração. Apenas ele e a força que aprimorara ao longo dos séculos. Apenas a dor aguda à qual estava acostumado.

Não era tão ruim assim. Qualquer escalada era apenas repetição. Se ele conseguisse manter esse ritmo, chegaria ao topo. Ele conseguiria. Estendeu a mão para o próximo ponto de apoio—

E estava em um campo de batalha, séculos atrás. O chão sob seus pés era cinzas enegrecidas. Diante dele estendia-se um campo de grama verde-clara que murchava lentamente a cada passo.

A legião à sua frente estava perfeitamente posicionada. Se ele afrouxasse o controle de suas emoções e se permitisse sentir as deles, não tinha dúvida de que seria atingido por uma onda de medo esmagador. Ótimo. Eles deveriam estar com medo. Com um movimento rápido da mão, suas sombras dispararam para a frente, espiralando pelo ar como um vento escuro, ceifando-os, para depois retornarem em círculo, arrasando todo o batalhão.

Foi fácil demais. Quase entediante. Os homens berraram, alguns choraram, outros se mijaram. Logo todos estavam sangrando até a morte. Grim não se importou. Eram sem rosto. Sem importância.

Soldado após soldado caiu — até que restou apenas um. Mas, em vez de erguer sua espada inutilmente... o homem ergueu as mãos e caiu de joelhos.

“Por favor”, disse ele, com o olhar firme. Ele não parecia com medo. Pelo menos não por si mesmo. “Tenho esposa e filhos que amo muito. Por favor... me conceda a misericórdia de voltar para casa, para eles.”

As emoções de Grim haviam sido reprimidas há muito tempo. Era mais fácil matar sem elas. Então, enquanto os lábios do homem se entreabriam em mais um apelo—

Grim o estripou. O homem engasgou, depois olhou para baixo enquanto suas entranhas caíam em suas mãos. Sua expressão era de pura e absoluta tristeza. De surpresa. De uma perda irreparável.

Grim pisou nas próprias entranhas a caminho da próxima legião que iria dizimar.

Durante anos, essa foi toda a sua existência. Ele era a espada do pai. Vivia sem remorso. Sem qualquer sentimento. Porque a alternativa seria ser consumido por um arrependimento e uma dor tão intensos que ele não conseguiria suportar. Ele não conseguiria fazer o necessário para garantir que a morte da irmã — assim como a de todos os seus outros irmãos — não tivesse sido em vão.

O estômago de Grim revirou, revivendo a morte do homem. Ao ver o desespero em seu rosto, Grim soube que faria o mesmo. Ele, o governante de

Nightshade, imploraria de joelhos por uma chance de passar mais um segundo sequer com Isla.

O arrependimento o invadiu por completo. E a parede pareceu pressentir isso. Ondulou de volta à sua visão, de uma só vez.

Ao começar a escalar novamente, a escuridão ao seu redor se intensificou. Através da noite silenciosa, ele ouviu os ecos tênues da batalha. Gritos abafados. Lentamente, ele olhou para cima e, em vez das estrelas, viu um túnel de memórias à sua espera, de todas as pessoas que ele havia abatido durante seus séculos como guerreiro.

Merda. Ele teria que reviver cada morte, cada erro. Essa seria sua jornada para reivindicar o diamante. Ele teria que encarar essa dor infinita que havia afastado por tanto tempo.

Tudo dentro dele implorava para que desse meia-volta. Para que começasse sua descida...

Mas ele sabia o que o aguardava além desse teste. Aquele diamante poderia salvar Isla.

Isla. Sua esposa. Seu mundo. Seu universo.

Ele se lembrou do sorriso dela naquele campo de erva-daninha, quando ele se ajoelhou para implorar que ela ficasse com ele para sempre. Ele nunca imaginou que pudesse sentir um êxtase tão puro e genuíno depois de séculos de sofrimento.

Ela era a sua eterna felicidade. Por ela, ele enfrentaria qualquer coisa.

Então ele continuou. Em meio à vergonha, ao arrependimento e à tristeza, o amor de Isla foi como um escudo, protegendo-o de sua pior versão.

Ele subiu até a próxima morte. A próxima. A próxima.

Como eles imploraram. Como eles lutaram. Como eles suplicaram .

Ele sentia tudo repetidamente, como uma onda implacável que o atingia, tentando arrastá-lo daquele penhasco. Séculos atrás, isso teria sido suficiente para arruiná-lo, para fazê-lo desistir, para fazê-lo perder o equilíbrio naquela rocha. Mas Isla era uma corda, puxando-o para cima.

Reviver séculos de matança deve ter levado horas. Talvez dias. Ele não sabia. Ainda estava escuro quando finalmente conseguiu ver a borda do penhasco acima dele. Estava quase no topo. Seu coração se encheu de esperança.

“Então”, disse uma voz familiar. “Você decidiu tentar reivindicar o Infinito.”

Ele reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

Laila . Sua irmã.

Ele piscou e suas mãos estavam muito menores, muito mais lisas, enquanto subiam uma colina nevada em vez de uma parede rochosa irregular. Engoliu em seco. Mesmo assim, continuou a subir, com muito menos força, até finalmente alcançar o topo da montanha coberta de gelo.

E lá estava ela. Seus olhos felinos brilhavam com travessura. Ele respirou fundo, tremendo, ao vê-la. Quase não conseguia se mexer. Laila fora quem primeiro lhe falara sobre o diamante, sobre o significado *do infinito* .

Sua irmã suspirou impacientemente, balançando a cabeça, com os cabelos grosseiramente cortados ao vento. "O que foi? Ainda se sente culpado pelo que

você me fez?"

É claro que ele ainda se sentia culpado. Essa culpa quase o consumiu ao longo dos séculos. Foi por isso que ele reprimiu suas emoções por anos. A dor tinha sido insuportável.

"Me desculpe", disse ele, com a voz de uma criança. A voz do menino de doze anos que matou a irmã quando perdeu o controle de suas sombras. Ele nunca deveria ter sido o sobrevivente. Ele sempre quis que fosse ela.

Laila deu um passo em direção a ele, e seu sorriso desapareceu. "Desculpas não me trazem de volta", sibilou ela, dando outro passo. "Você sabia que eu queria ser governante. Você sabia que eu colocaria nosso reino acima de tudo."

"Eu sei", disse ele, falando sério. "Eu nunca quis isso."

Ela riu, a cabeça caindo para trás. Ele podia ver as tênues cicatrizes em seu pescoço. "Mas é assim que as coisas são." Seus olhos frios encontraram os dele. "Você prometeu a si mesmo que minha morte não seria em vão. Que você cumpriria seu dever de proteger nosso povo."

Era verdade. Era o único jeito de ele seguir em frente, superando o ódio que sentia pelo pai. Superando o ódio que sentia por *si mesmo* , pelo que tinha feito.

Laila zombou dele. "Veja só você. Submisso a uma mulher. Disposto a arriscar tudo e todos pela vida dela."

Num instante, todas as cicatrizes em seu corpo se abriram. Sua garganta foi subitamente cortada e o sangue jorrou. O carmesim começou a infiltrar-se em suas roupas, até pingar na neve, escuro e brilhante.

"E a minha vida?", perguntou sua irmã, com a voz embargada. "E a vida que você me tirou?"

Grim não conseguia respirar. Não conseguia se mexer. Seu corpo estava dormente, e ele... não. Era demais vê-la assim. Ver o que ele tinha feito.

Ela cambaleou em sua direção. Ele conseguiu se livrar do pânico, cambaleando para trás, e ouviu o gelo caindo pela encosta íngreme da colina. O gelo estrondou pela encosta do penhasco.

Laila não parou. Ela avançou cada vez mais perto até que Grim estivesse quase na beira da colina, e ele pôde sentir o cheiro de sangue nela. O sangue escorria em direção às suas botas. "E o nosso reino?", ela exigiu. "E o nosso legado? E todos nós que morremos para que você se tornasse o herdeiro?"

Ele deu mais um passo para trás. Podia sentir o vento atrás dele.

Ela soltou uma risada cruel. "Você uniu sua vida à dela, e agora cada pessoa em seu reino está em risco." Ela o encarou com puro desgosto. "Papai sempre disse que o amor destrói reinos. Parabéns. Parece que você está perto."

Então, ela o empurrou para fora do penhasco.

Enquanto Grim despencava, a realidade subitamente retornou à sua visão e ele viu um turbilhão de escuridão, suas mãos deslizando pela rocha — *não* . Ele agarrou a parede com toda a sua força, a pele se rasgando no processo, e conseguiu parar a queda. Suas pernas balançavam no ar abaixo dele, seu estômago revirando.

Muito perto.

Com um gemido, ele se ergueu, as palmas das mãos cobertas de sangue, os

braços tremendo. Encontrou um ponto de apoio para os pés. Seu coração estava... Correndo, bem contra a parede rochosa. Ele fechou os olhos para afastar as lembranças, para afastar a dor.

Tudo o que ele tentara enterrar estava vindo à tona, e ele não era forte o suficiente. Ele não conseguia continuar.

Mas ele precisava. Por Isla. Por *eles* .

Ele respirou fundo, com a voz trêmula. Sua alma estava em frangalhos, mas a dela estava para sempre ligada à sua, e ele se apoiou nessa força. Pois ele não estava sozinho. Ele a tinha em seu coração, e isso era o suficiente para atravessar jornadas impossíveis. Era o suficiente para alcançar o fundo do poço e descobrir que havia *mais* .

Essa ilha tentou destruí-lo. Mas não foi páreo para quem ele se tornava quando amado por ela.

“Nada, *absolutamente nada* que vocês me mostrem vai me impedir de completar esta escalada”, disse ele para o céu enquanto se içava por mais alguns metros. Sua voz estava rouca de sede, mas firme. “Não me importo com o que vocês me digam. Vou conseguir esse diamante para minha esposa.”

Em meio à escuridão salpicada de estrelas, uma voz tão afiada quanto uma faca de trinchar sussurrou uma única palavra em sua mente: *Por quê?*

"Porque eu a amo", disse Grim, como se fosse a coisa mais natural do mundo. "O que significa que farei qualquer coisa para salvá-la."

A voz zumbia, fazendo seu crânio vibrar com a ressonância. *E quão forte é esse amor?*

“Mais forte que você”, disse ele.

A voz riu.

“É infinito”, disse Grim.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, um rugido soou de cima. E um vento forte e cortante veio direto em sua direção. Ele se agarrou à rocha, rangendo os dentes enquanto a tempestade lutava para arrancá-lo. A tempestade uivava ao seu redor como uma fera. Ele tentou resistir, se içar aqueles últimos metros, mas era como se estivesse lutando contra um furacão. Ele berrou, forçando-se para a frente alguns centímetros—

E foi lançado de volta a um turbilhão de memórias. Mas não eram suas.

Eram *dela* . Momentos cruciais em sua vida.

Ele testemunhou a morte de inúmeros Selvagens, porque ela não sabia como usar seus poderes.

Ele viu a aldeia de Isla devastada. Centenas de pessoas transformadas em cinzas. Uma aldeia inteira arrasada em segundos.

Você ama ... ela *?* perguntou a voz, estridente de crueldade. *Essa praga? Esse* ... monstro *?*

Mesmo com aquele vento brutal tentando arrancá-lo dali, Grim não conseguiu conter o riso. O som ecoou contra os fragmentos de pedra pontiagudos que ele não conseguia ver.

“Sim, eu a amo”, disse Grim. “Eu a amo em seus momentos de maior fragilidade, em seus momentos de maior força, em seus melhores momentos, em

seus piores momentos. O nosso não é um amor perfeito, mas sim um amor sangrento. Não é um amor impecável, mas sim implacável. Eu vi o pior nela, e ela viu o pior em mim. E ainda assim... eu a amo tanto em seus piores momentos quanto em seus melhores. Eu a amo por tudo o que ela é e por tudo o que ela não é. E isso... *é* por isso que o nosso amor é infinito."

A voz pareceu ponderar suas palavras. Grim sentiu-a se insinuando em seus pensamentos, como se procurasse qualquer indício de hesitação ou engano. *E se ela o traísse? Se ela... o matasse?*

Ele riu novamente, um suspiro contra o ar frio da noite. "Então eu a agradeceria por me conceder qualquer tempo que fosse."

O vento cessou. Grim quase caiu com ele. Mas ele se manteve firme, e a única coisa que restou foi aquela voz, enterrada no canto mais escuro de sua mente.

O que você mais deseja? Por que você realmente quer esse diamante? Poder? Riqueza?

Grim não perdeu tempo, apressando-se a terminar o resto da escalada na rocha, e disse: "Eu não quero poder. Eu não quero riquezas. Eu quero algo muito mais precioso. Eu *a quero* . Para sempre. Até o fim dos tempos, e depois disso, e por um tempo ainda maior. É *só isso* que eu quero."

Ele podia sentir uma garra arranhando seus pensamentos. Sua própria *alma* , com a precisão de uma lâmina. Escavando. Buscando.

Seu corpo se retesou ao sentir um corte profundo dentro de si, mas ele não parou de se mover. E finalmente, aquela voz foi arrancada de sua cabeça. Junto com uma pequena e essencial parte dele.

Finalmente, sua mão agarrou a borda.

Ele se arrastou para dentro de uma caverna e desabou contra o chão, o coração martelando contra a pedra lisa e lustrosa. Usara quase toda a sua força, tanto física quanto mental. Finalmente, ergueu os olhos, os cabelos escuros grudados no rosto pelo suor. E lá, no centro da caverna, repousava um magnífico diamante negro.

Ele podia sentir seu poder em seus ossos, em seu sangue, em sua alma. Um poder infinito, sem fim. Chamando. Atraindo. Despertando. Desdobrando-se.

Ele ficou impressionado com o quanto não queria reivindicar isso. Ele não queria mais poder.

Mas não era para ele.

"Será que isto a salvará?", perguntou ele à caverna.

E em seu eco, ele ouviu uma resposta. *Isso lhe concederá seu maior desejo* . Eles. Juntos. Para sempre .

Dito isso, ele estendeu a mão para o diamante.

E ele reivindicou isso.

Naquele instante, ele teve certeza de que aquele era o objeto mais poderoso de todo o universo. Ele podia sentir a energia ancestral se movimentando dentro da gema.

A jornada valeu a pena. Tudo, cada obstáculo. Isso a manteria segura. Tinha que manter.

Grim tinha o pensamento perturbador de que os problemas de Isla estavam apenas começando.



ILHA

Isla Crown sentiu a força deste mundo em seus dentes. No instante em que ela e Lark atravessaram o portal, ela usou todas as suas habilidades e cada resquício de poder do osso divino que usara para esculpir um skyre sobre seu coração, selando-o. Então, ela caiu no chão com um estrondo que quebrou seus ossos.

Apenas a armadura de seu pai, feita de um metal inigualável e forjada pelo ferreiro, a mantivera inteira. A areia raspava em seus pulmões, e ela tossiu, inalando ar pútrido, com as costelas rangendo enquanto tentava respirar fundo. Por fim, vomitou.

Sua garganta ardia como ácido . Levou alguns instantes para que a névoa em sua visão, como uma mancha de piche, se dissipasse, mas então seus sentidos se aguçaram quando ela olhou para cima.

O céu .

Era um turbilhão glorioso de cores, misturando-se como tinta para formar tons que ela nunca tinha visto antes. Era lindo — como se o sol tivesse se espalhado pelo céu. Uma faixa prateada o atravessava, brilhando como estrelas derretidas.

Ela finalmente baixou o olhar, contemplando o resto do mundo à sua frente. Seu coração afundou. O pânico percorreu suas veias.

Este mundo... Não era o que ela havia imaginado.

Não havia nada ali. Nada além de cinzas se espalhando em ondas à sua frente até onde a vista alcançava. Parecia quase areia, mas era um prateado opaco, misturado com preto, como se ela tivesse pousado no meio de um céu noturno despedaçado.

Os últimos momentos a atingiram com toda a força.

Cotovia .

Isla se virou bruscamente e encontrou sua ancestral ali, nas cinzas, convulsionando e gritando. Seu corpo havia sido dilacerado pela jornada, mas Isla observou enquanto a pele de sua ancestral começava a se regenerar lentamente — embora visivelmente mais devagar do que em Lightlark. Os dois lados de seu peito dividido não se encontraram completamente, mas ela conseguiu finalmente respirar fundo, com a respiração trêmula.

Lark canalizou o poder deste lugar, através das tempestades. Isla presumira que as habilidades de sua ancestral seriam amplificadas aqui, mas não foram. Esta era a sua chance de acabar com Lark de uma vez por todas. Isla avançou em sua direção, mas quase desmaiou, suas forças reduzidas ao mínimo por abrir e fechar aquele portal. Mas havia algo mais. Algo estranho neste lugar.

Este mundo... era como um torno sobre seus ossos, uma segunda gravidade, um peso sobre sua mente e energia.

Seus poderes. Ela tentou alcançá-los, mas encontrou apenas os mais tênues fragmentos. Algo estava bloqueando suas habilidades.

Por instinto, ela levou a mão ao diamante entre as clavículas, mas, é claro, nada aconteceu.

Como ela derrotaria Cronan sem seus poderes? Como traria de volta todos que havia matado? Como salvaria a própria vida e a de Grim, depois que ele a uniu à dela?

Ela não tinha muito tempo. O adivinho disse que sua força vital limitada duraria apenas até o fim do inverno. Faltavam apenas alguns dias.

O poder que outrora poderia ter salvado sua vida claramente havia desaparecido. Este era um mundo de cinzas e ruínas.

"Seu idiota", Lark conseguiu dizer, mesmo com o peito ainda escancarado.

Então a areia sob eles começou a se mover, rasgando sua pele nua enquanto se transformava em cordas e correntes.



ORO

"Ela precisa de mim", disse Oro. Isla havia partido apenas algumas horas, mas ele sentia sua ausência como um vazio em sua alma. Seria tão fácil se deixar consumir, permitir que as brasas de si mesmo se extinguissem sob essa dor, mas, em vez disso, ele precisava se reacender. Por ela, ele precisava encontrar forças mesmo em meio ao pânico.

“A ilha precisa de você”, disse Enya.

Oro e seus amigos estavam de volta ao seu andar favorito do castelo no continente. Grim os teleportara para lá a pedido de Oro, enquanto ia acalmar Lynx e seu dragão. Ambas as criaturas estavam inconsoláveis com a ausência de Isla.

Enya estava certa. A devastação causada por Lark deixou a ilha em ruínas. A maioria de seu povo havia desaparecido, transportada para as novas terras, para sua própria segurança. Muitos dos que permaneceram já haviam sido transformados em soldados mortos-vivos por Lark.

Seu dever era para com seu povo e para com esta ilha. Ele sabia disso.

E, no entanto.

"Preciso fazer isso", disse Oro. "Preciso dela." Ele percebeu o olhar que seus amigos trocaram entre si. Sabia também que eles não guardariam seus pensamentos para si.

"E se este mundo estiver melhor sem ela?", disse Zed finalmente. Nesse instante, chamas surgiram nas mãos de Oro. Zed observou o fogo e continuou: "Tente não se apegar tanto a isso, Oro. Isla Crown é agora a pessoa mais poderosa da nossa história. Possivelmente, de todo o universo. Será que realmente a queremos de volta?"

“Sim”, disse ele, sem hesitar.

Zed continuou como se não tivesse dito nada. “Talvez... essa tenha sido a melhor coisa que ela poderia ter feito por todos. Ela nos livrou de Lark. Ela se sacrificou para isso. Talvez...” O maxilar de Oro se contraiu enquanto ele previa suas próximas palavras. “Talvez ela não queira ser encontrada.”

Ele já tivera esse pensamento antes, logo depois de ele e Grim terem se espancado até a morte no labirinto. Isla conhecia o perigo de seus poderes. Ela conhecia a dor e a devastação que essas habilidades já haviam causado a este mundo. Ela conhecia a profecia e sabia que ela significava matar ou ele ou Grim...

Talvez Zed estivesse certo. Talvez ela estivesse tentando escapar da profecia. Fazer com que ela nem estivesse no mesmo *mundo* que eles. Talvez ela pensasse

que isso seria suficiente para mudar seu destino.

Mas Oro sabia, lá no fundo, que Zed estava errado. Este mundo precisava de Isla. Ela tinha uma admiração infinita. Uma esperança infinita. Ela sempre via luz onde a maioria via escuridão. Era por isso que Oro se apaixonara por ela. Ela era a sua lembrança de que este mundo poderia ser melhor. Ela era a sua luz em lugares escuros. Ela era o seu verão eterno.

E este mundo precisaria da luz e das habilidades dela para se reconstruir. Ela era uma criadora de mundos, assim como Lark. Ela poderia restaurar a ilha ao que ela era antes.

“É melhor tê-la aqui. Precisamos desse poder”, disse Oro. Ele precisava convencer seus amigos de que isso era verdade. Não conseguiria fazer isso sem a ajuda deles.

Calder suspirou. Todos se viraram para encarar o Lunático, a madeira de seu assento cedendo sob o peso de sua figura imponente. "Ela é a pessoa mais poderosa que já veio deste mundo. Ela usa um colar com um diamante feito de puro poder. Precisamos dela de volta."

Oro respirou aliviado, antes de Enya dizer: "E aposto que há quem, naquele mundo, deseje esse poder para si. Talvez em outros mundos também."

Incluindo Cronan.

Ali estava. Seu pior medo. Que Isla estivesse em apuros e Oro presa a mundos de distância. O terror percorreu seu sangue como gelo. O colar que ela usava estava ligado por seu juramento de casamento com Grim e só poderia ser libertado com sua morte. E se Cronan a encontrasse? E se ele quisesse aquele diamante? E se ele—

O pensamento o fez agarrar as laterais da cadeira com tanta força que a madeira se quebrou.

Ele se levantou. "Vou trazê-la de volta", jurou Oro, circulando pela sala. "Não apenas porque a amo." Ele percebeu um lampejo de pena nos olhos de Enya. "Mas porque este mundo é melhor com ela nele."

“E até onde você irá?”, perguntou Enya.

Oro se lembrou do que Grim dissera. Que ele destruiria mundos se fosse preciso. Oro sabia, no fundo da sua alma, que faria o mesmo. Por via de regra, ele tentava não mentir. Não começaria agora. "Até os confins do universo", disse ele.

Foi nesse momento que Enya finalmente pareceu assustada.

Sua amiga mais antiga abriu a boca, mas antes que pudesse dizer uma única palavra, Grim surgiu em uma torrente de escuridão. Suas sombras rasgavam o chão, circulando impacientemente, refletindo seu humor tempestuoso. Havia uma longa marca de garra em seu flanco, o tecido de sua capa rasgado.

Claramente, Lynx estava zangado. Oro não podia culpá-lo.

"E então?" perguntou Grim, ignorando completamente os amigos de Oro. "Alguma ideia?" Como ninguém respondeu imediatamente, ele disse: "Ela já estava à beira da morte quando partiu. Temos apenas alguns dias para chegar até ela."

O pânico o consumia por completo. Oro não sabia como iriam criar um

portal. Nem como iriam amplificar os poderes de Grim. Mas quanto mais pensava no plano de Isla para levar Lark para o outro mundo, mais se convencia de que ela teria recebido ajuda de alguém que desejava seu sucesso.

“Precisamos falar com Cleo”, disse Oro.

A Moonling, como se viu, não foi difícil de encontrar. Na verdade, ela estava nos aposentos do capitão de seu navio de carvalho branco, como se estivesse esperando por eles. Quando eles entraram por um portal na manhã seguinte, ela nem pareceu surpresa.

Ela olhou de Oro para Grim com um leve ar de interesse. "Ambos a amaram e ambos a perderam, é isso?"

As sombras de Grim se intensificaram com as palavras dela. Oro deu um passo em sua direção, a raiva pulsando em suas veias. "Sim, e graças a você, presumo." Seu olhar percorreu o pescoço dela. A Lunática não estava usando seu colar. Ela o usara durante todo o Centenário e depois também. Isla lhe dissera que tinha a ver com a criança que perdera.

Cleo nem tentou negar. Simplesmente deu de ombros. "Ela me ofereceu uma chance de ter meu filho de volta. Eu aceitei."

Oro ponderou sobre suas palavras. Se a Lua queria ver seu filho novamente, isso significava que ela tinha um interesse direto não apenas em ajudar Isla a chegar ao outro mundo... mas também em ajudá-la *a retornar* — com o filho de Cleo, trazido de volta dos mortos.

Embora nunca tivesse gostado de Cleo, em parte devido ao que acontecera no primeiro encontro deles, a empatia dissipou parte de sua fúria. Ele a olhou agora e viu que ela não era fria nem insensível. Era uma mãe que faria qualquer coisa para abraçar o filho novamente. Assim como ele e Grim fariam qualquer coisa para salvar Isla.

“Então parece que nossos interesses estão alinhados”, disse Oro.

Agora que estava diante da Lua Cheia, ele se lembrou de uma conversa que tivera com ela muitos meses antes.

“Você me disse durante o Centenário que o oráculo lhe deu uma profecia adicional, feita exclusivamente para você. Ela disse que tudo mudaria, quinhentos anos depois das maldições terem sido lançadas.”

Cleo assentiu com um simples aceno de cabeça. Uma onda bateu na lateral do barco, balançando-os para o lado, e a espuma do mar derreteu nas janelas da cabine. "Ela fez isso."

Grim deu um passo à frente. Ele havia permanecido em silêncio até então — surpreendentemente —, mas parecia que sua paciência havia se esgotado. Sua voz era rouca como a noite quando ele disse: "Conte-nos o que mais ela disse." Sombras preencheram a cabana, obscurecendo a maior parte da luz do sol e apontando para uma dúzia de lâminas afiadas como navalhas, todas apontadas para Cleo.

Ela mal lhes dirigiu um olhar, encarando Oro e Grim com desdém. Oro foi momentaneamente transportado de volta no tempo para quando ela era sua

impiedosa instrutora lunar. Sempre o olhando como se ele fosse inadequado. Ela quase o matou durante sua primeira noite de treinamento.

“Se você acha que essas sombras me assustam”, disse ela a Grim, “está redondamente enganado. Já enfrentei a pior dor imaginável. *Nada* me assusta.” Ela mostrou os dentes para ele. “Quero meu filho de volta. Essa é a única razão pela qual a ajudei e por que não estou jogando vocês dois para fora do meu navio.”

A expressão de Grim indicava que ele gostaria de vê-la tentar, mas, felizmente, Cleo continuou falando.

“O oráculo disse que meio milênio depois das maldições, tudo mudaria. Este mundo estaria à beira da ruína completa e da prosperidade. Ela disse que alguém nascido da vida e da morte decidiria o destino deste mundo. Que essa pessoa seria marcada por metades. Metade maldição, metade cura. Metade dia, metade escuridão. Essa pessoa precisaria escolher um lado — sem se perder no processo.”

Ele engoliu em seco. Aquilo descrevia Isla perfeitamente, e ele ficou impressionado com o quão doloroso seria... viver uma vida dividida. Ser fragmentada.

Ele odiava que ela tivesse sido colocada nessa posição impossível, com uma escolha impossível. Tudo estava predestinado muito antes de ela sequer nascer. Ele nunca quisera ser rei, nunca quisera carregar tanta responsabilidade sobre os ombros...

Mas ser rei não se comparava ao peso que ela carregava — o peso deste mundo.

“Havia algo mais”, disse Cleo, quase a contragosto. “O oráculo falou de uma guerra entre mundos.”

"Mundos?" perguntou Grim.

O Lunar assentiu. "Uma guerra que decidiria o destino de todo o universo."

Um nó de pavor percorreu o estômago de Oro. O mundo deles já havia sofrido o suficiente, com as maldições, depois a guerra entre Lightlark e Nightbane, e então Lark. Ele se lembrou de antes da batalha, quando vastas extensões de terra em Nightshade haviam sido reduzidas a ruínas. De como Lark havia criado um exército de mortos. De como centenas já haviam sido perdidas.

Eles não sobreviveriam a outro conflito entre si... muito menos a um conflito *entre mundos* .

“Essa guerra tem um nome”, disse Cleo, quebrando o silêncio desconfortável que se instalara na sala.

"O que é isso?", perguntou Grim.

“Crowntide.”

Ele e Grim se entreolharam. Por um instante, Oro pôde vê-los como realmente eram: inimigos que teriam que se aliar não apenas para encontrar as mulheres que ambos amavam... mas também para proteger seu mundo da destruição.

Cleo continuou: "Eu sempre soube que um portal se abriria algum dia. Nunca perdi a esperança de que houvesse uma chance de tê-lo de volta... Eu só não

sabia qual lado me seria mais vantajoso."

Oro rangeu os dentes. Cleo era uma traidora. Mas ele sentia o doce sabor da verdade em cada palavra dela. Não duvidava que ela estivesse motivada a contar tudo o que sabia. "Se a guerra está chegando", disse Oro, "precisamos de Isla aqui. Do nosso lado. Como a contatamos no outro mundo? Você sabe de alguma coisa? Algo que possa amplificar sua habilidade de criar portais?" Ele fez um gesto na direção do Nightshade. Suas sombras ainda estavam afiadas como pontas.

Cleo encostou-se à sua mesa, o vestido branco amontoado ao redor dos seus pés. Ela examinou o rosto de Oro antes de finalmente dizer: "Seu pai esteve em busca de poder durante todo o seu reinado."

Uma ruga se formou entre as sobrancelhas de Oro enquanto ele se lembrava de como seu pai havia enviado inúmeros emissários e guerreiros durante seu reinado, claramente em busca de algo — algo que ele não sabia ao certo. Sempre presumiu que seu pai estivesse tentando descobrir mais terras. Embora seu pai fosse um rei forte, Oro nunca concordou com sua busca implacável por *mais* , sua ganância pelo que havia além das fronteiras da ilha.

A contragosto, ele percebeu que, no fim das contas, seu pai e o de Grim talvez não fossem tão diferentes assim. Ambos sempre querendo mais e dispostos a sacrificar membros de seus reinos para conseguir o que queriam.

Você ainda finge que somos tão diferentes? Grim lhe perguntara, séculos atrás. Oro afastou a lembrança.

"Como você sabe disso?", perguntou Oro. As ações de seu pai foram mantidas em segredo para evitar o julgamento de seu povo. Enviar guerreiros para longe de suas próprias terras não teria sido uma decisão popular, especialmente quando a guerra com Nightshade começou.

“Minha irmã”, disse Cleo. Claro. Sua irmã governara Moonling muito antes dela. “Seu pai pediu a ajuda dela, já que sua busca envolvia os mares.”

"O que ele estava tentando encontrar?", perguntou Oro, com uma semente de esperança brotando em seu coração. Talvez fosse exatamente o que eles precisavam para chegar à Ilha.

“Não o quê”, disse Cleo. “Quem.”



ILHA

Isla e Lark foram arrastadas pelo deserto durante um dia inteiro.

Meia dúzia de pessoas vestidas com túnicas cinzentas e lenços enrolados no nariz e na boca os subjugaram facilmente. Isla tentou lutar, tentou reunir qualquer resquício de poder, mas, assim como as cinzas sob seus pés, ele escorregou por entre seus dedos. Ela não tinha forças nem para erguer a espada de Cronan.

Eles amarraram as mãos de Isla e levaram tudo o que ela possuía, incluindo a espada, o orbe contendo todas as tempestades que ela usara para derrotar Lark e o osso divino em seu bolso. Levaram até mesmo sua armadura.

Amarraram suas amarras na traseira de uma carroça, com Lark pendurada ao lado dela, e então ela e sua ancestral foram lançadas para a frente. Ambas caíram de cara nas cinzas. A boca de Isla se encheu delas. Seu queixo estava sendo arrastado. Ela precisou de toda a pouca energia que lhe restava para se manter de pé e, então, não houve outra escolha a não ser andar.

No mundo de Isla, Lark era imbatível. Ela detinha um poder ancestral, como a fundadora original. Aqui, ela fora capturada com a mesma facilidade que Isla. Seu peito ainda estava parcialmente aberto. Ela ofegava, como se fosse quase impossível respirar.

Este mundo havia subjugado até mesmo Lark. E isso fez com que um pavor percorresse a espinha de Isla.

Enquanto caminhavam penosamente, Isla inclinou a cabeça para a frente, protegendo-se do sol que queimava mesmo através das pinceladas de cor. Ela estudou a estranha cinza brilhante por horas. Era semelhante ao deserto da Ilha do Sol que ela havia atravessado com Oro. Mas aquilo não era areia.

Este era um lugar reduzido a *ruínas* .

As dunas mudavam de cor, do prateado e preto para faixas desbotadas de verde e azul que quase formavam um mapa. Parecia que florestas inteiras, riachos e campos haviam sido transformados em pó e cinzas em meros instantes. Como se aquele deserto, outrora um mundo vibrante, tivesse sido arrasado e extinto.

O poder pelo qual ela viera até ali... aquele que deveria desfazer todos os seus inúmeros erros... havia desaparecido. Ela sentia apenas um sussurro dele, como fragmentos de entulho espalhados.

Aconteceu alguma coisa aqui. *Alguém* fez alguma coisa a este lugar.

E ela tinha a sensação de que estava prestes a descobrir quem era.

Ótimo . Isso a levaria diretamente a Cronan, sem precisar usar o sangue em sua espada para rastreá-lo. Mas então ela se deu conta de sua situação. Amarrada a uma carroça. Impotente. Desarmada.

Se ela quisesse ter alguma chance de sobreviver, precisava elaborar um plano. Observou seus captores. Eles nunca conversavam entre si. Mal olhavam para os prisioneiros. Um deles estava sentado no cavalo que puxava a carroça, cujo conteúdo estava coberto por um tecido grosso.

Os demais estavam espalhados... quase como guardas.

Proteger de quê? Se Cronan governasse este mundo e eles estivessem sendo levados até ele, quem ousaria se interpor entre eles?

E se o poder de Cronan fosse o de criar portais... ele não poderia simplesmente teleportá-los até ele?

Ao menos seus captores claramente queriam manter Isla e Lark vivas. Se não, já as teriam matado há muito tempo. Em vez disso, estavam as obrigando a caminhar, tentando cansá-las.

Ótimo. Isla lhes daria o que eles queriam.

Ela deu mais um passo, antes de tropeçar para a frente e cair no chão.

Seus ombros latejaram quando seu corpo foi arrastado pelas cinzas pelos pulsos. As cordas cravaram-se em sua carne. Ela esperou por vários minutos, perguntando-se se havia cometido um erro de estratégia.

Então, o carrinho parou.

Sussurros irromperam ao seu redor. Ela não conseguia distinguir as palavras, mas era claramente algum tipo de discussão. Se ao menos ela pudesse ouvir o que estavam dizendo...

Não demorou muito para que a areia se movesse com os passos que se aproximavam, e mãos a puxaram para cima.

Então Isla foi jogada bruscamente na carroça. Ela foi imediatamente atingida por um fedor que quase a fez vomitar. Depois de um instante, a carroça começou a se mover novamente.

E Isla segurou o cabo da adaga que acabara de roubar de seu captor. Ela começou a trabalhar em suas amarras e por pouco não se cortou ao ser empurrada para a frente, suas pernas batendo contra algo sólido sob a lona. Um canto dela se levantou.

Um olho cego olhou para ela.

Ela lutou contra a vontade de gritar. Levantou mais da lona para revelar um rosto, retorcido, ensanguentado e mutilado. Atrás dele, um amontoado de membros desajeitados. Como se essas pessoas tivessem sido presas entre portais e despedaçadas.

Isla percebeu que aqueles não eram os homens de Cronan. Eram catadores. Recolhiam qualquer coisa que caísse naquele mundo. Ela engoliu em seco ao ver a podridão que permeava o canto elevado. Parecia que ela e Lark poderiam ser alguns dos únicos seres que haviam encontrado ainda intactos. Era por isso que seus captores ainda não os haviam ferido — eles eram mais valiosos vivos. Mas para quem? Para quê? A própria carroça de madeira provavelmente tinha um valor extraordinário, visto que Isla ainda não tinha visto nada parecido com uma

floresta naquele planeta.

Ela nem queria pensar no que eles planejavam fazer com elas. Isla retomou lentamente o corte da corda em volta dos pulsos depois de lançar um olhar para os saqueadores. Eles mal lhe davam atenção, ainda absortos no que quer que os aguardasse adiante.

A vigilância constante, o modo como mantinham as lâminas presas à frente do corpo, os braços ligeiramente erguidos como se estivessem prontos para agir. Ter a possibilidade de manipular essas areias a qualquer momento... fez Isla se perguntar do que, exatamente, eles tinham tanto medo.

O último fio da corda se rompeu. Ela soltou um gemido abafado quando o tecido se desprendeu de seus pulsos. A pele estava em carne viva. Sua pulseira com o pingente da mãe, aquela que continha um pedaço de seu charme, estava fria contra a pele ardendo. Era uma lembrança de tudo que ela havia deixado para trás em seu mundo. Todos os seus planos. Todas as suas esperanças.

Ela não deixaria que esses saqueadores se interpusessem entre ela e tudo aquilo pelo que havia lutado.

Isla se virou para Lark e viu que sua ancestral estava em condições muito piores. Seu peito ainda sangrava. Ela talvez tivesse acesso a algum poder, mais do que Isla... mas claramente não o suficiente. Ela não estava se curando.

Isla não desejava nada mais do que deixá-la ali, mas precisava encontrar uma maneira de acabar com Lark para poder absorver seu poder e trazer de volta todas as pessoas que ela havia matado.

Assim, com o volume da carga da carroça escondendo-a da vista, ela começou a trabalhar na corda de seu ancestral.

No instante em que sua adaga pressionou a corda, a cabeça de Lark ergueu-se bruscamente. Seus olhos encontraram os de Isla.

Verde. Igualzinha à dela. Teria sido bom ter um familiar vivo, se este não tivesse tentado matá-la inúmeras vezes. Sem falar em quase destruir o mundo dela. E em transformar em monstros as pessoas que Isla amava.

Isla olhou para ela com puro ódio. Lark apenas deu um sorriso irônico. Balançou a cabeça, quase divertida.

"Idiota" , ela havia chamado Isla. Só Lark sabia exatamente o que Isla enfrentaria com Cronan. Só ela o conhecia e sabia do que ele era capaz.

E se tivesse sido ele quem achatou este mundo, quem o transformou em pó... ela já havia subestimado enormemente o seu poder.

A corda de Lark se rompeu e ela parou de andar. Seu rosto sorridente foi se distanciando cada vez mais. Isla olhou em volta para ver se alguém tinha notado.

Eles não tinham.

Ela esperou mais alguns segundos antes de enfiar a mão na lona, franzindo a testa ao sentir a pele em decomposição. Seus dedos procuraram até finalmente encontrarem algo liso e sólido. A espada de Cronan. Ela largou a adaga e pegou esta em seu lugar. Encontrou o osso divino encostado na madeira desgastada. O orbe das tempestades era o próximo. Sua armadura era tudo o que restava. Estava em pedaços, e ela lentamente rolou cada um deles para fora da carroça, sobre as cinzas. Aterrissaram silenciosamente.

Então, lançando um último olhar para seus captores, ela cambaleou na poeira. Firmou-se, espada em punho, pronta para lutar.

Mas a carroça continuou andando. Os catadores seguiram em frente.

Só quando não ouviu mais o barulho das rodas, ela se levantou lentamente. Começou a seguir o rastro de sua armadura, recolhendo os pedaços, subindo dunas preguiçosas de cores desbotadas que finalmente a levaram a Lark. Sua ancestral miserável estava simplesmente esperando. Olhando diretamente para ela.

O corpo de Isla parecia sem ossos, mas ela continuou mancando. As costelas de sua ancestral estavam abertas. Isla quase podia ver seu coração batendo, desprotegido.

Talvez o osso divino fosse suficiente para acabar com a vida dela. Ela o apertou nas mãos, concentrando forças em seu corpo. E então avançou, a ponta apontada para o coração de Lark.

Sua ancestral nem se mexeu. Ela apenas continuou sorrindo de forma irônica.

E antes que Isla pudesse alcançá-la, foi arrastada para trás com uma força estonteante, como se o deserto de cinzas tivesse se transformado em uma mão que a envolveu. Ela deslizou pelas dunas até alcançar seus captores, que estavam de pé sobre ela.

Eles claramente tinham poder neste mundo, enquanto Isla e Lark não tinham. Isso significava que eram leais a Cronan? Seriam de alguma forma imunes a esse domínio que ela sentia como um veneno? Ela havia esculpido um skyre em A pele dela estava em contato com o metal do caixão dele. Isso lhe permitia usar poderes no labirinto. Por que não estava funcionando agora?

A espada, o osso, os pedaços da armadura e o orbe de tempestades foram arrancados das mãos de Isla, e ela estava fraca demais para impedi-los. Um chute certeiro atingiu sua lateral, e ela arquejou de dor.

E então ela foi puxada para cima e amarrada à carroça.

Ela sentia uma dor aguda na lateral do corpo enquanto mancava. Seus olhos começaram a se fechar. Ela tropeçou ao tentar continuar andando, desejando ter ficado mais tempo naquela maldita carroça, fedor ou não. Descansar teria lhe feito bem.

Isla piscou, com os olhos secos e incrustados de areia — e diante dela, a imensidão do deserto e das cinzas transformou-se numa gloriosa cordilheira, com clareiras salpicadas de flores e rios que desciam pelo seu centro.

Ela sobressaltou-se e piscou novamente, mas tudo havia desaparecido. Restavam apenas cinzas desbotadas em tons de azul, verde e marrom. Isla franziu a testa. Ela se lembrou do deserto onde estivera com Oro. Skyshade era supostamente a versão maior de Lightlark, e Isla também tivera visões naquele deserto. A areia estava impregnada de encantamento, mergulhando-a em memórias e fazendo-a ver coisas irreais.

Seria isso também? Uma miragem?

A carroça deu um solavanco quando o cavalo acelerou, e ela viu tudo de novo — uma floresta infinita repleta de cores tão brilhantes e vívidas que ela quase

podia sentir o gosto das flores. Cercis, violetas, magnólias, orquídeas, tantas que transbordavam umas sobre as outras.

No instante seguinte, restaram apenas suas cinzas.

Isla franziu a testa. Não. Aquilo não era apenas uma ilusão. De alguma forma, ela estava vendo o que aquele mundo fora um dia. Enquanto caminhava, sentia tremores de poder, presentes e repentinos, como se cidades inteiras tivessem sido soterradas. Histórias inteiras. Guerras, criaturas, relíquias e pessoas reduzidas a pó sob suas botas.

Ela não conseguia evitar imaginar isso acontecendo em seu próprio mundo.

Não. Ela não deixaria isso acontecer. Ela estava ali para lutar por tudo e por todos que amava. Inclusive pelo marido. Ele havia dado a vida por ela, havia começado uma guerra por ela, estava pronto para reduzir o mundo deles a cinzas, só para salvá-la.

A imagem desapareceu. E enquanto Isla olhava ao redor daquele lugar arruinado, com nada além de poeira por quilômetros a fio, um pressentimento ruim a invadiu.

Se Cronan tivesse arruinado este mundo... teria sido por amor? Ou por ódio? Importava sequer o motivo, se este era o resultado?

Sua vida estava praticamente acabada. Ela precisava encontrar uma maneira de se manter viva sem estar ligada à alma de Grim, para que ele não precisasse continuar com a destruição em seu nome. Porque ela sabia que ele faria qualquer coisa para salvá-la para sempre.

E ela tinha medo do que isso poderia significar.

Ela balançou a cabeça, mudando de assunto.

Oro . Em vez de céus estrelados, seu amor era como uma praia, como o verão. Começaram como inimigos, constantemente discutindo, e de alguma forma, esse ódio se transformou em confiança. Depois em amizade. Depois... amor.

Uma parte dela doía ao se lembrar de quando ele disse aquela palavra pela primeira vez. De como ele a amparou durante seus pesadelos. De como ele foi paciente e gentil. De como ele a ensinou a ter autocontrole.

E então a vi perder o controle.

Mesmo depois de tudo o que ela fizera, depois de o ter deixado por Grim para pôr fim à guerra, depois de ter permanecido lá depois disso, ele ainda a amava. Ela conseguia sentir o tênue fio desse amor agora. O de Grim também.

A profecia dizia que ela teria que escolher um deles. Ela *mataria* um deles.

Ela recusou. Recusou-se a ser uma peça num grande destino escrito séculos atrás. Ela forjaria o seu próprio destino.

E tudo começou aqui.

Ela não tinha certeza de como sairia daquela situação, mas continuaria seguindo em frente, caminhando, até conseguir.

A areia começou a tremer. A carroça parou. Seus captores cochichavam rapidamente entre si, erguendo as mãos para brandir a arma. O guarda mais próximo dela deu um passo — e então soltou um grito gutural quando seus pés foram arrastados para o chão —

E seu corpo ficou sem água e sangue.

Aconteceu em meio segundo. Num instante, ela estava ali. No seguinte, seu corpo caía para a frente, e tudo o que restava era pele encolhida e dobrada. O lenço havia caído de seu rosto. Seus olhos estavam saltados, como se até o líquido tivesse sido sugado. Sua pele estava fina como papel, nada além de tecido escamoso. Seus dentes se separaram num grito prolongado.

A criatura estava agora sob Isla. Ela podia senti-la, remexendo a areia. Olhou para a carroça, ponderando se deveria saltar para dentro dela ou se o seu movimento a tornaria um alvo ainda maior.

Antes que ela pudesse decidir, o catador mais próximo deixou cair sua adaga. A areia se moveu quando a criatura correu em sua direção.

Um instante depois, seu corpo desabou em um monte de pele dobrada — e, antes que a criatura pudesse fazer outra vítima, outro necrófago separou as cinzas com sua força e cravou sua espada diretamente no chão.

Ouviu-se um lamento agudo. O chão ficou imóvel novamente.

Isla olhou para sua ancestral. A expressão de Lark permaneceu neutra, como se nem mesmo aquilo a surpreendesse. Isso a fez se perguntar o que mais as aguardava neste mundo.

Os corpos foram deixados para trás. E eles continuaram.



ORO

“Seu pai estava procurando um rei perdido.”

Oro franziu a testa. A dele era a única linhagem real que ele conhecia.

“Horus”, continuou Cleo, falando do ancestral de Oro e um dos três fundadores de Lightlark, “deixou um registro e um mapa, com ordens para que fossem usados apenas nas circunstâncias mais extremas.”

Essa foi a primeira vez que Oro ouviu falar disso — mais uma informação que não lhe fora compartilhada, já que ele nunca deveria ter sido rei.

Por que seu pai estava procurando por um rei desaparecido? Durante o reinado de seu pai, até a guerra, as coisas não tinham sido nada ruins. Eles tinham sido prósperos. Ele havia previsto que Nightshade atacaria? Ele havia contado isso a Egan, e não a ele?

“Presumo que meu pai nunca o encontrou”, disse Oro, lembrando-se de como as explorações foram interrompidas pela guerra.

Cleo balançou a cabeça negativamente.

Grim estendeu a mão impacientemente. "O mapa", disse ele, as palavras soando como uma ordem firme. E, pela primeira vez, Oro quase se sentiu grato por sua presença. Porque descobrir tudo aquilo sobre sua família o havia deixado desorientado. Distraído. O que ele não podia se dar ao luxo de ser, quando cada momento podia significar vida ou morte para Isla.

Ele lutou para respirar fundo. O que ela estaria enfrentando agora? Do que ela precisava? A incerteza o consumia, da mesma forma que o consumira quando ela partira com Grim para pôr fim à guerra. Oro voara por dias só para ver se ela estava bem. Ele desejava poder fazer o mesmo agora. Se pudesse, ele voaria séculos até ela. Milhões de quilômetros. Nenhuma distância seria grande demais.

Ele sabia que a Beladona sentia o mesmo, o que tornava a situação ainda mais frustrante. Ambos viajariam qualquer distância... mas não tinham uma estrada. Não sabiam *como* chegar até ela.

Mesmo em meio ao pânico, Oro ainda tinha um dever para com seu povo. Ele ainda precisava se preocupar com essa Maré da Coroa que Cleo mencionou.

Grim claramente não se importava com uma guerra iminente entre mundos. Ele não se importava com os segredos da família de Oro. Ele só se importava em recuperar Isla, e isso, Oro sabia, o tornava um vilão — mas também seria uma vantagem.

Cleo franziu a testa para a mão de Grim antes de a pegar. Oro pegou a mão de Grim em seguida. E assim que o fez, a nave de carvalho branco de Cleo

desapareceu em uma confusão de sombras nauseante. O chão de madeira pálida transformou-se em gelo. As relíquias mais misteriosas e poderosas do Moonling flutuavam sob a espessa camada de gelo.

Grim os teleportou para a biblioteca da Ilha da Lua. Durante o Centenário, Isla viera a este lugar em busca do que acreditava ser o rompedor de laços. Oro sabia disso porque enviara Zed para segui-la até lá. Antes disso, Oro a seguira pessoalmente. Ele a acompanhara pelos céus, à distância, até que sua curiosidade por ela se transformou em uma estranha obsessão perturbadora. Na noite em que Isla foi para a Ilha da Lua, ele decidiu enviar Zed em seu lugar, pensando que um tempo longe dela ajudaria. Não ajudou.

Não... naquela época, não importava quantas vezes ela mentisse para ele, não importava o quão irritante ela pudesse ser, Isla consumia seus pensamentos, suas preocupações, seus sonhos. Ele realmente se perguntou se estava perdendo a cabeça.

Nada havia mudado desde então.

As botas brancas de Cleo tilintavam no gelo enquanto ela pisava sobre relíquia após relíquia. Sob seus pés, objetos flutuavam na correnteza, atraídos por seu poder. Espadas, adagas e escudos reluziam à sua passagem.

Finalmente, ela parou e se ajoelhou, graciosa como uma onda quebrando. Então, ela perfurou o gelo com um soco, espalhando pedaços ao seu redor. Quando sua mão emergiu, ela segurava uma bússola.

"Pensei que você tivesse dito que era um mapa", disse Grim. Cleo simplesmente o jogou para ele.

Oro aproximou-se enquanto o Nightshade examinava a bússola. Mais de perto, viu que não havia uma seta dentro... mas sim água a borbulhar. O líquido desafiava a gravidade, puxando-os numa direção, como se lhes indicasse para onde deviam ir. Como se aquele pequeno pedaço de água estivesse desesperado para voltar ao lugar de onde fora retirado.

Grim não perdeu um instante antes de caminhar até a coluna mais próxima e quebrar a bússola contra a parede.

"O que-"

Cacos de vidro espetavam na mão de Grim, mas o Nightshade nem parecia senti-los, nem o sangue e a água salgada que escorriam por sua pele.

Grim nem sequer olhou para Oro enquanto espalhava a água entre o polegar e o indicador, com os olhos semicerrados em concentração. Parecia estar sentindo a localização do destino deles pelo tato.

E que se dane ele, mas Oro ficou impressionado.

Sem dizer uma palavra, Grim estendeu a mão mais uma vez.

Oro e Cleo pegaram e desapareceram.

Eles pousaram em uma ilha no meio do oceano. Antes que Oro pudesse sequer piscar, ele quase foi arrastado por uma onda gigantesca. Com seu poder lunar, ele dividiu a água ao meio, desviando-a. Ela teria atingido Grim bem no centro do peito, se o demônio não tivesse se tornado informe para evitá-la.

Oro se virou e viu Cleo franzindo a testa para sua postura. "Você nunca foi o melhor da turma", murmurou ela, como se realmente não conseguisse se conter.

O amontoado de rochas onde estavam era pequeno demais para os três. Ondas agitavam-se por todos os lados, varrendo seus pés e pernas.

Este era o lugar que seu pai passara anos tentando encontrar. A razão pela qual inúmeros de seus homens haviam perecido. Oro imaginou que, mesmo com a bússola, eles jamais conseguiriam chegar àquele lugar sem um Lunar incrivelmente poderoso.

A vantagem do talento de Grim ficou mais clara do que nunca.

Ainda assim... não havia nenhum rei perdido ali, disso tínhamos certeza. Mas Oro olhou para Grim e viu que ele estava olhando *para* a água .

“De alguma forma...” A Beladona franziu a testa. “De alguma forma, é—”

"Debaixo d'água", completou Cleo.

Tudo que Oro conseguia ver era um azul escuro rodopiando em ondas gigantescas. O rei perdido devia estar nas profundezas. "Como—"

Cleo respirou fundo. Firmou-se na postura, os pés deslizando contra a rocha, e sim... Oro parecia pálida em comparação a ela. Seu vestido branco e as mangas compridas demais chicoteavam violentamente ao vento. Seus cabelos, de tom idêntico, estavam presos em uma elaborada trança. Ela fechou os olhos. Expirou.

E as águas revoltas à sua frente se aquietaram mortalmente. As ondas se acalmaram sob seu comando. O mar era dela, dócil, pronto.

A garganta de Oro secou, chocada com aquele controle. Com a magnitude dele. Cleo era uma usuária renomada. Poderosa. Habilidosa. Mas mesmo aquilo estava além das expectativas.

Ela firmou-se ainda mais em sua postura, ergueu os braços trêmulos—

E dividiu o mar ao meio.

O oceano rugiu ao se dividir ao meio, criando duas cachoeiras infinitas em cada lado. O espaço cresceu e cresceu até alcançar o horizonte e ondular para além de sua vista.

Oro esticou o pescoço para olhar, mas o precipício era tão grande que ele não conseguia ver o fundo. Apenas escuridão. Mesmo assim, ele podia sentir. Uma força estranha rastejando da fenda que Cleo havia criado. Algo — ou alguém — estava lá embaixo. Esperando.

"Vai", Cleo disse com a voz rouca, os olhos ainda fechados. "Eu aguento."

Seus braços já estavam tremendo. A quantidade de energia necessária...

“Não sabemos o quão difícil será encontrá-lo”, disse Oro. “Pode levar horas. *Dias* .”

Seus olhos se abriram de repente. "Eu vou aguentar", disse Cleo, com o olhar determinado e feroz. Oro podia ouvir as palavras que ela não disse.

Eu vou esperar por ele . Pelo filho dela.

Cleo. Governante de Moonling. Sua antiga instrutora, sua súdita, sua *inimiga* na guerra contra Nightshade, que havia se aliado a Grim.

Agora... ela pode ser a única esperança deles de recuperar Isla. Encontrar esse rei perdido pode ser uma missão impossível. Mas cada um deles tinha um motivo para tentar.

Oro se virou para Grim, que estava contemplando a queda sem fim. Não havia nenhum sinal de hesitação em sua expressão antes de saltar.

Oro seguiu.

Ele voou para baixo usando seus poderes de Skyling. Grim não tinha nada além de suas sombras, mas elas flamejavam ao seu redor como fumaça, diminuindo sua velocidade de descida.

Eles tiveram que ter viajado por quilômetros até que, finalmente, Oro avistou um vislumbre do fundo do oceano.

De repente, ele sentiu algo em seu sangue ser arrancado — como veias sendo dilaceradas da pele. O vento desapareceu. Seus poderes se esvaíram. Seus olhos se arregalaram quando o chão se aproximou bruscamente. Ele mal teve tempo de colocar as mãos na frente do rosto antes de cair com violência, com Grim logo atrás.

Merda . Tudo doía. Lentamente, ele apalpou para ver se algo estava quebrado. Respirou fundo e fez uma careta. Algumas costelas. Nada mais, pelo menos, pensou ele, enquanto se levantava devagar.

Oro engoliu em seco ao olhar para um céu quase completamente encoberto. Sim... eles estavam *a quilômetros* abaixo da superfície. Como conseguiriam voltar sem seus poderes?

Grim estava ao lado dele, com o rosto também voltado para o céu. Sangue escorria pela lateral de sua cabeça. Ele parecia não notar. "Se Cleo perder o controle de seus poderes... estamos mortos", disse Grim. Ele não podia teletransportá-los para longe, e Oro não podia levá-los voando.

“Ela vai aguentar”, disse Oro, esperando estar certo.

Tudo o que podiam fazer agora era seguir em frente. Oro respirou fundo, fazendo uma careta de dor nas costelas e reprimindo o pânico. Precisava manter a calma. Ser racional.

Ele se virou para examinar o caminho. Não era largo, mas era longo, o trecho de terra acidentado marcado por rochas disformes. Uma pequena colina bloqueava o resto de sua visão. Mas este mundo lá embaixo... quase se assemelhava ao de cima, como se alguém tivesse afundado uma ilha inteira ali. Por quê? De que eles estavam se escondendo?

Quando um fole ancestral rompeu o silêncio, seguido por dezenas de outros, Oro percebeu que talvez o que estivesse ali embaixo não estivesse *escondido* — talvez tivesse sido *ocultado* .

Com um único olhar trocado, eles correram morro acima — e pararam abruptamente. Quilômetro após quilômetro, havia centenas de pessoas e animais acorrentados ao fundo do mar. Meio apodrecidos, suas roupas eram apenas farrapos desbotados. Oro olhou para o lado através da cortina de água e viu que havia mais.

Acorrentados pelos pés, eles se contorciam de dor, agarrando os pescoços. Se debateram e finalmente ficaram imóveis, apenas para voltarem à vida alguns instantes depois. Oro e Grim observaram em silêncio enquanto se afogavam. Morriam. Ressuscitavam. Apenas para o processo se repetir. De novo e de novo. Por uma eternidade, parecia. Uma tortura sem fim.

Não, isto não era apenas uma terra escondida.

Era uma prisão antiga.



ILHA

Horas depois, o cavalo começou a diminuir o ritmo.

Ao que parecia, esses catadores não tinham muita água. A garganta de Isla ardia de sede enquanto ela observava os captores discutirem por uma bolsa antes de entregá-la ao cavalo. Outro deles olhou para o céu, com os olhos semicerrados, balançou a cabeça e caminhou a passos largos até a carroça.

Ele levantou a lona e Isla vomitou com o fedor. Com movimentos apressados e gritos de indignação dos outros, ele começou a jogar os corpos na areia. Todos mutilados. Alguns sem membros inteiros. Ele os atirou para todos os lados.

Então, eles continuaram. Percorreram apenas alguns minutos, descendo a encosta de uma colina empoeirada, quando o mesmo homem subitamente se enrijeceu, o corpo estremecendo. Ele se virou.

Uma flecha atravessava sua testa. Ele deu mais um passo antes de desabar.

Isla se abaixou quando o inferno se instaurou.

Flechas assobiavam pelo ar carregado de cinzas, atingindo a areia, até que uma delas atravessou o peito de um catador. Ele caiu. A poeira ficou carmesim sob seus pés. Só restaram dois.

Uma das duas ergueu os braços, e a areia ao longe se moveu como um cobertor antes de dançar no ar como uma galáxia cintilante. Um grito abafado soou quando alguém foi enterrado, e as flechas cessaram.

Isla se virou na direção do som de um grito de guerra quando seis pessoas surgiram no topo de uma duna, com as armas em punho. Suas espadas e adagas não passavam de sucata.

Seus dois captores restantes ergueram os braços em movimentos coordenados, e a areia os engolfou como uma onda gigante.

O deserto tremia com seus gritos e tentativas de escapar. Parecia que elas não tinham poderes... ou talvez não conseguissem acessá-los, não como seus captores conseguiam. Os saqueadores as mantiveram presas até que a luta cessou. Só então recuperaram seus corpos sem vida. Eles os cutucaram, esvaziando seus bolsos. Houve um grito de triunfo quando uma cantil de água foi encontrada, seguida por outras duas.

Uma daquelas cantis foi pressionada com força contra os lábios de Isla. Tão perto, ela notou algo em volta do pescoço do catador. Um fragmento de prata brilhante. Não era metal forjado nas sombras, não... quase como um pedaço de uma tempestade. Seria por isso que alguns conseguiam empunhar armas e outros não?

Seus cabelos foram puxados bruscamente para trás, obrigando-a a beber. Não que ela precisasse ser forçada. Ela engoliu a água desesperadamente. Um pouco escorreu pelo seu queixo, e a ardência na pele a fez perceber que estava queimando naquele calor.

Lark não precisava de água como Isla, ela sabia disso. Sua ancestral havia ficado presa no subsolo por séculos por Cronan. Mas o bloqueio em suas habilidades ali claramente havia cobrado seu preço. Lark aceitou a água, surpreendendo Isla com sua capacidade de permanecer imóvel e silenciosa. Por que Lark não estava tentando fugir? Estaria economizando energia? O que ela sabia que Isla não sabia? Quando a catadora partiu, Isla observou o peito de Lark se recompor lentamente, um pouco mais perto da cura completa.

Os corpos foram deixados para trás enquanto a carroça continuava em movimento.

Isla precisava de outro plano, outra maneira de escapar. Quem sabia para onde estavam sendo levados e o que os aguardava lá?

Mesmo assim... ela não sobreviveria sozinha aqui. Não com as criaturas que espreitavam nas areias, os necrófagos e a evidente escassez de recursos.

Embora este mundo tivesse sido devastado, era evidente que havia sobreviventes. Eles precisavam de comida. Abrigo. Mas onde?

Será que todos serviam a Cronan? Será que o temiam? Será que ela poderia tentar fazer aliados?

Quem a ouviria? Ela nem sequer queria trabalhar com ela, tão impotente quanto era. Não sabia nada sobre este mundo, além deste deserto. Talvez pudesse falar com seus captores. Ainda não tinha tentado.

“Para onde você está nos levando?”, disse ela, com a voz rouca e áspera.

Eles nem sequer olharam para ela.

“Você serve Cronan?”

Isla percebeu um leve aperto nos ombros de um dos captores. Mesmo assim, todos permaneceram em silêncio.

“O que é isso em volta do seu pescoço?”

Silêncio.

"Você-"

Lark estalou a língua. "Minha linhagem certamente se deteriorou com o tempo. Chegar a outro mundo sem um único plano..."

Isla mostrou os dentes para ela. "Meu objetivo era te afastar do meu mundo", cuspiu as palavras. "É daqui que você veio. É a sua casa." Os olhos de Isla se voltaram para o peito ainda aberto. "Parece que você não é bem-vinda aqui."

Lark não disse nada. Apenas olhou para Isla como se ela fosse uma tola, sem a menor ideia do que tinha se metido.

Cronan, Lark e Horus — os fundadores originais de Lightlark, das raças Nightshade, Wildling e Sunling — haviam escapado deste mundo para construir um melhor. Eles levaram seu povo consigo.

Só agora Isla se perguntou do que, exatamente, eles estavam fugindo.

Cronan teria transformado este lugar em ruínas depois de retornar? Ou teria sido esse o motivo da fuga deles? Por que os outros levaram Cronan consigo?

Lark sabia as respostas para essas perguntas. Claro que sabia — ela estivera lá. Mas Isla sabia que ela não lhe contaria. Lark apenas deu um sorriso irônico, como se pudesse sentir os pensamentos de Isla.

“Tão jovem. Tão imprudente”, disse Lark. “Resolvendo um problema criando um ainda maior.”

Isla tinha uma resposta na ponta da língua quando sentiu algo atingir o topo de sua cabeça com uma força que a fez estremecer. Um ataque? Não. Uma gota fria de água escorreu bem entre suas sobrancelhas.

Chuva.

Ela ergueu lentamente a cabeça para o céu, apenas para ver que sua cor havia subitamente escurecido para violeta e azul, mais próxima do céu de casa. Outras partes eram roxas e verdes. A chuva aumentou aos poucos, limpando seu rosto da poeira que o cobria. Ela abriu a boca e quase chorou quando a água fresca deslizou suavemente por sua garganta.

Embora a chuva fosse bem-vinda em um lugar como aquele, Isla sabia que algo estava muito errado. Porque aqueles saqueadores haviam defendido seus pertences por dias. Contra criaturas. Contra outros saqueadores.

Mas ao primeiro sinal de que o céu estava mudando de cor, eles abandonaram a carroça e os prisioneiros — e fugiram.

O tempo estava se intensificando, transformando-se em uma tempestade. Isla podia sentir sua energia, assim como sentia a força das que se formaram sobre Nightshade. Esta tempestade, porém... era infinitamente mais forte.

E embora as tempestades em Nightshade — trazidas de Skyshade e repletas de metal feito de sombras — tivessem drenado seus poderes... as daqui pareciam ter o efeito oposto.

Suas habilidades despertaram, uma a uma, e a sensação era melhor do que um gole d'água no deserto. Era como afundar em uma piscina gelada. Era como se ela finalmente pudesse respirar fundo. Ela gemeu, esticando os dedos. Podia sentir o sangue fervendo, sua força retornando.

Ela não foi a única.

Lark deu uma risada longa e lenta. Endireitou-se, flexionou as mãos e rompeu a corda. Enquanto o céu começava a mudar, ela jogou os ombros para trás e seu peito se curou diante dos olhos de Isla.

Lark se virou para Isla, com o olhar fulminante. "Você realmente deveria ter permanecido enterrada", disse ela. E ergueu um braço acima da cabeça.

Acima, um portal de tempestade se abriu, como se invocado por seu poder. Através das nuvens rodopiantes, parecia uma janela para um mundo completamente diferente, um mundo com uma extensão infinita de árvores enormes. Uma densa floresta de pinheiros altíssimos.

Lark fechou o punho e o lançou em direção a Isla.



SINISTRO

Agora que esses desgraçados não estavam mais se afogando, eles estavam *gritando* . Grim calculou que era a primeira vez que conseguiam gritar, possivelmente em séculos.

Ele desejava que eles calassem a boca.

Era claramente algum tipo de prisão. Ele próprio estivera preso tempo suficiente para reconhecer muito bem as algemas.

Um lampejo do passado o cegou. Ele se lembrou daquele primeiro dia, quando fora jogado nas celas de Lightlark, após seu pai ter perdido a guerra. Grim fora obrigado a viver na ilha, como parte do tratado.

E ele se lembrou de como Oro tinha vindo visitá-lo.

“O que você acha que eles fizeram para serem mandados para cá?” perguntou o Filho do Sol ao seu lado, sacudindo-o para trazê-lo de volta ao passado. Nenhum dos dois havia dado um passo sequer para frente, ambos observando os prisioneiros que se arrastavam e se debatiam lá embaixo.

"Não deve ter sido nada bom", disse Grim simplesmente.

O homem mais próximo finalmente percebeu a presença deles. Ele cavava o chão, com as mãos ensanguentadas, como se pudesse escapar daquele destino cruel, quando sua cabeça virou bruscamente para o lado. Um caranguejo rastejou por um buraco em seu rosto em decomposição. Seus lábios, cobertos de carne podre, se curvaram para trás, revelando longas presas.

Ele avançou contra eles, mas foi arremessado para trás ao chegar ao fim das correntes. Continuou furioso, imperturbável, rosnando e com espuma escorrendo da boca. Grim percebeu como o Filhote do Sol se encolheu diante do prisioneiro e quase riu. *Covarde* .

Algumas dessas pessoas, e essas bestas, claramente não eram daquele mundo. Seria este o lugar para onde os piores prisioneiros do universo eram enviados? Como nenhum deles sabia disso?

Quando Grim viu o metal das algemas de perto, entendeu por que seus poderes não funcionavam ali. Era o mesmo tipo de metal que Isla havia feito para si mesma, a fim de se isolar de suas habilidades. Ali embaixo, com *centenas de correntes* , eles não precisavam estar usando as algemas para sentir seus efeitos.

Ele detestava aquele material. Grim se lembrou do dia em que Isla entrou na sala de jantar usando aquelas malditas pulseiras de tecido sintético.

Vê-la em sua mente, mesmo que por aquele instante... foi o suficiente para

impulsioná-lo para frente. Diretamente em direção àquele homem com presas que se atirava sobre eles repetidamente, a fome evidente em seus olhos. Ele se alimentava de carne e sangue? Parecia que sim. E parecia que ele estava faminto.

Grim supôs que provavelmente todos estivessem. Ele desembainhou a espada.

"Você tem uma arma?", perguntou ele, encarando os quilômetros e quilômetros de prisioneiros em vez de olhar para seu companheiro.

"Não", disse Oro de algum lugar atrás dele.

Grim revirou os olhos. Claro que não. Não se surpreendeu que o ridículo rei Solitário dependesse apenas de seu poder. Com um longo suspiro de resignação, atirou uma adaga do bolso para Oro, para trás, talvez com um pouco de força demais. Ele tinha uma pequena esperança de que o metal perfurasse seu peito, mas ouviu o Solitário apanhá-la.

Infeliz.

Oro se juntou a ele, fazendo uma careta ao se mover. Grim calculou que ele havia quebrado algumas costelas na queda. O idiota. Para seu crédito, ele não deixou isso o deter, acenou com a cabeça para Grim uma vez e avançou.

O homem com presas avançou em direção ao Solzinho, estendendo suas garras em direção ao peito. Oro o abateu com um simples golpe no ar.

O homem caiu na areia, com a garganta cortada. *Nada mal* . Grim imediatamente reprimiu esse pensamento com repulsa.

Oro estava ocupado lutando contra o próximo prisioneiro. Este era coberto de escamas como uma serpente e tinha olhos vermelhos como rubis. O Solzinho não viu o homem à sua direita, que havia arrancado um pedaço irregular de coral morto do chão e o erguia acima da cabeça, pronto para atacar.

Grim suspirou, hesitando por um instante antes de lançar sua lâmina pelo ar. Oro se enrijeceu — então se virou, observando o metal atravessar o rosto do prisioneiro. Ele olhou para Grim. A surpresa em sua expressão — por Grim o salvar — era evidente. Grim quase revirou os olhos novamente. Obviamente, ele precisava da ajuda do Filho do Sol para resgatar sua esposa. Ele havia deixado isso claro. Caso contrário, o teria deixado morrer há muito tempo.

Ele caminhou furtivamente até lá, arrancou a espada do prisioneiro que, de alguma forma, ainda estava de pé, e chutou o cadáver para longe, rosnando: "Cuidado com as suas costas, para que eu não precise me preocupar."

Grim se virou, encarando a longa fila de prisioneiros que se estendiam em sua direção com uma fome desenfreada nos olhos—

E ele sorriu. Porque talvez se sentisse um pouco mal por ter matado pessoas antes, depois de conhecer Isla. Mas se esses prisioneiros estivessem no caminho de recuperar sua esposa... bem, então eram alvos legítimos.

Ele esticou o pescoço para o lado com um estalo satisfatório. Respirou fundo. E disparou para a frente.

O sangue espirrou. Ossos quebraram. Órgãos apodrecidos e membros espalhados tingiram a areia de escarlate.

Sim, ele era realmente bom em matar. Uma pena que tivesse desenvolvido um pouco de consciência recentemente.

Foi uma pena que Oro fosse, na verdade, um trunfo. Seria muito mais fácil

desprezá-lo se ele tivesse continuado sendo um peso morto.

Mesmo com costelas quebradas e apenas uma adaga, ele derrubou tudo em seu caminho. Lado a lado, lutaram contra os prisioneiros, deixando para trás apenas cadáveres acorrentados. Num lugar como aquele, ele se perguntou se a morte era uma misericórdia. Se talvez estivessem fazendo um favor a cada um deles. Aquilo era irritante.

"Como sabemos que nenhum deles é o rei perdido?", perguntou Oro após um breve período de luta silenciosa. Sangue jorrou quando ele derrubou uma figura gigantesca.

Grim deu de ombros. "Não temos." Ele cortou a cabeça de uma criatura de olhos brancos como leite que tentara estripá-lo com uma carapaça irregular. "Mas suponho que, se ele for poderoso o suficiente para nos ajudar, não será tão fácil derrotá-lo."

Oro ergueu uma sobrancelha. Ele chutou um prisioneiro que se atirara em seu caminho. "Mas ele acabou preso?"

Grim suspirou. Esqueça a gratidão pela presença do Sol. Ele teria preferido o silêncio. "Não sei, Oro. Por que você não pergunta a cada um deles antes de matá-los? Faça uma pequena entrevista enquanto eles tentam rasgar sua garganta?"

Oro zombou. Continuou avançando, cravando sua adaga no estômago de uma criatura com chifres e pele verde e coriácea.

A essa altura, eles deviam estar lutando contra os prisioneiros havia horas. Os braços de Cleo tremiam antes de partirem, mas ele tinha que admitir que a bruxa fria estava se mantendo firme.

Por agora.

Aquilo estava demorando demais. Ele buscou a conexão entre ele e Isla, o fio que, poucos dias atrás, fora forte como ferro e agora parecia tão fino quanto uma teia de aranha. Seus poderes estavam sufocados ali, mas seu amor, não.

Estou aqui , disse ele através da ligação entre eles, como se houvesse alguma esperança de que ela o ouvisse. *Estou indo te buscar* .

Grim lutou com um vigor renovado, ultrapassando Oro. "Tente me acompanhar, quer?", disse ele por cima do ombro.

Ele ficou surpreso ao ouvir uma risada. Olhou para trás, para o Filhote de Sol, que estava limpando as entranhas da camisa.

“Ainda acha que é melhor que todo mundo, é?”, disse Oro, balançando a cabeça.

Grim zombou. "Não. Só você."

Ouviu-se um murmúrio de descrença ao lado dele quando o rei dourado o alcançou.

"O quê?" Grim rosnou.

Oro deu de ombros. Ele cortou outra garganta. "É surpreendente que você ache que alguém seja melhor do que você."

Não. Não qualquer um.

"Ela é", Grim rosnou enquanto cravava sua espada no estômago meio devorado de um prisioneiro.

O sorriso presunçoso no rosto do Solzinho desapareceu. Ótimo. Ele esperava que Oro simplesmente calasse a boca, mas ele disse: "Parece que você mudou de ideia sobre o amor, então."

Grim foi mergulhado em memórias de séculos atrás. Quando ele estava acorrentado a uma parede nas prisões de Lightlark. O príncipe Sunling vinha vê-lo quase todos os dias — carregando consigo raiva e tristeza. No início, suas visitas eram provocações. Ele quase queimou Grim vivo na primeira vez.

Mas quanto mais conversavam... mais Grim percebia que não eram tão diferentes assim. Oro também percebeu isso, eventualmente.

Grim conseguia sentir as emoções do Filhote do Sol mudando com o tempo. A raiva diminuindo. O aborrecimento se transformando em diversão.

Ódio... transformando-se em amizade.

Durante uma dessas muitas conversas através das grades das celas, Grim disse a Oro que o amor era para tolos. *Amar alguém é permitir que essa pessoa aponte a ponta da adaga para o seu coração o tempo todo. E ainda sorrir disso. É idiota* . O Solzinho riu em resposta.

"Não", disse Grim, enquanto lutava contra outra besta escamosa. "Ainda acho que o amor é para tolos." Ele deu de ombros. "Mas ela me faz não me importar de ser um."

Oro ficou em silêncio por alguns instantes. Eles cortaram os corpos em silêncio. Então, ele disse: "Deve ter sido difícil."

"O quê?" disse Grim, rangendo os dentes enquanto se aproximava de um prisioneiro com garras tão compridas quanto a adaga que Oro segurava.

“Vê-la se apaixonar por mim.”

Os dedos de Grim se contraíram contra sua arma. Por um instante, ele perdeu a concentração e sibilou quando uma das garras conseguiu cortar seu braço. A dor o trouxe de volta ao presente, e ele cravou a lâmina no estômago do prisioneiro. Arrancou-a, e o sangue espirrou em suas roupas.

Ele quase apontou sua espada para o próprio Solzinho. Não tinha certeza se Oro estava tentando irritá-lo, se vingar ou se simplesmente estava conversando. Ali embaixo, ele não conseguia usar suas habilidades para sentir as emoções dele.

Em vez disso, ele abateu o próximo prisioneiro, sem se dignar a responder ao Filho do Sol. Mesmo assim, Oro continuou falando.

“Você a machucou”, disse ele, com a voz carregada de uma fúria mal contida. Seus movimentos se tornaram mais bruscos. Ele arrastou a adaga pela cintura de um prisioneiro e o chutou para longe. “Você apagou as memórias dela. E quando elas voltaram...” Ele rosnou quando um ser com espinhos nas palmas das mãos tentou dilacerá-lo. Ele arremessou a adaga no olho da criatura e a recuperou num instante antes de prosseguir. “Eu estava ao lado dela. E quer saber o que ela fez?” Ele não esperou que Grim respondesse. “Ela chorava, quase todas as noites. Era *agonizante* , ter tanta história voltando à tona. Ter toda a sua trajetória apagada e depois retornando.”

Grim de repente desejou não ter salvado a vida do Filho do Sol, mas sabia que não podia ficar tão furioso. Oro tinha *razão* .

Mesmo assim, ele se virou bruscamente para encarar o Filhote do Sol. "Você acha que eu não me arrependo disso todos os dias da minha vida?" Ele abateu cegamente o próximo prisioneiro. Depois o seguinte. "Eu estava tentando salvá-la. Eu pensei... eu pensei que você fosse o único jeito."

“E o colar?”, exigiu Oro, com a mão coberta de sangue enquanto cravava sua adaga em mais um coração. “Seu poder?”

"Não teria funcionado", disse ele simplesmente.

Assim que Grim reivindicou o diamante, percebeu que havia interpretado mal suas capacidades. O diamante apenas amplificava poderes que já existia. A vida de Isla estava ligada à dele — e por um fio. Mesmo que isso, por si só, fosse amplificado, não seria permanente. Não, eles precisavam ir para o outro mundo, onde a vida poderia ser trazida de volta para sempre.

No fim, ele decidiu entregá-lo a ela durante o Centenário, quando matar era permitido. Ele achou que era a melhor maneira de mantê-la segura, já que não podia protegê-la abertamente. Tudo o que ela precisava fazer era puxar o diamante, e ele viria buscá-la.

Agora, ele se perguntava se havia selado a morte dela no instante em que colocou aquele colar em seu pescoço. Cronan devia querer aquela pedra... e seu ancestral não hesitaria em matar Isla para obtê-la.

Grim afastou o pensamento, estripando outro prisioneiro. Oro franziu a testa, mas continuou lutando. Eles ficaram em silêncio por alguns instantes, mas era como se o Solzinho não conseguisse se conter.

“Não precisava ter sido assim”, disse Oro, de forma ríspida. “Nós estávamos... nós estávamos...”

"Amigos" era a palavra que ele não conseguia dizer.

Isso fez Grim parar. De repente, séculos de raiva vieram à tona, e ele soltou uma risada cruel. "Sim. Éramos amigos. Até você me acusar de ter começado as maldições. Até você *não acreditar em mim* quando eu disse que não, mesmo sabendo que *você* sabia que *eu* estava falando a verdade." Ele já havia percebido o talento do Filho do Sol há muito tempo, durante o tempo em que esteve na cela. Oro havia deixado isso óbvio, com suas perguntas ridículas.

Grim percebeu um leve arrependimento no rosto de Oro.

Isso não acalmou sua fúria. "Você era meu único amigo e não acreditou em mim", disse Grim, virando-se para encará-lo. "Você não acreditou no seu próprio poder." Ele mostrou os dentes. "Foi como se você tivesse esperado todo esse tempo por um motivo para me odiar."

Grim supôs que lhe dera outro motivo, depois de apagar as memórias de Isla. Depois de invadir Lightlark novamente. Mas a essa altura ele já havia desistido da amizade deles há muito tempo.

Grim balançou a cabeça. "Mesmo depois de você me convidar para o Centenário, quando você tinha outra teoria sobre quem começou as maldições... você ainda me olhava como um inimigo."

Oro soltou uma risada rouca. "Sim, e ainda bem, considerando que você estava planejando *me matar* com a Aurora."

Esse era o plano dele. Fazer Oro se apaixonar por Isla, obter acesso às suas

habilidades e então Oro morrer. Abrir o portal. Salvá-la para sempre. Não era nada pessoal contra o Filho do Sol, não de verdade. Pelo menos era o que ele dizia para si mesmo.

Eles se encararam com raiva antes de começarem a brigar novamente.

"Deve ter sido difícil", cuspiu Grim, descarregando sua raiva a cada golpe.

"O quê?", disse Oro secamente. Ele parecia estar fazendo o mesmo.

“Perdê-la.”

Foi a vez de Oro cerrar os dentes e apertar a adaga com tanta força que Grim pensou que ele poderia quebrá-la.

"Você sabe o quão difícil foi", disse Oro, com a voz rouca, antes de avançar mais uma vez.

Silêncio. Apenas seus gemidos e os rugidos dos prisioneiros enquanto lutavam para avançar centímetro por centímetro. Grim tentou se concentrar na tarefa em mãos, tentou esquecer que o Filhote do Sol estava ao seu lado, mas os mesmos pensamentos e medos rondavam sua mente até que ele finalmente os verbalizou.

“Isla é minha esposa”, disse Grim. “Ela me escolheu. Ela estava morando comigo...” Ele se virou para olhar para o Solitário. Suas lâminas se moviam na mesma velocidade. Ambos estavam ensanguentados, tendo matado centenas de prisioneiros até então. “Por que lutar tanto por ela?”

Ele precisava ter certeza de que o Filho do Sol não os trairia. E se ele planejasse usar o poder que eles reivindicavam aqui embaixo para outra coisa? Ele não podia correr esse risco.

Oro balançou a cabeça em descrença. Seu olhar se fixou no dele por um instante, e estava repleto de intensidade. "Porque eu a amo o suficiente para querer tê-la de volta, mesmo que não seja comigo. Você pode dizer o mesmo?"

O Filhote do Sol avançou antes que Grim pudesse responder, deixando corpos em seu rastro. Grim ficou para trás, pensando no que havia dito.

Se Isla escolhesse Oro... ele aceitaria isso algum dia? Ele deixaria de lutar por ela algum dia?

Há alguns meses, ele teria dito não. Mas agora... depois de ver a dor de tirar a escolha de Isla...

Se ela escolhesse Oro, ele teria que aceitar. Mas ele nunca deixaria de amá-la. Nunca deixaria de ter esperança de que ela mudaria de ideia.

Ele odiava o lampejo de pena que sentia pelo Filhote do Sol, e a constatação de que, mais uma vez, eles não eram tão diferentes assim.

“Você cometeu os mesmos erros que eu”, disse Grim, voltando a sentar-se ao lado dele.

"Não." Grim podia ver a raiva crescendo em Oro. Se não estivessem nessas terras encantadas, ele tinha certeza de que fogo estaria saindo de suas palmas. "Eu não apaguei as memórias de Isla. Eu não tomei decisões por ela." Oro o olhou de cima a baixo com puro desgosto. "Isla merece alguém melhor do que você."

"E o que é isso?" Grim zombou. "Você?"

“Pelo menos fui honesto com ela. Confiei nela.”

A risada de Grim não tinha nenhuma alegria. "Você ama a parte selvagem dela. A criação. A bondade. Você se ressente por ela ser Beladona. Você se encolhe diante da escuridão dela. Eu amo ela por *inteiro* . Não me assusto com os erros dela. Diferente de você."

Oro retribuiu a mesma risada sem humor. "E veja só o que aconteceu. Ela matou uma aldeia inteira... por *você* . Você alimentou essa parte dela em vez de ajudá-la a encontrar o caminho de volta para si mesma."

"É quem ela *é* ", rosnou Grim. "Ela é ambas. Luz e trevas. Juntas."

“Ela pode ser Nightshade”, disse Oro, “mas ela não é um monstro. Ela não quer ser. Ela foge desse lado dela, mas você... você o traz à tona. Você a *transforma* no monstro que deseja que ela seja, para que o monstro dentro de você não fique sozinho.”

Grim recuou como se tivesse levado um soco. Não. Não foi isso que ele fez. Ele a *apoiou* , aconteça o que acontecer. Ele não a julgou. Ele não a transformou em um monstro.

Oro soltou uma risada amarga enquanto girava sua adaga, arrancando-a das costelas de uma prisioneira que chorava. "Você nem sabe como a corrompeu, não é? Você só se importa que ela seja sua. Não percebe que ela só é sua porque tem tanta vergonha do que fez que pensa que tudo o que merece é um monstro como você."

Grim sentiu um suspiro escapar dos pulmões. Aquilo não podia ser verdade. Isla o amava. Ele sabia disso. Antes de tudo o que aconteceu, antes de ela destruir aquela aldeia, ela o amava.

Ele balançou a cabeça, rejeitando as palavras mordazes do Sol. "Ela é minha esposa. Não preciso provar nosso amor a ninguém, muito menos a você. Nos reuniremos e recomeçaremos nossas vidas. Juntos. Teremos nossa família." Grim avançou, golpeando com sua arma de lado e abrindo mais uma criatura com presas.

Oro apenas riu. "Família? Você acha que seria um bom pai?", disse ele. "Você, que foi responsável pela morte de todos os seus irmãos? Que matou sua amada irmã para ascender ao trono?"

Grim cambaleou para a frente, em choque, sem palavras. Ele havia contado a Oro esse fato séculos atrás, em segredo. Foi um dos eventos mais traumáticos de sua vida. E para ele... para ele *jogar* isso na cara dele...

Que se dane.

Que se dane o trabalho em equipe. Que se dane *ele* .

Ele rosnou enquanto se virava bruscamente — e arremessou o Filhote do Sol através da parede de água. O corpo de Oro foi arrastado pela correnteza, e Grim observou, com um sorriso presunçoso, enquanto lutava para voltar à terra firme. Ele finalmente emergiu a poucos metros de Grim, ofegante e tossindo. Um prisioneiro avançou contra ele, e Oro mal conseguiu apunhalá-lo a tempo. Oro olhou para Grim através dos cabelos molhados, os olhos flamejando de fúria.

Eles se lançaram um contra o outro, armas em punho — até que as paredes do oceano estremeceram ao redor deles. Grim se virou para Oro com pânico evidente. Eles precisavam de mais tempo, ainda não tinham encontrado o rei

perdido. Sem falar que, se Cleo perdesse o controle, eles jamais conseguiriam voltar à superfície sem seus poderes.

O mar rugia, e Grim pensou que aquele poderia ser o fim, mas então degraus começaram a surgir da parede de água, repetidamente, formando escadas irregulares que se endureceram em gelo.

Eles se entreolharam, com as lâminas ainda erguidas. Não precisavam falar para saber o que aquilo significava. Cleo estava se cansando e estava lhes dando uma rota de volta à superfície. Precisavam se apressar.

A fúria ardente contra Oro ainda queimava sob a pele de Grim. Mas, enquanto se encaravam, compartilharam um entendimento silencioso. O amor que sentiam por ela vinha em primeiro lugar. O ódio que sentiam um pelo outro vinha em segundo.

Então, eles se viraram e começaram a correr.

Eles lutavam sem piedade, dizimando prisioneiros em rajada sangrenta, sem se importar se fossem atingidos por uma garra ou presa aqui e ali, sem diminuir o ritmo enquanto as vísceras os cobriam da cabeça aos pés. Moviam-se como um só, Oro abaixando-se para apunhalar um prisioneiro na canela e detê-lo, Grim cortando-lhe a cabeça.

"Ele está perto. Tem que estar", disse Grim, enquanto os prisioneiros se transformavam em criaturas cada vez mais monstruosas. Um deles era uma besta escamosa sentada sobre uma pilha de crânios. Grim se perguntou como ele conseguia se alimentar ali embaixo, até perceber que os corpos mais próximos da criatura estavam sem cabeça.

Oro parou, percebendo a mesma coisa: para alcançar aqueles prisioneiros enquanto acorrentada, a criatura devia ter um jeito de se aproximar. Ambos pararam no exato momento em que a besta abriu a boca, revelando fileiras e mais fileiras de dentes. Ele notou algo arqueando acima da cabeça da criatura e percebeu que era uma cauda com chifres, avançando com um estalo, pronta para despedaçá-los.

Era um escorpião. Um escorpião gigante, porra.

Grim empunhou sua espada e se preparou para atacar quando, de repente, uma língua semelhante a um chicote disparou em sua direção. Ele ergueu a espada para cortar a língua fora, mas a criatura era astuta. Sua língua contornou a lâmina e se enrolou em seu corpo, prendendo seus braços. seus lados. Ele ouviu sua espada bater com força na areia antes de ser puxado para a frente.

A língua o prendia como um torno. Ele não conseguia se mover e rugia enquanto tentava. Esse monstro não o impediria de chegar até aquele rei. De chegar a Isla. Mas ele não tinha poderes ali. E sem sua espada...

A língua da besta se contraiu, e ele sentiu uma costela se estilhaçar. Droga, doeu demais. Ele deveria ter dado mais crédito a Oro.

O dardo desceu em alta velocidade, direto em direção ao seu peito. Grim fechou os olhos, antecipando a dor de ser dilacerado e—

Ouviu-se um uivo ensurdecedor quando algo se estilhaçou ao seu redor.

O quê...? Grim piscou, apenas para ver mil pedaços de prata caindo como chuva quando sua espinha atingiu a areia, a língua da besta se contorcendo ao

seu lado. Oro deve tê-la cortado com a espada de Grim e bloqueado o ferrão com a lâmina. E o ferrão *a quebrou como se não fosse mais do que um brinquedo, e não uma relíquia antiga* .

"Levante essa bunda daí!", rosnou Oro, puxando-o para que ficasse de pé, no exato momento em que o ferrão desceu novamente, exatamente onde ele estava.

Grim tropeçou atrás de Oro e correu o mais rápido que já correra em sua longa vida, com o escorpião logo atrás. Sua corrente era mais longa que a dos outros. Parecia não ter olhos, e enquanto o ferrão cortava o fundo do oceano ao redor deles sem muita precisão, Grim deduziu que sua língua era seu principal sentido. Areia se espalhou enquanto a cauda abria buracos profundos no fundo do oceano. Um dos golpes passou a centímetros de sua perna.

O escorpião era rápido, já estava quase em cima deles. "Pulem!" gritou Oro.

Grim saltou para a frente o mais longe que pôde, rolando ao atingir o chão e se preparando para o impacto.

Mas nunca aconteceu. Ele olhou lentamente para trás e viu que a corrente finalmente havia se esticado. Ele e Oro ficaram deitados lado a lado, ofegantes, observando o escorpião rugir, com seu ferrão a apenas trinta centímetros deles.

"Obrigado", Grim sussurrou, com má vontade.

Oro suspirou. "Não diga isso."

"Por que?"

Oro se virou para ele. Parecia cansado. Sua coroa estava torta e imunda. "Porque aí eu vou realmente achar que o mundo está acabando."

Grim balançou a cabeça. Levantou-se e ofereceu a mão a Oro. O Filho do Sol o havia salvado. Eles haviam se salvado mutuamente.

Ambos estavam machucados e com hematomas, ossos quebrados e cobertos de vísceras. Mas juntos, chegaram ao topo de outra colina rochosa — e pararam abruptamente.

Porque ali, sentado sozinho à distância, estava o rei perdido.



ILHA

Um pedaço de madeira atingiu Isla no peito, arremessando-a para longe. No instante em que a casca perfurou sua pele, faíscas percorreram cada centímetro de seu corpo, enquanto ela controlava a energia que a envolvia. O skyre em seu braço, que a ajudava a controlar seu poder, se inflamou.

E aquela floresta que Lark enviara contra ela rugiu enquanto ela transformava as árvores em mil adagas, e então as atirava de volta contra Lark.

Os estilhaços perfuraram a cabeça de sua ancestral, seu peito, suas pernas. Seus ossos se partiram. Sua pele se rasgou. Isla tentou recuperar o fôlego, ousando esperar que finalmente tivesse posto um fim a Lark de uma vez por todas.

Mas Lark se levantou antes mesmo de ter se recomposto completamente. Seu rosto fragilizado ainda esboçou um sorriso irônico.

Então, ela avançou rapidamente, e Isla correu ao seu encontro. Ela cavalgou um fluxo de energia, direto em direção à sua ancestral.

Ela invocou os objetos que lhe haviam sido tomados, e eles voaram do carrinho impulsionados por uma corrente de energia Estelar. Cada pedaço de armadura se encaixou em seu corpo, brilhando, formando-se em segundos. O osso divino voou para uma de suas mãos, e a espada de Cronan apareceu na outra. O orbe de tempestades condensadas flutuou à sua frente, pronto para ser rompido.

Antes que Isla e Lark pudessem colidir, um raio caiu bem entre elas, fazendo o mundo tremer e Isla sendo arremessada para longe de Lark. Isla bateu na areia e deslizou, sua armadura sendo a única coisa que impedia sua pele de se rasgar. No céu acima dela, ela podia ver portal após portal se formando. Como se tivessem sido atraídas pelos poderes de ambas.

Antes que ela pudesse reagir, o céu se abriu num estrondo de trovão—

E começou a chover criaturas. Bestas que eram exatamente como os corpos na carroça — retorcidas e mutiladas, como se a jornada de mundo em mundo as tivesse transformado. Mesmo assim, a maioria estava viva. Elas guinchavam, seus uivos tão altos quanto o próprio trovão. Relâmpagos as iluminavam em breves clarões.

Seus olhos se arregalaram. Aquelas não eram criaturas comuns. Ela observou enquanto cortinas de água se transformavam no ar em bestas aladas, como se tivessem sido formadas pela própria tempestade.

Foi dali, de costas, que ela viu o primeiro cavaleiro aterrissar.

Ele surgiu num raio de luz, e o próprio chão estremeceu com a força de sua

chegada. Ao se levantar, ela viu que sua armadura parecia moldada à sua própria pele. A espada que ele empunhava era maior que todo o seu corpo e feita de pura sombra ondulante. Seu cabo era de metal sombreado, mas ela podia sentir que havia sido reforçado com poder, assim como sua própria armadura. A arma parecia forjada a partir de tempestades, de pedaços de outros planetas, de um poder que ela podia sentir em seu crânio.

Ele usava um capacete que cobria a maior parte do seu rosto, mas através das fendas que revelariam os olhos, Isla só conseguia ver o vazio, um abismo escuro como a noite.

E enquanto o olhava, sentiu algo dentro de si sendo atraído para ele, como se sua medula fosse convocada. Como se aquele cavaleiro e sua arma estivessem *extraindo* algo de seu próprio ser.

Ele deu um passo em direção a ela.

Outro cavaleiro pousou num clarão de luz. E outro. Bem entre ela e Lark.

Isso não foi por acaso. Quem quer que fossem esses cavaleiros... eles protegiam este mundo. De alguma forma, eles pressentiram Lark e Isla. Será que trabalhavam com Cronan?

Lentamente, Isla se levantou. O cavaleiro assumiu sua posição. Ela assumiu a dela.

Ele brandiu sua lâmina de sombras, e ela buscou tudo o que a tempestade lhe ofereceu — água, natureza, energia, vento — e entrelaçou tudo em um fluxo de energia cintilante.

Suas forças se chocaram, e o trovão ribombou acima. Os poderes dela deveriam tê-lo arremessado para trás, deveriam ter destruído sua arma, mas não o fizeram. Ele manteve-se firme.

Outro cavaleiro avançou em sua direção.

Isla o puxou para a areia vulcânica, usando suas habilidades de Selvagem para engoli-lo por inteiro. Mas sua lâmina rompeu a areia um instante depois, e com uma explosão de energia, ele disparou para o céu. Lá permaneceu, envolto em poder crepitante, brandindo sua espada colossal em um arco. De sua lâmina sombria, uma parede de obsidiana irrompeu.

O golpe a atingiu no peito, e sua armadura se estilhaçou ao seu redor, quebrando-se em pedaços. Deixando-a vulnerável.

Era feito de metal sombreado. Resistiu a todos os ataques — até mesmo aos de Lark — em seu mundo.

Mas este era um lugar completamente diferente.

E mesmo nessa tempestade, mesmo com o véu de luz em sua pele que lhe permitira romper o controle de suas habilidades no labirinto, enquanto a escuridão penetrava seu peito, a semente de poder dentro dela definhava. Era como se os cavaleiros fossem um vazio em si, drenando seu poder de seu âmago. Ela sentiu a energia escorrendo por ela e olhou para baixo, vendo sua própria aura sendo arrancada, um vermelho profundo se desprendendo de sua pele. Sua alma ardia, como se estivesse sendo despedaçada. *Levada* .

Não . Ela tentou lutar, mas o poder do cavaleiro a prendeu ao chão. Acima, a tempestade se transformou em uma confusão de asas e dentes enquanto as

criaturas deformadas se banqueteavam umas com as outras. Sangue, pele e membros choviam sobre elas. Um dente enorme atravessou o local bem ao lado dela. Uma espinha dorsal quebrada caiu a seus pés.

Lark estava a poucos passos de distância, duelando com três cavaleiros ao mesmo tempo. Isla viu aquela mesma energia sendo drenada dela. O domínio de sua ancestral estava afrouxando. Ela logo cairia.

Isla não sabia se esse estranho poder semelhante ao vazio mataria seu ancestral para sempre, mas sabia que precisava ser *ela* a acabar com Lark. Se ela quisesse ressuscitar os inocentes que havia matado. Este mundo não era nada como ela imaginara, mas ela precisava acreditar que ainda havia um jeito de eles voltarem, ainda havia um *propósito* para esta jornada.

Assim que o cavaleiro deu um passo em sua direção, outro relâmpago rachou o céu ao meio. Ela viu o clarão de outro mundo, um portal se formando ali, e lembrou-se de olhar por um buraco de fechadura...

Mesmo quando o cavaleiro ergueu a espada para golpear com aquele poder semelhante ao vazio mais uma vez, ela manteve o olhar fixo naquele portal e percebeu que era diferente dos outros. Os maiores eram cercados por muito mais energia, crepitando sem parar. Mas este... este era uma pequena fenda no céu. Através dela, ela viu a mesma estranha tonalidade de nuvens que cobria Skyshade.

Esse portal não os levaria para outro mundo. Levaria-os para outra parte deste.

Usar portais era perigoso. Ela poderia ser despedaçada durante a viagem, caso sua teoria estivesse errada. Mas ali embaixo, com os cavaleiros, seu destino já estava selado. Ela não tinha nada a perder.

O cavaleiro a alcançara. Suas sombras irromperam. E Isla concentrou-se em Grim, em Oro e na esperança de escapar, enquanto agarrava aquela semente de poder dentro de si, através das sombras que a sufocavam—

E se libertou.

Ela avançou rapidamente, agarrando o braço de Lark antes de alçar voo com toda a força do vento Skyling que conseguia invocar. Sua ancestral se debateu, mas Isla usou suas habilidades Starling para arrancar sua armadura do chão e forçou as peças sobre ambas, fundindo-as.

Os cavaleiros estavam logo atrás dela. Ela podia sentir sua energia sendo drenada. Ela podia sentir seu controle sobre seus poderes afrouxando.

Só mais um pouquinho .

Ela olhou fixamente para aquele portal, suas bordas se fechando, e reuniu todas as suas forças para voar mais rápido. Seu corpo tremia com o esforço. Sombras agarraram seus tornozelos, como se quisessem puxá-la para trás.

Antes que pudessem fazer algo, Isla e Lark alcançaram a fenda no céu, e foram engolidas por inteiro.

Assim que terminaram, a semente de poder de Isla se apagou novamente, e ela despencou no chão com Lark. Ela caiu com força e rolou, sentindo uma dor lancinante enquanto seu corpo ricocheteava sobre o que pareciam ser rochas.

Os pedaços de sua armadura caíram ao seu redor, junto com o orbe de

tempestades que agora mal pulsava energia, como se tivesse sido drenado apenas por estar perto dos cavaleiros.

Finalmente, ela bateu em algo sólido e parou. Estava deitada de costas, sem ar. Lentamente, abriu os olhos—

E viu árvores. *Árvores* . Ela poderia ter pensado que havia viajado para um mundo completamente diferente, que sua teoria sobre o portal estava errada, se não fosse por aquela estranha cor rodopiante do céu, característica daquele lugar.

Seu corpo inteiro doía. Enquanto verificava se nada estava quebrado, ela sentiu algo estranho naquela floresta — uma energia de algum tipo. Uma habilidade antiga e profundamente enraizada. Ela a rodeava, como se estivesse curiosa. Ela a sentiu como um dedo acariciando sua bochecha.

Ela tentou alcançá-lo... mas sem uma tempestade, não conseguiu. De alguma forma, Cronan deve ter dado um brilho especial a todo este planeta.

Ela se levantou. Uma voz soou por perto. Ela se virou bruscamente — nada.

Lá estava de novo, como se alguém tivesse passado correndo por ela, sussurrando diretamente em seu ouvido, mas ela não conseguia entender as palavras. Ela se virou novamente e, desta vez, viu algo.

Ela viu—

Ela mesma.



SINISTRO

Lá estava ele. O rei perdido era apenas um homem sentado sozinho no fundo do mar, longe de qualquer outro prisioneiro. Ele estava de costas para eles, mas Grim conseguiu ver um lampejo de cabelo prateado e pele luminosa.

Ele estava amarrado não por uma única corrente, mas por dez.

Elas se enrolavam em seus tornozelos, seus pulsos, seu pescoço, sua cintura. Mesmo assim, ele não lutava para se soltar como os outros. Não, ele parecia perfeitamente em paz, como se nem tivesse percebido que não estava mais se afogando.

Era ele. Grim tinha certeza disso.

Eles não perderam um instante. Apressaram-se para mais perto e, quando Grim finalmente conseguiu vê-lo, observou que, ao contrário dos outros prisioneiros, ele estava perfeitamente intacto. Sua pele não havia enrugado nem se deteriorado com o tempo. Criaturas marinhas não haviam se alojado em seu cabelo e pele.

Os olhos do homem, porém, estavam abertos e sem piscar — e sem pupilas. Havia apenas um turbilhão branco e nebuloso. Sua coluna estava reta. Suas pernas estavam cruzadas à sua frente. Ele não deu nenhum sinal de que sabia que não estava mais sozinho.

“Como vamos acordá-lo?”, perguntou Oro.

Grim deu de ombros e arrancou a adaga da mão de Oro. Ele a apontou para o pescoço do prisioneiro.

E os olhos do homem reviraram-se da parte de trás da cabeça. Suas pupilas eram prateadas, brilhantes. De outro mundo.

Ele olhou para Grim e pareceu quase desapontado.

“Então chegou a hora?”, disse ele com uma voz que ecoou pelas paredes varridas pela maré.

Grim franziu a testa. "Hora de quê?"

"Para que minha história chegue ao fim", disse ele simplesmente. Ele olhou para além de Grim, para Oro.

“Três reis. Reunidos”, disse o homem, em voz baixa. Ele soltou uma risada estranha. “Suponho que, afinal, acabou acontecendo...”

"O que foi?" perguntou Oro.

O homem ignorou a pergunta do Solzinho. Parecia indiferente à lâmina que Grim ainda apontava para sua garganta. Apenas gemeu ao se levantar, como se estivesse sentado há muito tempo, embora devesse ter estado flutuando antes,

quando a água ainda não havia sido levada pela correnteza. Esticou o pescoço com um estalo.

Grim finalmente jogou a adaga no chão. Ele não tinha tempo para enigmas ou jogos. "Nós—"

“Eu sei quem você é”, disse o homem, com naturalidade. “Já vi tudo.”

Grim se perguntou como aquilo era possível, já que aquele desgraçado tinha ficado preso sozinho debaixo do oceano por sabe-se lá quantos séculos — ou milhares — de anos, e depois decidiu que simplesmente não se importava. Ele disse: "Ótimo. Então você sabe por que estamos aqui."

O homem assentiu com a cabeça. Ele os examinou de cima a baixo. "Vocês querem chegar até ela."

alguma forma, esse rei perdido sabia sobre Isla.

“Você pode nos ajudar?”, perguntou Oro.

Ele assentiu novamente... e então franziu os lábios. "Embora eu não tenha certeza se vou fazer isso."

Se Grim pudesse acessar suas sombras, elas estariam enroladas no pescoço daquele homem. Mas ele não podia. Tentou alcançar a adaga mais uma vez, mas Oro lhe lançou um olhar que dizia que não seria do interesse deles retalhar aquele ser em uma massa sangrenta, embora fosse evidente que o Filho do Sol também estivesse considerando essa possibilidade.

"Por que não?", perguntou Grim, com a voz rouca.

“O futuro está dividido, assim como ela. Tenho certeza de que você já sabe disso...” ele suspirou. “Ainda existe uma chance de ele vencer. E te dar o que eu tenho só aumentaria essa chance.”

“Quem? Quem ainda pode ganhar?”, disse Oro.

O homem olhou para Grim. "Em quem você acha?"

Cronan . E só de ouvir o nome dele, Grim sentiu um arrepio percorrer seu corpo. O Nightshade original. Aquele que iniciara a tradição de todos os governantes Nightshade gerarem dezenas de filhos que lutavam até a morte para decidir o herdeiro mais forte — e quem daria continuidade à linhagem.

O governante Grim, por séculos, todos acreditaram que ele estava morto. Mas não estava. Seu caixão estivera vazio o tempo todo. Era um portal para o outro mundo, para onde ele havia escapado.

Grim herdara o talento de Cronan. Teletransportar-se. Era a única esperança que tinham agora para trazê-la de volta. Isso, e este rei perdido.

Então o homem disse as palavras que Grim estava apavorado demais para realmente considerar. "Cronan a encontrará, se é que já não a encontrou."

Os joelhos de Grim quase cederam. Sua alma parecia pressionar contra as costelas, como se estivesse em agonia, como se implorasse para *ir até ela a qualquer custo* .

Cronan era famoso por sua crueldade. Ele também era o Nightshade mais poderoso da história. Grim supôs que ele, como muitos de seus ancestrais antes dele, estava desesperado para reivindicar o Infinito. E agora, a única coisa que o separava daquele diamante era a vida de sua esposa.

A visão de Grim escureceu de pânico. Ele teria caído se não fosse por Oro,

que o segurou firme. Ele olhou para a Criança Solar e viu compreensão. Ambos estavam unidos em sua preocupação. Em sua dor. Em seu amor por ela.

Que coisa estranha... ser grato a um homem por amar sua esposa.

“Ele esteve procurando por ela todo esse tempo...” continuou o rei perdido. “Embora não soubesse exatamente o que estava procurando.”

"Por quê?", perguntou Grim, surpreso por sequer conseguir dizer aquilo.

“Ela é a chave do mundo dele.”

"O *quê dele* ?", perguntou Oro.

O homem olhou para cima, como se só agora percebesse que podia vislumbrar o céu muito acima deles. Ele franziu a testa. "Cronan passou milênios despedaçando galáxias, procurando um único lugar. Só este mundo se interpõe entre ele e o que deseja. Ele foi banido daqui há muito tempo... Isla é a chave para o seu retorno."

"Como?", perguntou Oro.

“Ela possui todas as seis habilidades e usa o diamante Infinito, que o expulsou. Com a ajuda dela, ele poderia retornar. E se essa pedra fosse empunhada junto com sua espada e coroa... ele teria o poder de governar tudo...”

Grim lembrou-se da espada de Cronan, a arma que ele e Isla procuraram desesperadamente durante meses. Foi assim que se apaixonaram. Ele precisava da lâmina para controlar os dreks, os monstros cruéis que quase destruíram seu reino. Isla o ajudou. Ela quebrou a maldição da espada. E o preço foi a própria vida.

Um pavor percorreu os ossos de Grim. Durante todo esse tempo... *ele* havia procurado e reivindicado tudo o que seu ancestral precisava. Como se ele tivesse sido um peão em um grande plano.

E agora Isla estava em perigo por causa disso. Quando tudo o que ele sempre quis foi salvá-la...

“Neste mundo existe uma última chave, destinada a desbloquear todo o universo, incluindo o mundo que ele busca. Com ela, ele poderia conquistar todas as galáxias. Unir-se a elas. Controlar todo e qualquer poder que flua através delas.” O rei perdido continuou: “Este mundo inteiro já foi uma prisão, sabia?”, disse o homem, parecendo perdido em seus pensamentos novamente. Seus olhos reviraram, e apenas o branco permaneceu. “Ele existe em uma ponte entre galáxias. Algumas das relíquias mais poderosas do universo foram escondidas aqui. Não foi coincidência que Cronan tenha transportado Lark, Horus e seu povo para este mundo. Ele estava atrás do diamante. Mas o diamante não era como os outros itens que ele havia reivindicado. Precisava de uma alma. Precisava de *amor* . Ele pensou que poderia enganá-la com uma casa pré-fabricada e as demonstrações de afeto, mas o diamante não se deixou enganar. Quando ele tentou reivindicá-lo... o diamante o amaldiçoou. Este mundo se tornou um veneno para ele, e ele foi forçado a fugir...” Ele piscou, suas pupilas voltando ao normal. A expressão do homem era quase de pena. “O universo teria permanecido seguro se ela simplesmente tivesse ficado.”

Oro deu um passo à frente. "Se ela tivesse ficado, Lark teria destruído este mundo. Ela fez um sacrifício para nos salvar a todos."

"E talvez tenha condenado o universo no processo", disse o rei perdido, simplesmente.

Agora. *Agora* era o momento em que Grim ia matá-lo. Mas o rei se virou e disse: “Depois que Cronan partiu, ele tentou criar seu próprio mundo, usando sua ligação com o poder de Lark. Mas foi distorcido... errado. Agora, todos que existem lá são aqueles que pereceram devido a uma maldição derivada de seu poder.” Ele olhou para Oro. “Você já esteve lá.”

Oro franziu a testa. "Não, eu não fiz isso."

“Para onde você acha que a ilha desapareceu durante as maldições?”

“As tempestades—”

“Fazíamos parte desse mundo.”

Oro balançou a cabeça. "Não. Nós podíamos ver as tempestades engolindo a ilha. Podíamos ver os fragmentos congelados delas ao largo da costa durante o Centenário."

O rei de cabelos prateados simplesmente deu de ombros. “Mundos frequentemente se misturam. Especialmente quando são conectados por portais. É isso que todos devemos temer...” Ele olhou para Grim e Oro. “Vão para o mundo amaldiçoado, onde vivem as vítimas das maldições, e encontrem o conhecimento que foi perdido. Todos os reinos devem desempenhar seu papel nesta guerra”, disse ele. Ele exalou profundamente. “Eu vivi... mil vidas. Bem aqui.” Grim não sabia o que ele queria dizer. Ele realmente *não se importava* . “E tudo isso levou a isto.” Ele os observou por um longo momento antes de continuar. “A história se repete, repetidamente. Quebrem o ciclo. Sejam fortes o suficiente para fazer a diferença.” "Escolha certa." Com essas palavras, ele fez um gesto para que Oro se aproximasse e examinou o rosto do Solzinho. A impaciência de Grim estava prestes a se romper quando o rei perdido finalmente piscou, sua expressão antes cautelosa agora confiante. O que quer que ele tivesse encontrado na expressão de Oro parecia tê-lo ajudado a tomar uma decisão.

O rei perdido estendeu a palma da mão. E ouro brotou das profundezas de sua pele até se libertar e repousar em sua mão. Uma pilha de fios dourados, densamente entrelaçados e brilhantes, que pareciam quase areia, fundiram-se uns aos outros.

“Uma das últimas peças que Cronan precisa para dominar o universo”, disse ele. “Os Fios do Tempo. Não podem cair em suas mãos.” Seus olhos prateados brilharam. “Esta é a chave para destruir o universo... e para salvá-lo. Você precisa encontrar um jeito de entregá-la a ela. É a única coisa que pode ajudá-la a consertar tudo.”

Grim estendeu a mão para os fios... mas o rei perdido pareceu hesitar.

“Ela se torna a vilã deste mundo tantas vezes quanto se torna sua heroína”, disse ele.

“Não”, disse Oro com firmeza. “Ela não é uma vilã.” Ele olhou fixamente para Grim. “Ela é apenas uma governante que recebeu poder demais, rápido demais. Qualquer mal que ela tenha feito foi acidental.”

O olhar do rei perdido era quase de pena. "E Cronan já foi apenas um menino que matou seus pais."

Grim engoliu em seco. Assim como Isla. Assim como *ele* próprio fora um menino que matou a irmã.

E essa dor... essa raiva... esse arrependimento... Ele sabia o que era ser consumido por isso, buscar incessantemente uma cura para desfazer o que havia sido feito.

Era isso que Cronan queria?

Ele se lembrou das palavras de Oro. Sobre como seu amor havia corrompido Isla ainda mais...

"Quem é você?", perguntou Oro ao rei perdido.

Ele sorriu fracamente. "Sou apenas um prisioneiro de outro mundo, como os outros. Mas eu escolhi esta sentença."

"Por quê?", perguntou o Filhote de Sol, visivelmente chocado.

O rei perdido contemplou os fios em sua mão. "Eu queria viver mil vidas."

Grim estendeu a mão para os fios ao mesmo tempo que Oro. E enquanto seus dedos se entrelaçavam ao redor deles—

O homem desapareceu, deixando para trás apenas uma pilha de correntes.

Grim não sabia como esses fios o ajudariam a recuperar sua esposa. O rei perdido havia dito que eles precisavam entregá-los a ela, mas não lhes dissera *como* .

As paredes varridas pelo mar ao redor deles começaram a tremer, como se o oceano estivesse lutando contra sua resistência. Como se Cleo estivesse perdendo o controle.

“Precisamos sair daqui”, disse Oro.

Grim concordou.

Nenhum dos dois soltou os fios.

Oro franziu a testa. "Eu quero a mesma coisa que você. Se quisermos encontrá-la, precisamos confiar um no outro."

“Eu acredito que você a ama”, disse Grim. “Mas também sei que você ama seu povo. Seus amigos. Eu a escolheria acima de tudo no mundo. Você pode dizer o mesmo?”

Eles se encararam com raiva. Oro abriu a boca, mas pareceu mudar de ideia sobre o que ia dizer. Ele desistiu. "Ela nunca te perdoaria, sabia?", disse ele. "Se você destruísse o mundo por ela."

"Eu sei", disse Grim, e essa era a única razão pela qual ele ainda não tinha feito isso para tê-la de volta.

A escadaria que Cleo havia construído ainda estava a alguns metros de distância. Feras bloqueavam o caminho, incluindo aquele escorpião.

Ele não tinha mais espada. Apenas a adaga que havia emprestado a Oro.

Com um grunhido, ele puxou as correntes, percebendo que elas se estendiam sob a areia. Oro fez o mesmo. Os grilhões do rei perdido eram mais longos do que quaisquer outros. dos outros. Parecia que eles tinham percorrido toda a extensão desta prisão.

Eles trocaram um olhar.

Juntos, eles correram, arrancando as correntes do chão. E quando se

depararam com o escorpião novamente, não precisaram dizer uma palavra, pois se separaram, a corrente esticada entre eles. Quando a criatura investiu contra eles, eles a agarraram pelas patas, e a fera caiu com um rugido estrondoso.

Grim usou sua adaga para cortar uma de suas enormes escamas afiadas como navalhas e a jogou para Oro.

Juntos, eles correram em direção àquela parede de degraus, derrubando tudo o que restava em seu caminho. Mas quando finalmente alcançaram a parede, o mar estava tremendo com tanta força que degraus inteiros de gelo se desprendiam, quase os esmagando.

Grim saltou, agarrou-se à borda inferior e começou a escalar. Oro estava bem ao seu lado. Os degraus eram enormes, mas muito distantes uns dos outros. Eles teriam que pular em cada um deles para chegar ao topo.

Ouviu-se um estalo horrível, e Grim olhou para cima e viu um fragmento de gelo do tamanho de seu corpo vindo em sua direção. Ele e Oro mal conseguiram se esquivar a tempo. O fragmento se estilhaçou ao atingir o chão, partindo o gelo ao meio e se chocando contra uma criatura que tentava alcançá-los.

Trocaram um olhar apreensivo antes de se lançarem para o próximo degrau. E para o seguinte. Grim deu um pulo no exato momento em que o degrau sob seus pés desapareceu.

Toda a muralha marítima tremia agora. Os degraus vibravam com o tremor. Grim tropeçou quando o gelo se partiu sob seus pés. No instante em que pousou em uma saliência, saltou para outra, os braços ardendo de esforço, o pulso acelerado enquanto lutava para subir o mais rápido que podia. Pedaços de gelo caíam como chuva, cortando sua pele, mas ele não diminuiu o passo. Não quando todos os degraus abaixo dele haviam desaparecido. Os acima já estavam desmoronando.

"Só mais um pouquinho", gritou Oro por cima do rugido.

Grim saltou para a próxima saliência, um alívio percorrendo sua espinha ao sentir o gelo se firmar. O frio queimou sua palma enquanto ele se erguia. Só faltava um passo.

Ele esperava que fosse alto o suficiente para que eles recuperassem seus poderes — ou ficariam presos. A borda desmoronaria e eles cairiam de volta nas profundezas da prisão. O mar os sepultaria para sempre.

Grim saltou com toda a sua força — e seus dedos se fecharam na borda fria. Ele se içou para cima dela.

E com um alívio avassalador, ele sentiu os resquícios de seu poder despertarem.

Oro estava lá embaixo. O degrau em que ele estava já havia rachado. Não aguentaria por muito mais tempo. "Pule", disse Grim, agachando-se na borda, sentindo-a ceder. Tudo o que ele precisava era ficar de pé completamente. Ele podia fazer isso agora e usar o portal para escapar. Ele podia deixar Oro para trás.

Em vez disso, ele suspirou e se virou para estender a mão.

Oro apenas encarou. Grim conseguia ler as emoções em seu rosto. Desconfiança. Preocupação. O Solzinho pensou que Grim fosse pegar sua mão,

mas a soltou, acabando com ele de uma vez por todas. "Só pula, porra", rosnou Grim.

E o Filhote do Sol obedeceu. Com um grunhido, Grim o puxou para a borda com toda a sua força.

Mas era tarde demais. O degrau sob os pés de ambos cedeu.

Grim agarrou Oro e usou toda a sua força para saltar o mais alto que pôde, com o Solzinho o puxando para baixo.

Ali estavam elas — as brasas de seu poder. Ele agarrou aqueles farrapos e conseguiu teletransportá-las alguns metros acima, onde suas habilidades ganharam vida com força. E então, ele as teletransportou de volta para Cleo.

No instante em que apareceram, os joelhos do Moonling cederam. O oceano rugiu ao preencher a lacuna mais uma vez, a água jorrando para cima quando as margens se uniram novamente. Grim duvidara do Moonling, mas estava enganado.

Cleo havia segurado.

Ela parecia completamente exausta, todo o seu corpo tremendo nas rochas da ilha. Mesmo assim, encontrou forças para olhar para eles, os longos cabelos brancos como a lua grudados no rosto. "Vocês o encontraram?", perguntou com a voz rouca.

Grim assentiu com a cabeça.

O Lunático desabou contra a pedra lambida de sal.



ILHA

“Onde está minha mãe?”

Isla tinha oito anos e estava no meio de um duelo com sua guardiã, Terra. Raios de sol do amanhecer, filtrados pela floresta, espreitavam em fragmentos.

O metal de Terra encontrou o dela, e os dentes de Isla vibraram com a força do impacto. A espada de sua guardiã era muito maior, mas isso não significava que ela se contivesse.

“Ela está morta, Isla. Você sabe disso.” A voz de Terra era monótona, embora uma onda de emoção tenha enchido seus olhos antes de se dissipar. Ela se virou, e Isla mal conseguiu bloquear sua lâmina a tempo.

Isla sabia que sua mãe havia falecido. Mas, às vezes, ela desejava que, ao perguntar, a resposta fosse diferente.

Afinal, os Selvagens conseguiam transformar sementes secas em flores. Terra... em vida. Ela sempre se perguntava se, de alguma forma, o mesmo poderia ser feito com as pessoas.

"E meu pai?" perguntou Isla, ofegante ao tropeçar em uma trepadeira, e em seguida se defendeu com força do golpe seguinte de seu guardião, que fez seu joelho vibrar.

“Ele também está morto.” O próximo golpe de Terra foi rápido como um raio, superando facilmente suas defesas. Sua espada descontrolada cortou o braço de Isla, atravessando o tecido de suas roupas de treino, e Isla cerrou os dentes de dor. Sangue quente jorrou da ferida. Ela não ousou gemer. Isso só faria Terra esperar mais uma hora antes que ela pudesse curar seus ferimentos do dia. “Pare com as perguntas tolas. Você está perdendo tempo.”

Para Terra, tudo que não fosse treinamento era um desperdício.

Ela era um desperdício.

Não. Ela era pior.

Isla foi a razão pela qual tantos Selvagens morreram. Ela foi a razão pela qual ouviu seus guardiões dizerem que seu reino não tinha chance de sobreviver ao próximo Centenário.

Ela nasceu sem poderes. Errado.

Seus olhos ardiam. Ela lutava para respirar, o pânico apertando seu peito como às vezes acontecia. Tomando conta de sua mente.

E se eles estivessem certos? E se todo esse treinamento tivesse sido em vão? E se ela tivesse falhado com seu povo, da mesma forma que falhou com todos ao seu redor desde que nasceu? E se—

Ela não viu a lâmina de Terra até que fosse tarde demais. Até que o cabo se chocou contra sua têmpora. E quando sua cabeça atingiu o chão da floresta, só então sua mente se aquietou.

Quando ela finalmente abriu os olhos novamente, o céu estava com a tonalidade rosada do pôr do sol.

Pôr do sol . Um dia inteiro desperdiçado.

Ela precisava se mexer. Mas tudo doía. Lentamente, levou a mão à lateral da cabeça para sentir o sangue seco. Fez uma careta ao sentir o sangue coagulado na terra sob o braço dolorido.

O mundo girou enquanto ela tentava se sentar. Levou vários minutos até que finalmente conseguisse ficar de pé. Mesmo assim, ela se apoiou em uma árvore para não cair.

"Fraco."

A palavra parecia ecoar da própria floresta. Mas quando Isla piscou para dissipar o embaçamento restante de sua visão, viu Terra do outro lado da clareira. Braços cruzados à frente do corpo, em sinal de decepção.

Uma pontada de arrependimento atravessou seu coração. "Me desculpe, eu —"

“ *Você* .” Terra deu um passo em direção a ela. “Você será o fim deste reino. *Você* será a sua ruína.”

Os olhos de Isla ardiam. Ela não queria ser fraca. Ela ficaria melhor. Ela se esforçaria mais amanhã.

Nenhum dia podia ser desperdiçado. Faltavam apenas alguns anos para o Centenário. O número sempre lhe parecia enorme, mas Terra e Poppy insistiam que não era tempo nenhum.

Terra estava bem na frente dela agora, franzindo a testa para o sangue em sua têmpora e o longo corte em seu braço. "Você acha que eu te treino tão duro porque gosto de te ver falhar? De te ver sangrar?"

Isla não tinha certeza se deveria responder.

“ *Eu não gosto disso* . Eu faço isso porque você é nossa única esperança. E você... você...” Ela não terminou a frase, mas Isla viu aquele olhar em seus olhos. Aquele olhar que ela notava com frequência.

Isla não era apenas fraca, mas... ela havia feito algo imperdoável, simplesmente por ter nascido.

Como se ela fosse monstruosa.

"Vou me esforçar mais", disse Isla, rapidamente. "Vou... Vou treinar mais cedo. Mais tarde. Tudo. Prometo, prometo que vou melhorar. Não vou te decepcionar."

Pela expressão de Terra, Isla percebeu que ela já tinha feito isso.

Seu guardião a obrigou a treinar durante a noite para compensar o tempo perdido enquanto estivera inconsciente. Só então lhe foi permitido tomar banho e elixires curativos.

Poppy, sua outra guardiã, enfaixou delicadamente seus ferimentos. "Está tudo bem, passarinho", disse ela. "Você não ficará com cicatrizes."

Isso não era verdade. Algumas cicatrizes, pensou Isla, não eram visíveis de

forma alguma.

Quando Poppy saiu de seus aposentos, Isla se curvou para a frente. Finalmente, estava sozinha. Lágrimas ardiam em seus olhos, mas ela as cobriu com as mãos. Tinha apenas algumas horas para dormir antes que o treinamento recomeçasse.

Ela se desvencilhou das cobertas, entrou no armário e passou pelas roupas de treino. Lá, bem no fundo, estava sua coleção. Peças que ela havia encontrado em seu quarto ao longo dos anos, que juntas formavam um mosaico de sua mãe.

Ali estava a boneca, esculpida em madeira, com seu vestido feito de pétalas que, de alguma forma, ainda eram macias e eternas.

Ali estava o pente quebrado e irregular. Ela passou o dedo lentamente pela borda. Será que sua mãe odiava quando Poppy penteava o cabelo tanto quanto Isla?

Ela também se machucava às vezes durante o treino?

Finalmente... havia um pincel. A madeira era longa e fina, com cerdas macias na ponta. Restos de tinta ainda estavam presos às cerdas.

Será que a mãe dela era pintora? Ela não sabia. Procurou e procurou, mas o quarto não revelou nenhum outro segredo.

"Quem me dera poder viajar no tempo e te conhecer", sussurrou ela na escuridão do seu closet. "Talvez assim eu não me sentisse tão sozinha."

Isla não tinha permissão para sair de seu quarto, exceto para treinar. Era para sua própria segurança. Seu povo não podia descobrir que sua governante estava impotente. Seu reino já estava em apuros suficientes. Sem o poder dela para injetar em suas terras, as pessoas estavam morrendo. Escondê-la, disse Terra, era um ato de amor.

O único consolo de Isla ao passar os dias trancada era saber que sua mãe também havia morado ali. Isla procurava por rachaduras na parede, marcas no chão, qualquer sinal de que sua família tivesse existido.

Isla adormeceu agarrada ao pincel, desesperada para sentir um sussurro da mãe.

Isla engoliu em seco, um nó se formou em sua garganta — e piscou, afastando a lembrança. A criança que ela vira na floresta havia desaparecido.

O que-

Um galho quebrou atrás dela. Isla se virou e viu Lark encostada em uma árvore, encolhida. Ofegante.

Talvez essa fosse a chance dela. Isla ainda tinha a lâmina de Cronan e o osso divino. Talvez ela pudesse cravar ambos no coração de Lark enquanto ela estivesse enfraquecida.

Como se pressentisse o pensamento, Lark ergueu a cabeça bruscamente. Seus olhos verdes brilhavam como sempre, mesmo com o corpo em frangalhos.

“Isso não vai me matar, então não desperdice sua preciosa energia”, ela cuspiu as palavras. Seu cenho se franziu ainda mais ao ver a expressão incrédula de Isla. “Eu não minto.”

Isla se perguntava por que Lark não havia escapado quando teve a chance. Ela

sabia que Isla a queria morta.

Mas Lark estremeceu, com um olhar assombrado.

“Você também as vê”, disse Isla. “As lembranças.”

Lark suspirou. "Este é um lugar perverso. A floresta obriga você a revisitar seu passado."

"Para onde vamos?" perguntou Isla. Ela se virou e viu apenas uma floresta sem fim em todas as direções. Ela nem sabia qual era o seu destino.

“A única saída é atravessar”, resmungou Lark. Ela deu um passo—

E os olhos de Lark perderam o brilho, como se sua chama tivesse sido sufocada. Ela ficou imóvel como um cadáver, a testa franzida em concentração.

Era essa a aparência de Isla enquanto ela percorria suas memórias?

Isla percebeu que uma pessoa poderia se perder para sempre naquela floresta. Perdida em seus próprios pensamentos. Ela exalou profundamente, a realidade de sua situação a atingindo em cheio. Lark era um monstro. Ela havia matado centenas de pessoas, incluindo Wren. E Remlar. Mas elas precisavam trabalhar juntas, para se manterem em movimento quando a outra estivesse presa ao passado. Ela só podia esperar que Lark não a matasse quando ela própria estivesse inconsciente.

Isla pegou no braço de seu ancestral, escolheu uma direção e começou a caminhar.



ORO

"Aquele rei era um completo inútil", rosnou Grim, atirando os fios de ouro sobre a mesa no castelo de Oro, em Lightlark.

Oro franziu a testa para ele. Ambos ainda estavam cobertos de sangue e vísceras. O fedor era quase suficiente para fazer Oro vomitar. "Ele disse que ela precisaria disso para salvar o universo."

Muito lentamente, os olhos de Grim encontraram os dele. Ele deu um passo à frente. "Você acha que eu me importo *com* o universo?", disse ele. "Eu me importo com *a minha esposa* . Que o mundo se desfaça em pedaços enquanto isso."

“Meu amor não é menor porque me importo com este mundo”, disse Oro. “Ela também se importa.”

“Essa é a única razão pela qual ela ainda não virou cinzas”, rosnou a Beladona. Ele balançou a cabeça. “Ela *é* meu coração. Claro, seu amor é *menor* .”

Oro se perguntou se aquilo era verdade. Mas ele conhecia Isla. Sabia que ela se importava com os outros. Era exatamente por isso que ela havia deixado este mundo.

"Eu só quero tê-la de volta", disse Grim, com as mãos cerradas em punhos. Sombras percorriam o chão, sufocando os azulejos dourados.

“Não acho que os Fios sejam inúteis para isso”, disse Oro. Ele não sabia muito sobre os Fios do Tempo, mas um artefato tão poderoso certamente poderia ajudá-los.

“Ótimo. Então, faça *algo* útil”, disse ele, apontando para os fios sobre a mesa.

Oro suspirou. "O rei perdido disse que tínhamos que ir para o mundo amaldiçoado. Você pode nos enviar um portal para lá?"

Grim levantou a mão. "Se eu tivesse algo daquele mundo. Uma conexão com ele. Um pedaço dele", disse ele.

Oro pensou na conversa que tiveram com o rei perdido. "Ele disse que todos os reinos precisavam desempenhar seu papel nesta guerra." Ele começou a andar de um lado para o outro. "Sombra Noturna e Solzinho." Grim e ele. "Estrelazinho e Selvagem." Isla controlava ambos. "Luazinho." Cleo acabara de ajudá-los. "... E Céuzinho."

Seus olhares se encontraram.

“O marido de Azul morreu durante as maldições”, disse Oro. “Se o que o rei disse for verdade...” Então parte de sua alma ainda estava naquele mundo.

Talvez eles pudessem falar com ele. Um nó se formou em seu peito, pensando em todos os outros que morreram durante as maldições. Em todos os outros que poderiam estar lá...

"O que o marido de Azul saberia que poderia ser importante para nós agora?", disse Grim.

Oro ponderou sobre isso. "Ele era um estudioso lunar, que trabalhava com textos antigos." Se Cleo soubesse algo útil para chegar ao outro mundo, já teria contado a eles. Seu conhecimento antes das maldições devia ser limitado, visto que ela nunca deveria ter se tornado governante. "Se algum lunar tiver informações que possam nos ajudar... especialmente se estiverem perdidas... pode ser ele."

Oro continuou andando de um lado para o outro, refletindo sobre o assunto. Ele não queria causar nenhuma dor a Azul ao lhe pedir isso. O Skyling havia se despedido quando a tempestade ao redor de Lightlark desapareceu, após as maldições terem sido lançadas. Ele acreditava que sua alma havia sido libertada... Agora eles sabiam que fora a ilha que havia sido libertada, de volta a este mundo.

Mas se uma guerra estivesse prestes a destruir não apenas o mundo deles, mas todo o universo, então o rei perdido estava certo. Todos precisavam fazer a sua parte.

“Vamos fazer uma visita à Azul”, disse Oro.

Azul já havia assumido uma enorme responsabilidade durante a última batalha. Quase todo o povo de Oro havia sido transportado para sua nova terra em busca de segurança. Ele foi eleito para governar seu reino, o que resultou em uma democracia bem-sucedida e eficiente.

Todas as ações importantes foram votadas. Mas esta era crucial demais e urgente demais para isso.

“Deixe-me falar”, disse Oro, enquanto Grim os transportava para o castelo do Skyling. Ele ao menos havia se dado ao trabalho de trocar de roupa, já que suas vestes estavam cobertas de sangue. Grim, como era de se esperar, não se incomodou.

Quando os Skylings avistaram Grim, dispersaram-se, atirando em todas as direções. O Nightshade o encarou com desdém. "Sim, porque você é tão bom de lábia", disse Grim, desdenhosamente, e Oro foi tomado por uma lembrança. O Nightshade havia dito algo semelhante séculos atrás.

"Pelo menos minha mera presença não causa pânico", resmungou Oro, observando todos que cruzavam seu caminho serem levados pelos ares, fugindo do castelo como se o próprio céu tivesse desabado.

"Nem todo mundo consegue fazer uma entrada triunfal, Sunling", disse Grim arrastando as palavras antes de abrir as portas da sala do conselho com suas sombras. Oro revirou os olhos.

Lá dentro, a discussão que um grupo de representantes mantinha foi imediatamente silenciada. Ouviram-se alguns suspiros de espanto. Alguns murmúrios.

Azul ergueu os olhos de onde estava sentado, com uma expressão cansada.

Suspirou e, em seguida, olhou entre eles, não tanto com curiosidade, mas com receio.

O governante Skyling se desculpou e, um instante depois, os três entraram em outra sala.

As paredes eram azul-celeste, pintadas com espirais brancas que lembravam nuvens. O teto havia sido removido, agora que podiam voar novamente. Acima, o céu estava limpo. A luz do sol caía como chuva.

Assim que a porta se fechou, Azul perguntou: "Onde ela está? O que aconteceu?" Pelo seu alarme, parecia que ele sabia que algo realmente errado devia ter acontecido para Grim e Oro estarem trabalhando juntos.

Grim não deu a Oro a chance de responder antes de latir: "Você vai nos ajudar." Oro suspirou. Era por isso que ele queria ter tomado a iniciativa.

A barba por fazer de Azul, normalmente bem cuidada, havia crescido. Suas vestes, geralmente impecavelmente passadas, estavam cheias de vincos. "Eu *a ajudei* ", disse ele, cansado. "E agora... agora, me pergunto se foi uma boa ideia."

Oro sabia que Isla tinha visitado o Skyling. "O que você deu a ela?"

“Um anel, para capturar um fragmento da tempestade. E um tentilhão-da-tempestade.” Oro vira o pássaro em seu quarto, quando a esperara. “E, claro, os orbes das tempestades capturados ao longo dos séculos. Nossa antiga coleção.”

Oro se lembrou de como aquelas tempestades haviam irrompido — de como elas lhes deram energia suficiente para derrotar as criaturas que Lark havia invocado.

“Onde ela está?”, repetiu Azul.

Quando Oro lhe contou, o Skyling afundou lentamente em uma cadeira. Ele apoiou os cotovelos nos joelhos, com a cabeça entre as mãos. "Então, temos uma grande dívida com ela", disse ele.

Era verdade. Por mais que Oro estivesse furioso com ela por guardar isso para si, por se *sacrificar* , Lark planejava destruir este mundo. Ela já havia começado, e não podia ser morta. Ao teletransportá-la para longe, Isla os salvou.

E agora, cabia a eles salvá-la.

“Ela está em perigo”, disse Oro. “E não se trata apenas dela—”

"Fale por si mesmo", rosnou Grim, olhando para Oro com puro desprezo.

Oro suspirou e continuou: "Cleo nos contou sobre uma profecia que previa uma guerra entre mundos. Uma que acabaria com todos nós. Todos os reinos. Todos os súditos. Reduzidos a pó. Maré da Coroa."

“Uma tempestade para acabar com todas as tempestades. Talvez a dela tenha sido apenas o começo...” Azul olhou para eles com cautela. “Do que vocês precisam agora?”

Oro não sabia como dizer as palavras. Como pedir isso a ele. Grim, ao que parecia, não tinha escrúpulos em ir direto ao ponto.

“Precisamos que você fale com seu falecido marido”, disse ele, estendendo a mão com impaciência, como se aquilo já estivesse demorando demais.

Oro lançou um olhar fulminante para Grim. Azul apenas piscou diante da palma estendida do Nightshade.

“Meu... marido?”, disse ele, como se mal conseguisse pronunciar as palavras.

Oro suspirou. "Esperamos que ele tenha informações que possam nos ajudar a recuperar Isla. E... acreditamos que parte de sua alma possa estar em outro mundo. Aquele para onde a ilha desapareceu durante as maldições."

Azul, por sua vez, não fez mais perguntas. Ele simplesmente se endireitou e disse: "Leve-me até meu marido."



ILHA

Uma hora depois, Lark ofegou, libertada da armadilha de uma memória. Isla se perguntou o que sua ancestral teria visto. Séculos de memórias? Apenas uma hora? Ela não sabia como o tempo se organizava — se estava comprimido, como em um sonho.

Lark arrancou o braço da mão de Isla assim que recobrou a consciência.

Isla tentou manter o foco à frente, como se isso pudesse impedi-la de mergulhar em outra lembrança. Mesmo que Lark precisasse dela para escapar da floresta... e se chegassem ao fim da mata enquanto Isla estivesse presa em seus próprios pensamentos? Ela seria um alvo fácil para Lark.

“Deve ser estranho para você. Estar em uma floresta sobre a qual você não tem controle”, disse Isla.

Lark lançou-lhe um olhar fulminante, como se falar com ela fosse um crime imperdoável.

Isla deu de ombros. "Estou acostumada. Só recentemente passei a ter alguma conexão com a natureza." Ela olhou para aquelas árvores estranhas. Eram antigas, e mesmo com seus poderes silenciados, ela podia sentir a estranha energia que ali residia. "Como este lugar sobreviveu?", perguntou. Ela acreditava que Cronan havia reduzido todo o mundo a cinzas... mas, claramente, partes dele permaneceram.

Lark não respondeu. Não que Isla esperasse que ela respondesse. Mesmo assim, Isla cerrou os punhos em frustração. Sua ancestral era *daqui* . Ela conhecia Cronan. Ela tinha todas as respostas que Isla precisava.

Mas ela era sua inimiga.

Lark era ancestral. Desconfiada. Isla as havia transportado para Skyshade por meio de um portal. Lark a deixara para morrer, enterrada a quilômetros de profundidade. O único motivo pelo qual eram aliadas agora era por causa daquela floresta estranha.

Essa poderia ser a única chance de Isla fazer perguntas à sua ancestral. Talvez... talvez se ela perguntasse à pessoa certa, conseguisse fazê-la falar.

Ela se virou para Lark, mas, em vez disso, viu a si mesma. Correndo ao redor de uma árvore e desaparecendo de vista.

Não .

Ela piscou e foi lançada de volta no tempo.

Isla estava cercada pelas árvores de uma floresta diferente — uma que ela reconheceria em qualquer lugar. Ela olhou para baixo e viu uma espada em sua

mão. Um galho estalou à sua frente, e ela ergueu os olhos para ver Terra em posição de ataque, com duas lâminas apontadas para ela. Pelo nível das lâminas que usava, Isla calculou que aquilo tinha acontecido talvez cinco ou seis anos atrás.

Antes que pudesse procurar mais pistas sobre o tempo decorrido, Terra a atacou, com suas espadas cortando numa velocidade impossível, e Isla precisou de toda a sua concentração para desviar os golpes de sua guardiã. Por mais rápido que Isla se movesse, não conseguia bloquear ambas as lâminas.

O mundo de Isla explodiu em dor quando uma das espadas de Terra rasgou sua lateral. O sangue escorreu por suas roupas. Mesmo assim, com os dentes cerrados, ela conseguiu evitar outro golpe — mas então sua guardiã se virou e a apunhalou no estômago.

Um soluço quase escapou de seus lábios. Ela mal conseguiu fechar a boca para impedi-lo.

Mas Terra percebeu. Percebeu que ela estava prestes a ceder. E isso era inaceitável. Terra avançou, atacou novamente — e este ferimento foi mais profundo. Os joelhos de Isla tocaram o chão quando uma dor intensa explodiu por trás de suas pálpebras. Ela lutou para respirar.

Lentamente, ela ergueu os olhos para seu guardião. E, pela primeira vez, não sentiu inutilidade, nem vergonha, mas raiva.

"Isso não é justo!", gritou Isla, sem conseguir se arrepender das palavras. O que sua guardiã faria com ela que já não tivesse feito antes? A voz de Isla era firme. "Duas lâminas contra uma não é *justo* ."

Terra apenas deu um sorriso irônico. "Você acha que alguém vai se importar com justiça no Centenário? Acha que vocês vão lutar em igualdade de condições?" Ela balançou a cabeça e jogou as duas espadas para o lado. "Não quer lâminas? Ótimo."

Ela ergueu os braços e a floresta se expandiu com ela. As árvores ao redor cresceram, curvando-se, até bloquearem a luz do sol. Isla mergulhou em uma escuridão quase total.

Cipós rastejavam ao seu redor como serpentes. Enrolaram-se em seu corpo, prendendo-a ao chão. Sua cabeça bateu na terra firme.

Um rosnado escapou de seus lábios enquanto ela lutava contra o domínio deles, enquanto lutava para comandar aquelas florestas da maneira que deveria ser capaz, como a governante dos Selvagens.

Mas a floresta obedecia a Terra, não a Isla. Ela conseguia ouvir a voz de sua guardiã bem acima dela.

“Você estará lutando contra *o poder* , garota tola. E o poder não tem misericórdia nenhuma.”

Com isso, a floresta caiu sobre ela.

Isla arquejou quando a madeira cortou seus ossos, empalando-a no chão da floresta. Enquanto as folhas abafavam seus gritos. Enquanto seu próprio reino se tornava uma arma contra ela.

Ela desejava desesperadamente ser ela quem pudesse empunhá-lo. Que não estivesse presa ali, impotente. Sangrando por toda parte. Ofegando de dor. Mas

Terra tinha razão. Ela era fraca. Inútil.

Talvez tivessem se passado minutos ou horas até que a voz de Poppy rompesse a dor. "O que você fez?", ela exigiu. Nunca tinha ouvido sua guardiã tão indignada. "Você poderia tê-la matado! Você poderia ter nos matado a todos."

Ela ouviu o riso abafado de Terra. "Você acha que eu sou tão inexperiente assim, Poppy?"

Não. Terra dominava as habilidades de Selvagem e garantira que as árvores perfurassem apenas os membros de Isla. Doloroso, mas não o suficiente para matá-la. Nada que os elixires não pudessem desfazer. "Acho você cruel", disse ela. "Ela... ela jamais teria desejado isso."

Ela ... Estavam falando da mãe dela. A perda de sangue a estava consumindo. Ela lutava para manter a consciência, mesmo que fosse só para ouvir mais alguma coisa. Mas estava se esvaindo, levada pela agonia incessante que lhe consumia os ossos.

“Se ela estivesse aqui, não estaríamos passando por isso”, disse Terra, com a voz embargada pela emoção. “Nós a amávamos. E ela nos traiu... ela nos traiu a todos.”

Isla conhecia essa parte da história. O conto de advertência sobre sua mãe se apaixonando, apesar da maldição, o que levou à morte de seus pais. Aconteceu no dia em que Isla nasceu.

Essa história era um alerta contra o amor. Provava que o amor era ruinoso, especialmente para os governantes. Uma mensagem que seus guardiões pareciam particularmente ansiosos para deixar clara, visto que Isla não sofria da maldição de seu reino.

Ela não comia corações para sobreviver. Não precisaria matar quem quer que fosse por quem se apaixonasse. Não que alguma vez tivesse tido essa oportunidade, trancada em seu quarto.

Era também por isso que ela estava escondida, longe de qualquer atenção. Se alguém percebesse que ela não sofria da maldição sanguinária dos Selvagens, poderia imaginar o que mais lhe faltava.

“Isla... ela não é a mãe dela”, disse Poppy finalmente.

Isla não sabia o que aquilo significava. Se era algo bom ou ruim.

Uma coisa ruim , concluiu Isla, ao ouvir Terra dizer: "Esse é o problema, não é?"

Com isso, toda a vegetação que a esmagava desapareceu. Poppy ofegou. Isla mal conseguia sentir o próprio corpo. Tudo o que ela podia fazer era piscar para o sol.

Seu calor era uma âncora. Uma promessa — de que haveria luz no fim dessa escuridão.

Era preciso dar um fim a essa dor.

Certamente haveria dias e noites melhores pela frente.

Naquele momento, ela decidiu que sobreviveria ao Centenário. Não apenas por seus guardiões, ou por seu povo, mas por *si mesma* .

Ela quebraria a maldição que assolava seu povo e então se libertaria dessa prisão.

Ela se agarrou a isso o tempo todo enquanto Poppy retirava pedaços de madeira de sua pele, espalhava o elixir em seus ferimentos e colocava seus ossos quebrados no lugar.

Enquanto adormecia, ela pensava em um mundo além do seu quarto. Um mundo além do pedaço de floresta onde treinava. Um mundo onde finalmente poderia ser livre para descobrir quem era, sem o peso daquela coroa. Esse sonho foi despedaçado por uma voz na escuridão.

“O que é isso, passarinho?”

Isla levou um instante para despertar completamente. Ela esfregou os olhos, ainda sonolenta, e observou Terra parada no centro do quarto.

Segurando sua coleção.

A boneca. O pente. O pincel.

Um rugido enchia os ouvidos de Isla. Sua boca secou de repente, e ela engoliu em seco. "Não é nada, eu—"

“Encontrei isso escondido no canto do seu armário. Claramente não é pouca coisa.”

Terra examinou os objetos, franzindo a testa em reconhecimento. "Eram da sua mãe", disse ela.

O pânico percorreu as veias de Isla, mas ela lutou para manter a voz firme. "Sim. Eu... eu só queria... eu só..." Ela não conseguia encontrar as palavras, não sabia como convencer Terra a deixá-la ficar com elas. Ela não sabia o que dizer... então ela imploraria. " *Por favor* ."

Aquela única palavra pareceu selar seu destino. O olhar de Terra encontrou o dela novamente. “Esse é o seu problema, Isla. Você é fraca. Você é tola. Você “Apegar-se a”—ela sacudiu o conteúdo nas mãos—“coisas sem importância, quando você deveria estar focada exclusivamente no treinamento.”

“Estou concentrada. Eu só—” Sua voz falhou com um soluço. “ *Por favor—* ”

A mão de Terra se abriu—

E ela transformou a madeira e os ossos em pó.

"Não!" Isla gritou, a palavra um rosnado gutural no fundo da garganta enquanto saltava da cama. Tudo o que ela tinha da mãe... *tinha ido embora* .

Ela se ajoelhou e estendeu a mão para as cinzas, desejando ter qualquer poder para transformá-las de volta no que eram.

Terra apenas balançou a cabeça negativamente. Ela passou por cima da pilha, deixando Isla de joelhos, soluçando.

Isla se abraçou, balançando para frente e para trás. "Não. Não...", sussurrou. Seu corpo doía enquanto se movia, mas ela não se importava. Essa dor era muito pior do que qualquer um de seus ferimentos.

"Quero ir embora", disse ela para uma noite silenciosa que nunca a ouvia. "Quero... quero sair daqui. *Por favor* ", implorou a qualquer um. *A todos* . "Eu quero, eu só quero..."

Ela arranhava o chão como um animal, como se pudesse abrir caminho para fora daquele quarto, para fora daquela *vida* . Como se, ao desejar com força suficiente, alguém a ouvisse e lhe desse o que ela queria: liberdade.

Ela passou as mãos pelo painel — e um dos cantos se levantou.

Isla parou abruptamente, lançando um olhar para a porta. Estava fechada. Terra e Poppy só voltariam na manhã seguinte para o treino. Com os dedos trêmulos, ela ergueu lentamente a tábua do assoalho. Mais alto.

Até que revelou um compartimento secreto.

E ela sabia, no fundo da sua alma, que aquilo era algo deixado por sua mãe. Para *ela* ... Isla enfiou a mão lá dentro... e tirou um pedaço de pau comprido e fino, feito de um material estranho. Parecia muito com o da sua mãe. Pincel sem ponta. Brilhou em sua mão, reluzindo prateado antes de se acalmar.

Ela sentiu um sobressalto, como se seu sangue fosse atraído para aquilo.

Ela deixou cair o graveto, que bateu no chão e rolou alguns metros. Mas... mas por um instante... ela viu. Uma janelinha.

Um lampejo de um lugar completamente diferente.

Lentamente, ela pegou o graveto novamente e pressionou a ponta contra o chão. Houve uma explosão de faíscas antes que um buraco de fechadura se formasse, e ela se ajoelhou, fixando o olho nele.

Ali, ela vislumbrou um mundo com terras que se elevavam até as nuvens. Montanhas. Ela só as vira em fotos em um dos livros que ganhara como recompensa pelo treinamento. Seus cumes estavam cobertos de branco — neve, Isla percebeu. Ela se perguntou se era tão frio ao toque quanto diziam os livros.

Ela passou a noite inteira olhando pelo buraco da fechadura, para outro mundo, e, pela primeira vez, não se sentiu sozinha.

Isla despertou da lembrança para uma dor lancinante e escuridão profunda.

Lark estava a matá-la. Esse foi o seu primeiro pensamento. Ela se assustou, tentando alcançar a espada — mas sua visão clareou o suficiente para ver que sua ancestral a tinha na mão.

Mas ela não ia matar Isla com aquilo. Ela estava lutando contra algo superior a ela.

"Que bom que você acordou", cuspiu Lark. Ela rangeu os dentes enquanto lutava contra uma criatura humanoide de pele pálida, garras afiadas e presas que já pingavam sangue. A criatura vestia um tecido verde esfarrapado e rosnou para Lark.

Isla piscou — e a fera se transformou em uma linda mulher, com longos cabelos lisos, pele reluzente e olhos como diamantes.

Mas, no instante seguinte, a criatura retornou, golpeando o peito de Lark com suas garras. A ancestral de Isla se curvou, segurando a espada frouxamente. à sua frente. Ela estava ou muito debilitada por este mundo e por seus ferimentos para lutar, ou nunca fora habilidosa com armas, tendo sempre confiado em seus poderes.

Isla não era estranha à impotência. E talvez essa fosse agora a chave para a sobrevivência deles.

Ela avançou rapidamente, fazendo uma careta ao perceber que o sangue nos dentes da criatura não era apenas de Lark. Sua panturrilha estava quase completamente dilacerada. Mas ela havia sido treinada para lutar, mesmo ferida.

Ela estendeu o braço. "Joga!", disse ela.

Lark hesitou. A criatura avançou bruscamente, e a Selvagem não conseguiu bloquear o ataque antes que ela cravasse os dentes em seu ombro.

Ela urrou e ergueu a espada em direção a Isla.

Isla a apanhou. Sorriu, sentindo o metal contra a palma da mão.

Com um único movimento fluido, a cabeça da criatura tocou o chão.

Isla se curvou. Aquele simples movimento lhe custou caro, e ela ofegava. Todo aquele planeta era como um veneno, drenando tanto seus poderes quanto suas forças. Ela encarou o corpo, agora imóvel no chão, lembrando-se do lampejo do que vira. O brilho amargo daquele lugar claramente não a afetava apenas.

“Eles nem sempre foram assim”, disse Isla, e Lark bufou enquanto colocava a mão no ombro dela.

É claro que Lark já sabia disso. Ela devia tê-los visto quando ainda eram os seres cintilantes que Isla apenas vislumbrara.

Cronan não apenas havia perturbado este mundo... ele o havia amaldiçoado. Isla podia sentir o brilho da escuridão por toda parte, como se tudo o que ousara sobreviver tivesse sido alterado. Distorcido.

Isso aconteceria com eles se ficassem aqui tempo suficiente?

Lark parecia que ia dizer algo. Talvez fazer um comentário sobre como era o mundo antigamente. Mas no instante em que seus lábios se entreabriram—

Ela paralisou.

"Não de novo" , pensou Isla, segurando o braço de sua ancestral. Seu ombro sangrava. Seu peito estava em ruínas.

Isla havia passado horas em sua última lembrança. Quem sabia por quanto tempo Lark ficaria presa na dela? Isla mal conseguia andar direito por causa da perna machucada. Mesmo assim, suspirou e arrastou Lark consigo, esperando que não enfrentassem mais nada.

Foi então que as árvores à sua esquerda e à sua direita começaram a tremer.

Algo estava para acontecer. Isla apertou o braço de Lark com mais força e correu, com a panturrilha latejando de dor.

Não. Ela estava errada.

Já estava aqui.

A casca da árvore estilhaçou-se ao seu redor quando uma mulher irrompeu completamente da árvore mais próxima. Em seguida, outra surgiu por trás dela. A madeira estalou como um trovão à medida que figura após figura emergia da floresta por todos os lados. As mulheres eram metade casca, metade carne e tendões apodrecidos, segurando raízes retorcidas transformadas em armas. Seus olhos eram buracos de ônix. Sem vida.

Eles controlavam aquela floresta. Isla deu uma olhada neles—

E correu.

Os pés de Lark tropeçavam ao seu lado. Ela ainda estava perdida em seus pensamentos, mas pelo menos conseguia usar as pernas.

"Acorda!" Isla gritou, pressionando a ferida no ombro de Lark, na esperança de que a dor a fizesse recobrar a consciência. Mas não funcionou. E toda a floresta tremia agora, como se um exército inteiro as aguardasse entre as árvores.

Isla correu o mais rápido que pôde, ignorando o ferimento com a concentração apurada por anos de treinamento.

Um braço atravessou a árvore por onde ela passava, agarrando o pescoço de Isla com uma mão dura como madeira. Ela soltou o braço de Lark, e sua ancestral ficou ali parada, impassível, sem poder ajudá-la. A mulher coberta de casca ergueu Isla no ar com uma força extraordinária. As pernas de Isla se debateram em busca de apoio, um som de engasgo escapando de seus lábios. Sua visão começava a ficar turva.

Com toda a energia que lhe restava, ela ergueu a mão que empunhava a espada e decepou o braço da mulher. Isla desabou sobre as folhas e a terra, ofegando em busca de ar. Seus pulmões pareciam que iam explodir de tanto esforço.

Ela se permitiu apenas um instante antes de se levantar rapidamente, arrastando Lark atrás de si. Mas sabia que não havia como escapar. Árvore após árvore irrompeu ao redor delas até que foram cercadas por uma legião. Um exército de mulheres se aproximando.

E as mulheres... elas a faziam lembrar de...

Havia uma garota, no fundo do grupo. Com olhos verdes, cabelos escuros e selvagens, e sardas espalhadas pelas bochechas.

Não . Isla se agarrava à consciência. Lark já havia desmaiado. Ambas morreriam se ela fosse sugada por outra lembrança agora. Ela correu até a árvore mais próxima e arranhou a mão com os dedos, na esperança de que a dor a mantivesse ancorada.

Não funcionou. Sua visão começou a ficar turva. As mulheres começaram a se aproximar, lâminas serrilhadas erguidas, dentes afiados à mostra. Mais perto. Mais perto. Isla ergueu sua espada, mas mesmo que conseguisse se manter acordada, estava em grande desvantagem numérica.

Houve um instante de quietude, de silêncio. Então, todas as guerreiras se lançaram sobre ela como uma só, com as armas em punho.

E enquanto Isla era arrastada de volta ao passado, ela tinha certeza de que não sobreviveria ao presente.



SINISTRO

Isso seria cansativo. Ele já podia sentir isso. Azul estava cheio de esperança. Expectativa. *Amor* .

Grim cerrou os punhos, sabendo que Azul ia querer falar com o marido por mais tempo do que eles podiam .

Ele tentou se lembrar de que, se as situações fossem invertidas, Azul jamais o pressionaria. Mas não eram. E tudo o que Grim queria era chegar à Ilha o mais rápido possível.

Tinha sido fácil chegar a este mundo por meio de um portal depois que Azul lhes dera um anel que pertencera ao seu marido. Ele seguira o rastro do anel para trazê-los até este lugar e, assim que chegaram, já queria ir embora.

Havia uma sensação de peso no ar, como uma tempestade sem chuva. O ar estava carregado de sentimentos — arrependimento, tristeza, medo.

Este não era um lugar de paz.

Grim mal conseguia enxergar um centímetro à sua frente. Uma névoa densa bloqueava tudo. Tempestades trovejavam à distância, mas Grim percebia que estavam se aproximando cada vez mais.

"Não demore", disse Grim, irritado, para Azul.

Oro lançou-lhe um olhar fulminante, mas Grim podia *sentir* a impaciência emanando do Sol, semelhante à sua própria.

Grim lançou um olhar fulminante para o Filhote de Sol. "Como se você também não quisesse que ele se apressasse." Ele zombou. "Pensei que você fosse honesto."

Oro desviou o olhar. "Por favor, o mais rápido que puder", disse ele a Azul. O Skyling assentiu.

Oro sempre acabava sendo o *herói* , só por fingir ser tão diferente do Grim. Aparentemente, a honestidade do Grim o transformava em vilão.

Grim se virou, já tendo visto o suficiente do Filho do Sol ultimamente para durar uma vida inteira. O frio da tempestade que se aproximava penetrou em seus ossos. Este lugar era parecido com onde Isla estava? Ela sentia frio com facilidade.

Ele franziu a testa. Será que ela estava com frio agora?

O fato de ele não saber era quase pior do que o fato de não poder ajudar. " *Eu te amo"* , ele enviou através de uma ligação que mal conseguia mais sentir. " *Estou indo te buscar* ." Ele olhou para o Filhote do Sol, que também franzia a testa para a névoa ao redor. " *Nós dois estamos* ."

Ele disse isso apenas porque sabia que poderia fazê-la se sentir melhor. Para que ela soubesse que eles ainda não tinham se matado.

Embora ele desejasse desesperadamente isso.

Oro e Azul caminhavam em direções opostas, decididos, como se estivessem indo em direção a algo. Grim se remexeu impacientemente. Queria ir embora. Queria obter as informações necessárias e ir até ela.

Seus dedos se curvavam e esticavam. Ele tentou respirar, acalmar o pânico. Não funcionou. Não, ela era a única pessoa que podia ancorá-lo. A única pessoa por quem valia a pena se ancorar . Sua mente estava constantemente a mil, se preparando para qualquer eventualidade, presa no futuro, mas ela sempre conseguia trazê-lo de volta ao presente. Porque era ali que ela vivia. E ele queria estar onde quer que ela estivesse.

Ela não estava ali, então ele fechou os olhos para vasculhar as lembranças dela. Aquela foi a vez em que ele chegou mais perto de ver a esposa, então, a cada instante em que não estava procurando maneiras de encontrá-la, ele estava revivendo o passado.

No meio da lembrança de um de seus momentos favoritos, ele sentiu o ar mudar. Percebeu um ponto quase vazio na densidade da névoa. Reconheceu imediatamente a aura ao redor. Uma aura quase oca, quase incolor, que não encontrava há séculos.

Grim suspirou ao abrir os olhos. "Olá, pai", disse ele.

A contragosto, ele se virou, e lá estava ele — seu pai, antigo governante de Nightshade. Seu rosto parecia tão vazio quanto da última vez que Grim o vira, mas sua essência parecia tão efêmera quanto uma tênue fumaça. Ele era apenas um fragmento de alma pútrida preso neste lugar amaldiçoado.

Ele olhou fixamente para Grim e tudo o que disse foi: "Foi você que fez isso?"

Grim não tinha tempo para isso. Olhou em volta e avistou Oro e Azul vagando na névoa. "Fazer o quê?", perguntou Grim, impaciente.

“Reivindique-o.”

Seus dentes rangeram. Ele se lembrou da última conversa que tiveram. Sabia exatamente a que seu pai se referia. Infinito.

“Sim”, disse Grim.

"Bom." A aura de seu pai mudou. Pela primeira vez em sua longa vida, Grim sentiu um arrepio de orgulho vindo de seu pai.

E aquela amargura que Grim havia enterrado após conhecer Isla, aquele ódio por seu pai, ressurgiu agora. Parte dele queria contar ao pai que *havia* reivindicado o Infinito, mas por um motivo que seu pai consideraria totalmente errado.

Seu pai ficaria furioso ao saber que Grim reivindicou o diamante apenas para dá-lo à *esposa* . Isso o assombraria pela eternidade. Seria uma vingança apropriada pela dor que ele infligiu a Grim.

Mas Grim simplesmente não conseguia mais reunir energia para se importar. Sua raiva em relação ao pai... atingiu o ápice. Dissipou-se. O que antes era forte como uma correnteza, agora se transformou em águas calmas. Esse ódio do

passado parecia insignificante, agora que sua vida tinha sentido. *Ela* era sua nova família. Ela era sua alegria, e a vida que ele havia construído com ela apagou todo o mal que a precedeu.

Foi isso que ela fez — ela não fez a escuridão desaparecer... ela a dissipou com sua luz.

Ele não queria contar nada disso ao pai. Nem mesmo queria que o pai soubesse o nome da esposa.

Ele o deixaria no passado, onde ele pertencia.

Seu pai estendeu a mão em sua direção como se fosse lhe dar um tapinha no ombro. Mas antes que pudesse fazê-lo... desapareceu.

Sua aura havia desaparecido completamente daquele lugar. Era como se parte de sua alma tivesse permanecido, necessitando dessa última garantia: ver o destino de Grim cumprido.

Ele se virou, irritado mais uma vez. Já estavam ali há tempo demais. Abriu a boca para dizer aos outros que era hora de ir embora.

Mas Azul e Oro tinham ido embora.



ORO

Oro não sabia o que o estava puxando através da névoa, apenas que alguém o estava esperando.

Egan.

Seu irmão estava ali parado, radiante.

Ele aparecia como um fragmento de luz brilhante, num instante sólido e no seguinte tão transparente quanto a própria névoa.

Após cinco séculos...

Ele estava reencontrando seu irmão mais velho.

Por um instante, os séculos desapareceram, e ele estava de volta ao seu quarto, com o coração acelerado de emoção enquanto Egan o visitava para lhe ensinar tudo o que havia aprendido no treinamento daquele dia. Oro sempre o admirara. Sempre pensara que ele seria o rei perfeito.

Seus olhos ardiam.

Oro finalmente encontrou forças para dizer: "Você está aqui."

O sorriso de Egan se alargou. "Estou aqui. E você também."

Ouvir a voz do irmão... depois de tanto tempo... Ele havia esquecido, percebeu. Havia esquecido como era o som da voz dele.

Ele queria abraçar o irmão, mas não achava que conseguiria, dada a natureza meio corpórea dele. Doeria demais tentar, só para se decepcionar. Então, Oro ficou ali parado, grato pelo que conseguiu: um vislumbre de alguém que amava e de quem sentia muita falta.

“O que você está fazendo aqui?”, perguntou Egan.

Em vez de responder, Oro perguntou: "Você sabe onde está?" Por um instante, ele quis fingir que o único problema em sua vida era a morte de seu irmão.

Egan deu de ombros. "Um obstáculo entre dois lugares", disse ele. Olhou em volta. "Nem sempre é assim. Existe um lugar, além. Um lugar que reluz. Às vezes, porém, estou aqui."

“Você está aqui há muito tempo”, disse Oro, com o peito apertado de preocupação pelo irmão.

Mas Egan o ignorou. "O tempo passa de forma diferente aqui. Não se preocupe." Seus olhos voltaram a ficar sérios. "Por que você está aqui?", repetiu o irmão.

Oro olhou para Azul e viu que o Skyling havia sumido. Provavelmente estava falando com o marido. Ele merecia aquele tempo, por mais curto que fosse.

Oro também aproveitaria esse tempo, pois ele próprio precisava de

orientação.

Ele contou tudo para Egan. Tudo o que pôde, nos poucos minutos que tiveram. Os efeitos das maldições e tudo o que aconteceu depois.

Incluindo Isla.

Ele não pôde deixar de perceber que aquilo ecoava outra conversa — quando Egan disse a Oro que estava abdicando do trono porque havia se apaixonado.

Você vai entender, um dia , Egan havia dito. Oro jurou que nunca entenderia.

Olhe para ele agora.

Por sua vez, Egan não interrompeu. Ele não retomou aquela conversa. Apenas olhou para Oro e disse: "A responsabilidade da nossa família para com o nosso povo é de longa data."

Oro assentiu com a cabeça. "Por causa do nexo", disse ele. A força que o ligava à própria ilha. De modo que, se ele morresse, todo o seu povo morreria também.

Egan franziu a testa. "Eu sempre me perguntei se havia uma maneira de corrigir isso."

Ele e todos os rebeldes em Lightlark, ele havia aprendido. Oro desejava que houvesse uma solução. Ele não queria ser responsável por tantas vidas assim. Não era justo com eles.

“Sinto muito por ter te deixado com tanta coisa para lidar”, disse Egan, com a voz embargada pela emoção. “Tenho poucos conselhos a dar. Exceto... às vezes, é preciso perder algo para ganhar tudo.”

E então, uma mulher materializou-se ao seu lado. Ela tinha longos cabelos escuros e olhos verdes.

Violeta. Ancestral de Isla.

Egan estava noivo de outra pessoa — Aurora. Mas era puramente uma aliança estratégica, uma aliança entre os reinos do Sol e das Estrelas. Egan nunca sentiu nada por Aurora dessa forma, embora ela sempre o amasse.

Quando Egan se apaixonou por Violet, a melhor amiga de Aurora, ele planejava terminar o noivado e abdicar. Mas Aurora, em sua fúria, tinha outros planos. Foi a traição que desencadeou as maldições e séculos de sofrimento.

Mesmo assim, as primeiras palavras que saíram da boca de Violet foram: "Como ela está?"

Oro sabia a quem ela se referia, mas não conseguia acreditar na pergunta. "Aurora?", perguntou ele, chocado.

A Selvagem assentiu com a cabeça. "Ela não está aqui", disse Violet, olhando em volta. Parecia aflita.

Claro. Violet não sabia... ela não sabia que sua melhor amiga era responsável por suas mortes.

Oro não teve tempo para explicar — e ao ver a felicidade no rosto dela, e no do irmão enquanto a contemplava, percebeu que não queria. Ele não podia tirar-lhes a paz.

"Eu pensei que você deveria ser honesto" , disse Grim.

Maldito seja ele. Às vezes, mentir tinha um bom motivo.

"Ela sobreviveu", foi tudo o que Oro disse.

Os olhos de Violet se encheram de lágrimas de alegria. "Eu... eu esperava que ela fizesse isso. Ela era tão poderosa."

Sim. A bruxa era mais poderosa do que qualquer um deles suspeitava. "Ela viveu uma vida muito, muito longa", disse Oro.

Violet sorriu. "Bom. *Bom* . Sinto falta dela", disse, e sua voz ecoou como o vento numa floresta. E Oro não sabia como... Wildling poderia trair sua amiga... e ainda assim se importar tanto com ela.

Mas ele sabia que o amor era estranho e incontrolável. E que, embora pudesse ter julgado duramente o irmão por suas decisões no passado... agora, ele as entendia.

Oro se perguntou se Violet alguma vez se arrependeu disso — de escolher o amor acima de tudo. Acima do mundo, em muitos sentidos. Não que ela soubesse que tinha o destino do mundo em suas mãos.

Mas *eles* sabiam. Oro, Grim e Isla tinham plena consciência de que cada decisão que tomassem moldaria o destino.

A névoa começou a se dissipar, como se uma brisa a atravessasse. A tempestade estava chegando. Seu irmão estava começando a desaparecer. "Você está preso aqui?", perguntou Oro, apressadamente.

Ele balançou a cabeça. "Ficamos aqui porque quisemos." Virou-se para Violet, e aquela expressão em seu rosto... não havia mudado desde o dia em que disse a Oro que a escolhera em vez de sua coroa. "Aqui... finalmente pudemos ficar juntos. Mesmo que apenas por alguns instantes."

Fragmentos de suas almas permaneceram neste lugar amaldiçoado, apenas pela chance de se reencontrarem.

Oro engoliu em seco, sentindo um nó na garganta.

"Pronto?" Uma voz grave cortou a névoa, e Oro olhou na direção do som.

Sombrio. Oro respirou fundo. Ele só precisava de um pouco mais—

Ele abriu a boca para falar, mas quando se virou, seu irmão e Violet haviam desaparecido. Sumiram na névoa.

"Reunião de família?", disse Grim, aproximando-se de Oro. Ele não lhe deu a satisfação de uma resposta.

Naquele instante, a névoa se dissipou com uma suave lufada de ar, e Azul apareceu. Sua expressão era solene, mas Oro percebeu algo nela. Algo em paz. Sem dizer uma palavra, ele estendeu a mão. Grim e Oro a apertaram.

Um instante depois, eles estavam de volta ao Lightlark.



ILHA

Isla deu um suspiro de espanto quando a floresta silenciou ao seu redor. Mas não foi assim que ela se sentiu quando foi transportada para outra lembrança.

Não... era como se algo a tivesse impedido de mergulhar no passado, prendendo-a ao presente.

Ela girou, preparando-se para o ataque iminente de todo o exército de mulheres da floresta.

Mas todos estavam imóveis, alguns tão perto que dava para tocar. Uma adaga esculpida em casca de árvore estava a apenas alguns centímetros do peito dela.

Isla lembrou-se subitamente de Lark, que ainda estava ao seu lado, com os olhos vidrados em transe. Uma das mulheres da floresta estava suspensa no ar, prestes a saltar e prestes a arrancar a garganta de sua ancestral.

Como-

Uma luz brilhou à distância, além dos guerreiros da floresta congelada. A luz cresceu e cresceu até que Isla conseguiu distinguir uma mulher caminhando pela floresta, envolta por uma esfera de energia.

Ela tinha olhos prateados e cabelos prateados, que a faziam lembrar dos estorninhos. Mas Isla não reconheceu aquela mulher. Ela era linda, radiante e apenas um pouco mais velha que Isla.

Ela não tinha arma. Mas Isla podia sentir o poder emanando dela. Ela suspeitava que aquela mulher não precisava de uma arma porque *ela mesma* era uma. Com um simples movimento de mão, os guerreiros da floresta se dispersaram, rolando pela mata como areia sendo varrida.

Só então a mulher olhou para Isla, com a curiosidade brilhando em seus olhos prateados.

"Quem é você?", perguntou Isla, piscando os olhos.

A mulher não respondeu. Apenas estendeu a mão e disse: "Não temos muito tempo."

Isla apenas olhou para aquilo. "Hora de quê?"

Tudo o que ela disse foi: "Feche os olhos".

A mente racional de Isla gritava que aquela era uma estranha e que ela não podia confiar em ninguém naquele mundo. Mas aquela mulher prateada a salvara dos guerreiros. E mais do que isso, Isla sabia, no fundo do seu ser, que ela não lhe faria mal algum. Pelo contrário, na verdade. Pela primeira vez desde que aterrissara em Skyshade, Isla sentiu paz.

Ela fechou os olhos. Não viu nada além de escuridão.

“Abra-os.”

Isla olhou e viu que ainda estava em uma floresta, no centro de uma clareira ampla. As árvores na borda eram mais altas que as outras, mais grossas, mais antigas. A brisa de antes havia desaparecido.

E uma poça d'água prateada estava diante dela, com tamanho entre um lago e uma poça d'água menor.

Isla se virou bruscamente. Lark havia sumido. "Minha ancestral, ela—"

“Vai ficar tudo bem. Por enquanto”, disse a mulher.

Ela precisava de Lark. Ela deveria voltar. Mas como eles tinham chegado ali? Será que tinham usado algum portal? "Quem é você? Por que me ajudou?"

Mais uma vez, a mulher não respondeu. Ela apenas disse: "Você veio aqui em busca de respostas, não é?"

Isla franziu a testa. Como aquela mulher sabia alguma coisa sobre ela? "Vim aqui para salvar meu mundo. Vim aqui... para mudar meu destino."

A mulher olhou para ela, com o olhar fixo em todos os cortes e hematomas que ela havia conseguido acumular no dia ou pouco que estava neste mundo. "Não estou fazendo um bom trabalho nisso", admitiu Isla. A mulher não respondeu e continuou seu exame. Isla sentiu como se pudesse ver através de sua pele, direto para sua alma.

“Sua profecia”, disse a mulher finalmente.

Aquela palavra foi suficiente para gelar o sangue dela. "Você sabe disso?" Como era possível? Eles viviam em mundos completamente diferentes...

“Sua profecia é mais antiga do que você pode imaginar”, disse a mulher prateada. Ela caminhou em direção à piscina. “Que bom que você veio parar aqui, na Floresta Esquecida. Ela só convida certas pessoas para dentro — aquelas que precisam se lembrar...” A mulher fez uma pausa, voltando-se para Isla. “A floresta nunca esquece.”

Isla franziu a testa. "O quê—"

“Para construir seu futuro, você precisa entender seu passado. Precisa entender o que o trouxe até aqui. Porque, não se engane, cada uma de suas ações o conduziu a este exato momento.”

Conserte seu futuro . Era exatamente isso que ela queria fazer. Ela não se importava com quem aquela mulher fosse, contanto que pudesse ajudá-la a forjar um novo destino.

"Como faço isso?", perguntou Isla.

Ela fez um gesto em direção à piscina. Isla parou ao lado dela e olhou para dentro. Ela fez uma careta ao ver seu reflexo. Havia crostas de sangue em seu rosto. Seu cabelo estava emaranhado e sua armadura, imunda.

Então, uma única ondulação se formou no centro da piscina, espalhando-se em anéis perfeitamente posicionados. Seu reflexo oscilava nas ondas, distorcendo-se—

Até que a superfície da água mudou.

Aquilo se tornou um reflexo de todas as memórias que ela acabara de vivenciar naquela floresta. Sua criação. Seu treinamento. Tudo passou diante de seus olhos como um relâmpago, como se toda uma infância de dor, perda e

solidão tivesse sido destilada em um único segundo.

E então a piscina ficou parada novamente.

Isla não percebeu que estava de joelhos até se ver refletida mais uma vez. Ela não percebeu que estava chorando até que a mulher colocou a mão em seu ombro.

Agora que ela não estava mais em perigo imediato... agora que ela estava naquele bosque... tantas emoções vieram à tona.

Seu treinamento, seus guardiões. Todos os ossos quebrados, toda a pele dilacerada, todos os ferimentos, toda a responsabilidade, toda a culpa, todo o isolamento. Toda a traição. Todas as *mentiras* .

Ela não conseguia respirar — sentia como se estivesse sufocando com a dor. Antes que pudesse dizer uma palavra, os braços da mulher a envolveram num abraço reconfortante.

E Isla soluçou.

"Eu era apenas uma criança", disse Isla, com a voz embargada. A ficha só caiu agora. Ela sempre achou que seu treinamento tinha sido justo. Necessário. Ela só recebeu o que merecia. Ela só foi treinada tão arduamente porque sabia que enfrentaria grandes dificuldades no Centenário.

Mas agora... vendo tudo isso de novo...

Ela se lembrou do horror que sentiu quando Grim lhe contou sobre sua criação. Só agora ela compreendeu que seu treinamento havia sido igualmente bárbaro.

“Eu era apenas uma criança”, repetiu ela, com a voz trêmula. “Apenas uma criança sozinha que queria ser amada. Fui transformada em uma arma, e eu... eu nunca quis isso”, disse ela, sentindo-se como se tivesse oito anos novamente, implorando misericórdia ao mundo.

A mulher assentiu com a cabeça e cantarolou, alisando os cabelos como uma mãe faria. "Você era apenas uma criança. Você nunca quis isso", repetiu ela, e a confirmação de ouvir isso de outra pessoa... Era tudo.

"Eu não quero continuar", disse Isla, com a voz embargada. E ela sabia que era uma coisa fraca e horrível de se dizer, depois de tudo o que tinha feito para chegar até ali. Depois de todos que ela tinha matado. Ela sabia que soava como uma criança. "A jornada já foi tão difícil."

Mas a mulher não a julgou. Afastou-se lentamente para pousar as mãos nos ombros de Isla e olhar nos seus olhos. "Só vai ficar mais difícil", prometeu. "Mas você só ficou mais forte. E essa força... não tem limites. *Você* não tem limites. Você é uma espada. Você vai cortar o presente e moldar o seu futuro à sua vontade. O destino a temerá."

O queixo de Isla tremeu e ela baixou a cabeça. Ela não queria mais ser forte. A mulher acariciou seu rosto para que Isla a olhasse novamente. "Este lugar sempre estará aqui para você quando precisar", disse ela. "Quando começar a duvidar de si mesma, quero que imagine um lago, refletindo cada momento em que você foi corajosa. Cada momento em que lutou, quando era mais fácil desistir. Esta prata lhe lembrará da sua força. Será o seu escudo. Pois este lago não tem fundo, assim como você. Ele estava aqui muito antes de mim e estará

aqui muito depois que nossos nomes forem apenas um eco esquecido no universo."

“Mas eu estou morrendo”, disse Isla. “Minha força vital... está quase no fim.”

Dito isso, a mulher juntou um pouco da água prateada nas mãos e ofereceu a Isla. "Beba. Isso lhe dará um pouco mais de tempo."

Isla não sabia como uma piscina a ajudaria, mas estava desesperada. Ela bebeu e sentiu a água prateada deslizar por sua garganta — e então percorrer suas veias, reacendendo sua energia. "Obrigada", disse Isla.

“Você ainda não está salvo”, disse a mulher. “Estou apenas lhe dando o que todos merecem: uma chance de se salvar.”

Enquanto Isla enxugava as lágrimas, se perguntava como aquela mulher, aquela estranha, podia acreditar nela mais do que ela mesma. Fechou os olhos e respirou fundo. Quando os abriu novamente, a mulher estava lá, esperando. "Diga-me que isso vai acabar." *Acabar com essa dor. Acabar com essa luta. Acabar com esse sofrimento* .

“A noite sempre vira dia, Isla.” Os olhos da mulher se voltaram para o pulso de Isla. Para o amuleto que sua mãe lhe dera. “E você poderá ver o fim disso. Quando estiver pronta.”

"Estou pronta?" perguntou Isla. Precisando que alguém lhe dissesse, porque ela realmente não sabia o que estava fazendo. Não mais. Nunca, pelo jeito que as coisas estavam se desenrolando.

“Não, se você tiver que perguntar”, disse a mulher. Ela abriu a boca novamente — e então sua expressão mudou completamente. Ela apertou as mãos de Isla com mais força e olhou freneticamente por cima do ombro. “Ele está vindo.”

Ele ... Isla não precisou perguntar a quem ela se referia.

A floresta estremeceu. A água ondulou mais uma vez.

A voz da mulher prateada se apressou quando ela a encarou novamente. “Tudo o que você passou a trouxe até aqui. Use seu passado como um guia para seguir em frente. Me desculpe”, disse ela. “Eu estou—”

Isla piscou. E a mulher desapareceu. A piscina prateada e o bosque sumiram.

Ela estava de volta à floresta, cercada pelas guerreiras de pele incrustada. Elas ainda estavam congeladas. Mas não por uma força invisível.

Lark estava no meio do exército, com os joelhos dobrados e os braços estendidos, mantendo-os à distância. A chuva batia em sua testa e escorria pelo seu pescoço. Uma tempestade se formara sobre eles.

"Onde ela está?" Isla exclamou, ofegante, virando-se bruscamente. "Onde está a mulher?"

"Que mulher?" Lark rosnou, enquanto arremessava os guerreiros da floresta para longe, controlando-os a todos de uma só vez. Seus ferimentos começavam a cicatrizar.

Isla franziu a testa. Não. Tinha sido *real* . Tudo aquilo. "O quê—"

Um estrondo retumbante ecoou pela floresta. Pelo universo. O resto do mundo pareceu encolher até virar um sussurro.

Outro. E outro. Era como um gigante caminhando em direção a eles.

O poder de Lark se dissipou por um instante. E, em sua ausência, as guerreiras não atacaram. Em vez disso, uma após a outra, as mulheres se dispersaram, correndo de volta para suas árvores. Selando-se na casca.

Mas foi inútil. A noite silenciou — depois se estilhaçou, e a escuridão ondulou diante deles numa onda que arrasou a floresta, transformando as árvores em cinzas. Então, aquele vazio ruinoso tomou a forma de um homem.

Não era um homem qualquer. Ele se parecia tanto com o marido dela que o coração dela parou por um segundo. Mas ela sabia exatamente quem era.

Cronan.



SINISTRO

"E então?", disse Grim para Azul, assim que pousaram de volta na nova terra dos Skylings.

Ele estava impaciente, inquieto. Sentia a pele repuxada demais. Isla estava em apuros, ele tinha certeza. Seu peito doía, como se sua própria alma lhe dissesse que algo estava muito errado.

Como Azul não respondeu imediatamente, Grim usou suas habilidades para analisar as emoções do Skyling. Elas estavam por toda parte — paz, medo, apreensão, pavor — embora ele estivesse conseguindo manter sua expressão firme.

"Diga logo", rosnou Grim, quando o Skyling permaneceu em silêncio. Ele ignorou o olhar fulminante de Oro ao ouvir seu tom de voz.

Finalmente, Azul disse: “Meu marido me contou que os oráculos da Ilha da Lua tinham uma mãe, lá no outro mundo. Ela se afogou em uma antiga piscina de água escondida. Seu corpo foi congelado no gelo. Muitos anos depois, foi roubado. Ela foi aberta e a água de seus pulmões foi usada para criar outras piscinas.” Grim não sabia o que os pulmões de uma oráculo morta tinham a ver com encontrar sua esposa, mas se obrigou a ficar em silêncio. “O governante dos Lunares que se juntou aos fundadores de Lightlark tinha um frasco e despejou o conteúdo em um lugar em Lightlark. Toda essa água está conectada por um antigo encantamento. A piscina original está no outro mundo. Se ainda existir...”

“Então poderíamos usar a conexão entre as águas como um portal”, murmurou Oro.

Azul deu de ombros. Sua capa azul-celeste farfalhou. "Meu marido não estava convencido de que funcionaria. Mesmo que encontrássemos a piscina em Lightlark, ainda não saberíamos como transformá-la em um portal."

Grim daria um jeito. A esperança, por mais destrutiva que fosse, floresceu em seu peito. Pelo menos era um começo. Finalmente, *algo* que poderia ajudá-lo a chegar até ela. "Ele te disse onde ficava a piscina na ilha?"

Azul assentiu com a cabeça, embora a contragosto.

"Onde?"

Bastaram alguns segundos para chegar a Lightlark. Para acionar um portal e chegar a uma de suas praias. Um penhasco branco estendia-se acima deles, abraçando a costa. A espuma do mar respingava sob suas botas.

"Não vejo nenhuma poça", disse Grim, sombras se formando, buscando, seus nós dos dedos ficando brancos enquanto ele cerrava e abria os punhos. Tudo e todos estavam se movendo muito lentamente. Ninguém mais agia com urgência?

Se ao menos ele tivesse dedicado tempo para estudar melhor a parte mental de suas habilidades. Talvez pudesse extrair todas as respostas de que precisava do Skyling e se livrar desse tormento.

“Só fica visível na maré alta”, disse Azul. Ele apontou para crateras na areia. “A água ancestral está enterrada lá embaixo. Ela emerge quando o mar invade com força.”

Grim mostrou os dentes. Ele não tinha tempo para a maldita *maré* .

Ele girou em direção a Oro. "Faça com que a maré esteja alta", ordenou.

Oro olhou para ele de relance. "O que você acha que eu sou? A lua?"

Num instante, ele se teletransportou para a frente do Filho do Sol — e a garganta do rei estava em seu punho. Ele havia terminado de ser amigável. Suas sombras se transformaram em uma dúzia de espadas afiadas, todas roçando a inútil armadura dourada do rei. "Você é tudo o que eu mandar", disse Grim. Ele apertou ainda mais a garganta do Filho do Sol, deliciando-se com a cor que lhe sumia do rosto enquanto engasgava.

Antes que seus dedos fossem chamuscados. Grim se transformou em sombra um instante depois, mas sua mão *ardeu pra caralho* .

A pele inteira de Oro crepitava em chamas. O Filho do Sol deu um passo em sua direção. "Não", disse ele, com a voz firme, mas tão segura quanto a de Grim. nunca tinha ouvido falar disso. "Eu sou o rei. Você é uma convidada na minha ilha, Nightshade."

Então, ele disparou em sua direção num raio de fogo.

Puxa. Oro claramente não era tão eternamente paciente e educado quanto alegava ser. Isso ficou óbvio pela força com que ele acertou Grim em cheio no queixo. Grim desapareceu num portal, mas não antes de uma dor lancinante atravessar seu crânio. Ele reapareceu do outro lado da praia, com o osso ainda latejando.

Oro se virou, avistando-o. As chamas que revestiam seu corpo se intensificaram.

Grim se envolveu em sombras semelhantes a adagas.

Azul apenas suspirou e sentou-se sobre uma pedra, sem se incomodar em se colocar entre eles.

Eles avançaram um em direção ao outro em torrentes de chamas e sombras.

"Qual é o problema, Skyling? Não vai ajudar seu querido amigo?" Grim disparou contra Azul enquanto seu punho envolto em sombras atingia a têmpora de Oro, lançando-o pelos ares antes de fazê-lo cair na areia.

Azul deu de ombros. "O rei de Lightlark não precisa da minha ajuda."

Ele disse isso no exato momento em que Oro se sentou e liberou um raio de energia do peito tão intenso que atravessou todas as sombras de Grim. O raio o arremessou para trás, parando apenas ao colidir com o penhasco branco. A montanha estremeceu. Rochas se desfizeram enquanto ele deslizava penhasco abaixo.

Mas antes de tocar a areia, ele avançou. Sombras se acumularam em suas mãos, endurecendo-se em puro poder de obsidiana. Ele estava pronto para enviar aquela sombra calcificada direto através do crânio do Sol. Mostrou os dentes,

pronto para atacar—

Então ele ficou mortalmente imóvel.

Oro também parou. Ele ficou a apenas um passo de distância. Seu fogo se apagou completamente.

E nos olhos de Oro, Grim viu o mesmo desespero dilacerante que o fez cair de joelhos, direto na areia. Suas sombras foram levadas por uma onda. Toda a luta o havia abandonado. Sua voz era um sussurro rouco e sufocado. "Por favor... por favor, me diga que você consegue senti-la."

A própria voz de Oro mal chegava a ser um sussurro. "Eu não consigo."

O mundo de Grim estava acabando, ali mesmo, naquela praia.

Porque ele também não conseguia senti-la.



ORO

O amor sempre tornou Oro corajoso. O amor de sua mãe o ajudou a superar os momentos mais difíceis de sua vida — o treinamento, até mesmo o aprisionamento por ordem de seu pai por se recusar a usar ouro. O amor de seus amigos o ajudou a superar a guerra, a morte de sua mãe e as consequências. Seu amor por seu povo, seu dever e seu irmão o ajudaram a superar as maldições.

Embora tivesse sido corajoso durante séculos, seu coração se transformara em gelo com o passar dos anos. Ele havia perdido a esperança de que as maldições algum dia seriam quebradas.

E então Isla irrompeu em sua vida, despedaçando seu coração frio. Ela foi o primeiro sinal da primavera após um longo inverno. Seus olhos verdes brilhavam com determinação, coragem e força, e Oro não pôde deixar de lutar por um mundo que merecia tê-la nele.

Sua mãe sempre lhe dizia para encontrar sua chama . E ele encontrou. *Ela* era sua chama — a lembrança em seu coração de sempre continuar lutando pela luz, mesmo na escuridão sem fim.

Ele se recusava a acreditar que ela tivesse partido. Um fogo como o dela não podia ser simplesmente apagado.

Mas nenhum dos dois conseguia mais senti-la. Grim estava de joelhos, ofegante. Arranhando o chão. *Tremia* de medo e angústia. Oro queria fazer o mesmo — seria tão fácil desmoronar, mas naquele momento, ele precisava ser racional. *Ela* precisava que eles continuassem.

Então, ele caminhou até Grim e lhe deu um tapa. Forte. O Nightshade nem sequer se mexeu. Ele apenas olhou lentamente para Oro com uma expressão tão... Devastado, era como se ele fosse incapaz de sentir qualquer emoção além de uma tristeza que corroía a alma.

Por um instante, ele quase viu seu velho amigo naquele olhar. Um amigo que ele gostaria de ter consolado, em meio a tanta dor.

Oro agarrou seus braços e o puxou para que ficasse de pé. "Se ela estivesse morta, você também estaria", disse ele. Grim havia ligado sua vida à dela para salvá-la.

Grim balançou a cabeça. "Você não sabe disso, eu poderia—"

Oro deu-lhe outro tapa. A cabeça de Grim virou bruscamente para o lado. Desta vez, quando o Nightshade o encarou novamente, havia um leve tom de irritação em sua expressão.

“Você tem razão. Não sei ao certo”, disse Oro. “Mas o que eu sei é que Cronan a encontrará, se já não a encontrou. Sei que uma guerra está por vir e

certamente nos matará a todos. Matará *você* , se não se recompor o suficiente para enfrentar o que está por vir. E sei que você se importa principalmente com ela, então deixe-me ser claro. Se ela estiver bem — e eu acredito que esteja —, então *a sua morte* a matará.”

Grim olhou para o chão. Respirou fundo, com dificuldade. "Você está—"

Oro tentou lhe dar outro tapa, mas a mão de Grim se ergueu e agarrou seu pulso. O Nightshade lentamente ergueu o olhar para encontrar o de Oro. "Me toque de novo, e eu eliminarei a necessidade de minha esposa fazer uma escolha que cumpra esta profecia." Ele apertou o pulso com tanta força que quase quebrou um osso.

“Aqui está você”, disse Oro, com um leve tremor no canto da boca. Era esse o Grim que ele precisava para salvar Isla.

Grim franziu a testa, soltou a mão e eles se voltaram para Azul, que teve a sensatez de permanecer em silêncio durante toda a discussão.

Oro sabia que precisava ser o forte naquele momento. Mas por dentro, estava em completa devastação. E se ela tivesse ido embora para sempre? O que ele faria? Ele nunca mais amaria, disso tinha certeza. Seu coração se endureceria. Ele seria forçado a fazer o que vinha fazendo nos últimos meses, desde que Isla o deixara para pôr fim à guerra: existir como um fantasma em suas memórias, revivendo os melhores momentos de sua vida sabendo que jamais estariam juntos novamente. Ele se sentaria sozinho naquela praia da Ilha do Sol, contemplando o mar da cor dos olhos dela.

Em toda a sua longa vida, ele jamais nutrira a esperança, por mais divina que fosse, de que Grim permaneceria vivo.

Ele precisava acreditar que ela ainda estava por aí. " *Eu te amo"* , pensou ele, desejando que a mensagem a alcançasse, onde quer que ela estivesse. " *Mesmo com um universo nos separando, eu te amo. Mesmo em terras inimigas, eu te amo. Mesmo que você nunca mais queira estar comigo, eu te amo* ."

Ele se agarrou àquelas palavras enquanto fechava os olhos e invocava o mar. Ele nunca fora o mais forte dos Lunares, como Cleo frequentemente lhe lembrava, mas precisava ser forte por Isla, então simplesmente *era* . Ele reuniu cada fragmento de sua habilidade—

E mudaram as marés por conta própria.

A água invadiu a praia, cobrindo-a de sal e espuma. Azul os levou para o alto com o vento, e daquela altura, eles observaram todas as poças se encherem, até que uma delas brilhou em um estranho tom de azul.

Era isso. Tinha que ser. Eles pousaram sobre um pedaço de areia remanescente e caminharam em direção a ele.

Este era o portal deles.

Sem hesitar um instante, Grim saltou para a água. A correnteza rugia ao seu redor, ondas quebrando para dentro e para fora, mas ele caminhava firme em direção ao centro. Suas sombras se estendiam atrás dele, escurecendo a água como tinta, e Oro quase podia ver seu talento se formando, criando um portal.

Grim estava com os olhos fechados, concentrado. O suor escorria por suas têmporas.

Por favor, funcione , implorou Oro ao universo. Ele ofereceu tudo o que estava ao seu alcance. *Por favor* .

Mas minutos depois, nada havia acontecido.

Grim rugiu de frustração, suas sombras disparando em todas as direções, lançando cinzas pelo mar.

O marido de Azul tinha razão. O talento de Grim e a própria piscina não eram suficientes.

Oro desejava poder se deixar afogar em sua tristeza. Mas Isla precisava que ele mantivesse a cabeça acima da água.

Ela precisava que ele encontrasse uma maneira de transformar aquela piscina em um portal.



ILHA

Os olhos de Cronan Malvere eram tão mortos e vazios quanto este mundo. Ele olhou para Isla como se ela fosse um novo planeta curioso para destruir. "Então, você é o que eu estava procurando", disse ele, com a voz plana e ressonante, como a de Lark. Uma personificação do poder ancestral.

Seus cabelos eram escuros como tinta; sua pele, pálida como osso. Usava uma coroa de metais estranhos, pontiaguda e irregular o suficiente para ser uma arma por si só. O tecido escuro de sua capa parecia absorver toda a cor ao redor. Uma energia sinistra o envolvia, como se sua alma fosse um vazio implacável.

Ele caminhou em sua direção, e ondulações se formaram nas cinzas em que aquela parte da floresta havia sido reduzida. Cada passo ecoava, o poder emanando das profundezas da terra. Isla percebeu que estava enganada — ele não era nada parecido com Lark. Era algo mais antigo, mais formidável. Inevitável.

Isso ficou ainda mais claro quando Lark olhou para ele e avançou. Em sua expressão, Isla viu não apenas fúria absoluta, mas também mágoa. Pura, amarga, ressentimento milenar. Essa antiga Selvagem quase destruiu seu mundo, formou exércitos de mortos-vivos, arrancou pela raiz tudo o que Isla conhecera e amara.

E Cronan nem sequer olhou para ela enquanto estalava o pulso como se estivesse matando uma mosca — e Lark foi despedaçada.

Não . Isla engasgou, observando sua ancestral ser reduzida a um monte de carne, osso e sangue. Isla havia perdido a chance de absorver o poder de Lark. Perdido a oportunidade de trazer todos de volta—

Mas então Isla viu aqueles pedaços de pele e tendões começarem a se mover, arrastando-se uns em direção aos outros através das cinzas cobertas de sangue.

Cronan não perdeu mais tempo com Lark. Seu olhar estava fixo apenas em Isla.

Sim, ela o subestimou completamente.

Ela sabia que era inútil. Inútil assumir sua posição, erguer sua própria espada, canalizar a energia da tempestade iminente e se cercar de todas as suas habilidades, liberar as nevascas e furacões contidos em seu orbe, envolver-se em anéis de estrelas, fogo, sombras e gelo. Mas ela o fez.

E num ímpeto de escuridão, Cronan rompeu todas as suas defesas como se fossem meros sopros de vento. Antes que ela pudesse sequer piscar, ele a segurava pela garganta, com os pés balançando acima do chão.

Ele arrancou a espada de suas mãos. Examinou-a por um instante, parecendo satisfeito. Então, voltou sua atenção para ela enquanto ela se debatia e lutava

para respirar.

Ele olhou nos olhos dela apenas por um instante, antes de seu olhar se desviar para baixo. Para o colar de diamantes negros que repousava junto ao seu pulso.

E então esse ser imortal capaz de destruir o mundo, com poder insondável... riu. O som era desprovido de qualquer alegria, apenas de cruel divertimento. Ecoou em seu crânio, e sua visão começou a turvar.

“Worldkey”, disse ele, olhando para a espada, a pedra e depois para ela. “Eu vasculhei o universo em busca de você.” Um sorriso sem alegria surgiu em seus lábios. “E você veio até mim.”

Então tudo ficou escuro, como se as próprias estrelas tivessem sido engolidas por completo.



ILHA

Isla acordou no chão, no centro de uma sala circular. O teto era abobadado e feito de vidro, revelando uma galáxia espiralada, estrelas e planetas entrelaçados em uma confusão de prata, roxo e azul. Formavam o desenho de uma coroa, como se tivessem sido forçados a ali. Tomados e amarrados.

Isla imaginou que, se pudesse acessar suas habilidades, elas seriam amplificadas em um lugar como aquele. Mas, sem uma tempestade presente, ela estava sozinha. Agora, ela sabia por quê.

Cronan era um vazio. Ele havia conquistado este mundo, e seu poder era um véu sobre tudo, drenando-o completamente. Somente as tempestades conseguiam romper essa barreira. Se Cronan era o veneno, as tempestades eram o antídoto. Nem mesmo seus skyres conseguiam penetrar essa malícia. Essa era uma maldição exclusiva dele, e Isla se perguntava se haveria alguma marca capaz de rompê-la.

“Que reviravolta interessante...” disse Cronan de algum lugar atrás dela. Foi só quando Isla tentou se sentar, para encará-lo, que percebeu que não conseguia se mexer. Ela estava presa ao chão pelo poder dele. Ela nem conseguia falar.

Ela só conseguiu piscar quando Cronan entrou em seu campo de visão, obscurecendo a galáxia atrás dele para observá-la de cima.

Era impressionante a semelhança. Grim era belo como um deus, assim como seu ancestral. O cabelo de Cronan, porém, era mais curto e coroado por aquela estranha coroa retorcida, que irradiava energia como se tivesse sido forjada a partir de um universo fragmentado.

Isla não conseguia olhar para aquilo por muito tempo sem sentir um puxão agudo nos ossos, tal como acontecia com os cavaleiros, como se o seu sangue fosse o mar e a coroa dele a lua.

Ela voltou a fixar o olhar no rosto dele. Sentiu uma pontada de tristeza ao pensar no marido.

Ela deveria ter lhe contado a profecia antes de partir. Deveria ter compartilhado seu plano. Por tanto tempo, ela o culpou por tomar decisões sem consultá-la. E embora isso não fosse exatamente a mesma coisa, também não era tão diferente.

Ela não lhe havia contado pelo mesmo motivo que ele a mantivera no escuro antes do Centenário: ela tinha medo de que ele a impedisse.

“Parece que minha linhagem enfraqueceu”, disse Cronan, com a voz carregada de desgosto enquanto encarava o diamante em seu pescoço.

Ele claramente tinha o poder de matá-la e ficar com a pedra. Então, por que

ainda não o fez?

Isla se perguntou se ele conseguia ler seus pensamentos quando disse: "Matar você seria fácil". Ele apontou para o céu. "Destruí muitos planetas para consumir sua energia. Mas, de vez em quando, encontro um planeta que é mais útil manter vivo. Conquistá-lo , em vez de extingui-lo." Ele olhou para ela, e Isla engoliu em seco. Ela reuniu todas as suas forças para tentar se libertar, mas não conseguiu se mover um centímetro sequer.

“Você, Worldkey”, continuou ele, “é mais útil para mim viva, por enquanto.” Uma sombra emergiu de sua coroa e deslizou lentamente em direção a ela. “O diamante Infinito ainda luta contra mim. É um poder antigo e consciente. Ele precisa *escolher* ser reivindicado.”

Uma onda de alívio percorreu seu peito. Se aquilo fosse verdade, daria a ela mais tempo para pensar em como sair daquela situação. Significava que ele tinha um incentivo para mantê-la viva.

Esse alívio logo se dissipou quando ele disse: "Você empunha o Infinito. Ele aceitou que você o usasse... então eu não preciso controlar a pedra." Ele inclinou a cabeça. "Quando eu posso simplesmente controlar você."

O medo percorreu sua espinha. Ele a tinha sob seu domínio absoluto. Seria possível obrigá-la a fazer qualquer coisa que quisesse? "Olhe para você", disse ele, e a própria essência dela se encolheu à sua aproximação. "Minha maior arma até agora."

Não. Ela não faria *nada* por ele. Ela lutou para se mover, para se libertar de seu aperto, mas foi inútil. Aquelas sombras de sua coroa apenas se aproximavam cada vez mais.

“Eu conheço o mundo de onde você vem. Eu ajudei a criá-lo. Então sei que ele nunca produziu alguém tão poderoso quanto você. Você, que possui habilidades de todos os seis reinos, que consome as almas de todos que matou, cujo coração foi fundido pela semente de poder que usamos para criar a ilha.”

Os olhos de Isla se arregalaram. Como ele sabia disso? Alguns Nightshades tinham habilidades mentais. Será que ele já havia saqueado as dela? Seu peito ardia, bem na marca em forma de estrela onde a flecha havia perfurado seu coração, onde o Coração de Lightlark a havia costurado de volta. Bem onde o skyre que ela havia drenado para fechar o portal estivera.

“Eu me vejo em você”, disse Cronan. “Tanto potencial para a grandeza. Para a destruição. Já está dentro de você. Mas há muito mais para descobrir.”

Ela nada pôde fazer além de assistir horrorizada enquanto a sombra atingia sua testa — e seu mundo se transformava em dor.

Sua visão pulsava em branco, suas veias se enchiam de veneno. Se pudesse mover o corpo, estaria convulsionando de agonia. Mas nada podia fazer enquanto aquelas sombras afiadas como adagas mergulhavam em sua mente, bisbilhotando, abrindo, dilacerando por onde passavam. Lágrimas escorriam pelo seu rosto, acumulando-se em seus ouvidos.

A risada de Cronan ecoou em seu crânio. "Eu sei que você veio aqui para me matar. Mas, em vez disso, você vai se juntar a mim."

Nunca .

Ele ouviu as objeções dela e disse: "Não importa o que você queira... quando eu posso moldar sua mente em qualquer coisa que eu precise."

O medo que a percorria, como uma aguada, transformou-se em convicção. Não. Ela já havia sofrido demais para ser controlada por outra pessoa. Não conseguia se mover, não conseguia lutar, mas ergueu uma fortaleza em sua mente, bloqueando-o, uma fortaleza construída com pedras de ferro forjadas pelo amor que sentia por todos que deixara para trás e pela sua pura vontade de impedir que aquele monstro os visse. Ela seria uma muralha entre eles. Ela resistiria até que não restasse nada dela.

Porque, mesmo que seus poderes não existissem, seu amor por eles era infinito.

De repente, as sombras desapareceram de sua mente. Isla suspirou aliviada, engasgando com as lágrimas que lhe subiam à garganta.

A galáxia acima fervilhava e girava como se estivesse conectada às próprias emoções de Cronan. Embora sua expressão permanecesse impassível, era evidente que ele estava furioso.

Num instante, ele a ergueu no ar, segurando seu queixo entre os dedos enquanto ela flutuava indefesa. Daquele ângulo, ela podia ver os pedaços de sua armadura empilhados num canto. A *armadura de seu pai* . O osso divino estava sobre ela, junto com seu orbe de tempestades. "Você vai me deixar entrar na sua mente... ou eu vou forçar a entrada", disse ele. "Toda fechadura tem uma chave. Tudo pode ser quebrado."

Ela não duvidava que ele conseguiria ultrapassar suas defesas. Mas ela lutaria contra ele a cada passo do caminho.

Cronan inclinou a cabeça para ela. "Vai ser doloroso. Seria mais fácil para nós dois se você simplesmente... cedesse."

Ela precisou de toda a sua força de vontade para se libertar do seu aperto o suficiente para sussurrar: "Nunca".

Ele a soltou de repente, e ela caiu com força de joelhos. Ela ofegou em busca de ar.

“Você vai mudar de ideia. Eles sempre mudam...” Cronan olhou para sua galáxia. “Para cada fechadura... existe uma chave...” repetiu para si mesmo.

E Isla sabia exatamente qual era a sua chave. Ela sabia o que a faria fazer qualquer coisa.

Os homens que ela amou.

Se Cronan pudesse sentir a ligação dela com cada um deles... ele poderia encontrá-los. Ele poderia trazê-los para cá por meio de um portal...

Isla não permitiria que ele os usasse contra ela. Ela já lhe havia dado o suficiente, apenas por estar ali. A espada dele. O osso divino. *Os dela* . Ela não os entregaria a ele.

Os laços entre ela e eles... brilhavam como pontes. Uma, dourada e reluzente. Outra, da cor da noite. Ela podia senti-los, vagamente, do outro lado, mesmo a mundos de distância.

O amor sempre foi ensinado como uma maldição, especialmente para governantes. Significava dar a alguém acesso total ao seu poder, tornando-se

vulnerável. Pela primeira vez, Isla se perguntou se o laço de poder inquebrável formado pelo amor era realmente uma maldição, como o nexo.

E se fosse uma maldição... com o talento do pai dela, será que ela poderia escolher ser imune a ela?

Ela faria qualquer coisa para protegê-los.

Então, embora lhe parecesse errado, embora lhe causasse uma dor profunda, embora exigisse cada gota de energia que ela conseguia reunir de suas forças, Isla buscou aqueles tênues laços que ainda a ligavam aos homens que amava...

E os deceparam.



SINISTRO

Ele não conseguia senti-la.

Seu coração... ela estava desaparecida. Ao menos aquele tênue fio lhe servira de âncora, uma garantia de que ela estava por aí, em algum lugar do universo.

Agora, tudo havia desaparecido por completo. Ele esperava para se juntar a ela. Ele acolheu a morte se isso significasse reencontrar Isla.

Mas seu coração continuou batendo.

Oro estava certo. Ela devia estar viva. Então, por que as duas conexões com ela haviam sido cortadas? O que havia mudado?

Ela deve ter encontrado um jeito de cortar a ponte. E, se ele conhecia bem a esposa — *e conhecia* —, podia supor que era porque ela os estava protegendo.

De quê? De *quem* ?

Cronan deve tê-la encontrado.

Sombras emanaram dele e, por um instante, o mundo mergulhou na noite. Sua escuridão encobriu até mesmo o sol. Grim abriria caminho através de qualquer obstáculo que o impedisse de alcançá-la. Até mesmo seu próprio ancestral.

Seu poder lhe foi devolvido. Ele precisaria dele.

Eles tentaram de tudo com o que tinham, mas nada funcionou. Agora, ele estava sentado na beira do penhasco com Oro, acima da praia com as poças de maré, observando o mar enfurecido abaixo deles, tentando bolar um plano em meio ao pânico. As ondas pareciam tão implacáveis e furiosas quanto ele se sentia, quebrando contra a costa repetidamente em uma espuma densa.

Oro finalmente olhou para ele. Grim não conseguia distinguir onde as emoções de Oro começavam e as suas terminavam. Ambas estavam carregadas de um desespero profundo, de desesperança e raiva.

“Precisamos parar com isso”, disse Oro. Ele tinha o lábio rachado e um olho roxo. Sua armadura dourada estava chamuscada com cinzas.

"Pare de procurá-la?", exigiu Grim.

"Nunca", disse ele. Fez uma careta ao apontar com o queixo para Grim. "Isso. Nós. Brigando."

Certo. Grim não sentia a mandíbula, porra. Mas isso não importava. Essa dor física não era nada — *nada* — comparada à agonia em seu coração e alma.

“Ela precisa que estejamos alinhados. Especialmente... especialmente agora.”

Grim sabia que o Filhote do Sol tinha razão. Essa última briga era prova suficiente de que nenhum deles havia, de fato, deposto as armas quando se tratava de trabalhar em equipe.

“Houve uma época...” disse Oro, “em que costumávamos sentar em um penhasco, exatamente assim.”

Grim se lembrou. Claro que se lembrou. "De uma época em que éramos amigos", disse ele.

Ali estava. A verdade entre eles que ambos talvez tivessem tentado esquecer. Eles *tinham sido* amigos. Duelavam todos os dias, bebiam até ficarem entorpecidos e conversavam sobre coisas que ninguém mais entenderia.

Ele supôs que Oro era a única pessoa neste universo que poderia compreendê-lo agora. Um governante cujo ser inteiro girava em torno de uma mulher que estava a mundos de distância.

"Sinto muito", disse Oro, e isso foi o suficiente para tirar Grim de seus pensamentos. Ele olhou para o Filho do Sol, tentando enxergar suas emoções. Não havia nada além de verdadeiro arrependimento.

"Para quê?" perguntou Grim, voltando-se para o mar.

“Por não acreditar em você. Quando você disse que não lançou as maldições.”

Grim fechou os olhos. Aquele foi o momento que transformou amigos em inimigos. Oro tinha sido o único amigo que ele já teve. E bastou um segundo para Oro quebrar a confiança entre eles.

Aurora havia lançado as maldições por causa de uma amizade rompida. Grim quase a entendia agora. A dor, a traição... aquilo o havia marcado. O havia isolado por séculos.

Grim ficou em silêncio por um tempo, deixando o rugido do oceano preencher o espaço entre eles. Finalmente, ele olhou para Oro novamente.

"Eu também sinto muito", disse Grim, lentamente, com dificuldade para pronunciar as palavras. "Por ter planejado te matar. E por ter começado uma guerra contra você."

Oro apenas piscou para ele. "Não, você não é", disse ele.

Que estilo incrível.

Grim deu de ombros enquanto voltava sua atenção para o horizonte. "Você tem razão. Eu não faria tudo de novo. Porque foi por ela. E por ela... eu faria qualquer coisa."

Com um suspiro, Grim se levantou. Chega de lamentações. Agora, era hora de descobrir como criar um portal para outro mundo e chegar até sua esposa. Oro também se levantou.

"Trégua?" perguntou Grim, estendendo a mão.

Oro ficou apenas olhando fixamente para aquilo.

Grim revirou os olhos. "Não vou tentar te matar, a menos que isso me ajude a chegar até ela."

Oro olhou para ele sem expressão. Grim sabia que podia sentir a sinceridade em suas palavras, o que, de acordo com suas emoções, não o deixava nem um pouco seguro. Mesmo assim, o Solário suspirou profundamente e então apertou a mão de Grim. "Trégua", disse ele.

“Ótimo.” Grim endireitou os ombros e se ajeitou. “Vou voltar para Nightshade para ver o que encontro. Volto quando tiver alguma coisa.”

Ele soltou a mão de Oro e desapareceu.



ORO

Oro caminhava de um lado para o outro em sua sala do trono, um rastro de chamas irrompendo a cada passo seu sobre o piso dourado. Isla estava claramente em apuros, e Oro sentia-se à beira de um colapso por não poder ajudá-la. Ele precisava descobrir como abrir o portal na poça de maré, mas por onde começar? Grim havia partido para Nightshade horas atrás, depois de terem esgotado todas as teorias, todos os recursos...

A única outra coisa que eles tinham eram esses fios inúteis. Eles brilhavam na palma da mão dele, ásperos e pesados. Era praticamente tudo o que tinham feito desde que ele os conseguira. Até então, Oro não fazia ideia de por que eles tinham sido valiosos o suficiente para que seu pai passasse quase todo o seu reinado procurando por eles. Ou perigosos o suficiente para serem escondidos a quilômetros de profundidade no mar.

Oro vasculhou sua biblioteca em busca de qualquer informação que pudesse guiá-lo, mas não teve sorte. Tentou canalizar energia para os fios — nada. Estava a um passo de arremessar aquelas malditas coisas do outro lado da sala.

Quando seu dedo prendeu em um dos fios, fazendo-o se desfazer. Ele tentou empurrá-lo de volta para dentro—

E ouviu vozes. Ele ergueu a cabeça bruscamente, esperando ver seus amigos entrando. Mas aqueles não eram seus amigos.

As pessoas que entravam com passos firmes em sua sala do trono eram estranhas.

Eles eram claramente Filhos do Sol, vestidos de ouro. Mas suas roupas tinham um estilo que ele nunca vira antes, os tecidos brilhantes sussurrando contra o chão e fluindo atrás deles como ouro líquido. Continuaram a conversa como se Oro não estivesse bem na frente deles — na verdade, caminharam direto para ele como se ele não estivesse na sala. Ele estava prestes a protestar quando o atravessaram, seus corpos se transformando em fios brilhantes de areia e fumaça antes de se reformarem atrás dele, como espectros.

O que foi isso?

Eles murmuravam, mas Oro não conseguia entender o que diziam. Parecia que tudo estava debaixo d'água. Então, a conversa parou abruptamente e todos se voltaram para a entrada da sala do trono.

Um homem imponente de cabelos dourados atravessou as portas. Caminhou com determinação, direto para o trono. Oro já tinha visto retratos suficientes no salão para saber exatamente quem era.

Horus Rey. Seu ancestral. Um dos fundadores da ilha.

Oro apressou-se a desvendar mais fios, mais rápido desta vez, para testar uma teoria, e as pessoas ao seu redor desapareceram em longas colunas de fumaça dourada. Enquanto desvendava os fios, anos passaram diante de seus olhos, o cômodo se transformando, pessoas entrando e saindo. Sua mente fervilhava, seus olhos se esforçando para absorver tudo. Seu corpo parecia ser puxado para a frente, como se estivesse sendo arrastado por uma forte correnteza.

Até que ele parou de mover o polegar, e tudo ao seu redor se acalmou novamente.

O coração de Oro se apertou ao reconhecer a mulher à sua frente. Sua mãe estava a poucos metros de distância, mais jovem do que ele jamais a vira. Ela empunhava uma espada reluzente e falava com um homem — seu pai. Oro não conseguiu ouvir a resposta, mas parecia que ele estava implorando a ela.

Sua mãe deu meia-volta e seu pai a seguiu como uma criatura perdida, com uma expressão de pura adoração. Oro piscou, surpreso. Ele sabia que eles tinham vivido uma grande história de amor quando se conheceram. Mas só havia testemunhado o relacionamento deles muitos anos depois, quando todo aquele calor já havia se extinguido. Será que a insistência de seu pai em encontrar o Será que os Fios do Tempo a afastaram? Será que o transformaram no pai frio e indiferente que Oro conhecera na infância?

Ele-

"O que você está fazendo?"

Uma voz clara como o dia o assustou, fazendo-o deixar cair os fios no chão. Num instante, seus pais haviam desaparecido.

Enya estava na frente dele, franzindo a testa para o monte de fios de ouro. "O que é isso?"

Com cautela, ele se abaixou para pegá-la e fez uma careta. Sua cabeça latejava. Seu corpo estava pesado e exausto, como se tivesse nadado por horas. Mesmo assim, os fios brilhavam no chão, como que convidativos.

“Isso... controla o tempo. Supostamente”, disse ele. Sua voz estava rouca.

Enya ergueu uma sobrancelha. "Supostamente?"

Seus dedos se enrolaram nos fios, que estavam mais quentes do que antes. "Acho que acabei de ver... milhares de anos. Destilados em segundos."

Qual era a extensão da capacidade dessas linhas temporais de simplesmente enxergar o passado?

"Parece exaustivo", disse Enya. Ela franziu a testa, examinando-o de cima a baixo. "Você não parece bem."

“Obrigado”, disse Oro, sem demonstrar qualquer emoção.

Seus lábios se contraíram. "Quer dizer, você está com uma aparência pior do que o normal."

“Mais uma vez, obrigado.”

“Estou falando sério. Você parece...”

“Como devo reagir?”, disse ele, surpreendendo-se com o próprio tom de voz. Não pretendia gritar. Tentou suavizar um pouco a voz. “A mulher que amo partiu há meses… depois voltou… e eu… eu tinha esperança de que talvez…” Ele não terminou a frase. Sabia que não precisava. “E agora… ela está em outro mundo,

e eu não consigo mais senti-la, Enya. Nenhum de nós consegue.” Sua voz falhou ao pronunciar as palavras. De repente, sentiu como se não conseguisse respirar.

“Ei”, disse Enya, segurando-o pelos braços e o amparando, como sempre fazia. “Vocês dois estão fazendo tudo o que podem para tê-la de volta. Mas ela precisa que você seja forte.” Ela suspirou. “Você é a única esperança dela.”

Ele sabia disso. E era exatamente por isso que ele tinha tanto medo. E se ele não fosse forte o suficiente para ajudá-la? E se ele não pudesse ser o que ela precisava?

Como se pressentisse sua dúvida, Enya o sacudiu pelos ombros e disse: "Você é o rei de Lightlark. Esqueceu? Você é a pessoa mais poderosa deste mundo. Mais poderoso até do que ele."

Oro não sabia se isso era verdade. Mas concordava que o máximo que podia esperar era que ambos a procurassem.

“Então”, disse Enya. Ela olhou para os fios. “Você viu alguma coisa boa?”

Oro rangeu os dentes, com a cabeça ainda latejando de dor. "Meus pais... eles gostavam *um* do outro."

Enya conhecia os pais dele quase tão bem quanto ele próprio. Ela fez uma careta. "Sério?"

Ele assentiu com a cabeça. "Eu vi meu pai *sorrir* ."

Ela engasgou. "E o mundo continuou girando?"

Um riso escapou-lhe dos lábios. Era uma sensação estranha. Quanto tempo havia se passado desde que experimentara algo parecido com alegria?

Ele suspirou. "Isto", disse ele, erguendo os fios, "supostamente é uma parte crucial de tudo isto. Supostamente vai ajudá-la a salvar o universo. Mas eu não sei como."

Enya franziu a testa. "Você viu mais alguém? Além dos seus pais?"

“Hórus.”

Ela ponderou sobre isso, mordendo o lábio em concentração. "Talvez essa seja a chave, então. Pense bem. Lark e Cronan estão vivos e envolvidos nisso. O único fundador da Lightlark que está faltando é ele."

“Ele está morto”, disse Oro. Ele próprio vira o cadáver do seu antepassado, junto com Isla.

"Eu sei", disse ela. "Mas talvez ele ainda possa te ajudar."

Enya estava certa. Horus era do outro mundo. Claro, ele, entre todos, teria as informações de que precisavam. Oro só precisava descobrir como usar esses fios para encontrar momentos específicos que pudessem ser úteis.

"Obrigado", disse ele, enxugando o rosto com a mão, exausto. Desde o momento em que Isla partiu, ele e Grim trabalharam incansavelmente para trazê-la de volta, e agora, ele começava a sentir o cansaço.

"A qualquer hora", respondeu Enya. Ela olhou para os fios. "Tenha cuidado com isso", avisou.

"Sim, estarei", disse Oro. Ele voltou para seu trono enquanto ela saía da sala. Ao se sentar, percebeu o quão cansado estava. Deveria dormir. Deveria comer alguma coisa.

Mas, em vez disso, ele começou a desfazer os nós mais uma vez.



ILHA

Quando um dos cavaleiros a jogou numa cela, a mente de Isla já estava completamente desfeita. A muralha que ela havia erguido em sua cabeça mal se sustentava. Ela mal conseguia encontrar forças para chorar, quanto mais para se amparar, e sua cabeça bateu com força na pedra fria e úmida.

Ela não tinha se dado conta de o quanto dependia desses laços com Grim e Oro para se manter forte, até que eles se foram.

Ela ouviu uma risada rouca. "Eu te disse, você é uma idiota."

Lark. Isla não tinha energia nem para olhar para ela. Mal conseguiu encontrar a voz para murmurar: "Uau. Você realmente é indestrutível." Sua ancestral estava envolta em centenas de fitas da última vez que a viu.

A julgar pelo som estridente e ofegante da respiração de Lark, ela também não havia ficado imune. "Neste estado, eu gostaria de estar."

Isla deveria estar se deleitando com o sofrimento de Lark, depois de tudo o que ela havia feito a ela e ao seu mundo. Mas ali, contra Cronan... elas eram quase aliadas, unidas em seu ódio por ele.

Além disso, mesmo que Isla soubesse como matar Lark e absorver seu poder, ela não tinha certeza de como usar suas habilidades para trazer de volta todas as pessoas que havia matado. As pessoas que Lark havia ressuscitado em seu mundo se transformaram em meros reflexos de si mesmas, monstros sedentos de destruição. Ali, supostamente seria possível trazer alguém de volta à vida, exatamente como era. Mas será que isso era possível antes da ruína de Cronan?

Ela não tinha certeza de nada além de sua própria incerteza.

Isla arrastou-se com dificuldade até se sentar contra a parede. Doía pensar. Doía respirar. Quando finalmente viu Lark, encolhida no canto oposto, escondida nas sombras, quase engasgou.

Sua ancestral mal conseguira se remendar. Havia vários buracos em seu corpo, o abdômen mal contendo suas vísceras. Suas costelas eram visíveis através da pele remendada, os ossos quebrados quase brilhando na escuridão. Seu rosto era apenas um mosaico cruel de sangue e carne. Ele fizera isso com ela. Sem pensar duas vezes.

Cronan era a pessoa mais poderosa que Isla já conhecera... mas todos tinham uma fraqueza. E Lark o conhecia melhor do que a maioria.

Para cada fechadura existe uma chave .

"O que aconteceu?" perguntou Isla. "Entre você e Cronan. Você o amava."

Lark fez a melhor careta que pôde. "E veja só onde isso me levou."

Mesmo antes dessa nova existência torturada que Cronan havia infligido a Lark, Isla sabia que eles tinham um longo histórico de traições. Ele a enterrou sob a Beladona por séculos e a explorou para obter poder.

“Precisamos trabalhar juntas para derrotá-lo”, disse Isla, tentando convencê-la. Não que ela tivesse certeza de que Lark pudesse ser convencida pela razão. “Essa é a única chance que temos.”

Lark lançou-lhe um olhar fulminante, claramente indiferente às palavras de Isla. "Não me importa que você seja da minha linhagem. Se eu tivesse forças, mataria você agora mesmo."

"Eu sei", disse Isla. "Se eu soubesse como te matar, eu também mataria."

Lark ficou olhando fixamente para o teto. Isla não achou que diria mais nada, mas depois de nada além do som de algo pingando e do farfalhar de pequenos insetos entre elas, ela sussurrou: "Ele nem sempre foi assim."

Isla não conseguia imaginá-lo de outra forma. Seus olhos eram insondáveis, um vazio imortal.

Lark deve ter percebido a dúvida dela. "Ele sempre foi frio, sim, mas havia algo enterrado por baixo. Eu podia sentir. Havia vida nele. Luz."

Isla piscou, encarando sua ancestral. Era difícil acreditar que *Lark* um dia fora algo além de impiedosa e cruel. Ela tentara destruir seu mundo para criar um novo. Ela tentara matar *todos* . "Você matou centenas. Wren. Remlar. Você é o oposto da luz e da vida."

"Que visão limitada", zombou Lark. "A natureza é *cruel* . A vida não existe sem a morte. É um ciclo infinito e inevitável." Ela sorriu com desdém. "Você pensa que ser Selvagem se resume apenas à criação. Mas *todos* os seres vivos precisam morrer para que outros possam ser criados. A vida se constrói sobre ossos e cinzas. Um novo mundo surge das ruínas de um antigo. A morte sempre foi um processo natural."

"Então era isso?" perguntou Isla, tentando ao máximo conter a raiva. "Vocês dois decidiram que queriam criar um mundo juntos?"

Lark a encarou por um longo tempo. “Eu conheci Horus primeiro. Ele era como você... ele só queria a parte fácil da criação. Ele não percebia que a morte era necessária para criar algo novo. Eu era uma construtora de mundos. Eu podia criar terras inteiras, em reinos que já existiam. Sonhávamos com outro lugar, um lugar onde pudéssemos criar as regras... Então, havia Cronan. E ele entendia os sacrifícios que precisavam ser feitos. Ele estava disposto a fazer o que Horus não estava. Juntos... nós três poderíamos criar algo novo.”

Lark suspirou pesadamente. "Claro, eu não imaginava que Cronan seria o fim deste lugar. O que eu não sabia era que ele tinha seus próprios motivos para querer criar Lightlark. O mundo para onde fomos já existia. Era uma prisão entre galáxias. Havia pouca coisa lá... então eu criei a ilha. A vida. Ele nos usou para chegar a esse mundo, para encontrar um poder que ele já vinha procurando..." Seus olhos se voltaram para o pescoço de Isla. "Aquele diamante... você não faz ideia do que usa no pescoço."

Isla engoliu em seco, lembrando-se de como Cronan olhara para aquilo — com avidez, como se fosse realmente a chave para tudo. "Então me diga."

Talvez se Isla soubesse o que Cronan estava procurando—

Lark riu. Foi um som rouco e doloroso. "Você acha que ainda há esperança. Acha que pode derrotá-lo?" Ela sorriu sem humor. "Garota tola, tola. Você vai dar a ele tudo o que ele sempre quis. Você não passa de uma peça no jogo. É tudo o que você sempre foi... e tudo o que você sempre será."



SINISTRO

Sua esposa passou meses tentando abrir o portal antes de conseguir. Se Grim pretendia fazer o mesmo... ele precisava refazer os passos dela.

Ele começou no palácio de inverno. Isla havia sido ferida por aquela criatura no labirinto. Ele se lembrou do livro que ela carregava consigo.

O livro de skyres.

Não foi difícil encontrá-lo em seu castelo, exatamente onde ela o havia deixado. A princípio, ele pensou que as páginas estivessem em branco, mas então percebeu que havia um encantamento nelas. Ele suspirou impacientemente, folheando-as repetidamente, até que formas intrincadas começaram a surgir.

A imagem mostrava apenas alguns símbolos de cada vez, em partes, e ele não conseguia entender nenhum deles. Era uma arte que havia se perdido em grande parte...

Ele mal conseguiu conter o impulso de transformar o livro — e o resto de sua biblioteca — em cinzas.

Nada disso foi útil. Mas ele conhecia alguém que talvez soubesse. Alguém que sua esposa visitara várias vezes, em suas tentativas de encontrar e abrir o portal.

O augur se assustou quando Grim surgiu através de sua cachoeira de sangue. Ele observou a forma imponente de Grim e viu sua boca irregular se curvar em um sorriso que revelava seus dentes afiados. "Regente. É claro."

Um instante depois, o adivinho foi prensado contra a parede pelas sombras de Grim. Mas a criatura apenas sorriu ainda mais. "Eu sei por que você está aqui. Não faz muito tempo que você veio até mim com um frasco do seu..." seu próprio sangue, perguntando se você havia sido amaldiçoado... Foi porque você se apaixonou por ela, não foi?

Depois que Grim conheceu Isla, ele achou que estava enlouquecendo. Não conseguia dormir, passando noite após noite ao lado da cama dela, envolto em sombras, observando a suave subida e descida de sua respiração enquanto ela sonhava. Ela o atormentava em todos os seus pensamentos. Tinha que ser uma armadilha dos Selvagens, não havia explicação.

Mas ele estava enganado.

"Por sua causa", disse Grim à criatura, "minha esposa está do outro lado do universo." Suas sombras se tornaram mais nítidas, suas pontas a um sopro de pintar a parede com o sangue da criatura.

Os olhos profundos e sem fundo do áugure pareciam apenas girar em um vermelho mais escuro. "Não, não... era *você* ... Ela nunca teria precisado ir embora se nunca tivesse te conhecido."

As palavras da criatura lhe tiraram o fôlego.

Ele estava certo?

Grim cerrou os dentes. Mas isso não importava mais. O que importava era tê-la de volta. "Você ensinou minha esposa sobre skyres, não foi?"

O agoureiro assentiu com a cabeça.

“Conte-me tudo o que você ensinou a ela.”

O adivinho olhou para ele com esmero. Inclinou a cabeça esquelética. "Eu me pergunto... se você soubesse que estava se precipitando para a sua ruína... ainda assim correria tão depressa em direção ao abismo?"

Grim não tinha tempo para esses enigmas. Mas, como o adivinho parecia despreocupado com suas sombras, ele entrou na brincadeira. "Se o abismo era dela... então sim."

“Interessante...” disse ele. “O destino está fragmentado. Dividido ao meio... Será que o rei sente o mesmo...”

Oro amava Isla — isso era evidente. Mas Grim sabia que o rei possuía uma bússola moral que eles não compartilhavam. Essa era a diferença entre eles.

Era por isso que *ele* pertencia à Isla.

“Não posso ajudá-lo com um skyre para chegar ao outro mundo e encontrar sua esposa...” disse o áugure. “Mas quando você chegar ao mundo de Cronan... você precisará de um para ajudá-lo a sobreviver.”

"Por quê?", ele perguntou.

“Cronan é um vazio. Ele pode remover poder, assim como o metal encantado feito de sombras — só que mais forte. Você precisará de uma maneira de contornar isso.”

"Como?", perguntou Grim.

“Ele tem um skyre. Um que ele usa para amplificar seu poder. Se você o gravasse em sua pele com um objeto poderoso... você manteria suas habilidades.”

Grim piscou. Sua preocupação constante com a esposa se intensificou. "Você contou isso para a minha esposa?"

O agoureiro balançou a cabeça negativamente.

Ele se teletransportou para a frente da criatura, fechando o punho em torno de sua garganta fina e frágil. "Por que não?"

“Eu não sabia.”

"Como você sabe disso agora?", perguntou Grim.

O adivinho inclinou a cabeça. "Ela me contou."

"Quem?" A esposa dele?

“A garota prateada. Aquela que vê”, disse o áugure. “Ela fala em uma língua sem palavras, e alguns de nós conseguimos ouvi-la. Ela vê cada vez mais à medida que os dias passam...”

Grim não fazia ideia do que aquela criatura estava balbuciando. Não se

importava, a menos que o ajudasse a chegar até sua esposa. "Essa garota viu alguma coisa que possa ajudar Isla?"

“Só isto”, disse o áugure.

“O que é o skyre de Cronan?” Grim perguntou.

O adivinho deu de ombros. "Ninguém sabe. Você pode imaginar que ele manteve segredo. Mas você é do sangue dele... se alguém pode descobrir, esse alguém é você."

“O que eu uso para fazer isso?”, perguntou ele. Isla tinha a espada de Cronan. Havia outras relíquias antigas, mas ele não conhecia nenhuma tão poderosa.

“A mesma que sua esposa fez.”

Grim balançou a cabeça. "O osso divino se foi." Ela levou aquilo consigo também.

“Não o osso de Deus”, disse o áugure.

E foi então que Grim se lembrou de que Isla *havia* deixado algo para trás.

A pena. Aquela com a ponta brilhante.

"Obrigado", disse Grim. Suas sombras liberaram o adivinho.

E ele se teletransportou de volta ao palácio de inverno para buscá-lo.



ORO

Oro havia assistido a milhares de anos se desenrolarem em sua mente. Exigiu muita concentração e prática, mas logo ele conseguiu ouvir as conversas do passado. Não parecia mais que ele estava debaixo d'água.

Nada havia ajudado ainda a descobrir como criar um portal. Mas isso não significava que ele não tivesse aprendido nada.

O rei perdido estava certo. O passado influenciava o futuro. Ele começou a perceber ciclos que sempre se repetiam. Muitos eventos eram totalmente previsíveis. Como as pessoas não conseguiam enxergar isso enquanto vivenciavam a situação?

Como ele pôde ser tão cego ao óbvio?

Quanto mais ele observava, mais entendia, como se as verdades do mundo estivessem sendo reveladas diante dele. Cada segundo era precioso. Ele não conseguia parar.

Mesmo quando a fome o obrigava a fazer uma pausa rápida nas cozinhas, era como se os fios o estivessem chamando. Ele se via correndo de volta ao seu trono, para sentar e observar. E *aprender* .

Para isso... era o conhecimento supremo. Ele agora entendia por que o rei perdido estivera naquele transe. Por que vivera mil vidas, sentado ali mesmo, no fundo do oceano. Até então, Oro explorara apenas o passado aqui, nesta ilha. Seria possível observar também a história de outros lugares?

Ele tentou controlar seus pensamentos para seguir Horus. Mas o tempo frequentemente saltava. Mesmo quando ouvia conversas com seu ancestral, não conseguia aprender muito sobre ele. portais. Não era surpresa — os Fundadores não *queriam* retornar ao outro mundo. Lightlark era o seu novo começo.

Mas isso não impediu Oro de tentar. Ele sabia que precisava dormir — não dormia desde que Isla partira. Mas quando tentou se desvencilhar do trono da próxima vez... simplesmente não conseguiu.

Ele recostou-se e se perdeu no tempo novamente. Começava a se sentir mais familiarizado com o passado do que com o presente.

Mil anos atrás, ele estava no meio de uma reunião do conselho, ouvindo enquanto—

Houve um lampejo de dor lancinante, e ele foi arrancado de seus pensamentos. A areia dourada e a fumaça do passado desapareceram.

Seus amigos estavam parados à sua frente. Ele rosnou, furioso por ter sido arrancado de um momento tão importante... antes de perceber a preocupação em

seus rostos.

"O que houve?", perguntou ele, indagando. Teria acontecido alguma coisa?

Seus amigos apenas o encararam. Finalmente, Zed avançou bruscamente, frustrado.

"O que foi?" ele rosnou. "Esses fios malditos quase acabaram com todos nós, *o que foi* ?!"

Oro piscou. O quê? Do que ele estava falando? Calder se aproximava dele com uma bolsa d'água. Ele se mexeu — e fez uma careta. Seu braço latejava. Olhou para baixo e viu que sua pele estava cortada desde a dobra do cotovelo até o pulso, e seu sangue jorrava pelo chão dourado. Estava por toda parte, e Oro não sabia como não tinha percebido antes.

“Os fios se entrelaçaram em suas veias...” disse Enya, com o rosto pálido e as sardas mais visíveis que o normal. “Você ficou lá tempo demais. Tivemos que arrancá-los.”

Oro franziu a testa. Quanto tempo ele havia ficado fora? Não devia ter sido mais do que algumas horas. Ele olhou ao redor... e viu escuridão lá fora.

“ *Dias* , Oro”, disse Enya. “Nós te deixamos há dois dias e voltamos para te encontrar assim.”

Ele havia passado *dias* no passado? Quantos anos ele havia percorrido nesse período?

Ele fez uma careta, sentindo todo o peso do cansaço. Piscou, a visão embaçada. Sua pele ardeu enquanto Calder passava a água fria sobre o ferimento que jorrava.

Apesar da dor e do cansaço, valeram a pena.

“As coisas que eu vi...” disse ele, balançando a cabeça. “Você não tem ideia. O conhecimento...”

Enya mostrou os dentes para ele. "Não me importa *o que* você viu, Oro", rosnou ela. "Não me importa o que você pensa que sabe. Porque você quase foi derrotado por alguns pedaços de *barbante malditos* ."

Calder havia terminado de curar o braço e balançou a cabeça. "Não pode ser saudável, ver tanta coisa, tão rápido..."

Saudável? Oro não se importava. "Vocês não entendem", disse ele. Nenhum deles entendia. Por que eles simplesmente não conseguiam compreender? "Eu vi todos os triunfos. Todos os erros. É assim que salvamos a todos... aprendemos! Não repetimos a história!"

Seus amigos não pareciam convencidos. Ainda o olhavam como se ele tivesse enlouquecido.

Oro balançou a cabeça. Eles não estavam ouvindo. Não estavam *entendendo* . "Aqui", disse Oro, estendendo-se para pegar os fios. "Eu vou mostrar a vocês."

Enya avançou rapidamente, abrindo suas asas de fogo entre ele e os fios. "Não."

Oro franziu a testa. O que ela queria dizer com " *não"* ? Ele se esforçou para manter a calma enquanto dava um passo à frente. "Saia da frente."

O olhar dela não se desviou do dele enquanto ela repetia, com muita clareza: "Não".

Ele atacou sem perceber o que estava fazendo. Apenas Zed e Calder, segurando-o, o impediram de alcançá-la. Ele se debateu em seus braços, liberando todo o seu poder. Uma onda de energia lançou Calder contra ele. Contra a parede, a pedra estilhaçou-se com o impacto. Zed voou para o ar para evitar uma rajada de chamas, mas a borda do calor atingiu seu braço. Quando aterrissou, sua pele estava em carne viva, desprendendo-se do músculo.

“O que há de errado com você?” Enya exigiu. Ela agora detinha os fios. E era a única coisa que a impedia. Oro poderia reduzi-la a cinzas em—

Oro piscou, horrorizado. Enya era sua amiga mais antiga... Ele olhou em volta e cambaleou para trás. *Calder. Zed* .

Ele os havia magoado.

“Me desculpe”, disse ele, gaguejando. “Eu... eu não sei o que aconteceu.”

“ Aconteceu *isto* ”, disse Enya, atirando os fios para o outro lado da sala. “Aquilo é maligno. Infiltrou-se na sua mente.”

Oro respirou fundo. Não. Nem tudo era mal. Já lhe havia mostrado tanta coisa. Iria ajudá-lo a chegar à Ilha.

Mas ele não podia negar que os Fios do Tempo o haviam transformado em alguém que ele não reconhecia. "Você tem razão. Me desculpe."

Calder se levantou. Curou o braço de Zed. Seus amigos o tranquilizaram, dizendo que estavam bem.

Eles o conduziram para fora do quarto, acompanhando-o até seu quarto para descansar.

Oro tentou não olhar para os fios no chão, embora pudesse ouvi-los chamando por ele.



ILHA

Isla estremeceu contra o chão frio e polido. Ela olhou fixamente para as galáxias cintilantes além da janela, as lágrimas embaçando as estrelas.

Há dias que a rotina se repetia. Um cavaleiro a arrastava de sua cela para este quarto. Cronan a imobilizava, e suas sombras mergulhavam em sua mente, chocando-se contra as paredes, tentando romper a barreira.

Ela conseguia ouvir os passos dele ecoando enquanto ele se aproximava. Seu coração disparou instintivamente, seu corpo se preparando para a dor. As lágrimas agora eram quase constantes.

“Pelo seu próprio bem, espero que tenha decidido me deixar entrar hoje.” Sua voz ecoou pela sala, perturbando sua mente cansada.

“Não”, disse ela, com a maior firmeza que pôde, pois sua voz era a única coisa que lhe restava. Depois daquele primeiro dia, Cronan a soltou o suficiente para que ela pudesse falar. Ela suspeitava que fosse porque ele gostava de ouvir seus gritos.

“Então, a ideia de romper com isso é...”, disse ele.

"Não posso ser quebrada", disse ela. As palavras saíram mais fracas do que ela pretendia.

Ele riu. "Tudo pode ser quebrado."

Então, sem aviso prévio, suas sombras perfuraram o crânio dela.

A sensação das sombras dele rastejando por sua mente... era pior do que qualquer tortura física. Pior do que uma flecha no coração, pior do que carne queimada, pior do que ser esfaqueada ou morrer de fome debaixo da terra.

E ele tinha razão. Tudo podia ser quebrado. Ela teve certeza disso quando uma pedra em sua parede finalmente se soltou.

Ela não podia mantê-lo afastado para sempre. Mas podia escolher o que lhe mostrar.

Ela sentiu a onda de satisfação dele como se fosse a sua própria, como se as sombras dele sentissem aquela brecha em suas defesas. E mergulharam através dela.

Isla soltou um gemido de dor, tão aguda que ela nem conseguia emitir um som, como se uma lança tivesse sido cravada em seu crânio.

Em meio à agonia, sua visão foi substituída por memórias. Aquelas às quais ela havia permitido que ele tivesse acesso.

Ela se viu na nova terra dos Selvagens, treinando com Terra. Sendo despedaçada. Ferida. Trancada.

Cronan estalou a língua mentalmente. "Um governante... sendo comandado por um mero súdito. Que vergonha."

Ela observou Terra jogar suas espadas duplas no chão. Ao levantar as mãos, ela estava prestes a derrubar toda a floresta sobre Isla.

Mas em vez de ser esmagado—

Isla ajoelhou-se, pegou as espadas e cortou a cabeça de Terra fora.

Ela se enrijeceu, observando a cabeça de sua guardiã atingir o chão primeiro, antes de ser acompanhada pelo resto do corpo.

Não foi isso que aconteceu, ele—

“Era isso que você deveria ter feito”, disse Cronan. “Seu professor falhou com você.”

Ele não estava apenas vasculhando as memórias dela. Ele estava *remodelando* -as. Não—

A cena mudou, e Isla estava em Lightlark, no Centenário. As pessoas na ágora a encaravam boquiabertas. Cochichavam entre si. Olhavam para ela como se fosse um monstro.

Em vez de simplesmente passar por eles, com as bochechas coradas, como fizera no Centenário, os poderes que Isla desconhecia possuírem irromperam, e todas aquelas pessoas foram reduzidas a cinzas. Gritos ecoavam pelo mercado. Raízes foram arrancadas das profundezas da crosta da ilha, emergindo e despedaçando edifícios de pedra. O solo se elevou como uma onda, ondulando, até que o mercado não passou de um monte de ruínas.

Isla observou seus próprios olhos brilharem intensamente — quase negros — e sorriu.

“Isso... não aconteceu...” Isla conseguiu dizer. Se ele tivesse o poder de remodelar esses momentos... ele poderia remodelá-la. Ele poderia transformá-la na arma que desejava.

As sombras de Cronan penetraram ainda mais fundo em sua mente e ela gritou. "Não, mas deveria ter acontecido..." ele disse, sua voz um sussurro ancestral. "Seus súditos... todas essas pessoas... elas te odeiam. Elas te temem. Por que você está tão desesperada para salvá-las? Quando elas prefeririam te ver morta?"

Isla engoliu em seco. Ele não estava errado. O povo de Lightlark, e alguns de seus próprios súditos, a *desprezavam* .

“Tudo isso pode acabar”, disse ele, diretamente em sua mente. “Junte-se a mim... e você nunca mais conhecerá a vergonha. Nunca mais conhecerá o medo. Pois você será o que fará o universo se ajoelhar. Apenas se entregue. Apenas... desista. Não pense mais. Deixe-me pensar por você. Seja minha espada. Seja... minha arma.”

Ela sentia sua mente se dissolver em meio às sombras dele, se remodelando, repensando. Ele tinha razão. Eles a odiavam.

Por que ela lutava tanto para salvar pessoas que a matariam se tivessem a chance?

“Sim...” disse Cronan. “Não os salve... governe-os. Governe todos eles. Assim, eles nunca mais poderão te machucar.”

Magoada . Ela havia se sentido tão magoada...

Outra pedra de sua fortaleza caiu, e Cronan correu através dela em direção a outra lembrança.

Era a primeira vez que ela entrava no novo mundo dos Starlings. Por acidente, é claro, justamente quando estava aprendendo a usar seu bastão estelar.

Isla se viu materializando-se diante de uma garota com uma coroa de estrelas nos cabelos. Os olhos da garota se voltaram para o olho que ainda estava entrelaçado nos de Isla.

"Você... você simplesmente *apareceu* no meu castelo?", disse a garota.

Isla piscou. Se ela não ia usar um portal para desaparecer, pensou, então era melhor responder. "Sim", disse ela, rapidamente. "Eu usei."

O sorriso da garota se alargou. "Você é o governante dos Selvagens, não é?"

Em alguns anos, eles se reencontrariam, no Centenário em Lightlark. Melhor não criar inimizades tão cedo. Isla assentiu.

“Eu sou a governante de Starling.” Ela estendeu a mão. “Celeste.”

Isla olhou fixamente para aquilo. Poppy havia lhe ensinado a convenção social, é claro, mas ela nunca precisara usá-la. Ela nunca conhecia ninguém novo.

A estorninha riu levemente da hesitação de Isla. "Eu não vou te machucar", disse Celeste, com uma voz melodiosa e gentil.

Lentamente, Isla estendeu a mão e apertou a dela.

"Você precisa de um amigo, não precisa?", perguntou o estorninho.

Isla assentiu timidamente. Era a coisa mais sincera que ela já havia feito.

A menina sorriu radiante. "Eu também bem que poderia usar um. Ser governante é tão solitário, não é?"

Sim. Foi. Mas não precisava ter sido, Isla aprendeu.

Cronan cantarolava com interesse, relembrando anos de memórias. Sentados junto à lareira de Celeste, conversavam sobre a vida, o treinamento, seus guardiões, tudo. Horas passadas rindo.

Foi bom ter alguém que entendesse a pressão, a monotonia, a ansiedade da proximidade do Centenário. Foi bom conversar com alguém que não apontasse seus defeitos como faziam seus responsáveis. Foi bom não estar sozinha.

Foi bom ter um amigo.

Pouco tempo depois, Cronan se lembrou de um momento específico. Celeste estava trançando o cabelo de Isla. "Você tem tanto cabelo", disse ela, enquanto o enrolava em uma coroa. "Estou com inveja."

Isla deu uma risadinha. "E eu tenho inveja de que seus guardiões não fiquem de olho em você o tempo todo."

Na verdade, Isla nunca tinha visto os guardiões de Celeste. Num reino onde todos morriam jovens, eles eram apenas alguns anos mais velhos que Celeste e a deixavam sozinha na maior parte do tempo.

“Ah, e as faíscas”, disse Isla. “Tenho inveja disso também.”

Celeste revirou os olhos. Quando a Estorninha perdia uma partida de cartas, fogos de artifício explodiam em seu quarto, fitas brilhantes que se

transformavam em cinzas cintilantes.

"Tenho certeza de que criar flores é muito mais impressionante", disse Celeste. "Você pode pintar o mundo com cores. Não é emocionante?"

Enquanto Isla observava, ela se lembrava de como as palavras de Celeste a fizeram sentir um aperto no peito.

“Pronto, terminei. Vá se admirar”, disse ela, com um tom de orgulho na voz.

Isla se levantou e caminhou até o espelho de Celeste. Ela olhou para seu reflexo, estudando o intrincado desenho que sua amiga havia feito. Uma grande trança circundava sua cabeça, onde deveria estar sua coroa. Celeste havia acrescentado estrelinhas, iluminando os fios castanho-escuros.

Era uma das coisas favoritas de Celeste para fazer sempre que Isla vinha visitá-la. Isla sempre tinha que desfazer o feitiço antes de voltar para o seu reino, é claro. Mas era divertido enquanto durava.

O rosto de Celeste se fechou ao perceber a carranca de Isla. "Você não gosta disso."

Isla piscou e forçou um sorriso. "Não, não. Eu adorei."

"Então, qual é o problema?", perguntou Celeste.

Foi nesse momento que Isla decidiu confiar seu maior segredo a Celeste. Afinal, ela a conhecia. Sabia quais eram seus jogos favoritos. Sabia quando Celeste tinha tido um dia ruim, porque seu quarto ficava um pouco bagunçado. Sabia que sua amiga passava horas em seus próprios mercados, em busca de relíquias raras. Sabia que, por mais segura e confiante que Celeste fosse, ela também precisava de Isla.

Seu segredo afetou todo o seu reino, mas talvez ela não precisasse carregar esse peso sozinha. "Posso te contar uma coisa? E você promete... você promete que nunca contará a ninguém?"

Celeste assentiu com a cabeça, pegando as mãos de Isla. "Você é minha melhor amiga. Pode me contar qualquer coisa."

Levou alguns minutos até que ela conseguisse pronunciar as palavras, mas a Estorninha foi paciente. Seus olhos permaneceram fixos nos de Isla, firmes e fortes. E parte dessa força a invadiu. Fez com que a verdade finalmente escapasse de seus lábios. "Eu não tenho poder", disse ela.

Celeste apenas piscou, confusa. "O que você—"

Isla respirou fundo e disse: "Não consigo controlar a natureza. Nunca consegui. Não há... não há nada lá. Eu tentei. E... e eu também não tenho a maldição."

Celeste mordeu a parte interna do lábio, pensativa.

Isla sorriu fracamente, lágrimas escorrendo por suas bochechas. "Significa que eu realmente não tenho chance no Centenário. E tudo bem, porque... porque talvez se a minha morte quebrar as maldições, você não morra." A ideia de que sua melhor amiga estava a poucos anos da morte a assombrava. Este Centenário era a única chance de Celeste viver.

Nesse momento, o rosto de Celeste endureceu. Seu aperto nas mãos de Isla se intensificou. "Não", disse ela. "Eu me recuso. Você não vai morrer no Centenário. E eu também não vou morrer." Ela puxou Isla para um abraço

esmagador. "Vamos bolar um plano. Juntas. Você não está sozinha. Você me tem, para sempre", disse ela.

E Isla acreditou nela.

“Que tolice...” disse Cronan, sua voz ecoando em sua cabeça. “Você nunca pode confiar em ninguém”, disse ele. “A menos que você os controle.”

Num instante, Isla se via abraçada à sua melhor amiga; no instante seguinte, a imagem mudava para sua última lembrança com Celeste — Isla a esfaqueando bem no coração. Ele cantarolou novamente.

“Bom”, disse ele, com a voz ecoando. “Mas tarde demais. Você deveria tê-la matado *antes* que ela te machucasse. Tudo pode ser destruído. Principalmente amizades.” Ele disse a palavra como se fosse estúpida.

Isla não se permitia lembrar o quanto a amizade de Celeste significava para ela. Como tantas outras coisas em sua vida, ela havia reprimido esses sentimentos. Mas ver tudo aquilo se desenrolar diante de seus olhos fez seu coração parecer que estava se despedaçando.

“Que dor...” Cronan murmurou arrastado. “Deixe-me entrar. Vou te ensinar a nunca mais sentir dor...”

Ela estava tomada pela tristeza. E pelo arrependimento. Questionava cada decisão que havia tomado. Ela deveria estar lutando contra ele, entregando-lhe apenas as memórias das quais podia se desapegar, tentando proteger as pessoas de quem realmente gostava de Cronan, mas como poderia, se tudo o que fazia era cometer erro após erro? Confiar em Celeste. Vir até *aqui* e dar a Cronan tudo o que ele precisava para destruir Lightlark.

Lark tinha razão. Terra tinha razão. Ela era uma tola. Fraca.

Ela nunca se sentira tão sozinha. As duas metades de seu coração dividido estavam a um mundo de distância, sua conexão rompida.

Talvez ela sempre estivesse destinada à solidão. Era o que ela merecia. Ela havia matado tantas pessoas — até mesmo seus pais, com seu primeiro grito neste mundo. Ela fora uma maldição desde o princípio. O mundo que ela deixara para trás era melhor sem ela. Claro, ela havia quebrado as maldições... mas com tudo o que aconteceu depois — a guerra, a destruição — ficou claro que ela não passava de uma praga.

Desista , pareciam incitar as sombras de Cronan, deslizando facilmente por sua mente agora que sua determinação estava vacilando.

Desista . Cronan estava trazendo toda essa agonia à tona, manipulando seus pensamentos e emoções.

Talvez ela devesse desistir? Seria muito mais fácil...

Nesse instante, as palavras da mulher prateada ecoaram no fundo da mente de Isla, em um recanto oculto que as sombras de Cronan não conseguiam alcançar, um recanto envolto em luz.

Quando você começar a duvidar de si mesma, quero que imagine um lago refletindo cada momento em que você foi corajosa. Cada momento em que você lutou, quando era mais fácil desistir . E Isla fez isso. O lago prateado apareceu em sua mente, e ela se viu treinando todos os dias desde criança, se viu quebrando as maldições, se viu despedaçando as algemas com que Lark a havia

acorrentado. Ela se viu sangrando, quebrada e rastejando, mas sem parar. Nunca parando. Então, as águas se acalmaram novamente — e uma garotinha emergiu do centro do lago prateado. Era ela mesma, aos oito anos de idade. Segurando uma adaga na mão. Ela deu um passo em sua direção. "Somos fortes", disse a garotinha. Ela estendeu a mão para Isla. "Nunca se esqueça."

Isla piscou quando a galáxia se tornou visível mais uma vez. Os dentes à mostra de Cronan surgiram, suas sombras tendo sido dissipadas.

“Passei a vida inteira enjaulada”, disse ela, e podia ouvir os ecos daquela menininha dentro de si. “Fui usada, manipulada e enganada. Você não será quem vai me destruir.”

Cronan estreitou os olhos para ela. E enquanto a arrastavam de volta pela sala em direção à sua cela, ele disse: "Veremos".



SINISTRO

Se Grim tivesse um skyre, seria um símbolo do infinito.

Com Isla, ele se sentiu infinito, pela primeira vez em sua longa vida. Mesmo agora, ela lhe dava forças de outro mundo.

O vento crepitava enquanto ele se teletransportava para o Álgid em busca do skyre de Cronan. Ele estava parado bem em frente ao lugar onde costumava treinar quando criança, junto com seus irmãos e as outras crianças nobres.

Naquela época, ele acreditava que estava destinado a morrer jovem. Tudo o que sabia era se preparar para o Desafio — o torneio onde ele e seus irmãos lutariam até a morte para determinar o herdeiro. Ele não tinha ilusões de que venceria. Não quando mal conseguia invocar uma única sombra.

Grim não conseguia acessar o poder facilmente, então, em vez disso, confiava na esgrima. Suas sombras podiam tê-lo decepcionado, mas seu metal jamais o decepcionara. Ele não sabia, é claro, que suas habilidades eram grandiosas. Elas estavam simplesmente ocultas.

Assim como tinha sido a de Isla.

Quando finalmente emergiram, deixaram um rastro de ruína sem fim.

Assim como Isla.

Era estranho pensar em quanta coisa eles tinham em comum, quando, à primeira vista, pareciam tão diferentes. Ele se lembrou disso agora mais do que nunca, enquanto atravessava suas terras em rápidos impulsos, buscando símbolos ocultos.

Em vez de Skyres, tudo o que ele encontrou foram lembranças dela. Foi ali que se apaixonaram, e suas memórias estavam por toda parte. Eles haviam apagado toda a dor do passado.

Antes de Isla, a vida de Grim estava presa no inverno. Ela era a sua primavera. No momento em que a conheceu, seu mundo finalmente despertou. Conhecê-la o fez entender por que as pessoas se davam ao trabalho de se apaixonar.

Ele havia vivido séculos antes dela, mas sua vida só começou de verdade depois dela.

Ele nunca mais quis voltar àquela escuridão fria.

Então ele se teletransportou para todas as ruínas antigas, procurando pelo skyre. Como ainda não o encontrou, em vez de arrasar uma vasta extensão de terra, dirigiu-se ao campo de nightbane. Não por causa do skyre de Cronan... mas porque queria se sentir perto dela.

O violeta infinito agora era cinzas. Mas outrora, fora um campo que fizera Isla suspirar de admiração. Foi ali que ele se ajoelhou e lhe pediu em casamento.

"Eu quero tudo com você, Devoradora de Corações", ele havia dito. "Quero me casar, quero ter filhos, quero estar ao seu lado, segurando sua mão, no fim do mundo. Quero viver infinitas vidas com você, porque uma não basta. Não para mim. Nem de longe. Se vivermos mil anos, eu vou querer mais um milhão. Sou egoísta, sou ganancioso, quero você por toda a eternidade. *Somos infinitos* ."

Estavam ligados para sempre. Nada poderia separá-los. Nem mesmo o próprio universo.

Ele não descansaria até encontrar aquele skyre.



ILHA

Isla havia dito a Cronan que ele não a quebraria. Mas ele estava determinado a tentar. Da manhã à noite, ele penetrou sua mente com suas sombras, golpeando as barreiras que ela havia erguido. Ele não conseguia ultrapassá-las — então, aos poucos, foi minando suas forças. Raspando, raspando, raspando, as sombras eram como facas, descascando a fruta. Ela não queria gritar, mas não conseguia parar, até que finalmente — sua voz falhou. Ou talvez Cronan tenha se cansado do som e apertado sua garganta. Ela não tinha certeza.

Tudo o que ela sabia era que aquela dor era insuportável. Para fazê-la parar, ela lhe concedeu momentos insignificantes, deixando pedaços de sua fortaleza ruirem. O alívio durava apenas segundos. Ele sabia que havia mais. Continuou tentando. Até que sua mente se tornou uma névoa turva, a lógica desapareceu, restando apenas sentimentos. Emoções, que sempre haviam sido sua ruína. Após horas de tortura, foi instintivo pensar nos homens que amava. Ela percebeu seu erro imediatamente. Mas antes que pudesse mudar seus pensamentos, Cronan a atacou. Ele investiu contra as partes de sua mente onde ela guardava seus sentimentos. E ela estava cansada demais para impedi-lo.

Cronan reviveu cada momento entre ela, Oro e Grim enquanto ela se debatia o máximo que podia, lágrimas escorrendo por suas bochechas. E ele começou a rir, lenta e cruelmente.

“Você achou que eu não sabia onde você conseguiu tal habilidade?”, perguntou ele, com a voz tão cortante quanto suas sombras. “O rei e minha própria prole... que tolos eles são. E você... você é o maior tolo de todos. Ter tanto poder, tanto acesso, e trazer tudo isso para mim...”

Isla tentou lutar contra isso, lutar contra *ele* , mas não conseguiu encontrar forças. Tentou imaginar aquela piscina prateada, mas sua mente foi inundada pela escuridão.

Ela se lembrou de como ele havia distorcido e manipulado suas outras memórias, e implorou, *implorou* ao universo, para que ele não alterasse essas. Qualquer coisa, menos isso.

Cronan vasculhou seus preciosos momentos como se procurasse algo específico, até que uma memória se cristalizou completamente e ela se viu sangrando... usando a dor como poder. O chão ao seu redor explodiu enquanto suas habilidades se manifestavam. Os olhos de Isla eram poços escuros. Brilhantes. Repletos de poder.

Cronan não havia mudado. Aquilo realmente tinha acontecido.

“Olha só para você”, disse Cronan. “Alcançando todo o seu potencial.

Perdendo o controle. Finalmente mostrando quem você realmente é...”

Um lampejo dourado invadiu a memória. Oro, despertando-a de seu transe. Dizendo-lhe que não a reconhecia.

Isla se virou para ele e mergulhou a mão inteira em seu peito. Ela apertou, observando seus olhos se arregalarem...

E arrancou-lhe o coração.

Seu corpo caiu, sem vida. Ela apenas observou, com uma expressão entediada no rosto. Seu coração, ainda pulsando, estava em sua mão. Ela o levou lentamente aos lábios... e deu uma mordida.

Não.

Não, ela—

Isla observou o poder emanar da Isla em sua mente. Suas habilidades estavam obscurecendo o sol, todo o céu. Ela era imparável, formidável...

Não .

Ao se ver matar Oro, sentindo a dor de seu corpo inerte a seus pés, seus pensamentos se dispersaram, sua mente se fechou.

Cronan abriu a porta novamente e mergulhou de volta. De repente, ela viu uma vila. Ela viu a escuridão jorrar dela como uma noite sem fim, devastando tudo. Destruindo tudo.

“Sim…” disse Cronan. “Veja bem, não somos tão diferentes assim, você e eu… Seu talento… nós dois consumimos.”

Não. Ela não era nada parecida com ele. Ele se deleitava na destruição, e isso... isso foi o maior arrependimento da vida dela.

Ele não tinha terminado. Cronan mostrou a ela a cena em que estava diante de Grim, no dia do casamento deles. Trocando votos. De mãos dadas.

Em vez de concluir a cerimônia, Isla enfiou a mão no peito de Grim, cravando as unhas bem no coração dele.

Não .

Vê-la matar os dois homens que amava... sabendo que era isso que a profecia prometia... foi demais. Mas, em vez de fazê-la desmoronar, isso lhe trouxe forças das profundezas ocultas.

Uma onda de desafio percorreu seu cérebro, forçando Cronan a sair.

Ela deu um suspiro de espanto e voltou a cair no chão frio. Cronan a encarava. Parecia excessivamente satisfeito.

“Interessante...” disse Cronan. “Era isso que você estava tão desesperado para esconder? Aquele rei... e meu herdeiro?”

Isla não disse uma única palavra. Manteve o queixo erguido, mesmo com o corpo todo tremendo.

Ele a ergueu com a mente até a sua altura — e ela cuspiu em seu rosto. Ele apertou o controle sobre o corpo dela a tal ponto que ela mal conseguia respirar e a estudou atentamente, como se a visse pela primeira vez.

“Esta fechadura...” disse ele, “tem *duas* chaves... Será que estão procurando por você?” Seu rosto se iluminou com um sorriso cruel. “Será que serão tolos o suficiente para virem te pegar...”

Seu estômago revirou quando foi arremessada para trás, voando pela sala antes de se chocar contra metal sólido — um dos cavaleiros de Cronan. A risada de Cronan ecoou pela sala enquanto o cavaleiro a puxava de volta, suas botas arrastando no chão.

“Se eles fizerem isso... se eu os encontrar... então estou disposto a apostar que você se tornará qualquer arma que eu precisar que você seja.”



ORO

Seus amigos estavam certos. Ele precisava dormir. No instante em que se jogou na cama, adormeceu na escuridão.

Ela o esperava na praia deles, olhando fixamente para o horizonte à sua frente.

Não era incomum. Ele sonhava com ela desde o Centenário. Mas quando ela se virou, não estava sorrindo como de costume. Seus olhos estavam arregalados. Havia uma marca em sua testa, como se algo tivesse sido queimado nela.

Seus cabelos estavam desgrenhados. Suas roupas estavam imundas. Ela parecia ter sido aprisionada. *Torturada* .

"Oro", ela ofegou, e a palavra estava repleta de tanto alívio que ele soube, *ele soube* , que aquilo não era um sonho comum. Ela estava realmente ali, de alguma forma.

O primeiro pensamento de Oro foi o alívio de finalmente vê-la — e de que ela estava *viva* . Mas então o horror o atingiu: ele havia lutado contra o sono por dias usando os Fios do Tempo. Ele estava tentando ajudá-la, mas agora percebia que ela poderia estar esperando por ele em algum lugar onde pudessem se comunicar.

Antes que ele pudesse dizer uma única palavra, os braços dela o envolveram. Ela era quente, sólida e real. Lentamente, com medo de acordar se se movesse rápido demais, ele ergueu os braços para retribuir o abraço. Sentiu as lágrimas dela molhando sua camisa. Ela balançou a cabeça contra o pescoço dele. "Eu não... eu não pensei que fosse te ver..."

Por mais que desejasse abraçá-la para sempre, ele se afastou delicadamente para observar seu rosto e o sangue seco que agora notava escorrendo. seu templo. “Isla, o que está acontecendo? Por que você rompeu as conexões entre nós?”

Seu olhar era penetrante. "Porque eu não quero dar a Cronan mais do que ele já tem."

O coração de Oro parou quando seus piores medos e suspeitas se confirmaram. Cronan estava com Isla.

“Ele está tentando quebrar minha mente e me transformar em uma arma”, disse ela, sua expressão grave se transformando em medo. Oro colocou a mão em sua bochecha enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. “Eu tenho tentado resistir, mas—” Sua voz falhou, e Oro a puxou para perto novamente. Seus olhos se fecharam com o toque dele. “Ele é tão forte. Ele conseguiu entrar. E eu… eu não consegui—”

Oro nunca se sentira tão impotente. Seu pior medo se concretizara: ela precisava dele e ele não estava lá. Mas talvez ele pudesse ser a luz dela, assim como ela fora a dele em alguns de seus momentos mais sombrios.

“Você é mais forte”, disse ele, abaixando a cabeça para olhar diretamente em seus olhos verdes. *Aqueles olhos* ... “Você é a pessoa mais forte que eu conheço.”

Ela balançou a cabeça. "Isso não é verdade."

Ele ergueu uma sobrancelha para ela. "Estou mentindo?"

Ela engoliu em seco, olhando para ele. E era quase como se estivessem de volta ao Centenário, cobertos de terra enquanto procuravam, floresta após floresta, o coração de Lightlark.

Ele colocou as mãos nos ombros dela, os dedos se curvando ao redor deles. "Você é a mesma mulher que apareceu no Centenário sem poderes. Você é a mesma mulher que pôs fim às maldições. Você é a mesma mulher que se tornou governante de dois reinos. Você é a mesma mulher que abriu um portal e levou consigo a maior ameaça ao seu mundo, sem saber para onde estava indo, ou o que enfrentaria lá."

Isla deu um sorriso irônico. "Que idiota", disse ela.

“ *Não* ”, disse ele, com firmeza, erguendo lentamente o queixo dela para que seus olhos se encontrassem novamente. “Você é uma heroína.”

Isso a fez rir tristemente. "Eu sou a vilã, Oro. Eu sou a razão pela qual tantas pessoas estão mortas—"

Seu aperto se intensificou. "Você é a razão pela qual tantas outras pessoas estão *vivas* ."

Ela não parecia convencida.

“Você é a pessoa mais corajosa e forte que já conheci”, disse ele. “Cronan pode estar em sua mente, mas ele não te conhece. Não como eu. Eu vi você arrancar farpas das suas costas. Eu vi você lutar com duas espadas ao mesmo tempo. Eu vi você sobreviver ao insuportável e superar o impossível. Ele não tem ideia do que está enfrentando. Mas eu tenho. E é por isso que sei que nos veremos novamente.”

O lábio de Isla tremeu enquanto ela olhava para ele. Ele gentilmente colocou a mão em sua bochecha, enxugando uma lágrima com o polegar.

“E você não está sozinha, Isla. Estamos fazendo tudo o que podemos para te encontrar. Estamos chegando. Eu prometo, meu amor.”

"Nós?" perguntou Isla, franzindo a testa.

“Sim, nós”, disse Oro. “Grim e eu temos trabalhado juntos. Encontramos um lugar que pode se tornar um portal, e—”

Por um instante, espanto e incredulidade tomaram conta de seu rosto, mas logo se transformaram em terror. "Não", disse ela, e agora chorava de verdade.

Oro enxugou as lágrimas dela rapidamente. Ele não entendia — só sabia que queria fazer parar o que quer que estivesse machucando-a. "O que foi?"

Ela segurou os pulsos dele e olhou para ele, com o olhar firme. "Não faça isso."

Ele franziu a testa. "O quê?"

Sua voz era firme quando disse: "Não me salve".

Ele não poderia ter ouvido direito. "O quê—"

“É o que ele quer!” Ela balançou a cabeça. “Por favor, por favor, prometa que não virá me procurar. Eu já... eu já lhe dei.” "Tanta coisa que ele quer." Ela começou a chorar de novo. "Eu não queria. Eu estava... eu estava *tentando* ..."

"Eu sei que você estava", disse Oro, puxando-a para mais um abraço. Ele passou a mão pelos cabelos dela enquanto ela tremia contra ele.

E mesmo que ele jurasse frequentemente que lhe daria tudo o que ela quisesse... isto... *isto* ele não podia dar.

"Sinto muito", disse ele. "Não posso fazer essa promessa."

E então ela e a praia desapareceram.



SINISTRO

"Coração."

Aquilo não era uma lembrança. Ele havia vasculhado todas elas, revivendo a história mil vezes em sua mente, só para vê-la novamente.

Por isso ele sabia que aquilo era algo diferente. Era *ela* . De alguma forma, ela havia encontrado um jeito de se comunicar com ele em seus sonhos.

Ele nem sequer tinha percebido que havia adormecido. Estava procurando o céu... seu corpo simplesmente deve ter desistido dele. Não dormia há dias.

Isla correu até ele. Ela estava exatamente como em todas as noites que passava ao seu lado. Seus longos cabelos estavam soltos. Ela usava um vestido curto de seda que, segundo ela, era confortável. Mas uma queimadura em forma de estrela marcava a pele no centro de sua testa.

Ele a pegou nos braços e passou o polegar sobre a marca. Sim, ela estava em seu quarto, do jeito que ele sempre quisera, mas aquilo não era real. Ela estava em perigo. "O que está acontecendo? Diga-me como posso ajudar."

Ela suspirou contra o peito dele. Ele percebeu que estava vestindo a roupa que ela havia comprado para ele nos mercados de Álgid, em vez da armadura com a qual adormecera. Se ela podia mudar isso... será que estava mudando a própria aparência? Haveria mais ferimentos além dessa marca, que ela estava escondendo dele?

Ele esperou que ela dissesse algo. Envolveu-a em seus braços e pensou que era assim que eles sempre deveriam ser. Corações batendo um contra o outro. Juntos.

“Me deram mais tempo de vida, mas... ele me tem.” Os braços de Grim a apertaram reflexivamente, como se ele pudesse protegê-la de seu ancestral em um mundo distante. “Ele está tentando voltar para o seu mundo. Ele está tentando remodelar minha mente... para me transformar em sua chave. Sua... arma.”

Uma fúria o consumiu. Mas uma palavra chamou sua atenção. "Por que você disse *seu* mundo?"

Ela deu um passo para trás para olhá-lo nos olhos. "Não posso voltar. Ele *quer* isso, e—" Ela engoliu em seco. "Não quero ver tudo arruinado." Sua voz estava embargada pela emoção, como se estivesse se esforçando para não chorar.

"Por ele?" perguntou Grim.

“Ou por mim.”

Finalmente, as lágrimas caíram. E Grim se lembrou das palavras de Oro.

Sobre ele... piorando a situação dela. Transformando-a em uma vilã.

“Você não vai ser a ruína deste mundo”, disse ele, porque acreditava nisso. Sua esposa se importava com as pessoas dela e com as dele. Com *todos* . Se não se importasse, sua dor não a consumiria tanto.

“Talvez sim”, disse ela, e ele soube que ela estava pensando na profecia. Aquela que ela havia escondido dele. “Sinto muito”, disse ela, como se pressentisse seus pensamentos. “Imagino que Oro tenha lhe contado o que o oráculo disse. Eu deveria ter... eu deveria ter lhe contado.”

Grim deu um leve sorriso. "Não tenho o direito de julgá-la por esconder algo de mim." Não quando ele próprio havia escondido tanta coisa dela.

Ela respirou fundo, com a voz trêmula. "Há... há algo que você precisa saber", disse ela. "Quando eu estava com Oro, no deserto. Nós..."

“Isla”, disse ele suavemente, interrompendo-a. Ele podia sentir sua vergonha e tristeza. “Não me importo com o que você fez ou deixou de fazer.” Ele falava sério. “Já me desculpei antes e me desculparei mil vezes mais, mas a culpa por você ter se apaixonado por ele é exclusivamente minha.” Ele acariciou o rosto dela. Embora desejasse matar o Filho do Sol com frequência, ele também não conseguia culpá-lo. “Eu nunca deveria ter tirado essas lembranças de você. Sei que seu coração está dividido, que você o ama.” Também. E embora eu espere que você continue sempre me escolhendo... a culpa é minha se você não o fizer."

“ *Que horror— ”*, disse ela, e ele balançou a cabeça negativamente.

“E eu te perdoo”, disse ele. “Por tudo. Assim como você me perdoou. Porque eu te conheço, e eu conheço a gente, e nada pode destruir isso.”

“Você ainda me ama”, disse ela, incrédula. “Mesmo depois de eu ter feito esse plano sem você. Mesmo depois de eu ter escondido tanta coisa de você...”

“Eu *sempre* te amarei”, disse ele.

Seus lábios tremeram, mas seus olhos brilhavam. "Se você me ama... então pare de me procurar."

Grim recuou bruscamente. Sentiu como se tivesse sido esfaqueado. "Não posso fazer isso."

Mesmo que seja minha escolha? Se é isso que eu quero?

Ele olhou para ela. Olhou mesmo para ela. "Se você estiver em perigo, eu a *encontrarei* ."

Diante da indignação dela, ele disse: "Diga-me que, se os papéis fossem invertidos, você não faria o mesmo. Diga-me, e eu pararei de procurar."

Ele a conhecia. Ele a conhecia muito, muito bem.

Ela nem sequer tentou mentir para ele. "Mas a profecia—"

“Não quero viver por profecias”, disse ele, aproximando-se. “Nenhum oráculo, nenhum destino, nenhum poder, nenhuma pessoa jamais poderá mudar o que sinto por você. Estou indo te buscar. Então me diga, Isla. Agora mesmo. Como posso te ajudar?”

“Lembre-me”, disse ela, com o olhar fixo no dele. “De tudo o que vem depois.”

Ele sabia o que ela queria dizer. Lentamente, inclinou-se até que seus lábios roçaram os dela, e uma onda de choque percorreu seu corpo. Ela ergueu os

braços para envolvê-lo pelo pescoço e gemeu.

Aquele som... direto em sua boca... se ele já não estivesse ardendo de desejo, agora tremia de desejo. Sua língua separou os lábios dela, encontrou a dela e—

Isto ... Isto era uma linguagem própria. Uma conversa própria. Ele a beijou profundamente, completamente, daquele jeito que fazia seu pulso disparar, um jeito que ele aprendera com inúmeras práticas. Era o mesmo jeito que ele a beijara naquele mercado Starling, antes de se casarem, quando a teletransportara para um beco e a pressionara contra a parede. Quando ela lhe pedira para tê-la ali mesmo, tão consumida pelo desejo que não se importava que ainda pudessem ouvir pessoas a quarteirões de distância.

Ele também gemeu, porque cada beijo era um eco das memórias que tinham e das que ainda estavam por vir. Suas mãos desceram, envolvendo-a, para erguê-la até a sua altura, e ele se virou em direção à cama.

"Assim", ela sussurrou contra os lábios dele, entrelaçando os tornozelos atrás dele.

Ele parou. "Assim?"

Ela assentiu com a cabeça e... *o que ela quisesse* . Era isso que ele lhe daria. A noite toda, se fosse isso que ela pedisse.

Os lábios dela encontraram os dele novamente, enquanto ela se inclinava para baixo. Ele a sentiu desabotoando suas calças e abaixando-se e—

Ele podia morrer disso. Morrer dessa perfeição, da sensação dela sobre ele. Ela gemeu e ele abafou o som, as mãos tremendo contra os quadris dela enquanto ela se movia, devagar, depois rápido, se contorcendo contra ele, e toda a noção de tempo, espaço e realidade se despedaçou. Só existiam ele e ela e essa energia insaciável entre eles, um desejo que nunca diminuía, não importava quantas vezes fizessem aquilo.

Ele correspondia a cada movimento dela, ajudando-a, dando-lhe tudo o que ela pedia, tudo o que parecia que ela precisava, e ela puxou a boca dele para a sua mais uma vez.

"Eu te amo", ela sussurrou contra os lábios dele, entre respirações ofegantes. Sua mão envolvia a nuca dele, usando-o como apoio para continuar se movendo. "Eu te amo... e é por isso que não quero te perder."

"Você me tem", disse ele, com o coração acelerado. "Sou seu. Para sempre. Você nunca vai me perder."

Ela não parecia convencida disso, mas sugou o lábio inferior dele para dentro da boca e mordeu, e ele viu estrelas. Isso o fez puxá-la ainda mais para perto, pressionando-a contra si. Uma onda de prazer como um raio percorreu sua espinha enquanto ela se contorcia.

Ela ofegou em sua boca, e ele continuou se movendo, dando-lhe tudo o que podia, para que ela nunca precisasse implorar por mais. Seus gemidos ecoavam pelo quarto, e ele a queria mais alto. Queria vê-la mais corada. Queria vê-la completamente satisfeita. Ele se entregou, obedecendo a cada comando dela, para ir mais rápido, para ir mais fundo. A cabeça dela caiu para trás enquanto ela ofegava, enquanto parava de se mover e simplesmente se entregava. Até que seus olhos se fecharam com força, e ambos se entregaram, juntos. Ele a levou ao

clímax, até que os tremores cessaram, e ela suspirou contra o peito dele.

Ele a segurou ali, seus corações batendo descompassadamente em uníssono. Passou a mão pelas costas dela. Lentamente, a ajudou a se levantar. Ela ainda estava ofegante. Ainda corada. Seus cabelos estavam ondulados emoldurando seu rosto.

Ela o conduziu até a cama, e eles simplesmente ficaram ali deitados, entrelaçados. Finalmente, ele estava em paz. Por aqueles poucos instantes, ele pôde fingir que tudo estava bem novamente. Seus olhos se fecharam lentamente.

Quando acordou, estava sozinho.



ORO

Grim invadiu a sala do trono de Oro, com sombras flamejantes atrás dele.

O Nightshade estava completamente encharcado, com os cabelos e as roupas pingando. Ele parecia não se importar.

Oro estreitou os olhos para ele. "Você tentou o portal de novo, não foi?" Ele imaginou que não podia esperar nada diferente. "E não funcionou."

"Obviamente", rosnou Grim.

Oro pensou em guardar seu sonho com Isla para si. Ele queria. Mas, por mais que Grim estivesse claramente confortável trabalhando sozinho, trabalhar juntos seria a melhor maneira de trazer Isla de volta. "Eu a vi", disse Oro finalmente.

Grim fez uma pausa. "Como assim, *você a viu* ?", perguntou ele, bem devagar.

“Nos meus sonhos.”

Oro percebeu a tensão nos ombros dele. Grim obviamente não estava nada contente por sua esposa ter aparecido em seu sonho. Mesmo assim, sua voz se manteve firme quando perguntou: "O que ela disse?"

“Ela me pediu para parar de procurá-la.”

Grim assentiu com a cabeça. Ele não pareceu surpreso.

"Ela também te visitou", deduziu Oro.

"É claro que ela me visitou", rosnou Grim. "Ela é minha esposa."

A palavra o consumiu. Grim parecia saber disso. Deleitar-se com isso. Ainda assim... ele não perguntou mais sobre o sonho. Oro não sabia por que sentiu a necessidade de dizer: "Foi só isso. Nada mais—"

"Não me importa o que aconteceu", disparou Grim.

Oro apenas o encarou enquanto um amargor cobria sua língua.

“É claro que não gosto disso”, esclareceu Grim, franzindo a testa. “A ideia de que você se importa com ela. Que ela... se importa com você.” As sombras de Grim se espalhavam atrás dele, arranhando o chão de pedra, como uma representação do que a Beladona queria fazer com Oro. “Mas a culpa é exclusivamente minha.”

Aquela última frase soou tão abatida, tão diferente do tom de Grim, que Oro só conseguiu piscar. Mas ele estava falando a verdade. Oro sentiu a doçura disso em sua língua. "Você realmente quis dizer isso."

Grim o encarou com raiva. "Seria um desperdício de fôlego, eu acho, mentir para alguém que consegue sentir a verdade."

Oro odiava Grim. Eles haviam entrado em guerra duas vezes em suas vidas.

Uma vez, apenas alguns meses atrás. Ele era um vilão. Ele havia matado milhares cruelmente.

Mas Oro quase se envergonhava de admitir que não o odiava *por completo* . Não... estando ali com Grim, naquele castelo... era fácil se deixar levar pela amizade que compartilhavam há décadas. Antes das maldições. Antes... dela.

Estranhamente, ela os havia reunido novamente.

Talvez fosse por isso que a culpa se acumulava no peito de Oro. Ele não podia continuar trabalhando com Grim sem fazer essa confissão.

“No deserto. Há pouco tempo. Nós...” Oro franziu a testa. Ele e Isla não tinham feito exatamente nada. Pelo menos não tudo o que ele queria. Ele se lembrava de passar aquele gelo derretido na pele dela, observando os arrepios surgirem ao seu toque. Ele a estava ajudando a se refrescar do calor... mas sabia muito bem que não era só isso que estavam fazendo.

Grim franziu a testa. "Eu sei sobre o deserto. Ela me contou."

Oro piscou. "Ela... fez isso?" Ele ponderou se deveria se preparar para outra luta.

Mas Grim apenas assentiu com a cabeça. "Ela está dividida. Parte dela, a parte que se apaixonou por você, não é minha esposa. Eu sei disso. Assumo total responsabilidade por isso."

Oro não conseguia acreditar que aquelas palavras estivessem saindo da boca da Beladona. Grim pareceu perceber sua surpresa, pois disse: "Amá-la me tornou melhor." Seu olhar era penetrante. "Mesmo que você acredite que meu amor *a tenha* piorado."

O Grim que ele conhecera antes jamais teria sido tão indulgente. Afinal, ele guardava rancor dele há séculos. Era verdade. O amor o havia transformado.

Grim apontou para os fios sobre a mesa de Oro, claramente farto daquela conversa. "Qual o seu progresso?"

Ele balançou a cabeça. "Não posso mais usar isso. Da última vez que usei, machuquei meus amigos", disse Oro.

Grim apenas o encarou sem expressão. "Não me importo com seus amigos", disse ele.

E todos eles sabiam disso.

Oro suspirou. "Não encontrei nada que você considerasse útil." Ele se encostou na lateral da mesa. "Observei por milhares de anos e nunca ouvi ninguém falar sobre criar um portal."

Grim examinou a relíquia dourada. "Chama-se Fios do Tempo... seria de se esperar que você pudesse realmente *viajar* para o passado."

Oro deu de ombros. "A gente *imaginava* . Mas não importa o que eu tentasse, nada funcionava. Eu só ficava sentado ali. Observando, mas sem interagir."

"Porque você não pode usar um portal." Ele disse isso com naturalidade.

Oro piscou, demoradamente. Claro. Ele não havia pensado em viajar para o passado como uma espécie de portal. Ele olhou de Grim... para os fios. "Você acha que poderia me ajudar a usá-lo?"

Grim lançou-lhe um olhar fulminante. " *Eu* vou usar. Já que você está tão preocupado com seus *amigos* ."

A última pessoa que Oro queria que pudesse viajar ao passado e potencialmente alterá-lo era Grim. Seus amigos não estavam mais à sua frente. E o Nightshade sabia se virar sozinho.

“Precisamos falar com Horus. E certamente ele tem mais chances de me dar respostas do que você”, argumentou Oro.

Grim ponderou. "Tudo bem." Oro ficou surpreso com a facilidade com que ele cedeu. "Atravessar portais é exaustivo em circunstâncias normais. Viajar por milhares de anos? Pode matar você." Oro não se deixou abalar, principalmente ao se lembrar do estado em que Isla estava. Ela estava coberta de ferimentos e fraca. Ela precisava deles... e eles estavam no limite. Se alguém sabia como construir um portal, era Horus. Ele e os outros fundadores já haviam feito isso antes. Grim continuou: "Como sabemos que você é forte o suficiente para voltar? Como sabemos que você não vai ficar preso milhares de anos no passado como um tolo?"

“Não”, disse Oro. Durante toda a conversa, os fios o chamavam para frente. Conforme sua mão se estendia em direção a eles, as vozes se tornaram mais altas. Mais insistentes. Ele se lembrou do que havia feito e do horror nos rostos de seus amigos. Não, ele não se perderia. Não desta vez. Ele seria forte, assim como havia prometido a Isla. Um choque percorreu suas veias quando ele agarrou os fios novamente. “Mas vale a pena descobrir quem ela é.”

Ele dedilhou os fios com o polegar e, imediatamente, a conexão foi feita, como se os fios estivessem ávidos. Famintos. Sua visão começou a ficar turva. O castelo ao seu redor transformou-se em areia, desmoronando ao seu redor. Os fios perfuraram sua pele e deslizaram para dentro de suas veias. Seu sangue ardeu.

O poder de Grim atingiu os fios, e Oro estremeceu, as chamas se transformando em um incêndio de dor. Um portal começou a se formar ao seu redor, uma porta circular crepitando com energia semelhante a um relâmpago. Então, multiplicou-se, repetidamente, até que havia milhares de camadas atrás dele, conectadas como um túnel sem fim. Ele franziu a testa. "Se eu—"

Ele não terminou a frase antes de ser arremessado para trás. Seus sapatos deslizaram pelo chão e ele caiu através daqueles portais, arrastado por sala após sala, durante milhares de anos, até que, finalmente, seu corpo parou bruscamente.

A força da viagem o atingiu de uma vez. Ele cambaleou para a frente, caindo de joelhos. Suas mãos se contraíram contra o chão familiar. Dourado. O mesmo de sua sala do trono. Só que este brilhava. Imaculado.

"Quem é você?"

O corpo de Oro se retesou. Ele conhecia aquela voz. Tinha-a ouvido com frequência nos últimos dias. Com o coração acelerado, ele se levantou lentamente e se virou.

Lá estava ele. Horus Rey. O rei original de Lightlark. Um dos três fundadores da ilha.

Os olhos de Hórus se voltaram diretamente para a palma da mão de Oro, e Oro também olhou. Os fios eram visíveis através de sua pele, como se tivessem substituído suas veias. Eles brilhavam em tom dourado.

Então o olhar de seu ancestral se voltou para ele. Ele o estudou significativamente. "Hum", disse ele. "Imagino que você seja meu neto."

Hórus... não pareceu nada surpreso. Como se já tivesse visto coisas muito mais estranhas em toda a sua vida.

“Várias vezes”, disse Oro, com a voz rouca.

Uma variedade de emoções diferentes passou pelo rosto de Horus. Oro tinha certeza de que ele tinha mil perguntas, mas acabou se concentrando em: "Por que você está aqui?"

“Preciso saber como criar um portal para o outro mundo.”

Horus parou. Oro não deixou de notar o lampejo de medo que cruzou a expressão de seu ancestral. "Para Skyshade?"

Skyshade . Ele não sabia o nome do outro mundo até agora. Ótimo. A visita a Horus já tinha sido útil.

Mas então seu ancestral balançou a cabeça. "Sinto muito. Não posso ajudá-lo." Ele fez menção de se virar, mas uma torre de chamas o deteve. Hórus hesitou. A raiva pareceu percorrer seu corpo, mas ele não se moveu para revidar. Lentamente, ele encarou Oro novamente.

“A história se repetiu”, disse Oro. “Você, Lark e Cronan. Agora, somos eu, Isla e Grim. Estamos à beira da ruína por causa dos outros fundadores.”

A mandíbula de Horus se contraiu. Ele não conseguia encarar Oro enquanto falava. Era quase como se não quisesse saber o que aconteceria no futuro.

Mas Oro não tinha viajado todo esse caminho para que seu próprio ancestral se recusasse a ajudá-lo. "Seu legado não valerá nada se não conseguirmos construir um portal. Acredite em mim."

Horus balançou a cabeça novamente. Ele e Oro usavam coroas iguais. "Você deveria ter deixado os fios em paz. Alguns poderes é melhor deixar inutilizados. Eles destroem o equilíbrio." O equilíbrio entre a luz e as trevas. Aquele que deveria ter existido, antes de Nightshade e Lightlark se tornarem inimigos.

“Não há equilíbrio em um mundo de cinzas”, disse Oro.

Horus ficou em silêncio. Finalmente, falou. "Mesmo assim... não posso ajudá-lo. O que você busca... é quase impossível. Nós o tornamos difícil de propósito", explicou. "O portal foi construído na própria fundação da ilha. Destinado a ser usado apenas como último recurso."

“Você disse *quase* impossível”, disse Oro. “Então, como construímos um novo?”

Ele não desviou o olhar de Hórus até que, finalmente, seu ancestral suspirou. "Qual é o seu talento?", perguntou.

“Eu consigo pressentir a verdade”, disse Oro.

Os olhos de Horus se estreitaram, observando Oro atentamente, como se procurasse por algo. "Nosso mundo já está quase no fim", disse Oro. "Mas sobrevivemos a inúmeras provações. Inúmeros obstáculos. Recuso-me a deixar nosso mundo morrer agora."

Horus olhou para os fios. Oro teve a sensação de que ele estava prestes a se virar novamente.

Mas, em vez disso, ele suspirou e disse: "Primeiro, você precisa saber o nome

do mundo."

Oro deu um passo à frente, memorizando cada palavra que pronunciava.

O nome do mundo era *Skyshade* . Ele sabia disso agora.

“Em seguida... você precisa da habilidade de criar portais.” O poder de Grim. O de Cronan.

“Quantidades enormes de energia.” Isso... eles iriam descobrir.

“Um fragmento vivo de outro mundo.” Vivo?

“E, por último, e mais importante... grande poder dos Filhos do Sol, das Sombras da Noite e dos Selvagens.”

Isla. Eles precisariam dela para reformar os laços de amor e acessar suas habilidades selvagens. Se ao menos conseguissem convencê-la a ajudá-los.

Ainda assim, Horus balançou a cabeça. "Mesmo assim, com tudo isso... a jornada te mataria. A ponte entre os mundos, aquela que nos trouxe até aqui, foi construída por um motivo. Sem uma ponte... você não sobreviveria à jornada. As fendas entre os mundos são afiadas como dentes. É o que dizemos... e aprendemos isso da maneira mais difícil."

“E se usássemos águas sagradas interligadas?”, perguntou Oro.

Horus refletiu sobre isso. "Se eles estivessem realmente ligados e fossem das mesmas águas... eles poderiam te proteger. Mas você ainda precisaria de todo o resto. E mesmo assim—"

Oro sentia sua energia se esvaindo. A sala do trono estava lentamente se transformando em areia, derretendo ao seu redor. Ele estava se distanciando, sendo puxado de volta para o seu próprio tempo.

"Obrigado", disse Oro apressadamente. Seu ancestral franziu a testa, preocupado. Ele abriu a boca, mas Oro foi arremessado através de milhares de anos antes que pudesse ouvir o que ele tinha a dizer.

Grim foi a primeira pessoa que ele viu ao aterrissar. Ele o segurou pelos ombros, impedindo-o de cair de cara no chão.

Assim que se firmou sobre os pés, Oro deixou os fios caírem. Rangendo os dentes, viu os fios atravessarem sua pele, formando uma massa sangrenta no chão. Transformaram-se em um monte de areia e, em seguida, voltaram a ser fios.

"E então?", perguntou Grim. "Vocês conseguiram o que precisamos?"

Um sorriso lento surgiu no rosto de Oro enquanto ele dizia: "Sim, eu fiz."



SINISTRO

Grim ponderou sobre tudo o que Oro acabara de lhe dizer que precisavam para criar o portal.

"Isso é bom", disse Grim, andando de um lado para o outro. Agora, pelo menos, eles tinham uma pista de como chegar até ela.

“Acho que sei onde podemos obter a energia”, disse Oro de seu trono. “Mas onde conseguimos algo vivo do outro mundo — de *Skyshade* ?” O Filho do Sol pronunciou a palavra como se estivesse experimentando.

Grim vasculhou sua mente. Tentou se lembrar de tudo o que Isla havia procurado em sua jornada para encontrar o portal de Cronan — e lembrou-se de algo que Azul havia dito. Ele mencionara um anel. Grim se lembrou. Isla queria usar o anel para capturar um fragmento da tempestade, para tentar encontrar o portal.

Ele se lembrou de como ela havia insistido para que Grim voasse com Wraith cada vez mais alto nos céus, apesar de seus protestos—

Quase os matou a todos.

Ela conseguira capturar parte da tempestade, mas deixara o anel cair na queda. Ele contou isso a Oro naquele momento.

“Se encontrássemos o anel... seria a nossa parte do outro mundo que está vivo”, disse Grim.

“Como vamos encontrá-lo?”, perguntou Oro.

“Com ajuda”, disse Grim.

Wraith não abrira as asas desde que Isla partira. O dragão sabia que ela tinha ido embora e lamentava sua perda tanto quanto Grim. Ele estava se recusando a voar, então Grim o teleportou de volta para os estábulos, junto com a pantera de Isla.

Quando Grim se teletransportou para lá com Oro, Lynx saltou e teria arrancado o braço de Grim com uma mordida se ele não tivesse se tornado irrelevante no último minuto. O gato mostrou os dentes para ele, como se ainda o culpasse pelo desaparecimento de Isla.

Ele também se culpava.

Quando Lynx viu Oro, porém, a criatura traiçoeira teve a audácia de inclinar a cabeça. Grim teria ficado mais irritado se não estivesse tão preocupado com sua esposa.

Enquanto Oro falava com Lynx em tons sérios e suaves, Grim se voltou para

seu dragão. Parecia que não fazia muito tempo que ele era um pequeno amontoado de escamas negras com uma predileção por rasgar o travesseiro.

Depois que Isla os deixou, após o Centenário, Wraith chorou por horas a fio. Ambos amavam Isla. Ambos sentiam falta dela, e essa dor compartilhada criou um laço entre eles. E essa conexão... fez o dragão crescer exponencialmente.

Embora a criatura fosse maior que uma ala do seu castelo, em seus olhos, ele viu a mesma dor que sentira quando era bebê.

“Estamos trabalhando nisso”, disse ele, pressionando a mão contra o focinho de Wraith. O dragão curvou-se ao seu toque. “Precisamos da sua ajuda, no entanto. Precisamos... que você voe.”

Wraith inclinou a cabeça para Grim, como se questionasse seu pedido. "Precisamos que você nos ajude a trazê-la de volta."

Com isso, as asas de Wraith começaram a se desdobrar lentamente. Todos o seguiram para fora dos estábulos, onde suas asas se abriram amplamente, quase colidindo com os prédios ao redor.

"Ali está meu Wraith", disse Grim, cheio de orgulho. Ambos estavam dispostos a fazer o que fosse preciso para se reunirem com Isla.

Grim falou com o dragão e com a pantera de Isla. "Estamos procurando um anel que Isla perdeu. Ele deve ter o cheiro dela." Grim vasculharia suas terras dos céus, montado em Wraith. Seu dragão tinha uma visão excelente. Oro subiu nas costas da pantera. Lynx tinha um olfato superior.

Ambas as criaturas inclinaram a cabeça em sinal de compreensão.

Então eles partiram.



ORO

Lynx estava sofrendo tanto quanto Oro. Quando Oro olhou em seus olhos, viu a mesma tristeza profunda que sentia. A criatura sabia exatamente o que havia acontecido. Ele havia percorrido o labirinto com eles para encontrá-la antes que ela desaparecesse pelo portal. Ele tinha visto o círculo enegrecido no centro. Ele havia assistido enquanto ele e Grim se espancavam até ficarem em um estado deplorável.

Já haviam se passado vários dias, e Oro odiava o fato de quase não ter feito nenhum progresso e não ter conseguido trazer Isla de volta para Lynx. Os eventos desde que ela partiu pareciam um borrão em sua mente. A busca por Cleo. A luta na prisão subaquática. A ida ao mundo das maldições. Ele se sentia mal por não ter envolvido mais a pantera. Ele era o seu companheiro. É claro que ele estava preocupado com ela.

Lynx pareceu grato pela oportunidade de ajudar. A pantera saltou rapidamente, atravessando a terra quase tão rápido quanto Wraith cruzava os céus. Seu nariz estava voltado para o chão, seguindo o rastro de Isla.

Eles cavalgaram por campos de grama alta, até chegarem a um trecho de campo que havia sido praticamente devastado. Buracos marcavam o chão. Aquele lugar fora marcado pela batalha.

E então, o fedor atingiu Oro como um aríete. As cabeças gigantescas de bestas em decomposição, as mesmas que eles haviam abatido na luta contra Lark, estavam espalhadas pelo campo. Elas haviam caído do céu, revirando tudo ao redor.

Foi uma lembrança de tudo o que eles já haviam passado. Oro sentia como se estivesse lutando sem parar. Pelo seu povo, contra Lark, E agora... para Isla. Ele não teve tempo de processar tudo o que havia acontecido. Não havia tempo. Ele só precisava continuar em frente.

Lynx correu em linha reta pelos campos de carne e sangue, desviando-se de criaturas que se despedaçavam com o impacto. Oro temia que o cheiro dificultasse o rastreamento de Isla, mas os passos de Lynx não vacilaram.

A pantera acelerou repentinamente o passo, e Oro inclinou-se para a frente contra o vento. Foi nesse momento que sua visão ficou turva.

Não. Substituído.

Oro estava vendo uma cela escura. Através da penumbra, ele conseguiu distinguir um Lark mutilado, encostado num canto.

Ele estava vendo... as mãos de Isla. Ele as reconheceria em qualquer lugar. Elas estavam sendo arrastadas para a frente por um cavaleiro imponente em uma

armadura brilhante feita de sombras.

Ele vislumbrou um corredor feito de rocha antiga. Depois, viu uma sala circular, com redemoinhos roxos e azuis de uma galáxia através da janela.

Então... o rosto dele.

Cronan. Tinha que ser ele. A semelhança com Grim era impressionante, mas Cronan tinha um olhar profundo, como se fosse feito de pura escuridão.

Ele usava uma coroa que parecia um amontoado de lâminas quebradas.

Lynx rosnou sob ele; os músculos da criatura se contraíram. Oro não disse uma palavra, não se moveu, com medo de interromper a visão. Ele procurou freneticamente por qualquer detalhe que pudesse ajudá-los dali em diante. Observou impotente enquanto sombras irrompiam da coroa, dirigindo-se diretamente para Isla.

Ela gritou com o impacto. Oro arquejou, e a imagem desapareceu. A *dor—*

Lynx parou. Oro piscou, e o campo voltou ao normal. À sua frente, Grim e Wraith estavam pousando. O Nightshade parecia satisfeito. Oro viu o brilho de algo na grama entre eles. Lynx e Wraith devem tê-lo encontrado ao mesmo tempo — o anel da tempestade de Isla. Oro Mal conseguia sentir um mínimo de alívio, ainda repleta dos ecos da agonia de Isla.

Grim percebeu o pânico de Oro imediatamente. "O que foi?"

Oro deslizou pelas costas de Lynx... e então se virou para a criatura. Os olhos da pantera estavam arregalados de preocupação.

“Eu... eu a vi”, disse Oro. “Ele me mostrou. A conexão dele com ela... deve ser intermitente. Ele está vendo quase tudo.”

Grim caminhou em direção a eles. "Será que a conexão é recíproca?"



ILHA

Uma tempestade sacudiu o castelo. Pedaços de rocha na masmorra caíram sobre sua cabeça, acordando-a.

Seu poder retornou imediatamente. Ela tentou esmagar as grades da cela em pedaços, mas, por mais energia que reunisse, suas habilidades se dissipavam assim que atingiam o metal.

Feito de sombra. Claro. Estava entrelaçado até mesmo nas paredes. Mas o skyre que ela havia esculpido em sua pele para ultrapassar o bloqueio de metal no labirinto não funcionava ali. Não, esse material estava alterado, como se tivesse sido infundido com a própria força do vazio de Cronan. Não importava que ela pudesse usar seus poderes lá dentro se a caixa em que estava fosse impenetrável.

Ela desabou no chão, ignorando a respiração ofegante de Lark enquanto seu corpo dilacerado começava a se regenerar. Mas não completamente. Era como se as sombras que Cronan usara para despedaçá-la ainda estivessem entrelaçadas em seus ossos, impedindo sua completa cura, mesmo agora.

Não demorou muito para que Isla estivesse de volta ao quarto galáctico de Cronan, contemplando as estrelas. Ele estava vasculhando suas memórias, e ela fazia o possível para que ele não visse que, na noite anterior, ela havia encontrado uma maneira de visitar Grim e Oro em seus sonhos.

Ele não tinha como saber que eles estavam perto de encontrar um portal e pretendiam usá-lo para ir até Skyshade buscá-la.

Então, ela lhe deu outras lembranças, tentando distrair suas sombras penetrantes. E ele as vasculhou com fervor, distorcendo e deturpando cada uma à medida que avançava. Ela tentou resistir, tentou mantê-las íntegras e corretas. Mas ele parecia se deleitar na batalha entre suas mentes, e sempre vencia. Ele remodelava momentos a ponto de torná-los irreconhecíveis.

Pior ainda, às vezes, ele simplesmente os despedaçava.

Ela precisou de toda a sua força para continuar lutando, em meio à agonia — e a cada deslize, outra lembrança era destruída.

Com Grim. Com Oro.

Com seu povo.

Sumiu. *Sumiu* .

Ela quase desmaiou de dor mais de uma vez, mas ele a manteve acordada. Ele manteve sua mente totalmente aberta.

Desista. Desista. Desista , cantavam suas sombras enquanto se chocavam

implacavelmente contra as paredes dela. Enquanto rasgavam, dilaceravam e destruíam.

Ela imaginou a piscina prateada. Lutou para se centrar naquele caos, lembrando-se do que Oro havia dito sobre ser forte.

Ela tentou de tudo para se agarrar à situação, mas aquelas lembranças tinham sido suas âncoras, seus bens mais preciosos, seu *tudo* .

E enquanto eles se afastavam, ela sentiu-se afastar-se juntamente com eles.

No momento em que ela sentiu que a barreira em sua mente estava prestes a desmoronar, uma imagem passou por ela como um relâmpago.

Ela sabia que não era uma lembrança, pois não reconheceu aquele lugar. Parecia um campo de flores silvestres em Nightbane. Devia ser um dos poucos trechos de terra que não haviam sido destruídos pelas tempestades ou pela batalha.

A imagem era tão chocante que a dor e o desespero praticamente desapareceram, por um instante.

Só quando viu a ponta de uma pata enorme é que ela soube o que era aquilo.

Lince . De alguma forma... ele estava enviando essa imagem para ela. Assim como fizera antes, quando ela tocou em suas peles.

Ela estava ligada. A conexão entre eles havia sobrevivido até mesmo à distância. Até mesmo ao poder de Cronan. Até mesmo ao rompimento das pontes que protegiam sua alma. Só esse fato já bastava para fortalecer sua determinação.

Mas então... ela viu os dois.

Grim com Wraith. Seu coração ardia por sua pequena família. Seu lar escolhido. Só de vê-los, seu espírito se elevava como se ela estivesse voando com eles.

Por fim, uma figura surgiu no campo de visão de Lynx. Ela se virou e lá estava ele. Oro. Ela sentiu lágrimas escorrendo pelos cantos dos olhos. Era quase como se ele estivesse olhando diretamente para ela enquanto dizia: “Estamos indo atrás de você, Isla. Você não está sozinha, e estamos chegando. Aguente firme.”

Ele deve ter percebido que Lynx estava ligada a ela. Ele sabia que ela podia vê-los.

Grim surgiu num instante ao lado de Oro. Olhou para ela e disse: "Você é infinita, coração. Nunca se esqueça."

E vendo-as, lado a lado, lutando para chegar até ela... ela sentiu a determinação dentro de si. Tripla. Até que se tornou infinita.

As palavras da mulher de cabelos grisalhos ecoavam em sua mente. *Você só ficou mais forte. E essa força... não tem limites* . Você *não tem limites* .

Isso fez com que o escudo ao redor de sua mente não apenas se endurecesse, mas também se intensificasse. Pela primeira vez, ela se sentiu mais forte que Cronan. Ela sentiu que podia se libertar.

E foi exatamente isso que Isla fez.

Ela ofegou quando o aperto em torno de seu corpo e mente foi subitamente arrancado. Ela... podia se mover. Ela flexionou seu dedo mínimo. Foi o menor

movimento.

Mas foi o suficiente. Porque foi a prova de que até as correntes mais fortes podiam ser quebradas.

Cronan estava de pé acima dela... rosnando. Ele olhou para ela de cima, e Isla se perguntou se ele simplesmente a mataria. Parecia que sim.

Mas então suas sombras voltaram a cair com força, e—

Imagine uma piscina .

Seu coração se tornou água prateada, ondulante e infinita. Ela deixou que a preenchesse, protegendo sua mente do ataque de Cronan. A dor se dissipou. Tudo se dissipou.

Até que sua visão foi substituída pela imagem de um bosque coberto de folhas, com um lago no centro, cuja superfície brilhava como metal derretido ao luar. Uma mulher de cabelos prateados estava ao lado, sua aura emitindo um brilho suave na escuridão.

"Quem é você?", perguntou Isla. A essa altura, ela já havia percebido que todas as interações com ela tinham acontecido apenas em sua mente.

A mulher simplesmente fez um gesto em direção à piscina, como se respondesse. Isla deu um passo à frente. E no reflexo da água prateada, em questão de instantes, ela viu... tudo. Uma existência impossível.

Quando terminou, ela cambaleou para trás, piscando, e então se virou para a mulher, admirada.

“Tudo isso”, disse a mulher, “levou até você.”

Isla engoliu em seco. Era tudo o que ela ouvira desde criança. Ela sempre fora diferente — uma maldição ou a única cura.

Ela desejava não ser nenhuma das duas.

"Eu não quero isso", disse Isla, porque agora ela sabia que aquela mulher entenderia.

"Eu sei", sussurrou ela, segurando as mãos de Isla. "Eu também não sabia." Seus olhos prateados brilharam. "Sinto muito que esse seja o seu fardo."

Isla fechou os olhos com força antes de abri-los novamente. "Sinto muito que tenha sido você." Ver a jornada da outra mulher... reacendeu a determinação de Isla de continuar. De continuar lutando contra a escuridão. Assim como ela fizera — e tantas mulheres antes dela.

“Você tem escolhas impossíveis pela frente. E eu tentarei torná-las mais fáceis para você.” Ela apontou para a água cintilante.

"O que é isso?", perguntou Isla. "Mostra o passado?"

“Sim”, disse a mulher. “Mas muito mais do que isso.”

Da beira da água, Isla viu seu reflexo naquele único instante. Viu suas bochechas cobertas de sujeira. Seus cabelos por lavar. Sangue seco em sua têmpora e uma queimadura na testa, como se as sombras de Cronan tivessem deixado uma marca.

Então, a piscina pareceu quebrar, como se fosse feita de vidro, estilhaçando-se em mil pedaços. Em cada fragmento, Isla viu seu próprio rosto familiar, porém ligeiramente alterado. Cada uma era ela mesma, mas diferente.

“Esta é a Piscina das Possibilidades”, disse a mulher. “Um lugar antigo que só

pode ser encontrado por aqueles que são escolhidos. Faça uma pergunta, mergulhe e você verá como as coisas poderiam ter sido diferentes.”

Isla não sabia como percorrer os possíveis caminhos a ajudaria naquela situação. A mulher pareceu pressentir a relutância de Isla, pois disse: “Você só poderá seguir em frente quando fizer as pazes com o seu passado. Esta piscina pode lhe proporcionar essa clareza.” Ela fez uma pausa, olhando para Isla atentamente. “Às vezes, as jornadas mais difíceis são aquelas que enfrentamos dentro de nós mesmos. Pode ser perigoso penetrar tão profundamente na alma. Muitas vezes, as verdades reveladas não são agradáveis.”

Verdade . Isla jamais conseguiria ouvir essa palavra sem pensar em Oro.

“Por outro lado… Alguns se perdem no que poderia ter sido. Muitos se afogaram na piscina, querendo viver no passado para sempre”, continuou a mulher. “É preciso ter um motivo forte o suficiente para voltar.”

Isla pensou em Oro. Em Grim. Em Lynx, Wraith, seu povo, o povo de Lightlark, os amigos que ela amou e perdeu. Em cada pessoa que ela deixou para trás.

“Eu tenho um motivo”, disse Isla.

Com um último aperto de mão, a mulher fez um gesto em direção às águas.

Ali, na mente de Isla, com aquela piscina à sua frente, ela estava no controle.

Com um simples gesto, ela deixou de usar as roupas esfarrapadas e imundas e as botas encardidas que vestia desde que chegara a este mundo. Seu vestido diáfano, arrancado de seu quarto de Selvagem, era leve como o ar e verde como a floresta ao redor.

Ela mergulhou um pé descalço na piscina, um arrepio percorrendo sua perna até o coração. Apoiou o pé completamente sobre as pedras lisas sob a água e deu outro passo. Mais um.

E ela descobriu que aquilo não era água. Era algo estranho, denso. Cintilante. Enquanto caminhava em direção ao centro, seus sentidos pareciam despertar de uma forma que ela não conseguia descrever. Não se parecia com nada que ela já tivesse sentido antes, nem mesmo em Lightlark e Nightshade. Quanto mais ela observava, mais a poça se revelava, assumindo uma cor que ela jamais imaginara. O som das ondas ondulantes lembrava um instrumento que ela não conseguia identificar. A água deslizava sobre sua pele como um tecido indescritível.

Seu vestido esvoaçava ao seu redor enquanto ela se virava para a mulher. "Você terá que submergir", disse a mulher.

Isla flutuava de costas, o olhar fixo na noite além das árvores, e a piscina a envolvia com mãos invisíveis. *Paz* . Era assim que a paz eterna se sentia. Em sua mente, o céu era todo estrelado, dançando e formando padrões na escuridão profunda. Ela as observou até que sua mente se tornou pesada. Até que seu corpo começou a afundar lentamente na água.

Até que apenas o rosto dela estivesse acima da superfície.

Foi então que ela sentiu uma descarga elétrica percorrer seu corpo, como se tivesse sido atingida por um raio. Isla se contraiu, com o sangue em chamas.

E ela foi puxada para o fundo.



ILHA

“Onde está minha mãe?”

Isla tinha oito anos. Ela bloqueou um golpe com sua espada e sentiu o impacto nos dentes.

Mas a pessoa à sua frente não era Terra. Era um homem de pele pálida e cabelos escuros. Ele sorriu quando a lâmina dela encontrou a sua, os olhos se estreitando nos cantos, e Isla reconheceu seu sorriso estampado no rosto dele. Ela só tinha visto aquele homem através dos olhos de Lynx. Através de suas memórias.

O pai dela.

“Sua mãe?”, disse ele, com a voz grave e carinhosa. “Ela está preparando tudo para esta noite, lembra?”

Isla se lembrava. Esta noite era a vez dela de criar laços com sua própria criatura. O pensamento fez seu peito se apertar. Ela não conseguia imaginar amar nada mais do que Lynx, a quem montava desde antes de aprender a andar. Mas a pantera era a criatura de sua mãe, e Isla precisava da sua própria.

Com que tipo de criatura ela poderia se conectar? Nervosismo e excitação dançavam em seu estômago.

Eles treinaram por alguns minutos antes de o pai dela se endireitar. "Já chega por hoje, Isla." Ele irradiava orgulho. "Minha filha vai ser uma guerreira melhor do que eu." Ele a puxou para o vão do seu braço, e a sensação era familiar e reconfortante. Como estar em casa. Ela sorriu, sabendo que seu treinamento tinha valido a pena. Ela vinha praticando em seu quarto, repetindo todos os movimentos que ele lhe ensinara.

Juntos, eles desceram a trilha íngreme pela floresta. E conforme Isla caminhava... a floresta florescia. Flores se abriram diante dela. Conforme se aproximava, cipós balançavam em seu caminho, criaturas rastejavam de seus galhos para observá-la.

Caminharam lado a lado, o pai dela rindo enquanto ela, animada, lhe contava sobre um sapo brilhante que encontrara em suas últimas explorações pela floresta, até chegarem à aldeia mais próxima.

Os preparativos para esta noite estavam a todo vapor. Uma Selvagem estava no meio da rua, pintando cada casa com hera, glicínias e rosas. Quando Isla se aproximou, ela se virou. "A convidada de honra chegou!", gritou em tom de brincadeira.

Isla corou. Seu pai sorriu para ela, tentando tranquilizá-la.

Uma mulher selvagem saiu correndo de sua casa, rua abaixo. Ela segurava uma pequena flor de um rosa tão vibrante que Isla jamais vira. "Diga-me que sou a primeira", disse ela.

“Você é a primeira, Wren”, respondeu o pai dela, rindo.

Wren se abaixou na frente de Isla, sorrindo. "Então, posso te oferecer, Isla, a flor do seu primeiro dia de convivência?"

Isla assentiu com a cabeça, sem conseguir conter o sorriso. Wren colocou cuidadosamente a flor no cabelo de Isla. "Pronto. Perfeito", disse ela.

“Ela já era perfeita desde o início”, disse o pai, e ela sabia que ele falava sério. Seu coração se encheu de alegria com as palavras dele.

Wren balançou a cabeça e se levantou para encarar o pai. "Você vai cravar sua lâmina em qualquer um que partir o coração dela, não é?"

“Não vou precisar”, disse ele, bagunçando o cabelo de Isla. “Ela mesma vai esfaqueá-los. Não é mesmo?”

Isla assentiu alegremente, a ideia de amor e desilusão amorosa parecendo-lhe tão distante.

Wren estalou a língua e fez um gesto para que continuassem andando. A cada passo, parecia que uma nova flor era oferecida a ela por todos que passavam. Os caules eram enfiados em seus cabelos, até que seus cachos castanhos soltos fossem cobertos por uma cor gloriosa.

Finalmente, chegaram ao fim da cidade e aventuraram-se mais adiante pelas clareiras. Em direção ao rio.

E lá estava sua mãe, sentada em Lynx.

Seus cabelos estavam repletos de flores silvestres. Sempre estavam, não apenas em dias de festa. E quando ela via Isla e seu pai, as flores se multiplicavam, triplicavam, caindo até abaixo dos seus cotovelos. As flores refletiam seu humor — seu pai sempre dizia que sabia que estava encrencado quando ela estava coberta de espinhos. Mas hoje, o sorriso de sua mãe era o puro brilho da felicidade sem filtros.

“Como foi o treino?”, perguntou ela, enquanto deslizava pelo Lynx.

“Nossa filha é tão talentosa quanto a mãe”, disse o pai, olhando para a esposa como se nunca fosse se cansar de admirá-la.

A mãe de Isla sorriu radiante. "Então, nós duas somos melhores que o pai dela?"

O sorriso dele se alargou. "Em todos os sentidos", disse ele. Inclinou-se para pegar Isla no colo e ambos abraçaram a mãe dela. Isla riu enquanto as flores no cabelo da mãe cresciam ainda mais e enquanto as sombras do pai os envolviam aconchegantemente.

E eles eram felizes. Perfeitamente, infinitamente felizes.

Isla engasgou e sufocou com a água prateada ao emergir. As estrelas acima se tornaram turvas enquanto ela piscava, sua mente ainda girando com o que tinha visto. Um soluço sacudiu seu peito — ela já havia encarado a realidade da dureza de sua infância, mas agora lamentava a educação que poderia ter tido. Se ao menos ela não tivesse matado seus pais...

O Lago das Possibilidades... foi cruel. Mostrando a ela o quão feliz ela

poderia ter sido em outra vida. Mas não havia como ela ter isso. Não era real.

Como se lesse seus pensamentos, a mulher disse da margem: "Mas é verdade."

Isla franziu a testa e sentiu uma onda de raiva por aquele estranho. "Como pode ser?", perguntou ela, caminhando em direção à margem. "Meus pais estão mortos. Eu... eu *os matei* ."

A expressão da mulher suavizou-se. Ela pegou a mão de Isla assim que esta se aproximou o suficiente para alcançá-la. "Com seu talento, você não apenas capturou..." Isla, seus poderes. Você capturou suas *almas* . Elas vivem em você. Elas podem falar com você em um lugar como este. É *real* .

Uma parte dela estava realmente com sua mãe e seu pai. Aquele amor... aquele amor infinito e incondicional... vivia dentro dela.

Como que para comprovar, a piscina transformou-se num campo de flores silvestres que roçavam seus tornozelos. Ela ergueu os olhos e viu sua mãe sentada à sua frente. Isla observou enquanto seus olhos verdes se enchiam de lágrimas.

“Você me deixou tão orgulhosa”, disse ela. Ela estendeu a mão e passou o polegar pela bochecha. *Sua mãe* . Ela estava *ali* .

Isla balançou a cabeça. "Eu fui uma tola. Cometi erro após erro..."

Nesse instante, os olhos da mãe se tornaram ferozes, como se um fogo ainda ardesse dentro dela. Ela apertou as mãos de Isla nas suas, e Isla pôde sentir a força interior, chamando por si mesma. “Você carrega o peso do destino desde o dia em que nasceu. Você era apenas uma criança com uma coroa. Você teve que fazer escolhas que ninguém jamais deveria ter que fazer. Você foi traída por todos que amou. Mesmo quando estava sozinha...” Sua voz tremia. “Eu sempre estive com você. E eu sempre, *sempre tive* orgulho.”

"Por quê?" perguntou Isla.

“Porque, apesar de tudo, você perseverou”, disse ela. Ela levou a mão ao coração. “Seu coração perseverou. Sua esperança perseverou. Seu amor pelo mundo perseverou.”

"Não sei se consigo suportar isso", disse Isla, sentindo aquela dor, ainda que fraca, prestes a voltar com força.

“Aguente firme, Isla. Persista. Quando o mundo te empurrar, você revida.” Sua mãe apertou suas mãos. “Flores silvestres desabrocham até em lugares mortos. Há aqueles que tentaram te enterrar fundo, mas você é uma semente. E só agora está crescendo. Eles vão se arrepender de um dia terem pensado que você era diferente.”

Lágrimas escorriam pelo rosto de Isla, e sua mãe as enxugou delicadamente. "Aguente firme, Isla", disse ela. "Todo mundo é melhor com você nele."

A mãe dela desapareceu. A piscina também. A mulher também. Tudo o que restou foi o sorriso de escárnio de Cronan, enquanto ele a encarava, como se ela fosse apenas mais um planeta que ele pretendia destruir.

Mas ela não cedeu.

Sua mente parecia saqueada, completamente esgotada, mas o muro que escondia a piscina não havia desmoronado. Ele não tinha visto o que ela vira. A

piscina, sua mãe e tudo o que a mulher prateada lhe contara — era o seu segredo.

E agora ela sabia como o derrotaria.



SINISTRO

Eles tinham um resquício de algo vivo vindo de Skyshade. A única coisa que faltava era energia — e Oro disse que sabia exatamente onde consegui-la.

Grim voou de volta para o palácio de inverno nas costas de Wraith, sentindo esperança pela primeira vez em dias. Não demoraria muito para que pudessem usar o portal. Wraith parecia alegre durante o voo, cortando as nuvens com agilidade, como se pudesse sentir o otimismo de Grim.

"Vou trazê-la de volta", disse ele, colocando a mão nas escamas de seu dragão. Não era a primeira vez que fazia essa promessa.

Mas ele sempre a manteve. Ele *sempre* ia atrás dela.

Ele apenas esperava que ela sempre voltasse para ele.

Cerrando os dentes, Grim pensou no que Oro havia dito. Isla também o visitara em um sonho. Grim falara sério quando dissera à esposa — ele não a culpava por suas ações. A culpa era apenas sua. Não era ciúme que sentia naquele momento, nem raiva... mas medo.

Se ela escolhesse Oro, ele não sabia o que faria. Ele não era conhecido por sua disposição em compartilhar, mas preferiria aceitar qualquer pedacinho dela que ela estivesse disposta a lhe dar do que perdê-la completamente.

Mas a profecia era clara. Havia uma escolha a ser feita. Ela não podia ter as duas coisas.

Por mais que desejasse que ela o escolhesse, ele pensou em todas aquelas palavras que Oro lhe dirigira. Elas o atingiram como adagas.

Se Grim a transformou numa versão pior de si mesma... então talvez ela estivesse melhor sem ele.

Não. Ele não conseguia pensar assim. Mas podia admitir, por mais que lhe doesse, que só queria que ela fosse feliz.

E se um futuro com Oro a fizesse mais feliz...

Ele afastou o pensamento. Isla e Grim eram infinitos. Ele precisava acreditar na força do amor deles. Principalmente agora. Era a única coisa que lhe restava.

O vento uivava ao redor deles enquanto sobrevoavam os jardins do palácio de inverno. Wraith adorava voar por ali — ele gostava da neve.

Rajadas de neve caíam agora, em suaves movimentos. Wraith fez um círculo ao redor do terreno. Depois outro. Depois outro.

Grim estava prestes a dizer ao seu dragão que era hora de voltar para casa, quando seus olhos se depararam com o labirinto. Aquele em que ele já havia entrado centenas de vezes. Aquele para onde ele havia fugido quando criança.

Aquele que seu pai havia incendiado até o chão. Aquele que havia crescido novamente, como uma erva daninha teimosa.

Aquela em que sua esposa o havia deixado.

Ele nunca havia estudado o labirinto dessa perspectiva antes. Daquela altura, ele tinha uma forma distinta... não muito diferente dos desenhos que vira no livro de skyres de Isla.

Claro.

Assim que Wraith pousou bruscamente no chão, Grim não perdeu um segundo. Ele se teletransportou das costas de Wraith, tirou aquela pena chamuscada do bolso — onde a carregava, caso conseguisse identificar o formato — e cravou a ponta no braço.

Sua pele ardia e o sangue borbulhava. Mas ele cerrou os dentes e começou a esculpir. A cada linha que desenhava, a dor aumentava, até se tornar pura agonia, quase o fazendo cair de joelhos. Droga, isso doía. Era isso que Isla tinha experimentado?

Wraith estava atrás dele, inquieto e preocupado. As sombras de Grim envolviam a criatura em um gesto de conforto. Ele fez a marcação da melhor maneira possível, mesmo com a mão tremendo.

Até que, finalmente, ele conectou a última linha à primeira, completando o símbolo, e este brilhou, endurecendo e transformando-se em prata.

Ele estava certo. Este era o skyre de Cronan.



ORO

Energia . A única coisa que impedia Oro de se reunir com seu amor era uma fonte de energia. Mas todos os grandes mestres de Starling estavam mortos, e Isla, como governante de Starling, detinha o maior poder. Eles já precisavam dela para obter habilidades significativas dos Selvagens. Qualquer outra coisa poderia prejudicá-la. Precisavam de uma solução alternativa.

Por sorte, Oro sabia exatamente a pessoa certa para perguntar.

Grim o teleportara para a nova terra dos Skylings, mas levara um tempo nos céus para encontrá-la. Quando Oro pousou e se aproximou da jovem Starling, um pesar o invadiu por estarem trazendo uma criança para aquilo.

"Onde ela está?" perguntou Cinder. Ela estava sentada de pernas cruzadas na beira de um penhasco, de costas para ele. Faíscas dançavam ao seu redor como mil estrelas, como se ela tivesse criado sua própria galáxia em miniatura.

Oro ficou imóvel. Ela nem sequer se virara. Mas, como se pressentisse sua confusão, a garota disse, alegremente: "Consigo sentir sua energia. Sei quem você é."

Oro mudou de posição. Cinder havia se tornado infinitamente mais poderosa nos últimos meses, e já possuía habilidades que Oro nunca tinha visto em alguém da idade dela.

A estorninha finalmente se virou, suas faíscas crepitando em irritação. "Bem?"

Ele sabia a quem ela se referia. Cinder estava fascinada por Isla há algum tempo. Oro sentiu uma pontada de tristeza ao pensar no que teria que lhe contar.

“Ela se foi. Está em outro mundo”, disse Oro simplesmente. Ele se perguntou se aquilo era vago demais. Se Cinder sequer entenderia—

Mas ela assentiu. "Eu já imaginava", disse ela, com uma sabedoria que ia muito além da sua idade. "Quase não a sinto mais."

Oro franziu a testa. "Você sente... a energia de todos?"

Cinder assentiu novamente. "Antes eu só conseguia sentir as pessoas na Ilha das Estrelas. Mas agora... eu as sinto em outros lugares também. Outros... mundos." Ela franziu a testa, com os olhos preocupados.

“O que você sente?”, perguntou Oro gentilmente.

“ *Ele* ”, disse ela. “O homem que quer o universo.”

O homem que deseja o universo . Um pavor invadiu seu peito. Oro estava prestes a fazer outra pergunta quando uma esfera de energia disparou em sua direção. Ele ergueu a mão para detê-la, mas antes que pudesse, Cinder afastou a

esfera como se fosse apenas uma teia de aranha. Ela revirou os olhos e suspirou dramaticamente.

"Eu não sou um bebê! Pare de agir como se fosse", disse ela à prima. Embora o jeito como ela mostrou a língua não tenha ajudado muito a situação.

“Olá, Maren”, disse Oro, virando-se para encarar o estorninho.

O líder dos Starlings e chefe de um grupo rebelde em Lightlark lançava olhares fulminantes para Oro. Ele não a culpava. Maren lutara por muito tempo para manter as habilidades de sua prima em segredo. Já haviam exigido tanto da criança na guerra contra Grim, apenas alguns meses antes.

Oro sentiu um leve arrependimento ao se lembrar de sua própria infância. De como seu poder o havia forçado a amadurecer rápido demais. De como isso o levou a um dos maiores erros de sua vida.

Mas ele nunca quis ter seus poderes. Cinder... ela parecia se deleitar com eles.

"Vá embora", ordenou Maren.

Oro hesitou por um instante... e então assentiu. Maren era a guardiã de Cinder. Ela só estava tentando protegê-la, e Oro não forçaria nenhuma das duas a participar. Ele se virou para ir embora.

"Não!" gritou Cinder.

E a voz dela foi um estrondo que estilhaçou o ar ao redor deles. Sua energia irrompeu em uma onda que derrubou Oro. Para não ser arremessado do outro lado do penhasco, ele teve que exercer a mesma quantidade de energia em resposta. Era uma quantidade *extraordinária* de energia.

Como Cinder conseguia produzir tanto com apenas uma *palavra?* Ela não pertencia à linhagem dominante. Isla fora quem absorvera todo o incrível poder de Aurora. Mas Cinder... tão jovem... parecia ter mais habilidades Starling do que todas elas juntas.

Ele se lembrou de Isla perguntando sobre isso. Ele havia lhe dito que esse tipo de poder aleatório fora da linhagem de um governante era raro, mas não inédito.

Maren foi derrubada no chão pelo acesso de raiva de Cinder. Ela quase alcançou a floresta de árvores azul-celeste com galhos grossos e retorcidos.

A menina estava parada na beira do penhasco, com o peito arfando. "Quero te ajudar", disse ela. "Vejo esse lugar em meus sonhos desde sempre. Algo lá... está me esperando. Está me chamando. Preciso atender ao chamado."

“Pare com isso”, repreendeu Maren, levantando-se. E por trás de seu tom irritado, Oro viu medo. Claramente, não era a primeira vez que Cinder falava sobre isso. “Você vai para a cama. Eu nunca deveria ter deixado você—”

" *NÃO* ."

Uma onda de poder explodiu da garota. Oro mal conseguiu criar um escudo ao redor de si e de Maren a tempo. Mas a grama e a floresta atrás deles foram achatadas como se tivessem sido cortadas por uma foice. Faíscas de energia giravam ao redor deles como uma tempestade. Um rugido ecoou pelo mundo.

Quando as faíscas se dissiparam, tudo o que viram foi Cinder, encolhida em posição fetal, com lágrimas escorrendo pelo rosto. "Me desculpe", disse ela. "Eu não queria—"

Oro soltou o escudo, e Maren avançou, caindo de joelhos diante de Cinder e a

abraçando forte. "Eu sei. Eu sei, querida", disse ela suavemente, acariciando seus cabelos prateados. "Profundamente respirações. Dez, lembra? Façam comigo." Eles contaram regressivamente. Quando terminaram, Maren perguntou: "Querem descansar?" Cinder assentiu. Sua cabeça estava baixa, os olhos fixos no chão. Oro quase podia sentir sua vergonha. "Vamos te levar para casa."

Maren pegou Cinder no colo, embora a menina fosse quase grande demais para ser carregada. Ela lançou um olhar fulminante para Oro enquanto ele as seguia morro abaixo em silêncio.

Mas o Estorninho não lhe disse para ir embora — então ele não foi. Esperou do lado de fora da pequena cabana na encosta do penhasco que compartilhavam — com um telhado inclinado, uma porta de madeira que mal se encaixava na moldura e uma janela torta — enquanto Maren colocava Cinder na cama para dormir. Quando reapareceu, suspirou, encostando-se na porta com os olhos fechados.

"Sinto muito", disse ele, porque realmente sentia.

Ela balançou a cabeça. "Não é... algo incomum", disse ela. Foi então que Oro notou uma longa cicatriz serpenteando pelo braço de Maren.

Maren abriu os olhos e seguiu o olhar dele, apressando-se em puxar a manga para baixo. "Foi um acidente."

"Eu nunca disse que não era."

O medo voltou a estampar o rosto de Maren. "Ela é uma criança. Ela... ela vai *aprender* ."

Oro ergueu as mãos. "Não vou prendê-la."

Maren não parecia convencida. "Azul tem sido gentil com todos nós, estorninhos, mas podemos ir embora. Podemos juntar suprimentos suficientes e ir para algum lugar bem longe, ainda mais isolado—"

Ele colocou a mão no ombro dela, na esperança de que fosse um gesto reconfortante. "Eu sei o que é perder o controle. Cometer um erro."

A imagem da atendente que ele havia dourado acidentalmente passou pela sua cabeça. Oro também era criança quando isso aconteceu, mais ou menos da idade de Cinder.

Maren olhou nos olhos dele. "O que você quer?", perguntou ela, cautelosa.

Ele explicou tudo da melhor maneira possível. Onde Isla estava. O que o marido de Azul havia dito. O que estava por vir. A boca de Maren se contraiu em preocupação à medida que ele falava. Ele sabia que ela não estava preocupada consigo mesma, mas com a garotinha que dormia no quarto atrás dela.

"Quanto tempo?", perguntou ela quando ele terminou.

"Não tenho certeza", respondeu Oro. "Mas quanto mais tempo ela ficar lá..." Ele franziu a testa. "Ela está em perigo. Precisamos trazê-la de volta o mais rápido possível."

"Como você sabe que ela ainda está viva?"

Ele explicou o laço vital entre ela e Grim. Como ele estaria morto se ela estivesse. Como eles a tinham visto em seus sonhos. E nas imagens de Lynx.

Maren balançou a cabeça. "Sabe... Cinder tem perguntado sobre Isla quase todos os dias ultimamente. Às vezes, até mais frequentemente. Era como se ela

pressentisse que algo estava mudando." Ela fez uma pausa. "Tem sido difícil não contar a ela meus verdadeiros sentimentos. Sobre Isla."

"Quais são?" Oro perguntou, com a voz rouca, sabendo que ele não gostaria da resposta dela.

Maren endireitou-se, a voz elevando-se com convicção. "Que ela é uma traidora. Ela nos fez preparar para a guerra... contra um lado do qual ela já estava. E depois ficou lá. Dizem... dizem que ela é *esposa dele* ."

Cada vez que Oro ouvia aquela palavra, uma parte de sua alma morria. E embora a raiva o consumisse pelas veias com as palavras do Estorninho, ele não podia culpar Maren por sua avaliação.

"Estou errada?", perguntou ela, quase esperançosa.

“Não”, disse ele. “Mas as coisas são mais complicadas do que você imagina.”

Ela zombou. "O que há de complicado em ser casada com o seu suposto inimigo?"

“Ela é duas pessoas. A pessoa que conheci durante o Centenário... e aquela do passado que se casou com Grim. Que... morreu.” Ele respirou fundo. “Isso seria suficiente para levar qualquer um à loucura.”

Maren refletiu sobre isso. "E ela é? Louca?"

"Não", disse ele. " *Ainda não* ", foram as palavras traiçoeiras que lhe vieram à mente. Porque quem não estaria a caminho desse destino, com esse tipo de vida dividida? Com tanta pressão sobre todas as suas escolhas?

“Você tentou recrutá-la para a sua causa”, disse Oro. “Para me matar.”

Maren não negou. Deu de ombros. "Para acabar com a Nexus. Dá para me culpar?"

Estranhamente... ele não conseguiu. Nexus era a maldição que o prendia à ilha. Uma maldição que prendia os governantes a todo o seu povo, de modo que a morte de um governante mataria todo o seu reino. Era cruel.

“Eu sei que você não quer ajudar. E acredite, eu detesto pedir. Mas a guerra está chegando.” Se Cinder conseguia sentir pessoas além deste mundo, talvez ela já tivesse pressentido o que Cleo havia dito ser iminente. “Imagino que Cinder já tenha lhe dito isso?” Maren ficou em silêncio, e Oro continuou. “Em uma guerra entre mundos, precisamos de Isla aqui. Esta pode ser a única maneira de nos salvar.”

Maren olhou por cima do ombro para a porta atrás dela. Quando se virou para ele novamente, seus olhos estavam ferozes. "Do que você precisa?"



ILHA

Nos dias seguintes, Isla visitou a piscina prateada em sua mente enquanto Cronan tentava quebrá-la. E a cada mergulho nas águas frias, ela vivenciava milhares de possibilidades.

E se ela nunca tivesse matado acidentalmente seus pais com seu primeiro suspiro e tido a chance de ser criada por eles? E se ela nunca tivesse encontrado seu cetro estelar e se teletransportado para o quarto de Grim, ou para o de Celeste? E se ela nunca tivesse caído daquela sacada no início do Centenário e sido salva por Oro?

E embora a piscina não tenha oferecido informações sobre como derrotar Cronan, a mulher estava certa. Ela trouxe clareza.

Porque a cada mudança de decisão, mesmo as pequenas, os resultados se transformavam. E Isla percebeu que, na maioria das circunstâncias, seus erros haviam, na verdade, evitado um derramamento de sangue ainda maior.

Havia um erro em particular que ela estava desesperada para examinar. *E se eu nunca tivesse salvado Grim dos dreks?*, perguntou ela ao espelho d'água. *E se eu nunca tivesse destruído aquela vila?*

Isla viu tudo se desenrolar em sua mente. Ela viu Grim morrer, incapaz de lutar contra tantas feras. E Nightshade não desmoronou — eles não sabiam que Cronan ainda estava vivo, ainda mantendo viva sua linhagem.

Mas os dreks... sem Isla quebrar a maldição da espada, os dreks não foram detidos e se infiltraram em Nightshade. O destino que Grim sempre temera se concretizou quando eles destruíram tudo e todos. Todas aquelas pessoas na vila que ela havia matado... foram despedaçadas momentos depois.

E eles não foram as únicas vítimas. Os dreks massacraram milhares, *todos* que conseguiam encontrar, antes de seguirem para o resto dos reinos.

Ela observou Azul tentar lutar contra eles — e ser morto, despencando do céu. Todo o seu povo morreu com ele.

Cleo tentou fugir, mas seus navios não conseguiam alcançar aquelas criaturas aladas. Em último recurso, ela e seu povo escaparam para as profundezas do mar. Mas não antes que muitos Lunares fossem mortos.

Os selvagens foram os próximos. Criaturas ligadas a um povo fizeram o possível para protegê-lo... mas não conseguiram. A maioria de seu povo não sobreviveu.

Quando o Centenário começou, Lightlark foi o próximo.

Eles não estavam preparados. A maioria das pessoas se escondeu dentro, mas

os dreks esperaram que saíssem. Demorou um pouco, e todos lutaram bravamente, mas eventualmente...

Oro foi morto — e a ilha caiu.

Isla ofegou ao lutar para chegar à superfície da piscina. Ela estava arfando, com o coração acelerado.

A mulher estava à sua espera. "Agora você vê", disse ela. "Você salvou mais do que destruiu." Oro havia dito algo semelhante.

“Por agora”, disse Isla. Ela esfregou os olhos, tentando apagar aquelas imagens da sua mente.

A mulher suspirou. "Sim. Por enquanto. Mas você precisa se perdoar para poder seguir em frente. É a única maneira de sua mente estar focada o suficiente para fazer a escolha certa da próxima vez."

Isla queria acreditar nela. Ela sabia, depois de ver o que havia na piscina, que ela estava certa. Mas a vergonha a consumia por completo. Era profunda e insidiosa. Ela jamais se perdoaria pelo que fizera. Não até conseguir trazê-los todos de volta.

“Não deixe que seus erros a assombrem, Isla. Use o passado para construir o futuro.” A mulher tinha razão. Isla precisava aprender com seus erros, não viver presa a eles.

Ela havia pedido à piscina que lhe mostrasse todos os seus arrependimentos, para ver como escolhas diferentes poderiam ter mudado as coisas. Mas essa era a questão da vida, ela percebeu. Não havia cenário perfeito. Às vezes, o fim era inevitável, não importava quantas vezes ela tentasse mudá-lo.

Se a escolha dela decidisse o destino do mundo, ela precisava fazê-la depois de se perdoar — assim como aqueles que a magoaram. E talvez essas mesmas pessoas pudessem ajudá-la agora.

Isla fechou os olhos. A mulher dissera que conseguia falar com as pessoas em sua alma. Pessoas que ela havia matado.

Foi assim que ela acabou entrando em uma sala familiar.

E avistar uma figura familiar com longos cabelos prateados.



ORO

"Quem é esse garoto?" perguntou Grim. Oro havia levado Grim até a cabana de Maren no penhasco para conhecer o Estorninho que os ajudaria a chegar à Ilha.

"Eu não sou criança!" disse Cinder, com uma energia de raiva pulsando ao seu redor.

Grim ergueu uma sobrancelha, demonstrando pouco entusiasmo. "Sim. Você é."

Ela o encarou com raiva e depois se virou para Oro. "Eu não gosto dele."

"Junte-se ao resto do mundo", resmungou Oro, e Cinder riu. Grim lançou um olhar furioso para os dois.

Cinder inclinou a cabeça para Grim, então. "Ei! Você é o marido dela!" disse ela. "Você é... o vilão! Aquele contra quem estávamos nos preparando para lutar!"

Grim assentiu com a cabeça sem dizer uma palavra. Se ele tinha algum sentimento por ser chamado de vilão, não o demonstrou.

Cinder fez uma careta. "Mas ela é tão legal! Por que ela se casaria com..." Ela franziu o nariz. " *Com você* ?"

Grim olhou para Oro. "Precisamos mesmo dela?", perguntou ele, sem rodeios.

Oro assentiu com a cabeça.

Ele suspirou. "Isla... gosta dela?"

Oro assentiu novamente, estreitando os olhos para a Beladona, já que Cinder obviamente podia ouvi-los.

Grim passou a mão pelo rosto, com uma expressão de profunda irritação. Então suspirou novamente, ajoelhou-se à altura dela e disse: "Eu tenho um dragão. Quer conhecê-lo?"

Oro revirou os olhos enquanto Cinder procedeu a retratar todas as suas suposições anteriores sobre Grim, por mais corretas que fossem. Com um movimento rápido do de Grim... Com a mão estendida, Wraith surgiu nos céus, fazendo o chão tremer ao pousar.

Cinder gritou de alegria, faíscas jorrando dela em fitas. Destemida, ela se lançou pelo ar em uma corrente de energia, aterrissando entre os olhos do dragão, com os braços abertos em um abraço.

Wraith ficou vesgo, suspirou e se sentou no chão. Ele não pareceu se importar quando Cinder subiu desajeitadamente em suas costas. "Eu quero voar!", ela ordenou.

Grim começou a protestar — quando Wraith disparou em direção às nuvens.

Grim e Oro se entreolharam, paralisados, com os olhos arregalados.

Um instante depois, Oro disparava em direção às nuvens enquanto Grim desaparecia por meio de um portal.

Oro cruzou os céus como uma flecha, amaldiçoando Grim, amaldiçoando Isla por ter se casado com ele, amaldiçoando Cinder por estar tão impressionada com um dragão. Mas, acima de tudo, torcendo para que Cinder estivesse bem. Quase pior do que esse medo era a constatação de que Maren o empalaria se soubesse disso.

Mas quando ele chegou até eles, encontrou Grim montado no dragão com Cinder. E a garota iluminava o céu com um brilho prateado, sua alegria permeando até as nuvens.

Oro suspirou, sentindo um alívio imenso no corpo todo. Lentamente, voltou para o chão. Eles não tinham tempo para isso, ele sabia. O futuro de todos era incerto. Mas Cinder era apenas uma criança. Aquele momento de alegria valia a pena.

Ao pousar, Wraith conseguiu cavar metade de um campo com suas garras. Cinder estava radiante. Ela deslizou pelo nariz de Wraith e aterrissou em pé. "Eu sempre quis montar um dragão!", disse ela. "Já vi tantos!"

Grim franziu a testa. "Você tem?"

"Só nos meus sonhos", disse ela com convicção.

Grim olhou para Oro, que deu de ombros. "Ela diz que passou a vida inteira sonhando com outro mundo."

Grim franziu a testa, como se estivesse em profunda reflexão. Ele olhou para a garota novamente. "Você quer nos ajudar?", perguntou.

Ela assentiu vigorosamente.

“Ótimo”, disse ele. “Porque aquela minha esposa que você mencionou? Aquela que é muito simpática?”

Ela assentiu novamente.

“Eu gostaria de tê-la de volta.”



ILHA

Aurora estava sentada em frente à lareira, com as mãos estendidas no colo. Ela se virou quando Isla apareceu, e Aurora estava exatamente como Isla se lembrava dela. Era como se nenhum tempo tivesse passado. Por um instante, elas apenas se encararam.

Então Aurora quebrou o silêncio. "Não consigo sentir, sabe?", disse ela com naturalidade. "O fogo. Aqui está sempre frio."

Isla engoliu em seco. Ela não sabia exatamente onde *era* . Parecia o quarto de Celeste no castelo Starling, mas com as bordas borradas, como se estivesse sonhando. Ela não sabia se aquilo era apenas um fragmento da alma de Aurora e se o resto vivia em outro lugar.

"Venha", disse Aurora, fazendo um gesto para que ela se sentasse ao lado dela. "Sente-se."

Isla não queria ficar *sentada* . Queria apunhalá-la no coração pela forma como a havia traído. Pelos anos de engano e mentiras. Por cada pessoa que suas decisões mataram.

Mas... ela também queria abraçá-la. Porque Celeste já tinha sido sua única amiga. Sua *melhor* amiga. E esses sentimentos não morriam assim. Um amor como aquele não se perdia facilmente.

Aurora suspirou. Levantou-se, limpando o vestido cinza desbotado para tirar as brasas da lareira. "Eu nem sempre fui assim", disse ela. Isla olhou para ela sem expressão, sem entender. "Vilã."

Isla estreitou os olhos. "Perdoe-me por não acreditar em uma palavra sequer do que você diz."

Aurora assentiu com a cabeça. "Inteligente. Você sempre foi inteligente. Exceto quando se tratava de amor." Ela deu um sorriso irônico. "O amor fez de você um completo idiota."

Uma onda de raiva surgiu no peito de Isla — e logo se dissipou. Isla não tinha forças para o ódio. Não mais, depois de tudo. E especialmente não para alguém que já morreu. "O amor *te transformou* em um assassino."

Aurora era apaixonada pelo Rei Egan. Quando percebeu que ele amava sua melhor amiga, lançou as maldições, matando milhares no processo. Ela mergulhou o mundo em quinhentos anos de sofrimento.

Por um instante, o olhar de Aurora desviou. Sua expressão confiante vacilou, revelando a mulher assustada e triste por trás dela. Uma mulher que havia matado sua melhor amiga por causa de um homem. Uma mulher que talvez sentisse... arrependimento.

Mas, no instante seguinte, sua determinação endureceu novamente. Ela franziu os lábios. "Minha alma também foi dividida. Assim como a sua", disse Aurora, olhando para ela. "Aconteceu quando eu era jovem. Quando meus pais... quando eles morreram."

Isla nunca tinha ouvido essa história. Celeste nunca falava dos pais, e Isla sempre evitava o assunto — por causa das maldições, eles teriam morrido quando sua amiga era muito jovem.

Aurora continuou: “Aquela perda... me dividiu para sempre, me deixando oscilando entre o bem e o mal. Mas eu permiti que ela alimentasse meu poder, canalizando mais energia do que qualquer um jamais poderia imaginar.” Ela fez uma careta. “Violet... ela entendia com o que eu lutava. Ela me tornou boa.”

Como se tivesse mergulhado na mente de Aurora, Isla viu. Sua ancestral e Aurora como amigas. Isso a fez lembrar de sua própria relação com Celeste.

Os olhos da estorninha endureceram. "E então... quando ela me traiu..." Aurora voltou-se para a fogueira. "Ela teve o que merecia."

Isla conseguia enxergar esses dois lados de Aurora com clareza. Seria esse também o destino de Isla? Ser dividida não entre dois homens, mas entre se tornar uma vilã ou uma heroína?

“Quando se tratou de escolher entre vingança e amor, você sabe qual venceu.”

Isla não queria vingança. Ela sempre escolheria o amor. Mas era o resultado desse amor, o que ele faria com o mundo, que a atormentava. refletiu sobre ela. Isso a tornou aquela que salvaria o universo... ou a destruiria.

Ela poderia ficar sentada ali gritando com a amiga por horas. Poderia fazer mil perguntas, exigir explicações e pedidos de desculpas.

Mas ela não tinha tempo para isso. E agora que havia explorado seu passado, estava pronta para consertar o futuro.

“Cronan está vivo”, disse Isla. “Você tem alguma ideia de como posso matá-lo?”

Se Aurora ficou surpresa com a revelação, não demonstrou. Aurora conhecia os fundadores da ilha melhor do que imaginava. Isla havia encontrado a pena que permitia a comunicação com Lark, escondida em seu quarto após a morte desta.

Aurora permaneceu imóvel por vários minutos, com o olhar fixo nas chamas sem calor, como que hipnotizada. Por fim, ela disse: “Os fundadores transferiram partes de seu poder para um objeto. Era uma prática antiga, há muito esquecida, que amplificava suas habilidades e lhes dava acesso a um poder que nenhuma pessoa jamais poderia possuir.”

“Como a pena”, disse Isla.

Aurora assentiu com a cabeça. "Era de Lark. Cronan provavelmente também tem um. Se destruído, o enfraqueceria. Ele ficaria vulnerável."

Isla não tinha certeza do que Cronan queria, mas sentiu uma onda de esperança. Aurora lhe dera uma chance...

"Obrigada", disse Isla. Ela se virou para sair.

A voz de Aurora a interrompeu. "Não era tudo fingimento, sabia?", disse ela suavemente.

Isla engoliu em seco. Lembrou-se das centenas de vezes em que se sentaram naquela sala, diante da lareira, rindo, trançando os cabelos e fazendo juramentos. Seus olhos se encheram de lágrimas. "Eu sei", disse ela, antes de sair pela porta.



ORO

Naquela noite, Oro a encontrou esperando por ele em seu sonho.

E por um segundo, tudo ficou em silêncio. Seus problemas simplesmente desapareceram com a espuma do mar. Seu mundo se resumiu a olhos verdes, cabelos escuros, lábios vermelhos e um sorriso que sempre o fazia querer retribuir.

Ele era o rei de Lightlark. Não deveria desejar nada, mas, droga, ele a desejava. Ele *ainda* a desejava.

Porque ele não conseguia esquecer os meses em que lutaram, mostraram os dentes um para o outro e expuseram suas almas, enfrentando perigos que afiaram suas arestas e derrubaram suas defesas, forçando-os a se encararem sem medo ou armadura.

Ela o vira fraco, vulnerável e forte. E ele a vira coberta de vômito, soluçando e triunfante.

Eles tinham visto as cicatrizes um do outro e criado novas, mas, de alguma forma, nesse processo, também se curaram — e curaram um ao outro.

A vida era cruel, dura e cortante como uma lâmina, mas ela o fazia querer vivê-la. Juntos. Não havia ninguém com quem ele preferisse enfrentar o fim do universo.

Ele só a queria de volta. Mesmo que ela escolhesse Grim novamente, mesmo que nada tivesse mudado, ele só queria estar em um mundo com ela.

Eles tinham tudo o que Horus dissera que precisavam para construir o portal. A poça de maré. A energia de Cinder. O anel, com um fragmento de algo vivo de Skyshade. O próprio nome do lugar.

Agora... tudo o que eles precisavam era de Isla. Ela completaria a ponte entre eles.

Ela ficou de pé enquanto ele se aproximava, estendendo a mão para ele. Ele segurou suas mãos com firmeza, como se pudesse tê-la para sempre. Seu olhar percorreu-a, memorizando cada detalhe como se fosse a última vez.

“Você ainda está vindo atrás de mim”, disse ela, seus olhos verdes penetrando os dele.

"Sempre."

Ela suspirou, olhando para o mar verde-esmeralda. "Eu queria que este lugar fosse um lugar onde eu pudesse fechar os olhos e voltar sempre que estivesse triste. Como se eu pudesse guardá-lo no meu bolso."

Oro sorriu e apertou as mãos dela. "Você pode vir aqui quando quiser. É seu."

Ela se virou para ele com um sorriso malicioso. "Não, é *seu* . Ou você se esqueceu de que é o rei?"

Ele deu um passo à frente até que estivessem a um sopro de distância, e ela teve que inclinar a cabeça para cima para encontrar seu olhar. Assim como fizera no final do Centenário, ele tirou a coroa da cabeça e a colocou sobre a dela. "Tudo o que tenho é seu", disse ele.

"Tudo?"

Ele assentiu com a cabeça.

“Até mesmo aquela capa?”

Ele tentou desfazer o nó, mas ela segurou seus pulsos para impedi-lo, rindo. "Dourado não é a minha cor", disse ela casualmente.

Sua voz não era nada casual quando ele disse: "Foi. Uma vez."

A expressão de Isla tornou-se séria enquanto ela olhava para o horizonte. Ele se perguntou se ela estava se lembrando do mesmo momento que ele. Quando ela o convidou para dourar o vestido que usava. A fé que ela depositou nele o ajudou a vencer seus medos, seu trauma. Ele a pintou de dourado e nunca tinha visto nada tão belo em toda a sua vida.

“Eu vejo tudo com tanta clareza”, disse ela. “Nossa vida juntos. Se as coisas... Se...” Ela sorriu, como se estivesse vendo tudo em sua mente.

“Isla. Temos tudo o que precisamos. Mas para chegar até você, precisamos das suas habilidades Selvagens. Precisamos que você restaure os laços.” Seu queixo Ela parou. Seus olhos não se desviaram do mar. "Eu sei que você nos pediu para não virmos. Você mudou de ideia?"

Ela era a peça que faltava. No silêncio, seu peito se apertou em pânico. E se ela ainda insistisse em mantê-los afastados? E se ela estivesse decidida a se sacrificar?

As ondas quebravam em seus pés. Uma brisa salgada acariciava seus cabelos.

Finalmente, ela se virou para ele e disse: "Eu tenho. Amanhã. Você estará pronto?"

O alívio quase o fez cair de joelhos. "Sim." Ele queria abraçá-la, percebendo que poderia *realmente* tocá-la em questão de horas. Eles poderiam estar juntos fora de suas mentes. Mas a expressão de Isla se tornou pesada. "O que foi?"

“Só vou levar um de vocês”, disse ela.

Oro franziu a testa. "Mas nós *dois— "*

“Alguém tem que ficar. Vocês dois não podem ir embora, já que eu também já fui. E se... e se...”

"E se algo acontecesse com todo o povo deles?" , foram as palavras que ela não disse.

Oro fechou os olhos com força. Ele, mais do que ninguém, entendia o raciocínio dela.

"Você já fez sua escolha?", perguntou ele quando finalmente abriu os olhos.

"Não", disse ela, e ele sentiu um gosto doce. Ela estava dizendo a verdade.

Ele respirou fundo. Algo nele, e na maneira como ela disse as palavras, fazia parecer que era mais do que apenas uma decisão sobre quem ela achava que poderia ajudá-la a derrotar Cronan. Parecia quase definitivo.

“Então, acho que espero te ver em breve”, disse ele, antes que o sonho se dissipasse numa onda de mar salgado.



ORO

"Ela só vai escolher um de nós para atravessar o portal", disse Oro a Grim na manhã seguinte. O sol se punha no horizonte atrás das poças de maré onde Grim os havia transportado. Ele relatou tudo o que Isla havia dito em seu sonho.

Se o Nightshade ficou chateado com a visita de Isla, ele não demonstrou. Ele apenas disse: "Obviamente, nós dois achamos que deveria ser nós dois."

Oro suspirou. "O que sentimos não importa. É ela quem está reabrindo a ponte — precisa ser uma escolha dela."

Apesar da verdade em suas palavras, Oro esperava desesperadamente que ela o escolhesse. Ela já o *havia* escolhido , após o Centenário. Mas será que essa decisão foi tomada por afeto ou por mágoa, depois de ter sido traída por Grim?

Oro reprimiu o pensamento. Tinha sido real, ele tinha certeza . Ele conhecia a verdade melhor do que ninguém, e nenhum momento entre eles havia sido falso.

Eles tinham sido *felizes* .

Até que ela começou a se lembrar.

No fim da guerra, ela fez uma escolha diferente: ficar com Grim. Mas ela estava tentando salvar Oro e todos os outros. Nesse caso, foi mesmo uma escolha?

Mas Oro não conseguia esquecer o que encontrou depois de voar por dias para verificar como ela estava, após sentir que sua conexão com ela havia enfraquecido. Ele presumiu que ela estaria infeliz ou presa... mas não estava. Ela estava *feliz* .

E essa verdade tinha sido a mais dolorosa de aceitar. Que ela não odiava Grim, mesmo depois de tudo.

Que ela amava os *dois* .

Oro não a culpava. Isla estava presa entre uma vida passada e uma presente. Qualquer pessoa em sua posição estaria confusa. Principalmente com tudo o que estava em jogo na profecia.

Mas agora... agora ela teria que escolher entre os dois.

Sua escolha final.

Um instante depois, Oro perdeu completamente a consciência quando Grim teleportou Cinder para as poças de maré. Os amigos de Oro estavam esperando no penhasco com Maren, caso algo desse errado.

Não havia motivo para hesitar. Oro ergueu os braços — e a maré alta invadiu a baía.

A água os atingiu em cheio, mas eles estavam preparados com escudos de

chamas e sombras. Caminharam com segurança, cortando o mar como lâminas, em direção à piscina azul brilhante.

Ele conhecia Isla. Se ela estava disposta a fazer essa conexão e deixar um deles entrar, era porque estava em apuros. Ela precisava deles.

E um deles estaria com ela em instantes.

A piscina brilhou com mais intensidade quando Oro e Grim entraram nela. Eles deixaram cair o anel e os Fios do Tempo que Isla precisaria e observaram enquanto afundavam até o fundo.

Então eles se encararam.

“Qualquer que seja a escolha dela... obrigado”, disse Oro, estendendo a mão.

Obrigado por se importar com ela tanto quanto eu. Obrigado por me ajudar a chegar até ela. E se ela escolher você, obrigado por salvá-la .

Grim apertou a mão dele com firmeza. "Obrigado por tornar a vida dela melhor", disse ele.

E ele estava falando sério.

Trocaram um último olhar, um último momento como aliados.

Então Oro se virou e acenou para Cinder. Ele e Grim afundaram na piscina, flutuando de costas. Desse ângulo, Oro pôde ver Cinder fechar os olhos e respirar fundo. Com um estalo, uma energia giratória a envolveu, crescendo e se intensificando até que ela foi erguida do chão. Seus olhos se abriram de repente — e estavam vazios, pura luz. Oro ouviu o suspiro agudo de Maren vindo do alto do penhasco.

Cinder levantou o braço e apontou para a poça de maré.

E um raio de pura energia atingiu a água.

Lado a lado, Oro e Grim estremeceram. A visão de Oro foi substituída por um brilho prateado ofuscante, um poder tão cortante quanto um mar de adagas que o incendiou. A luz dilacerou sua pele, queimou seu sangue e se alojou em seus ossos. Todos os seus sentidos foram arrancados, substituídos apenas por uma luz infinita. O mundo rugiu como se uma tempestade o tivesse assolado.

Estava funcionando .

Ele podia sentir Grim canalizando seu poder para dentro dele, seu talento e sua habilidade de Sombra Noturna. Oro fez o mesmo com seu poder de Filho do Sol. A poça de maré girou com energia, estilhaçando-se, fraturando-se e reformando-se como uma porta.

Agora, eles só precisavam que Isla fizesse sua escolha e abrisse a porta.



ILHA

Hoje era o dia.

Isla tinha seu plano. Ela só precisava ser forte o suficiente para levá-lo adiante.

Aurora havia lhe dado todas as informações de que ela precisava.

Ela mataria Cronan. Ela reabriria um de seus vínculos. Então, ela descobriria como matar Lark, que mal conseguia respirar em seu estado atual. Ela descobriria como usar seu talento para trazer todos de volta, e todos os seus erros seriam desfeitos. Seu mundo, e todo o universo, seriam salvos.

Os cavaleiros vieram buscá-la naquela manhã, como sempre faziam. Ela deixou que a arrastassem pelos corredores úmidos e a empurrassem para a sala da galáxia. Não hesitou quando aqueles passos altos e ressonantes ecoaram. Ergueu o queixo quando ele finalmente a encarou.

E desta vez, pela primeira vez, quando as sombras de Cronan invadiram sua mente, ela não lutou contra ele.

Ela lhe deu tudo o que ele queria, enquanto se agarrava ao presente, lutando para manter os olhos bem abertos. Pois alguém como Cronan só vincularia seu poder a um objeto que mantivesse sempre por perto...

E não demorou muito para descobrir o que era.

Cronan deve ter pensado que Isla simplesmente havia desistido. Ela sentiu um sobressalto quando ele alcançou o fundo de seus pensamentos, tudo o que ela tentara esconder. Toda a energia que ela gastara para construir aquelas paredes, agora ela a guardava.

E sem a dor e a força de mantê-lo afastado, ela percebeu algo que nunca havia percebido antes. Quando as sombras dele a invadiam. Ele estava criando uma ponte entre eles. E ela podia sentir os resquícios de seu poder, ainda cintilando.

Lentamente, ela começou a sorrir. Seus planos começaram a se remodelar. Enquanto ele se afastava de sua mente, seu próprio rosto contorcido em uma satisfação doentia, ela se agarrou à conexão entre eles, mantendo um fio de suas sombras entre os dois. Ele parecia não sentir nada. Nunca lhe ocorrera que, durante todo esse tempo, ele a estava torturando com suas habilidades mentais...

Ela estava aprendendo.

Ela só precisava de mais tempo. Mais tempo para despertar os fragmentos de poder dentro de si e moldá-los em algo que pudesse usar. "Por quê?", disse ela. "Por que você despedaçou galáxias? Por que usar esse poder para a destruição?"

Ele a encarou com um sorriso debochado, como se ela fosse a maior tola do

mundo. "Alguns mundos merecem ser destruídos."

Ela não acreditava nisso. " Vale a pena lutar por *todo mundo."*

“Bem, sua luta foi em vão”, disse ele simplesmente, como se fosse um fato. Como se ela fosse apenas um grão de areia insignificante em sua vida imortal.

E agora, ela seria apenas uma lembrança que ele logo esqueceria.

Suas sombras avançaram, tentando alcançá-la. Ele já havia saqueado sua mente, e agora a quebraria e a remodelaria em tudo o que precisasse. Ele a usaria como uma arma para brandir o diamante em seu pescoço, aquele que ele não podia reivindicar para si.

Ele a mantinha presa com suas sombras. Elas eram firmes como ferro, entrelaçadas em seus ossos. Mas agora ela era mais forte, mais concentrada, tendo mergulhado na Piscina das Possibilidades e feito as pazes com seu passado. Ela era uma espada que racharia seu próprio futuro.

“Tudo pode ser quebrado”, sussurrou ela, enquanto se libertava de seu aperto. Antes que ele pudesse fazer qualquer movimento, ela fechou os dedos em torno da adaga de energia que vinha formando na palma da mão.

E apunhalou-o na canela.

Ele rugiu, seus joelhos batendo no chão. Suas sombras irromperam, disparando diretamente contra ela. Mas a energia dela era mais rápida, alcançando-a. A sala, e todos aqueles pedaços quebrados da armadura de seu pai se juntaram, formando um escudo enquanto voavam. Ela empilhou cada pedaço e o cobriu com sua própria energia, amplificando o poder que o ferreiro havia infundido nele. Suas sombras encontraram o aço e foram desviadas, atingindo a testa de Cronan e mergulhando em sua mente. Abrindo-a à força. Seu rosto se contorceu em horror e dor, e centímetro por centímetro, o corpo de Isla retornou a ela. Ela se levantou lentamente e parou diante dele. Seus olhos estavam arregalados e sem vida. Com um movimento de seu dedo, aqueles pedaços de metal se reformaram ao seu redor, um quebra-cabeça se formando em sua pele, até que ela estivesse brilhando.

“Você pode pensar que meu coração é minha fraqueza. *Que o amor* é minha ruína”, disse ela enquanto ele gemia de agonia. “É mais fácil fechar o coração. Consumir e destruir do que dar.” Ela sorriu com desdém, assim como ele já havia feito inúmeras vezes com ela. “Mas só uma coisa neste mundo é infinita, e essa coisa é *o amor* . Não o poder. Não *você* .”

Ela deu um passo em direção a ele. "E eu não estou sozinha", disse ela. Ela podia sentir o sussurro de todas aquelas almas dentro dela, incluindo a de sua mãe e a de seu pai. Ela podia sentir as almas de Grim e Oro entrelaçadas com a sua — ela podia sentir a força delas, chamando a sua. Reforçando a sua. "Eu não estou sozinha", Isla repetiu. "Mas você está. Porque tudo o que você faz é destruir."

Ela não era forte o suficiente para enfrentá-lo sozinha, mas *ele* era. Cronan rugiu enquanto lutava contra a própria mente. Ele se contorcia, tentando se mover. Mas não havia para onde fugir. O inimigo que ele enfrentava estava dentro dele.

“Você só tem isso. E agora... é meu.” Ele rangeu os dentes para ela, mas nada pôde fazer enquanto ela estendia a mão para sua coroa — e a tomava.

No instante em que seus dedos tocaram o metal, ela soube com certeza que aquele era o objeto ao qual seu poder estava ligado. Uma energia pulsava sob sua pele, queimando tão intensamente que ela quase o deixou cair. No momento em que saiu das mãos de Cronan, ele urrou, como se algo crucial tivesse sido roubado.

Ela colocou a coroa na cabeça, e o metal pareceu derreter em seu crânio, buscando um hospedeiro.

Instantaneamente, uma onda de poder percorreu seu corpo. Um poder tão intenso, tão saturado, que a atraiu, libertando-a completamente da prisão vazia de Cronan.

Isso despertou poder Selvagem mais do que suficiente para enviar através da ligação e ajudar a completar o portal. Ela viu a piscina prateada novamente em sua mente. Mas, pela primeira vez, não estava vazia.

Grim e Oro estavam ambos submersos em suas águas. As duas metades do coração dela lutavam para trazê-la de volta.

Isla estendeu a mão para uma delas, por instinto. Mas a mulher prateada apareceu em seu caminho e a deteve.

“Há algo mais que você precisa saber”, disse ela. Ela parecia mais triste do que Isla jamais a vira, o que era surpreendente considerando que Isla finalmente estava se libertando de Cronan. A mulher olhou de Oro e Grim na piscina para Isla. “Ao longo da história, em tempos de grande convulsão no universo, almas foram unidas.”

Isla piscou. *Almas gêmeas?* Ela não entendeu.

“Esses pares são compatíveis não apenas em alma, mas também em poder.” A mulher olhou para Isla com verdadeira tristeza nos olhos. “Você é a primeira a ter duas almas ligadas à sua. Dois pares perfeitos, predestinados. Sua alma está dividida, Isla. E continuará se dividindo. Até que você morra — ou mate um deles.”

Os olhos de Isla ardiam. Ela não sabia nada sobre destinos traçados ou almas unidas, e não se importava — amava *os dois* . Apesar da razão. Apesar das circunstâncias. Mas ouvir aquilo a fez entender por que parecia impossível escolher.

“É a coisa mais cruel do mundo ter que matar a alma gêmea”, continuou a mulher. “Mas é certo. Um de vocês três *vai* morrer.”

“Não.” Ela estava cansada dessa profecia. Cansada de ouvir que teria que *cravar uma lâmina no coração do homem que amava* .

A mulher suspirou profundamente. "Você se preparou para isso a vida inteira. Seu destino foi traçado antes mesmo de você existir."

"Vou reescrevê-lo", rosnou Isla.

A mulher apenas sorriu suavemente. "Você age como se o destino fosse algo que simplesmente acontece com você. Mas é *você* quem o está moldando. Você está escrevendo seu destino com cada escolha que faz."

Isla congelou, ponderando sobre aquelas palavras, desviando o olhar para onde Oro e Grim flutuavam na piscina. Ela não conseguia imaginar nada que a fizesse *escolher* matar um deles. Simplesmente não conseguia.

"Eu *não consigo* ", disse ela. "Eu não sou... eu não sou forte o suficiente."

“Mas você é”, disse a mulher, com firmeza. “Você é forte o suficiente para salvar não só o seu mundo, mas o resto. E tudo começa com esta escolha. Você viu o seu passado e obteve clareza com ele.” Ela roçou o dedo no pulso de Isla, onde repousava o amuleto de sua mãe. Ali estava o dom de sua mãe — a capacidade de ver o futuro. “Se você for colocada na piscina, verá seus dois futuros. E o que acontecerá se escolher um... ou o outro.”

Lágrimas escorriam pelo seu rosto porque... ela não queria saber. Ela não queria *ver* . Ela tinha medo do que descobriria. "Você está pronta para ver?", perguntou a mulher.

“Não”, disse ela.

A mulher assentiu com a cabeça, demonstrando ao mesmo tempo decepção e compreensão.

“Mas estou pronto para escolher. De uma vez por todas.”

Isla piscou, e a mulher desapareceu. Apenas Grim e Oro permaneceram, ainda estendendo as mãos em direção a ela na água.

Sua mão tremia ao lado do corpo. Aquilo parecia *errado* . Sua própria alma parecia protestar, como se estivesse se despedaçando. Mas ela precisava fazer isso.

Seu peito estremeceu com um soluço enquanto ela estendia a mão. Não para ambos... mas apenas para um. Seus dedos se agarraram aos dele.

Ela amava os dois. Mas um deles tinha um pouco mais da sua alma.

“Eu o escolho”, disse ela. “Eu *o escolho* .” Isla sentiu a ponte entre eles surgir, mais forte do que nunca, enquanto o conduzia até si. Seu peito ardia, sua alma em chamas, enquanto sua visão era tomada por redemoinhos de energia prateada.

Ela piscou. Tinha sido apenas um instante. Quando sua visão clareou, Cronan estava lá, ainda de joelhos, como se não conseguisse ficar totalmente de pé. Ele se lançou em direção a ela. Em direção à sua coroa.

Isla tirou o chapéu da cabeça e usou cada resquício de força que lhe restava para arremessá-lo do outro lado do cômodo.

Estilhaçou-se, e Cronan estremeceu, como se tivesse sido apunhalado mil vezes no peito. Ele rugiu — em agonia, em fúria.

Mas, em vez de ir atrás da coroa quebrada, ele foi atrás dela. Agarrou-a pelo pescoço e a atirou ao chão, fazendo com que a cabeça dela se chocasse contra a parede. A outra mão fechou-se em torno do diamante que estava em sua garganta. Sua expressão não era mais fria — era de loucura.

O aperto dele em torno do pescoço dela se intensificou e ela engasgou, chutando fracamente com as pernas. Sem a coroa dele, sem a conexão de suas mentes, Isla estava impotente mais uma vez. Sua visão começou a escurecer nas bordas. Seus membros pareciam pesados. Ele estava a segundos de reivindicar seu diamante de uma vez por todas. De usá-lo para invadir seu mundo e sugar tudo o que havia nele.

“O amor nada mais é do que uma fraqueza”, disse ele, com um olhar furioso. “E você não passa de uma tola por quebrar minha coroa, pensando que isso seria

o meu fim. Mas eu sempre me reerguerei. Farei uma nova coroa. E este diamante estará bem no centro dela."

Isla sabia que estava perdendo a batalha para se manter consciente. O rosto dele estava borrado. Seus pulmões ardiam, como se estivessem em chamas. A escuridão invadia as bordas de sua visão.

Mas antes que ela pudesse sucumbir às sombras, algo neste mundo... se quebrou. E Isla sentiu um poder que rivalizava até mesmo com o de Cronan, especialmente sem a coroa dele. Cronan também deve ter sentido, porque olhou para cima tão freneticamente que seu aperto afrouxou um pouco. Ela inspirou com dificuldade.

"O que é isso?" Cronan rugiu para seus cavaleiros, que começaram a invadir a sala. O castelo tremeu. Os céus se abriram.

Isla podia senti -*lo* , cortando o mundo como uma lâmina, correndo em sua direção numa grande explosão de energia.

Com sangue escorrendo do canto da boca, Isla sorriu e disse: "Esse é o meu marido."

E a sala se estilhaçou quando Grim aterrissou no centro dela em um rastro de sombra ônix. Os cavaleiros foram arremessados para trás, e o próprio Cronan foi lançado para longe.

Grim não deu atenção ao seu ancestral. Não lançou um olhar sequer ao exército de cavaleiros espalhados pela sala. Parecia não notar a galáxia além do teto de vidro que se estendia ao redor deles.

Não. Ele apenas olhou para ela, como se fossem as únicas duas pessoas no universo.

"Coração", disse ele, sem mover os lábios. Mas ela sentia aquela palavra como se estivesse gravada em sua própria alma.

Ela estava despedaçada e sangrando, mas seus lábios se curvaram em um sorriso que ele retribuiu, e cada pedaço fragmentado de si mesma finalmente se encaixou. A ponte entre eles estava completa e definitiva, reluzente. Ela não conseguia distinguir onde a alma dele começava e a dela terminava .

Este era um amor que rivalizava com o tempo, o espaço e o destino. Este era um amor que moldaria o destino e as galáxias.

Agora que ele estava diante dela, ela se perguntava como havia conseguido sobreviver a essa distância.

Mas isso já não importava. Ele havia encontrado o caminho de volta para ela. Exatamente como sempre prometera.

Lágrimas brotaram em seus olhos enquanto ela olhava, e olhava. Milhares de desculpas e promessas estavam na ponta da língua. Mas ela não precisava dizer uma palavra.

"Eu sei", disse ele, e ela sentiu que ele realmente sabia. Ele a *conhecia* . Cada detalhe dela.

A coroa de Cronan ainda estava do outro lado da sala, em pedaços. Ele estava na extremidade oposta, lutando para se manter de pé. Enquanto ele bradava ordens para seus cavaleiros, Isla se levantou rapidamente e correu em direção a Grim, que se aproximava dela.

Tudo havia acabado. Aquele tormento finalmente chegara ao fim. Estavam juntos, e nada, *absolutamente nada* , poderia separá-los agora. Nem mesmo Cronan. Com seus poderes unidos, seriam imparáveis. Seu mundo seria salvo. Cada peça do plano dela se encaixaria perfeitamente.

Ela estendeu a mão para ele. Ele estendeu a mão para ela. Seus dedos estavam a poucos centímetros de distância. Mas antes que pudessem se tocar, uma sombra invadiu sua mente e falou.

Não foi a dor da intrusão que fez seus olhos se arregalarem — foram as palavras.

Você acha que esse amor é infinito? Veja como ele se quebra facilmente .

Não.

O tempo pareceu desacelerar enquanto Isla estendia a mão para Grim, tentando diminuir a pequena distância entre eles. As sombras de seu marido se espalhavam pela sala, matando todos em seu caminho. Metade dos cavaleiros já estava morta. Eles estavam quase no pescoço de Cronan.

Mas Isla viu o exato momento em que Cronan invadiu a mente de Grim. Aconteceu tão rápido que ela não conseguiu dizer uma palavra. Nem sequer conseguiu avisá-lo.

E Grim parou abruptamente. Suas sombras se dissiparam.

Grim piscou, olhando ao redor da sala, confuso. Seus olhos pousaram nela, e —

Ela não viu nem o menor sinal de reconhecimento.

Veja como é fácil absorver as memórias de alguém , disse Cronan, para dentro da mente dela. *Você deveria saber. Mas desta vez, é permanente. As memórias dele sobre você se foram para sempre* .

A risada cruel de Cronan ecoou por todo o seu crânio.

Tudo pode ser quebrado .

Impossível. Isla se recusava a acreditar. Nada poderia quebrá-los. *Eles eram infinitos* .

Mas, ao tentar alcançar o vínculo com Grim, forjado através de inúmeros obstáculos, aventuras e memórias, como um mosaico, como todas as pequenas decisões que se transformaram em *tudo* , ela caiu de joelhos, soltando um soluço convulsivo.

O vínculo entre eles havia se desfeito.



SINISTRO

Havia uma mulher no chão que ele nunca tinha visto antes.

Ela tinha uma aura estranhíssima ao seu redor. Era *vermelha* . Como rosas, corações e sangue. Ele nunca tinha visto uma aura daquela cor. Ou tão saturada.

Seus olhos verdes estavam arregalados enquanto suas emoções o atingiam como um aríete.

Uma tristeza dilacerante. Um desespero que penetra até os ossos.

Por último, e o mais forte de todos... *o amor* .

Para ele.

Impossível. Grim jamais se aproximaria o suficiente de uma mulher para que ela se importasse com ele dessa forma. Ela era uma estranha. Por que ela o amaria?

Então ele sentiu algo mais. *Os poderes dela* . Ela era Selvagem... e *Beladona* . E Estrela Cadente. De alguma forma, ela também tinha acesso às habilidades de Sol, Céu e Lua. Só havia uma maneira que ele conseguia imaginar de como...

"Você a conhece?" Uma voz profunda e ressonante perguntou do outro lado da sala. Grim se virou e viu um homem que reconheceu como Cronan, seu ancestral. Grim sabia que estava em outro mundo, aquele em que os fundadores de Lightlark haviam vivido. Mas não conseguia se lembrar por quê. Revirou suas memórias, franzindo a testa. Teria ele realmente trabalhado com Oro, seu inimigo, assim como com os governantes Skyling e Moonling? Eles queriam trazer alguém de volta para o seu mundo... poderia ter sido essa mulher?

Não. Ela — embora de uma beleza estonteante e de um poder perturbador — era uma estranha.

“Não”, disse Grim.

Ao ouvir a resposta dele, uma tristeza profunda tomou conta da mulher. Lágrimas rolaram por suas bochechas coradas. Grim a observou, fascinado por seu enigma.

Essa fascinação só aumentou quando ele notou o que havia em seu pescoço. O diamante Infinito. Como era possível? Seria uma ilusão, um truque? Mas ele podia sentir o poder que emanava dele. Ela o havia reivindicado? Como?

“Essa mulher é a razão pela qual seu reino está à beira da ruína”, disse Cronan. “Ela está apaixonada pelo rei dos Filhos do Sol.”

Sim, era o que ele suspeitava, depois de sentir o arsenal de poderes dela. Então, por que ela o olhava daquele jeito? Por que estava tão triste?

Grim tateou ao redor, buscando as emoções de Cronan e da mulher, tentando

entender a situação. As de Cronan eram quase inexistentes, como se corroídas pelo tempo, sua aura um vazio pulsante e quase incolor. A mulher era o oposto. Ela sentia tanto que parecia sangrar por causa disso. Mas, naquele momento, essas emoções não se manifestavam em desafio ou indignação. Ela sequer tentou negar as palavras de Cronan. E certamente era forte o suficiente para arruinar o reino dele.

Foi por isso que Grim veio aqui? Para impedi-la?

“Isso mesmo”, disse Cronan, como se pudesse ler os pensamentos de Grim. E talvez pudesse mesmo. “Ela será o seu fim e o fim de tudo pelo que nossa linhagem lutou. Ela tentou me matar, e você será o próximo.”

“ *Grim* ”, disse ela, e *aquela voz* ... Atravessou-o por completo. Se ele não tivesse reprimido tanto as próprias emoções, talvez tivesse se comovido. Mas ele não se importava com ela. Ela balançou a cabeça, confrontando a falta de reconhecimento em seu olhar. “Você me conhece”, disse ela, sufocando um soluço.

Ele não fez isso.

"Mate-a", disse Cronan.

E Grim fez o que sempre fazia: eliminou qualquer ameaça ao seu reino.

Ele desferiu um golpe certeiro com adagas afiadas como lâminas, bem em direção à garganta dela.

Aquele diamante seria *dele* .

Os olhos dela se arregalaram. Aquele olhar o transportou de volta no tempo, para quando ele havia matado outra pessoa com essas mesmas sombras. Alguém por quem ele realmente *tinha* carinho. Foi quase o suficiente para fazê-los voltar.

Quase.

Um instante antes das lâminas sombrias atacarem, a mulher ergueu os braços, cruzando-os diante do rosto.

E uma onda de poder explodiu dela, atingindo-o em cheio no peito. Ele foi arremessado para trás pela força do impacto, deslizando pela sala até bater na parede. Observou-a olhar para ele, sua expressão de pura devastação, sua aura impregnada dela, antes que ela disparasse, rompendo o que restava do teto e alçando voo em direção ao céu cintilante.

Um segundo depois, um trovão ribombou. Uma tempestade se formara sobre eles.

"Cacem-na e tragam o seu cadáver!", bradou Cronan.

Grim olhou para ele com desdém. Cronan era seu ancestral, mas Grim não recebia ordens dele.

Os olhos de Cronan se estreitaram diante da afronta dele. "Ela será a sua ruína e a de todo o seu povo. Vai deixá-la escapar? Quando ela empunhar aquele diamante? Só você pode detê-la."

Grim passou séculos protegendo seu reino da destruição. Se ele caísse, significaria que toda aquela dor e sofrimento teriam sido em vão. Ele não deixaria uma mulher arruinar tudo.

As sombras o envolveram quando ele saiu correndo do quarto atrás dela.



ORO

Ela havia escolhido Grim.

Oro emergiu da água, ofegante. Estava sozinho, então tinha funcionado — eles abriram o portal. Uma onda o atingiu, arrastando-o para as profundezas da piscina, o sal queimando sua garganta. O mar estava agitado, a maré subindo com força suficiente para quase levá-lo embora.

Ele quase desejou que isso acontecesse.

Ele e Grim lhe deram uma escolha... e ela a fez.

Oro irrompeu na superfície mais uma vez, a realidade de sua situação se instalando em seu sangue e ossos. Seu coração pulsava com uma dor que ele não conhecia há séculos. Uma perda dilacerante. Devastação. Ele lamentava o futuro que havia imaginado para ambos — uma vida brilhante e dourada que agora lhe parecia uma piada cruel.

Ela já havia escolhido Grim antes, mas não parecia ser algo definitivo até agora. Ele sempre soube que o amor que sentia por Isla era real, mas o amor dela por Grim também era real. E, aparentemente, era mais forte.

Oro fechou os olhos e, pela primeira vez desde que Isla desaparecera no centro daquele labirinto, permitiu-se finalmente desabar. As lágrimas que escorriam pelo seu rosto eram uma sensação estranha. Não se permitia chorar desde a morte da mãe, há mais de meio milênio.

Oro havia perdido Isla de vez.

Uma lágrima atingiu a água, e toda a ilha estremeceu. Ele estava ligado a ela, irrevogavelmente, pela maldição do nexo. E enquanto seu coração e alma se despedaçavam, a própria ilha parecia se partir com ele.

Os penhascos brancos ao seu lado começaram a desmoronar, caindo no mar em nuvens de poeira e respingos. Oro ouviu gritos à distância, mas os ignorou quando uma enorme onda gigante surgiu no horizonte, avançando diretamente em sua direção e na ilha.

O poder pulsava nas veias de Oro. Ele conhecia o perigo de usar as emoções como combustível para suas habilidades — sabia que era fácil demais se deixar levar, extrair cada resquício de poder até não sobrar nada. Mas essa perda finalmente havia quebrado as amarras do seu autocontrole.

A onda o alcançou e se transformou em vapor ao impacto — seu corpo se transformou em chamas. Ele foi arremessado para o ar, o vento o envolvendo, misturando-se com seu fogo e criando um tornado flamejante.

Ele era o rei de Lightlark. A pessoa mais poderosa deste mundo.

Ele nunca havia se permitido explorar verdadeiramente as profundezas de seu poder antes. Talvez encontrasse algo ali, algo que pudesse pôr fim a essa dor.

Um vento ardente o envolvia e o ciclone crescia, elevando Oro ainda mais. Abaixo dele, o oceano fervilhava em anéis de energia crepitante. Um relâmpago brilhou acima dele, o estrondo do trovão reverberando por todo o seu corpo.

“Oro!” alguém gritou, por cima do rugido das chamas do mar e do vento. Ele olhou para baixo — uma figura havia atravessado o fogo, entrando no olho do tornado.

Enya.

Ele fechou os olhos. Não queria vê-la — não queria ver ninguém. Não conseguia ouvir o que eles tinham a dizer.

Oro sabia que tinha sido tolice continuar amando Isla apesar de tudo, mesmo depois de descobrir que ela era casada. Mas todas as suas regras, precauções e receios se reduziram a cinzas perto dela. Ela era sua constelação, e ele esperava que eles encontrassem o caminho de volta um para o outro.

Agora que ela se fora... agora que ele sabia que ela nunca mais estaria com ele...

Só o poder poderia preencher esse vazio enorme em seu peito. Por quase toda a sua vida, ele reprimiu justamente aquilo que o tornava grandioso. Recusou-se a ceder à sua força sem precedentes, a perder o controle de si mesmo. Mas agora...

Seu tornado cresceu, a energia percorrendo suas veias como um relâmpago. Era uma sensação *boa* . Ele se elevou ainda mais alto no céu, arrastando pedras e árvores para sua tempestade. Ele destruiria tudo em seu caminho. Ele se entregaria por completo até ficar tão vazio e oco quanto ela o havia deixado.

“ *Oro* .”

A voz de Enya era um suspiro desesperado. Ele abriu os olhos e viu a amiga de joelhos, agarrando a garganta. O ar no centro do tornado estava sendo sugado com tanta força que ela não conseguia respirar. Já havia extinguido suas chamas.

Os olhos dela estavam arregalados. Suplicantes. Ele a conhecia desde que nascera e nunca a vira com tanto medo dele. Nem quando eram crianças e ele acidentalmente dourara uma criada. Nem quando incendiara o mar.

“Seus olhos”, disse Enya, e ele olhou para a água que se juntara ao seu tornado. Ele criou uma camada de gelo. E em seu reflexo, viu chamas dançarem em suas íris.

"Você não está... sozinho", sussurrou Enya, e Oro piscou. Era verdade que ele nunca havia sentido uma dor como aquela.

Mas seu coração não pertencia apenas a Isla. Pertencia também aos seus amigos.

Enya . Relâmpagos da amizade deles cintilavam em sua visão, dissipando sua devastação. Aquele amor se estendia como raízes para ancorá-lo, afastando a raiva e a dor que alimentavam seus poderes.

Enya caiu no chão, seus cabelos ruivos brilhando contra a areia. Foi assim que ela morreu? Não. *Não* .

Ele caiu na praia, sua tempestade repentinamente se abatendo sobre ele. Ajoelhou-se ao lado de Enya, virando-a de costas desesperadamente. Ela parecia

tão imóvel — ele tinha feito isso? Ele realmente a tinha matado? Oro A respiração ficou sufocada pelo pânico que lhe apertava o coração, diante do horror de seus atos, enquanto—

Enya tossiu. Oro conseguiu ver o mais leve movimento de subida e descida do seu peito. Ela estava viva, mas por um fio.

Ele quase chorou de alívio ao puxá-la para si. Só então se lembrou de que não estavam sozinhos...

Cinder e Maren. Zed e Calder .

Ele olhou para onde o penhasco estivera e os avistou pairando em uma rajada de vento que Zed havia invocado. Sem a Estrela Cadente, todos teriam caído no mar junto com as rochas. Teriam *morrido* . Maren segurava Cinder inconsciente nos braços — a energia que usara para criar o portal devia tê-la feito desmaiar. A Estrela Cadente olhou para ele, com os olhos duros e sérios. Ela vira tudo.

"Eu sei o que é perder o controle" , ele lhe disse.

Ele estava se referindo ao que aconteceu séculos atrás. Oro deveria ser melhor do que isso agora. Mas isto...

Ele olhou em volta para a destruição que havia causado. Para a cicatriz que deixara nesta ilha que governava. Ele quase... ele quase...

Ele não podia deixar isso acontecer novamente.

Oro estava pronto para sufocar seus poderes, enterrar as memórias com Isla, guardar tudo numa caixa e esconder no canto mais escuro de sua mente, assim como fizera séculos antes, quando perdera o controle.

Mas então, a poça de maré ondulou. Oro franziu a testa, olhando para dentro dela.

Uma forma começou a emergir, tomando forma, e ele quase se permitiu ter esperança de que fosse ela. Que ela estivesse a salvo. Que eles tivessem conseguido dominar Cronan e retornar.

Em vez disso, uma garra surgiu das profundezas da piscina. Outra.

E a água se estilhaçou quando uma criatura irrompeu de suas profundezas com um rugido ensurdecedor.



ILHA

Grim estava vindo atrás dela. Ela podia sentir o poder dele se aproximando como uma escuridão capaz de apagar o sol do céu.

Ele não se lembrava dela.

Aquilo não podia ser real. Ela queria acreditar que era um pesadelo, mais um dos jogos mentais de Cronan. Mas ela vira o frio desinteresse nos olhos de Grim. Sentira o vazio onde antes residia o amor deles.

As palavras de Cronan foram claras. As memórias que Grim tinha dela não estavam apenas escondidas, elas haviam *desaparecido* . Para sempre.

Grim a teria matado se a tempestade não tivesse se formado a tempo de ela desviar suas sombras. Ela esperou até o último instante para bloqueá-las, tão certa de seu amor, *dele* , até que isso quase causou a ruína de ambos.

E agora, suas sombras se aproximavam. Ela voou mais alto, fugindo do marido até sentir o estrondo do trovão em seus ossos. Enquanto portais rasgavam o céu em fendas abertas e criaturas começavam a emergir, Isla vasculhou a noite em busca de um pequeno redemoinho que não a levasse para outro mundo, a poucos quilômetros dali. Como o portal pelo qual ela havia escapado quando os cavaleiros a encontraram com Lark no deserto de cinzas.

Ali ... Com as sombras de Grim em seu encalço, ela voou com toda a sua velocidade, impulsionando-se cada vez mais, até atravessar um turbilhão cintilante de cores — e desapareceu.

Ela se chocou violentamente contra uma duna de areia, seu corpo capotando de cabeça para baixo até finalmente perder o impulso. Ela ofegou, tossindo a poeira que inalou com o impacto. Sua garganta ardia. Ela se sentou, vomitando.

Sua armadura estava espalhada pela areia. Quando a tempestade acima dela começou a dissipar, ela usou os últimos resquícios de sua energia Estelar para derreter o metal e transformá-lo em uma pulseira de escamas que tilintaram ao lado daquela que sua mãe lhe deixara. Ali estavam elas. Seus dois últimos pertences.

Lentamente, ela se levantou, contemplando o mar infinito de areia e cinzas ao seu redor. *Não de novo* , pensou. Ela não tinha água, nem arma, nem para onde ir. O portal agora estava fechado acima dela, e longe da tempestade, ela também não tinha poderes.

Mas então ela notou algo à distância. Uma cratera, com lampejos de verde e azul. Outra visão? Não. Ela piscou, e ainda estava lá.

Uma aldeia? Um oásis neste deserto sem fim?

Um movimento soou atrás dela. Ela girou num instante, pronta para atacar — mas não era Grim. Era um rato do deserto, fugindo de uma cobra. Ele se enterrou na areia, e a cauda da cobra chacoalhou furiosamente enquanto o perseguia.

Grim não sabia onde ela estava. E ela não podia deixar que ele a encontrasse, não até que conseguisse bolar um plano. Por mais que doesse em seu coração já despedaçado... ela destruiu a ponte entre eles mais uma vez, caso isso pudesse levá-lo até ela.

Como as coisas deram tão errado? Por um belo e triunfante momento, ela pensou ter vencido. Ela se libertou das garras de Cronan e conseguiu feri-lo. Ela fez sua escolha e trouxe Grim a este mundo.

E agora...

Ela balançou a cabeça, tentando se concentrar no presente. Era o único jeito de superar aquilo. Porque se ela pensasse... Ela se concentrou demais na expressão vazia dele... em como ele quase a *matou* sem pensar duas vezes... ela desmaiaria e choraria até a desidratação a matar. E essa seria uma morte patética, depois de ter sobrevivido a tudo o mais.

Com as pernas trêmulas, ela se arrastou pela areia na direção da enorme cratera. Ao se aproximar, ouviu o tilintar de vidros e o murmúrio de vozes. Era, de fato, uma vila. O sol se punha quando ela desceu para um mercado, e parecia que a cidade estava ganhando vida. As pessoas dali deviam preferir trabalhar durante as horas mais frescas, longe do sol implacável. Aquilo a fez lembrar da ágora durante o Centenário, observando à distância os Filhos do Sol tomarem as ruas, sua maldição os impedindo de explorá-las durante o dia.

O pensamento fez o rosto de Oro surgir em sua mente, e ela sentiu uma pontada de dor. Ela não queria machucá-lo, nunca quis machucá-lo. Mesmo agora, depois de ter feito sua escolha, ela sabia que ele sempre teria uma parte de sua alma.

Mas a maior parte pertencia a Grim. Ainda.

Ela serpenteava entre as barracas do mercado, furtando alguns pedaços de tecido para se camuflar. Claro que isso não a disfarçaria de Grim. Mas ela suspeitava que Cronan também enviaria seus cavaleiros atrás dela. Não queria levantar suspeitas entre os aldeões, caso a denunciassem.

As barracas do mercado eram feitas de adobe e vidro — materiais muito mais disponíveis do que madeira, pensou Isla, em um lugar como aquele. O oásis tinha apenas algumas árvores, mas elas eram mantidas a uma distância segura. Ela observou algumas pessoas se ajoelharem diante delas em reverência.

Uma única poça d'água se formava no centro da cratera, e Isla se perguntou se ela já havia preenchido todo o buraco. Talvez aquilo — uma pequena poça, pouco maior que um lago raso — fosse tudo o que restasse.

Isla entrou na fila e, à medida que se aproximava, notou a água brilhando fracamente, mas nada parecido com a piscina em sua mente. Quando chegou à frente, percebeu que não tinha nada de onde beber.

“Aqui está”, disse uma voz atrás dela. Isla se virou, e a mulher ao lado na fila lhe entregou um copo de vidro. “Tenho um sobrando.” Ela tinha olhos cor de mel e pele levemente bronzeada. Os tecidos que vestia eram finos, mas com desenhos intrincados, em ondas que poderiam representar água ou areia.

"Obrigada", disse Isla, pegando a xícara. Ela a encheu e se afastou para beber. Estava no deserto havia apenas uma hora, mas a água refrescante lhe trouxe uma sensação bem-vinda de alívio.

“Isso nunca perde a graça, não é?”

Isla abaixou a xícara para ver a mulher que lhe fizera aquela gentileza. Ela terminou o último gole e devolveu-lhe o copo.

“A água sagrada é melhor do que qualquer outra que eu já tenha provado”, continuou a mulher. Ela observou Isla. Isla imaginou que ela estivesse com uma aparência terrível, por ter ficado presa em uma cela por dias. “Embora eu nunca tenha te visto por aqui antes.”

Em uma comunidade pequena como essa, Isla imaginou que suas roupas novas não seriam suficientes para fazê-la se misturar.

“Estou... me escondendo”, disse ela, buscando uma explicação que fizesse sentido.

A mulher franziu a testa. "De quem?"

“Meu marido.” Afinal, era a verdade.

A mulher assentiu com a cabeça, como se já soubesse de algo. Ela pegou a mão de Isla e a apertou suavemente. "Sou Jessel", disse ela, conduzindo Isla de volta pelo mercado. "Gostaria de comer alguma coisa?"

Isla piscou, surpresa com a gentileza imediata daquele estranho. Ela deveria recusar. Deveria continuar andando. E se fosse uma armadilha? Cronan governava aquele mundo, e ela não sabia o que isso significava em uma vila pequena como aquela.

Mas Isla não comia há dias. Estava exausta e arrasada. Então, seguiu Jessel de volta para casa.

A estrutura foi construída no subsolo, sob a crosta da cratera. Isla supôs que fosse para proteção contra as tempestades. Era um milagre que alguma das árvores tivesse sobrevivido a elas.

A sala principal era pequena e fresca, com uma lareira num canto e assentos esculpidos nas paredes. O fogo crepitava suavemente. Depois de dias numa cela, um lugar quente e confortável como aquele quase a fez chorar. Parecia um lar, e era notável que ainda restasse alguma paz naquele mundo de ruínas.

Isla levou um susto ao ouvir um grito, e então uma criança entrou correndo na sala. Outra logo se juntou a ela.

“Prelis, Agor. Dê um alô para o nosso convidado”, disse Jessel.

“Olá”, disse Prelis alegremente.

Agor aproximou-se dela. "Seus olhos são como copas de árvores", disse ele, num tom cético, quase como uma acusação.

Isla supôs que não era uma cor comum por ali. Seus próprios olhos eram como os da mulher — âmbar.

“Isso mesmo”, disse Isla.

"Por quê?", ele perguntou.

Isla não sabia como responder. Ela não podia simplesmente compartilhar que era de outro mundo.

Por sorte, Jessel a impediu de dizer qualquer coisa. "Agor. Estou fazendo

torta de pimenta. Quer me ajudar a pegar um pouco na areia?"

O menino se iluminou, esquecendo-se imediatamente dos olhos estranhos de Isla. Ele saiu correndo, com Prelis em seu encalço.

“Desculpe por isso”, disse Jessel.

"Está tudo bem", disse Isla, tentando esboçar um sorriso. "Seus filhos são adoráveis."

“Ah, não são meus”, disse ela. “Pelo menos não de sangue.” Isla poderia completar o resto.

Jessel apontou para um banco formado na parede de pedra. "Sente-se", disse ela. Olhou para Isla com uma mistura de curiosidade e cautela. "Porque eu quero saber como você tem olhos da cor das copas das árvores."

Isla não esperava ser tão honesta com Jessel. Talvez fosse porque ela só precisava desabafar com alguém. Mas ela se viu contando tudo para ela. que ela vinha de um lugar onde o verde estava por toda parte e as flores desabrochavam em todas as cores imagináveis.

E Jessel simplesmente sentou e ouviu. Parecia que nada a chocava.

“Este mundo já foi assim”, disse ela. Isla não conseguia imaginar viver nos destroços de um mundo como este. Encontrando, ocasionalmente, sinais de que ele já fora diferente.

Será que isso aconteceria com o mundo dela se Cronan conseguisse o que queria? Ou ele simplesmente o consumiria até não sobrar nada?

“Não sou velho o suficiente para ter visto isso, é claro”, continuou Jessel. “Tem sido assim há muito, muito tempo. Mas existem pequenos focos do que um dia foi. E existem alguns seres... que se lembram.”

Remlar havia dito algo semelhante — ele também era deste mundo e se lembrava do que poucos tinham. Isla engoliu a dor aguda ao se lembrar disso. A morte de Remlar ainda parecia inacreditável, que uma criatura tão antiga pudesse simplesmente deixar de existir. Ele havia morrido pela chance de um mundo melhor. E Isla havia falhado com ele, assim como havia falhado com todas as pessoas que acreditaram nela.

“Quando cheguei aqui pela primeira vez”, disse Isla, “fui capturada por um grupo de saqueadores no deserto. Eles eram capazes de exercer poder. Mas eu não vi ninguém nesta aldeia fazer nada parecido...”

Jessel balançou a cabeça. "Existem muitas facções nessas terras", disse ela, "e eu não sei muito sobre elas. Mas elas negociam artefatos que coletaram de outros mundos e que acabam aqui — é possível que tenham encontrado uma maneira de controlar as tempestades através de um desses artefatos, para atravessar... o bloqueio."

Então, os colares delas deviam ser parecidos com os anéis de Azul.

Isla fez uma pausa, pensativa. "O que você sabe sobre *ele* ?"

Uma sombra pairava sobre a expressão de Jessel, que estava amassando a massa. Isla não precisou esclarecer a quem se referia. "Eu sei que ele é o motivo de toda essa ruína. Ele... e seus cavaleiros."

“Alguém já tentou se opor a ele?”

Ela soltou uma risada abafada. "Claro. Mas qualquer um que fosse tolo o suficiente para tentar nunca voltava." Ela acenou com a cabeça em direção a um jogo rudimentar no canto, feito de vidro e pedra esculpida. Pertencia aos meninos. "Foi o que aconteceu com os pais deles." Ela suspirou. "Eles brigaram... e por quê?"

Jessel franziu a testa, como alguém que perdera a esperança. Olhou para Isla de soslaio. "É por isso que você está aqui? Para destruí-lo?"

Isla assentiu com a cabeça. Ela não sabia se tinha sido imprudente contar-lhe aquilo. "E para salvar o meu mundo."

Ela estava fazendo um trabalho péssimo em ambas as funções.

Mesmo assim, Jessel apenas a encarou. "Já que está nisso, salve a nossa, por favor?", perguntou ela. Seus lábios se curvaram em um sorriso torto. Seu tom era descontraído, mas Isla não deixou de perceber o desespero por trás dele.

Os meninos voltaram poucos minutos depois, e o quarto se encheu de risos e caos. Por uma única noite, Isla quase conseguiu esquecer a agonia de sua situação atual. Ela pôde comer. Ela pôde lavar a sujeira e o sangue do rosto e descansar.

Jessel ofereceu cobertores quentes e um lugar macio no chão. Por algumas horas, Isla se permitiu dormir, enquanto o resto da família saiu para cuidar da barraca no mercado. Mas quando o sol estava mais forte, todos voltaram e a casa ficou silenciosa, Isla saiu pela porta sem se despedir.

Era apenas uma questão de tempo até Grim a encontrar. Ela não o queria — nem Cronan — perto de Jessel e seus filhos. Esse era um problema que Isla teria que enfrentar.

Isla emergiu para um céu manchado de carmesim e dourado. O mercado estava vazio. Apenas algumas pessoas passavam. Ela evitou chamar a atenção o máximo que pôde, vagando sem rumo. Não tinha ideia do que fazer a seguir — apenas que Grim acabaria por alcançá-la.

"Nós nunca poderíamos ser apenas estranhos" , ele lhe dissera, antes da primeira vez em que realmente se tiveram, e ela acreditara nele. Mas agora, ele havia esquecido a história deles. Olhava para ela como se ela não fosse ninguém.

Isla encontrou um beco tranquilo, encostou-se na parede, deixou-se cair no chão... e finalmente permitiu-se chorar. A dor borbulhou em seu peito e transbordou dela em soluços entrecortados.

Ela estava sozinha. Completamente sozinha.

Ela encostou a testa nos joelhos encolhidos, abraçando as pernas. E então ouviu uma voz. Dourada, como um nascer do sol transformado em som.

Ouro .

Ela o ouviu falar, mas não conseguiu entender as palavras. Seria uma lembrança? Seria ele, agora, como em seus sonhos?

Ela estendeu a mão para aquele fio que os ligava, perguntando-se se ele ainda estava lá, mesmo depois de ter escolhido Grim. Ela não ousou respirar enquanto o procurava. Ela se preparou...

Mas estava lá.

Ainda.

E assim que ela acessou a ponte, foi imediatamente atingida por uma onda de tristeza implacável. Era tão intensa que criou uma barreira na conexão entre eles. Ela nunca havia conseguido sentir as emoções dele através da ponte antes. Não sabia como isso era possível, mas seu coração se partiu ao saber que havia causado aquela dor, e ela desejava desesperadamente alcançá-lo, de alguma forma.

Ela puxou o fio entre eles como se fosse uma corda, caminhando sobre ele como se fosse uma ponte. Usou cada resquício de foco e concentração até que os ruídos do mercado próximo desapareceram. Até que ela se levantou, trêmula, e se virou—

Lá estava ele. De pé em um penhasco desmoronando, lutando contra uma parede... uma parede de feras. Criaturas enormes com presas, garras e escamas. Seus olhos brilhavam de forma estranha, como fogo. Havia um poder ao seu redor, uma força incrível de vento, energia e água que ela nunca tinha visto antes.

Ele estava agindo com emoção. Com tristeza.

Por causa dela.

“Oro.”

Seu nome soou abafado, como se tivesse sido engolido. Mas ele imediatamente se virou para encará-la. Por um instante, seus olhos brilharam mais intensamente, e a energia ao seu redor pareceu ondular. Mas então ele piscou e seus olhos voltaram ao âmbar de sempre. "Isla", disse ele tão suavemente, e algo dentro dela se quebrou.

Ela nunca tinha conseguido fazer isso antes, assim como nunca tinha conseguido se comunicar com Grim e Oro em seus sonhos. Algo naquele mundo havia fortalecido os laços entre eles. Isla pensou no que a mulher de cabelos prateados havia dito, sobre almas ligadas...

Oro não questionou. Ele a examinou atentamente e franziu a testa ao notar as lágrimas que ainda se agarravam às suas bochechas. "O que aconteceu? Onde está Grim?"

Isla pressionou as mãos contra os olhos como se isso a fizesse parar de chorar. Como aquele homem ainda podia se importar tanto com ela depois que ela não o escolheu? Ela não merecia isso.

“Ele está aqui, mas—” Sua voz falhou, embargada pela emoção.

"O quê?", perguntou ele, com uma expressão assombrada — já esperando o pior.

Isla engoliu em seco. "Cronan... ele apagou as memórias que Grim tinha de mim. É... é irreversível. O vínculo... acabou."

Oro fechou os olhos e praguejou. Ele sabia tão bem quanto ela que Isla precisava de Grim e de seu poder de criar portais para voltar para casa. Sua mão ainda estava estendida, seu poder destruindo criaturas mesmo enquanto ele a encarava de frente.

“Ele está me caçando agora. Eu não... eu não acho que tenho muito tempo”, continuou Isla. As bordas dessa visão estavam desaparecendo, como as sombras do beco se alongando. Expandindo. Ela estendeu a mão em direção a ele,

desesperada para permanecer na luz. “Me desculpe”, disse ela. “Me desculpe por não ter te escolhido. Mas você merece alguém que possa ser completamente seu. E uma parte muito grande de mim sempre pertencerá a ele.”

Ele não disse nada, mas ela quase conseguia ler as palavras em seus olhos. Que ele não se importava, que aceitaria qualquer pedaço do coração dela que ela pudesse lhe oferecer. Mas isso não era justo.

“Isla”, disse ele, com a voz mortalmente séria. “Você precisa atravessar o portal. Estamos mantendo-o aberto, e...” Ela podia ver o que estava sendo deixado passar. Criaturas deste mundo. As mesmas que ela já havia enfrentado.

Enquanto eles se chocavam contra a parede, enfraquecendo-a, ela avançou rapidamente, como se pudesse se juntar a ele na luta contra eles.

Mas ela não podia partir sem o poder de teletransporte. Agora, ela não tinha acesso a ele de forma alguma. Ela precisaria enfrentar Grim. *Sobreviver* a ele. Ela o conhecia bem, talvez melhor do que ninguém, mas não havia lutado contra ele, não de verdade. Principalmente não com poderes.

Oro tinha.

“Quais são as fraquezas de Grim?”, perguntou ela apressadamente, a silhueta de Oro já se tornando indistinta. “Em batalha?”

O olhar que Oro lhe lançou era de devastação e aceitação. Um rugido soou por perto, mas foi abafado. "Ele só tem um, que eu saiba."

"O que é?"

Ele deu um sorriso triste. "Você."

Passos se aproximavam da entrada do beco. Ela se virou na direção do som, encontrando o olhar de um catador que mal lhe lançou um olhar antes de continuar andando.

Quando ela olhou para trás, na direção de Oro, ele havia desaparecido.



ORO

Oro e seus amigos estavam lutando contra uma fera após a outra havia horas. A poça de maré havia rasgado o véu entre os mundos, permitindo que criaturas deformadas o atravessassem.

O primeiro tinha sido serpentino, com garras e uma cauda escamosa tão longa que ele não conseguia ver o fim enquanto deslizava para fora da poça. Zed levou Enya e Cinder para um lugar seguro enquanto Oro, Calder e Maren ficaram para lutar.

Levou uma hora para derrotar a fera. E assim que uma criatura era derrotada... outra aparecia em seu lugar. E outra. Precisavam fechar o portal. E logo.

Mesmo tendo acabado de presenciar as consequências de usar as emoções para alimentar seus poderes, Oro não tinha escolha. Os monstros eram invencíveis de outra forma.

Quando viu Isla... esperava sentir fúria. Ódio. Mas não sentiu. Tudo o que sentiu foi amor — um amor implacável, obstinado, e se amaldiçoou por isso. Por sua incapacidade de esquecê-la.

Mas então... depois do que ela disse... ele se sentiu tão preso quanto antes da escolha dela. Tudo o que ele queria era ajudá-la, mas estava aprisionado a um mundo de distância enquanto Grim a *caçava* .

"PORRA!" Em meio à sua distração, uma criatura com garras do tamanho do seu corpo cortou sua lateral, atravessando sua armadura.

De qualquer forma, o metal o estava incomodando. No ar, ele o arrancou, observando os pedaços dourados se espalharem na água.

Agora, ele estava com raiva. Estava com raiva porque, mesmo com o coração partido, a mulher que amava *ainda não estava segura* .

Maldito Grim. Oro sabia que a amava, talvez mais do que a si mesmo. Isso só significava que Cronan devia ser mais poderoso do que qualquer um deles jamais imaginara. Poderoso o suficiente para ter virado Grim contra Isla.

Oro criou uma lâmina a partir da energia de Starling e cortou as garras da criatura.

Ele balançou a cabeça. *Maldito. Sombrio* . Oro odiava sentir sequer um resquício de preocupação pelo Nightshade. Mas, depois de passar tanto tempo com ele ultimamente, tinha sido fácil esquecer todas as traições entre eles.

Então, tudo o que Oro podia fazer era se preocupar e juntar os cacos que Isla e Grim haviam deixado para trás. Somente ele e seus amigos estavam entre essas feras e o resto do mundo. E, enquanto Oro rugia, mergulhando de volta em

direção à criatura furiosa, ele se perguntava por quanto tempo eles seriam capazes de resistir.



SINISTRO

Bastaram duas noites para encontrá-la. Ele percorreu portais por todo aquele mundo estranho até finalmente avistar aquela aura carmesim inconfundível.

Ela realmente pensou que conseguiria se esconder dele?

Ela estava disfarçada com os mesmos tecidos do deserto que o resto das pessoas daquela pequena aldeia usava. Ela circulava com desenvoltura pelo mercado do oásis, sem atrair a atenção de ninguém além de algumas pessoas que a encaravam boquiabertas.

Eram verdes como esmeraldas. Como serpentes. Como engano. Ela se movia como uma serpente, deslizando pelas esquinas. Ele a observava, imaginando qual seria seu próximo passo. Imaginando se ela era realmente tola o suficiente para pensar que poderia evitá-lo para sempre.

Ela virou a esquina e finalmente o avistou.

Para seu crédito, ela nem sequer pareceu surpresa. Ou com medo. Não, pelo contrário, parecia determinada.

Tola. Ela realmente pensou que, mesmo com esses poderes, teria alguma chance contra ele?

Ele surgiu diretamente à frente dela—

Bem na ponta de uma adaga que ela claramente encontrara naquele mercado, um pedaço de metal retorcido que agora estava espetado em seu estômago. Como se ela soubesse exatamente onde ele usaria o portal, exatamente como ele atacaria.

“Eu te conheço”, ela sussurrou, inclinando-se para perto. Ela girou a adaga e ele grunhiu com a pontada de dor. Antes que pudesse golpeá-la, ela já havia desaparecido, correndo pelo mercado. Ouviram-se exclamações de espanto quando as pessoas ao redor o viram, a faca e o sangue escorrendo pelo seu peito. Ele não lhes deu atenção, seu olhar fixo na... Tecidos que ela usara e que agora esvoaçavam no ar, o único vestígio dela.

Com a lâmina ainda cravada no estômago, ele a seguiu em meio a um turbilhão de sombras.

A bruxa o esfaqueou. Como ele pôde deixar isso acontecer?

Ele deveria ter se aproximado sorrateiramente e cortado sua garganta antes mesmo que ela tivesse a chance de vê-lo. *Ele* estava em vantagem, lembrou a si mesmo. Ele podia ver a aura dela. Ele podia criar portais. Suas sombras eram muito mais fortes que as dela.

E ele havia aprendido algo crucial nessa interação: sem uma tempestade

presente, ela era incapaz de usar seus poderes. Ele não permitiria que ela o surpreendesse novamente.

Lá estava ela. Ele a viu, correndo pelas dunas, tentando se esconder atrás delas.

Com um rosnado, ele projetou uma sombra em suas costas e a observou cair. Ela deslizou pelo deserto com força, a areia espirrando, até finalmente parar. Agora era a chance dele.

Ele se teletransportou até ela com suas sombras afiadas, pronto para acabar com ela de uma vez por todas. Mas antes que pudesse fazê-lo, ela caiu através da areia como se tivesse sido engolida.

E lá em cima, o céu girava. Ele revirou os olhos. Este mundo ridículo com suas tempestades que eram acionadas por qualquer resquício de poder. Agora, esta tempestade era acionada por ele.

Suas sombras o envolviam como tinta derramada enquanto ele se virava em todas as direções, procurando por ela. Num instante, ela surgiu, rodeada de chamas.

Certo. Ela tinha poderes de Sol Nascente por causa de Oro.

"Ele te ama", resmungou Grim. "Que idiota."

Seus olhos brilhavam com a mesma intensidade das chamas ao seu redor enquanto ela lançava uma rajada de fogo diretamente em sua direção. Suas sombras avançaram para encontrá-las. Convergiram entre eles, sibilando, criando uma luz prateada ofuscante. " *Você* me ama", respondeu ela, com os dentes cerrados de esforço, e ele riu.

"Você sente algum amor, Selvagem?", perguntou ele.

Aquela expressão devastada retornou. Ele talvez não sentisse nada além de irritação por ela, mas podia sentir um amor avassalador nela. Recusava-se a acreditar que pudesse ser por ele — devia ser pelo rei Sunling.

“Meu nome...” disse ela, entre suspiros entrecortados, “é Isla.” Sua aura se intensificou à medida que ela se aprofundava em seus poderes. À medida que aquelas chamas cresciam.

Isla . Um nome que soava como o sibilar de uma cobra. Adequado.

Mas o nome dela não importava. Ela estaria morta em instantes.

Ele lançou outro feixe de sombras em sua direção, mas ela o interceptou com uma onda de energia prateada e cintilante. Seus braços estavam estendidos e trêmulos. Mas ela permaneceu firme, numa postura não muito diferente da dele.

No momento em que ele estava prestes a avançar, pegá-la de surpresa e esperar por uma brecha, o céu trovejou. Girou.

Ela ergueu o olhar. Seu poder não vacilou por um instante, mas ele sentiu — o momento exato em que ela estava prestes a saltar. Ela já havia usado os portais para escapar dele antes.

Desta vez não .

Um funil desceu dos céus, como se atraído por sua energia, e ele disparou para a frente, atingindo-a no exato momento em que os dois foram arrastados para longe.

Eles foram catapultados pelo ar juntos, colidindo e rolando, até serem soltos.

Então, em vez de raspar a areia, caíram na neve fofa. Ele aterrissou de costas. Ela estava em cima dele.

O rosto dela estava a poucos centímetros do dele. Os lábios dela se entreabriram, e os olhos dele acompanharam o movimento. Ele engoliu em seco, momentaneamente paralisado. Ela era ainda mais bonita de perto. Assim, ele podia ver como a boca dela era carnuda e todos os tons de verde nos olhos. Notou uma constelação de sardas no nariz dela.

Ela era a mulher mais linda que ele já tinha visto em toda a sua vida.

Ela também era sua inimiga.

Suas sombras envolveram seu pescoço, mas ela voou para trás antes que pudessem agarrá-la.

A neve caía com força ao redor deles no topo da montanha, o gelo atingindo seu rosto. Enquanto a procurava, Grim havia viajado por portais por todo o mundo e visto o que Cronan fizera com ele. O lugar fora devastado. Ele transformara a maior parte em cinzas. As partes que restaram eram brutais. Perigosas.

Este pico não era diferente. A montanha abaixo deles estava em constante movimento, quebrando-se e reformando-se, congelando e descongelando, como se estivesse tentando se remontar.

Ele avançou em direção a ela, mas o gelo sob seus pés desapareceu. Suas sombras se intensificaram, transformando-se em garras, mantendo-o preso ao chão. Ela se cercou de rajadas de neve, anéis de neve, vento e gelo girando ao seu redor, como se fosse um planeta. Então, ela lançou aquela bola de energia em sua direção, e suas sombras mal conseguiram bloqueá-la.

“Isso te lembra o Álgid, não é?”, disse ela, em meio ao rugido do vento.

Ele franziu a testa. Como ela sabia sobre o Álgid?

“Você me levou até lá”, disse ela, como se pudesse ler seus pensamentos. A montanha desmoronou sob seus pés, e ela saltou no ar, sendo forçada a aterrissar mais perto dele. Ela mudou de posição, e a água o envolveu, congelando e puxando-o em sua direção. Ele surgiu do nada, e o gelo caiu, estilhaçando-se contra a neve. Ele apareceu bem atrás dela, mas ela já estava se virando, como se antecipasse onde ele se materializaria. Seus poderes se encontraram mais uma vez. “Você me mostrou o labirinto. Você me contou que costumava se esconder lá quando era menino. Esperando nunca ser encontrado.”

Seus olhos se estreitaram enquanto suas sombras avançavam, fazendo os pés dela deslizarem para trás pelo pico. Por que ele teria lhe dito aquilo? A ela? Uma *Selvagem* ? Ele se aproximou. Mais perto. Conduzindo-a até a beira do precipício. "Você deve ter me enganado direitinho, então."

Ela balançou a cabeça negativamente. "Você me falou sobre sua irmã", disse ela.

Aquelas palavras o fizeram tropeçar. Era impossível. *Não havia a menor chance* de ele ter contado a ela sobre Laila. Ele não havia contado a quase *ninguém* sobre ela. Sobre... o que ele tinha feito. Ele passara séculos lutando arduamente para não pensar nisso, enterrando tudo no fundo da sua mente.

"Mentirosa", rosnou ele, mas como ela saberia sobre sua irmã, então? Será

que ela havia entrado em sua mente de alguma forma?

Ou... será que Oro lhe contou? Claro. Ele fora tolo o suficiente para confiar essa informação à Solitária nos poucos anos em que foram amigos.

“Sim, eu sou uma mentirosa”, disse ela, suas chamas branco-azuladas crepitando contra as sombras dele. “Mas não sobre isso.”

A montanha entre eles desmoronou, e o controle que ele tinha sobre suas sombras escapou. Ela viu a brecha e a aproveitou. Mas, em vez de desferir um golpe fatal, voou para a frente, direto para cima dele, derrubando-o de costas. Deslizaram na neve compactada, e ela estava sobre ele novamente, imobilizando-o com seu poder. Congelando suas sombras. O peito dele subia e descia contra o dela, a respiração quente dela contra seu rosto, e ele ficou confuso com o arrepio que percorreu sua espinha.

Ela arrancou bruscamente a adaga que ainda estava cravada em seu estômago, de quando o esfaqueara no oásis. Ele estremeceu com a dor e se preparou para outro golpe — talvez ela lhe cortasse a garganta desta vez — mas, em vez disso, como um grito abafado, a dor cessou.

Ela poderia tê-lo matado ali mesmo, naquele instante. Mas, em vez disso... ela o estava curando.

E aquilo... aquilo, ele não conseguia explicar. Os olhos dela nunca se desviaram dos dele. Ela deve ter percebido sua confusão, porque sorriu suavemente. "Você me mostrou a loja de alcaçuz", sussurrou ela, as palavras saindo como nuvens. Seus longos cabelos castanhos chicoteavam ao vento contra as bochechas, rosadas pelo frio. A neve era espessa, rodopiando ao redor dos dois, e era quase como se fossem as únicas duas pessoas naquele mundo despedaçado. "Você me deu chocolate quente quando eu estava machucada." Seus olhos vagaram... Seu rosto, buscando algo. "Você levou doze flechadas no peito por mim. Você... você deu a sua *vida* por mim."

Ele balançou a cabeça veementemente. "Eu jamais faria isso", cuspiu ele, enquanto sua pele se recompunha completamente sob o toque dela.

O sorriso dela era triste. "Você fez isso por mim."

Assim que seu ferimento cicatrizou, ele fechou o punho. Ela arquejou, agarrando a garganta, enquanto as sombras dele envolviam sua traqueia, comprimindo-a. Ela foi erguida, suspensa no ar. Com mais distância entre eles, ele finalmente pôde respirar.

“Então eu fui um tolo que merecia morrer. Ainda bem que não me lembro”, disse ele, levantando-se. Ela lutou bravamente contra seu aperto, a expressão contorcida de raiva. Seus pés se debatiam descontroladamente. Ele quase se sentiu decepcionado por ver um fogo como o dela se extinguir. Não enfrentara um oponente à sua altura há séculos. Talvez nunca. Tinha sido emocionante duelar com alguém tão habilidosa quanto ela.

Ele franziu a testa ao pensar nisso. *Nada* nela era digno de elogio. Ele tentou quebrar o pescoço dela para acabar com ela de vez, mas uma nevasca os arrastou montanha abaixo, direto para outro portal de tempestade.

Eles aterrissaram em uma floresta. Ou melhor, nos restos de uma.

Ele ouviu a Selvagem lutando para respirar. Ótimo. Seria fácil matá-la agora.

Ele sentiu alívio por estar quase livre da maldição que ela havia lançado sobre ele. Ela era claramente perigosa — Cronan estava certo.

Ele deu um passo em direção àquele som ofegante e sufocante — e o ar escapou de seus pulmões quando foi arremessado pela floresta. Todas aquelas árvores retorcidas e nodosas... pairavam no ar, suas raízes arrancadas do solo. E ela estava parada no meio de todas elas. Sangue escorria de seu nariz. Seus olhos se estreitaram em concentração.

Ela estava usando as emoções como forma de poder.

Ótimo. Grim largou o torno que prendia a si mesmo.

Seu poder cresceu, alimentado pela dor e pelo arrependimento do passado, de seus piores erros. Suas memórias há muito enterradas.

Mas sem aquela barreira, novas emoções vieram à tona também — como a sua curiosidade. Todos os seus pensamentos se voltaram para aquela mulher que havia arrancado *uma floresta inteira* . Quem era ela?

Seus olhos pareciam brilhar com poder enquanto ela forçava aquelas árvores a se juntarem, formando uma lâmina enorme que ela arremessou diretamente contra ele. Ela parecia saber que concentrar seu poder aumentaria a probabilidade de romper seu escudo de sombras.

Fascinante. Enquanto observava a lâmina de fibra de árvore se aproximar, Grim quase se deixou abater. Não seria uma má maneira de morrer, à mercê da mulher mais intrigante do universo.

Então, ele transformou esse pensamento em cinzas. Ela era sua inimiga. Ela estava comprovando tudo o que Cronan havia dito.

Grim transformou-se em sombras, o rugido das cem árvores comprimidas atravessando seu corpo. Quando a árvore caiu atrás dele com um estrondo que fez o chão tremer, e ela ficou momentaneamente exausta, ele voou em sua direção, derrubando-a. Com ela imobilizada, ele pegou seus óculos escuros afiados para atravessá-los em seu peito.

Mas no instante em que suas sombras a tocaram, algo estranho aconteceu.

Uma força se acendeu entre eles, dividindo a tempestade acima deles ao meio. E quando um raio os atingiu, Grim mergulhou em um momento de sua mente. Uma *lembrança* .

Um campo de batalha ensanguentado. Incontáveis destroços caindo do céu. E então ele, de joelhos, rugindo de agonia. Não por dor física, porém. Por causa dela, que jazia sem vida em seus braços.

Ele se afastou dela bruscamente, mas não rápido o suficiente. Ambos foram sugados por um portal na tempestade e, em seguida, depositados violentamente em uma praia que outrora devia ter sido gloriosa, mas que agora era apenas uma costa rochosa.

Em choque com a lembrança, ele não se deu conta de que não conseguiria se equilibrar antes de escorregar na areia áspera. Isla caiu na água.

Ela não emergiu.

Ela deve ter desmaiado , pensou ele. Ótimo. O oceano poderia pôr um fim nisso para ele.

Mas aquela visão voltou a passar pela sua cabeça. A dor pura e absoluta que

ele viu estampada no rosto dele.

Era evidente que havia algo mais por trás disso do que Cronan deixava transparecer. Tinha que haver uma razão para suas ações. E se ela morresse... essa explicação morreria com ela. Por mais que ele quisesse reivindicar o Infinito para si, ele queria respostas ainda mais.

Grim entrou na água rasa. Dali, ele podia ver o corpo dela flutuando logo abaixo da superfície. Em um instante, ela estava em seus braços. A cabeça dela pendeu para o lado enquanto ele a carregava em direção à margem. Era a primeira vez que ele a via tão imóvel, e ela parecia quase em paz.

Ele afastou uma mecha de cabelo molhada do rosto dela e os transportou de volta para Cronan através de um portal.



ORO

Oro não tinha dormido muito tempo quando foi atirado da cama por um estrondo violento. Ele havia retornado para casa depois que as criaturas finalmente pararam de atravessar o portal, por insistência de seus amigos, que disseram que dariam conta de qualquer coisa que surgisse enquanto ele descansava. Mas aquilo parecia que algo havia atingido o castelo.

Uma dor aguda o atravessou e, enquanto Oro lutava para respirar, agarrando o peito, percebeu que sentia como se algo tivesse atingido a *ilha* .

Imediatamente, ele saiu pela porta da varanda. Zed se juntou a ele no céu noturno segundos depois. Ambos se viraram—

E ficou olhando fixamente.

Oro nunca tinha visto seu amigo tão atônito e em silêncio até então. Levou alguns instantes até que o Skyling conseguisse pronunciar as palavras: "Que diabos é isso?"

O céu estava sendo rasgado pelo que pareciam ser dentes enormes, tão grandes e irregulares quanto penhascos que cortavam a noite. Um relâmpago revelou o corpo ao qual os dentes pertenciam.

"Porra", Oro sussurrou.

Era diferente das outras feras que haviam enfrentado na costa. Essa criatura era tão grande quanto uma cordilheira, coberta por escamas de obsidiana. Ela bloqueava as estrelas, criando o que parecia uma noite eterna.

A criatura voou, mas Oro não conseguiu distinguir asas. Então, sentiu a energia pulsante que a envolvia. E quando seus dentes se separaram, um grito rasgou os céus ao meio. A chuva caiu como se a própria besta comandasse os elementos.

O primeiro pensamento de Oro foi de alívio por não ter transferido o restante dos reinos de volta para a ilha, embora alguns Nightshades ainda permanecessem nas ilhas. Mas essa ideia se dissipou ao perceber que não demoraria muito para essa criatura chegar às novas terras.

Ele disparou em direção a ele. Zed passou voando por ele, movendo-se tão rápido que se tornou um raio de céu diurno no meio da noite.

O crepitar das asas logo se juntou ao de Oro—Enya, com chamas emanando de suas costas. Ele sentiu uma onda de culpa e alívio ao vê-la. Ela havia levado dois dias para recuperar suas energias. Depois que ele... ele quase...

“Ainda está acima da água”, disse Enya, trazendo sua atenção de volta para a criatura. “Vamos tentar mantê-la lá.”

Oro assentiu. Ele não podia se entregar à tristeza. Não agora. Eles voaram para frente — e foram parados por outro rugido ensurdecedor. Este veio acompanhado de uma onda de energia que arremessou Oro para trás. As asas de Enya quase se abriram completamente.

A besta... ela podia manipular energia.

Por baixo, o oceano começou a agitar-se, formando uma onda. E sobre ela estava Calder, seus braços movendo-se em movimentos suaves e precisos enquanto a água se libertava, elevando-se na forma de uma enorme adaga.

A lâmina de Calder era tão grande quanto a própria criatura. Os braços do amigo tremiam enquanto ele conseguia girá-la, formando dezenas de pontas de gelo irregulares ao longo de sua lateral.

Calder desferiu um golpe, mas a besta emitiu outro feixe de energia de todo o seu corpo, que fez a lâmina implodir. Calder desapareceu sob as ondas, o mar o arrastando para o fundo.

Calder era um Moonling — Oro sabia que ele encontraria a saída da água. Mas um pavor invadiu o peito de Oro ao ver a atenção da criatura se voltar para baixo, em direção ao oceano, como se estivesse procurando por Calder. Rastreando sua energia. Oro disparou em direção a eles. Ele precisava chegar lá antes que...

A fera atacou.

Então, Zed rugiu enquanto voava em círculos ao redor da criatura, suas adagas cortando-a pelo caminho. Ele se movia tão rápido que, momentos depois, longas fileiras de suas escamas estavam dilaceradas. O Skyling era rápido demais para a besta alcançar. E parecia que ela precisava de alguns instantes entre as rajadas de energia que emitia.

Zed havia lhes dado uma brecha. Oro avançou, liberando uma torrente de chamas. Enya fez o mesmo do lado oposto. Ambos liberaram um inferno entre si, e a criatura urrou.

As asas de Enya se alongaram enquanto ela girava no ar, fundindo-se para criar um único feixe como uma espada, feito do fogo mais forte. Ela cortou a criatura ao meio, e esta rugiu novamente. A criatura tentou atacá-la e disparou energia às cegas, mas Enya não vacilou. Continuou girando e golpeando, suas asas penetrando fundo, enquanto Oro lançava seus próprios jatos de chamas em seus pontos fracos. A besta tentou se mover, escapar, mas Zed a manteve imóvel com uma enorme parede de vento.

Quando Oro pensou que tudo estava quase no fim, percebeu que as escamas da besta estavam brilhando. Mudando. Adquirindo um leve tom prateado.

"Movam-se!" ele gritou — pouco antes da criatura liberar outra explosão de energia armazenada, desta vez muito maior que as anteriores. A onda atingiu Oro e quase o derrubou do céu. Ele se cercou de um escudo de Estrelas no último instante.

Enya tentou se proteger em uma bola de fogo. Mas quando aquela energia a atingiu, suas chamas se apagaram. Assim como suas asas.

E ela estava caindo.

Calder emergiu das ondas, subindo em direção a ela. Zed surgiu de lado, com

Oro logo atrás. Entre os três, ela ficaria bem.

Mas antes que pudessem alcançá-la, a criatura se virou e disparou pelo ar—

E a engoliu inteira.

Não .

O mundo inteiro de Oro se despedaçou quando ele urrou, sua devastação o cercando em chamas, gelo, energia e vento. Ele voou direto para a criatura, desviando enquanto ela tentava golpeá-lo com a cauda.

Dessa vez, ele não atacou suas escamas. Cercado por chamas azuladas, Oro atravessou sua armadura, espinha dorsal e entranhas, até avistar um fio de cabelo vermelho.

Ele não ousou ter esperança. Não ousou respirar enquanto a amparou, enquanto a envolvia em seu fogo protetor, enquanto disparava através da criatura, para fora por entre seus dentes, com Enya em seus braços.

Ele olhou para baixo. E ela estava olhando para ele.

Vivo .

De alguma forma... ela estava viva.

"Você não morreu", disse ele, incrédulo.

Ela franziu a testa. "Eu poderia ter te dito isso."

Oro se virou a tempo de ver a criatura estremecer uma vez, soltando um rugido estrangulado. Então, ela caiu.

Era tão grande que metade dele caiu no mar, e a outra metade esmagou uma floresta, reduzindo um penhasco a pó.

Oro pousou na praia, em frente ao buraco que havia feito no monstro. Ele quase conseguia ver através dele. Enya escapou de seus braços quando Zed aterrissou perto dali. Calder usou uma onda para passar, juntando-se a eles.

Zed suspirou profundamente. "Nossa, Enya", disse ele. "Eu realmente pensei que você fosse partir assim."

Enya lançou um olhar de soslaio para o Skyling. "Você realmente achou que minha morte gloriosa seria no estômago de uma besta?"

Zed deu de ombros. "Para mim, parece maravilhoso."

Enya bufou. "Acredite em mim. Minha morte é muito melhor do que isso."

Oro não conseguia nem se concentrar nas palavras deles, nem no alívio de ter matado aquela criatura. Estava horrorizado demais com a própria criatura. Ela podia *controlar o poder* .

Ele olhou para o céu, como se pudesse ver até Isla e implorar para que ela retornasse antes que houvesse outro ataque. Se isso continuasse acontecendo... ele não sabia se a ilha sobreviveria.

Tudo o que ele podia fazer era esperar que ela estivesse a caminho.



SINISTRO

"Por que ela não está morta?", perguntou Cronan, enquanto Grim voltava para a sala com as estrelas além do teto.

"Eu decido quando ela morre", disse Grim. Ele esperava que seu ancestral reagisse com raiva, mas Cronan apenas sorriu.

“Talvez minha posição não tenha enfraquecido afinal”, disse ele, “se você tem a audácia de me enfrentar.”

Grim olhou fixamente para sua coroa quebrada, agora de volta em sua cabeça. "Não se preocupe com *a minha* força."

Acima, as galáxias giravam enquanto a escuridão crescia entre elas.

“Cuidado”, disse seu ancestral. Seus olhos se estreitaram enquanto o examinava, e Grim sentiu aquelas sombras invadirem sua mente novamente. Elas recuaram rapidamente, porém. “Você não se importa com ela. Então por que mantê-la viva?”

"Acho que ela ainda pode ser útil." Útil contra *ele* . Grim guardou essa parte para si.

“Como assim?”

“Ela é poderosa.” Grim viu esse poder em ação quando duelaram. “Acho que podemos convencê-la a se juntar a nós.”

Cronan balançou a cabeça. "Eu tentei, mas foi inútil. Ela não pode ser manipulada nem quebrada."

“Deixe-me tentar”, disse Grim.

"Você acha que pode ter sucesso onde eu não consegui?"

Grim deu de ombros. "Ela se importa comigo. Posso usar isso contra ela. Não deve ser muito difícil."

O que Grim precisava era de tempo. Tempo para descobrir mais sobre os planos de Cronan... e o que Grim faria a respeito.

“Você está subestimando-a”, disse Cronan. “Seu talento reside na absorção. Dentro dela vive o poder de todos aqueles que ela já matou.”

Grim franziu a testa. Ela era mais poderosa do que ele imaginava. "Isso a torna ainda mais útil."

“Sim. Ela seria a arma definitiva, se controlada.” A cabeça de seu ancestral inclinou-se. “Ela também poderia ser útil de outras maneiras...”

"Como assim?", perguntou Grim.

Cronan se virou para ele, com os olhos brilhando. "Um filho entre vocês dois seria o maior herdeiro que já existiu."

Uma criança? Grim nunca quisera filhos por causa da própria tradição que Cronan iniciara, onde apenas o herdeiro mais forte sobrevivia. E... uma criança com *ela* ? Nunca. Mas ele não contou isso a Cronan. Iria se deixar levar por suas ilusões. Não disse nada, permitindo que seu ancestral tagarelasse.

“Eu mesmo fui filho de dois grandes poderes...” disse ele, com o olhar vago, como se estivesse perdido em algum recôndito da sua mente. Piscou, e o peso total do seu olhar retornou. “Muito bem. Ela vive... por enquanto. Vamos ver se ela pode ser convencida.”

Grim suspirou quando Cronan passou por ele. Não sabia por que se sentia tão aliviado, como se um nó dentro dele tivesse se desfeito. "Venha." Cronan conduziu Grim até o centro da sala. Ele apontou para o teto, que Cronan havia remontado durante o tempo em que esteve fora.

“Isto é o que reuni ao longo da minha vida. Alguns dos planetas mais poderosos do universo. Unidos. Sob o meu comando. Sob *o nosso comando ”*, disse ele, com um sorriso irônico para Grim. “Estes são os mundos que permiti viver... pois têm a sua utilidade. São liderados por aqueles que escolheram curvar-se em vez de lutar. Juntos, formam o meu Conselho Astral.”

Grim encarava os planetas com um olhar vago. Ele realmente não se importava. Não tinha a menor vontade de participar de mais conselhos malditos. As reuniões que frequentava com sua própria corte já eram suficientemente cansativas.

Mas ele fingiu interesse enquanto seu ancestral continuava falando. "Já conquistei grande parte desta galáxia. Mas ainda há mais. E para conseguir o resto... preciso de algo."

“O diamante?” perguntou Grim.

“Sim”, admitiu Cronan. A galáxia acima estava envolta num vazio escuro, semelhante à nuvem de irritação que envolvia seu ancestral. “E mais. Seu mundo fica entre duas galáxias. Meu Conselho Astral e eu só podemos acessá-lo passando pelo seu planeta. O diamante me expulsou. Preciso que ele me deixe voltar, para que possamos nos alimentar dessa próxima fronteira.” Acima, as estrelas cintilavam. “Mas essa não é minha única ambição. Existe um lugar onde todos os mundos se encontram. Um lugar que me permitiria conquistar todo o universo, todas as galáxias. Mas para acessá-lo... preciso de uma chave.”

“Uma chave?”

Cronan assentiu. “Uma escolha que fiz há muito tempo me impediu disso. Preciso voltar atrás e mudar as coisas... ou encontrar outra chave em algum lugar do universo. E então, somente o diamante poderá me tornar poderoso o suficiente para conectar todos os mundos. Em um só mundo. Um só universo. E eu os governarei a todos.”

Voltar no tempo . Apenas alguns dias antes, ele ajudara Oro a voltar no tempo. Com um artefato que trouxera consigo. Contudo, ele não se lembrava do que deveria fazer com ele.

Tudo o que ele sabia agora era que Cronan claramente desconfiava de qualquer pessoa. Se Grim fosse ficar por um tempo, seu ancestral acabaria descobrindo tudo o que ele possuía sem revelar.

É melhor conquistar a confiança de Cronan agora.

“Então parece que você precisa disto”, disse Grim. Ele enfiou a mão no bolso e tirou um monte de fios.

Os olhos de Cronan se arregalaram em pura surpresa. "Os Fios do Tempo", sussurrou ele, maravilhado. A sala inteira tremeu com a energia que emanava dele em ondas. "Onde você encontrou isso?", perguntou ele, indignado.

"Subaquático."

Cronan agarrou-o de sua mão como uma criança gananciosa, e uma luz dourada se espalhou entre seus dedos. Os fios se desenrolaram, como se reencontrassem um velho amigo. Instantaneamente, penetraram em sua pele. Apenas um permaneceu visível, pressionado contra a palma da mão.

Ele se virou para Grim com pura satisfação estampada no rosto. "Agora tudo que eu preciso é da Piscina das Possibilidades."

Grim apenas piscou para ele.

“Uma antiga fonte de conhecimento”, explicou ele. “Ela sabe tudo. Ela viu tudo. Aqueles que têm permissão para se banhar nela podem ver todos os resultados possíveis de qualquer escolha feita no passado. Com ela, posso percorrer milhões de cenários para ver qual deles me deixaria com a chave.” Cronan suspirou profundamente. As estrelas acima pareciam respirar com ele. “A piscina nos mostra o caminho. Os Fios do Tempo nos ajudarão a voltar e mudar o que for necessário. E o Diamante Infinito... ele nos dará a amplificação de poder para moldar o universo à nossa vontade.”

Grim não sabia como se sentir. O mundo tinha sido cruel com ele, disso ele tinha certeza. Importava-lhe se tudo acabasse, além da sobrevivência do seu próprio povo? Ele não tinha certeza. Enquanto observava Cronan se deleitar com seu poder, não sabia se se importava o suficiente para impedi-lo.

Toda a sua vida, ele carregou o peso do dever e a necessidade implacável de que seu reino sobrevivesse. Além da preocupação com seu povo... havia um vazio dentro dele. Ele tinha a estranha sensação de que algo ali existira um dia, algo pelo qual valesse a pena lutar.

Cronan queria que sua linhagem continuasse, que seu legado fosse imparável. Era mais uma forma de se tornar eterno. Contudo, Cronan estava sozinho. Insensível. Não tinha nada *pelo que viver de verdade* , apenas o desejo de acumular o máximo de poder possível. Parecia uma existência triste.

Ele virou a cabeça bruscamente na direção de Grim. "Acho que está na hora de um pequeno reencontro. Tragam o Selvagem."



ILHA

Isla acordou tremendo. Estava completamente molhada, pingando água no chão de pedra frio e familiar. Seus olhos se abriram de repente—

E encontrei Lark do outro lado da cela escura.

“Interessante como a história se repete, pequena selvagem”, ela disse roucamente, com um sorriso irônico. Isla piscou, franzindo a testa por causa da dor nos músculos e ossos. “Eu vi seu marido te jogar aqui dentro como se você não fosse nada mais que um saco de grãos.”

Isla engoliu em seco, a dor voltando com força. Tudo voltou à tona. Quase derrotar Cronan. Invocar Grim. E então... o que aconteceu depois?

Isla se lembrava de duelar com Grim na floresta... e de ser puxada para um portal... mas nada depois disso. Ela deve ter desmaiado. Grim poderia tê-la matado facilmente naquele momento...

Por que ele não fez isso?

Isla tentou não se apegar à esperança do que aquilo poderia significar. Principalmente depois que Lark disse, com um sorriso presunçoso: "Ele só está te mantendo viva para te pressionar. É óbvio. Depois ele volta para terminar o serviço."

"E isso vai te fazer feliz?", Isla retrucou. "Seu herdeiro morrendo? Cronan vencendo?"

Lark lançou-lhe um olhar fulminante. "O dia em que você morrer será o dia em que sentirei meu último resquício de felicidade." Ela franziu a testa. "A única morte que me faria mais feliz seria a dele."

Sua ancestral se inclinou para a frente, mas Isla ainda não conseguia vê-la completamente na escuridão. "Então, agora que seu *marido* ..." — ela cuspiu a palavra com... Absoluta indiferença — “não se lembra de você... . . Imagino que você se arrependa de tudo.”

Não. Isla precisava ter fé de que tudo se resolveria no final e que eles encontrariam o caminho de volta um para o outro. Ela apertou o colar com os dedos gelados. O fato de ele não se lembrar das memórias deles não as tornava menos reais. Amar Grim a havia transformado, e essa era toda a prova de que ela precisava. Ele a incentivava a ser mais forte, nunca a tratando como se fosse de vidro. Ele nunca se esquivou nem mesmo dos seus momentos mais sombrios.

Ela não podia perder a esperança. Ele não a tinha matado. E isso devia significar alguma coisa.

Não demorou muito para que Grim estivesse novamente em frente à cela. Um

milhão de momentos pairavam entre eles, como estrelas enfileiradas em sua própria galáxia, uma constelação de memórias. Mas ele apenas a olhou como se ela não fosse nada. Lark riu, um som rouco e amargo que ecoou pela cela, enquanto abria a porta e arrastava Isla para fora.

Não havia afeto em seu toque. Seu aperto era brutal. Ele mal lhe dirigiu um olhar.

“ *Grim* ”, disse ela. Ele certamente percebeu como seu nome lhe soava familiar. Mas ele não disse nada enquanto a conduzia pelos túneis úmidos e silenciosos da masmorra.

“Você... você é o homem por quem me apaixonei. Esse não é você. Você jamais faria isso. Por que você acha que está aqui, afinal?”

" *Silêncio* ", rosnou ele, apertando o aperto, e as palavras morreram em sua garganta.

Ela mostraria a ele, provaria a ele, que o amor deles valia a pena ser salvo. Ela só precisava que ele a *ouvisse* .

"Ele vai me matar", disse ela rapidamente quando chegaram ao final do corredor, imaginando se a ideia de sua morte, que o fizera se ligar a ela, traria as lembranças de volta.

Mas seu olhar era vazio quando ele disse: " *Vou* te matar. Mas não agora."

Então, ele a empurrou para a luz ofuscante do castelo.

Ele segurou as duas mãos dela atrás das costas com apenas uma das suas enquanto a guiava por outro corredor. Aquele toque que antes era tão suave e que costumava causar arrepios em seus braços, agora parecia caminhar na beira de um precipício.

Ela nunca estivera nos corredores do castelo tão tarde e ficou surpresa ao vê-los tão movimentados. Cronan não estava sozinha ali, como ela pensara. Eles cruzaram não apenas com cavaleiros sem rosto em suas armaduras sombrias modificadas, mas também com grupos de pessoas vestidas com roupas estranhas e de outro mundo, em uma variedade de tons brilhantes.

Eles pareciam vestidos para uma festa... será que algo estava acontecendo?

A maioria estava absorta em conversas e nem percebeu sua passagem. Mas um homem vestindo um tecido verde com escamas a observava com um sorriso debochado. Ele tinha pele pálida e cabelo curto. Exibia ares de quem estava acostumado a ser reverenciado. Ela sentiu a energia dele a envolver, quase como se a estivesse provando, e quase vomitou. Se tivesse plenos poderes, o teria incinerado ali mesmo.

Mas ela não obedeceu, e foi arrastada pelo corredor até que as altas portas da sala da galáxia se abriram, e então foi empurrada para dentro.

Cronan esperava, de costas para ela. Olhava para o teto abobadado, para todos os mundos que conquistara. Daquele ângulo, sua coroa apontava para ela como uma dúzia de adagas.

Uma parte estava visivelmente quebrada, como se ele não tivesse conseguido encaixar todas as peças.

Sua voz ecoou através dela enquanto ele dizia: “Minha prole me convenceu de que você ainda tem mais utilidade. E é verdade que você ainda tem algo de

que preciso... Eu ia pegar isso do seu cadáver, mas agora...”

Ele se virou, e ela foi puxada por uma força invisível diretamente em sua direção. Seus saltos cantaram contra o piso polido enquanto ela tentava resistir. Quando quase o alcançou, foi arremessada ao chão. Sua cabeça bateu com força no mármore frio, seus cabelos se amontoando. ao seu redor. Ela ofegou ao ver um clarão, antes que sua visão lentamente voltasse àquela imensidão negra acima, pontilhada por planetas cintilantes.

Cronan aproximou-se lentamente até ficar bem em cima dela. Só então ela sentiu-se tensa, completamente sob o controle dele. Seu braço ergueu-se bruscamente em direção ao teto, como se ela não passasse de uma marionete.

Então, o charme de sua mãe deslizou para fora da manga da blusa dela.

Não .

"Sim", sibilou ele, com a voz transbordando satisfação. "Eu vi isso em sua mente, antes de você me atacar... Tenho certeza de que você pensou que eu não viveria para usá-lo."

O amuleto que sua mãe lhe deixara, repleto de seu talento — a capacidade de ver o futuro. A mulher prateada dissera a Isla para olhar, para ver os dois caminhos que poderia ter trilhado, mas ela não a ouvira. *Deveria ter escutado* . E agora perdera a chance de um futuro juntos.

Cronan quebrou a corrente e arrancou o amuleto. O resto do metal caiu no chão, inútil. Ele encaixou o restante em sua coroa, e este derreteu no metal, fundindo-se completamente.

Sumiu. O poder de sua mãe... seu único dom... havia *desaparecido* .

Cronan estremeceu, sua postura rígida, seus olhos mudando. Transformando-se. Suas íris retraíram-se para dentro do crânio. Lentamente, seus lábios se curvaram em um sorriso doentio.

De repente, sombras e fumaça engoliram a sala enquanto ilusões a invadiam.

Ela se viu. De pé diante de Grim. Sorrindo. Dizendo a ele que o amava.

Então, ela cravou uma lâmina desconhecida em seu coração. Ela observou seu rosto perder a cor, o sangue carmesim se acumular no chão abaixo dele, enquanto ele desabava contra ela, joelho com joelho.

O sangue de Isla fervilhava. Ela lutou contra a vontade de vomitar. Lágrimas ardiam em seus olhos.

As sombras se dissiparam e Isla viu Grim parado atrás de Cronan, encarando-a com ainda mais ódio do que antes. Ela tentou protestar, explicar, mas sua garganta estava fechada. Ela não conseguia se mover.

Cronan colocou a mão no ombro de Grim. Os dois, lado a lado, pareciam uma dupla devastadora, com um poder inigualável. Isla sentiu qualquer última esperança de convencer Grim de sua história de amor desaparecer quando Cronan disse: “Veja bem, este é o seu futuro. Ela *vai* te matar. Ela será o fim desta dinastia. Ela precisa morrer. A menos que...”

A fumaça estalou como um chicote, subiu em direção ao teto e então mudou. Isla se viu novamente. Mas desta vez, ela estava cravando aquela mesma lâmina no coração de Oro. Ela observou a luz se apagar em seus olhos âmbar.

A bile subiu pela garganta dela e ela quase se engasgou.

“A menos que ela se junte a nós. A menos que ela abandone toda a lealdade à sua vida anterior e nos ajude a remodelar o universo... juntos.”

Imediatamente, a ilusão se desfez e ela foi obrigada a se levantar.

Cronan se virou para ela. "Seu mundo vai ruir. Eu já decidi. Todos vão morrer." Ele disse isso com leveza, até mesmo casualmente, mas Isla não deixou de notar a ruga quase imperceptível que se formou entre as sobrancelhas de Grim.

Ele não sabia. Pensava que Cronan pouparia seu povo.

O olhar dela voltou-se para Cronan. “Meu conselho e eu viajaremos para a próxima galáxia, onde poder infinito e mais planetas nos aguardam. Você tem a chance de se juntar a nós nessa jornada rumo à grandeza, de fazer parte de um legado sem precedentes... e de estar com o homem que ama.” Ele disse a palavra como se fosse uma piada. “Mas somente se você se entregar a mim.” Ele fez um gesto em direção à sua coroa, e num instante, ela se transformou numa auréola de ossos. Como se fosse composta por dezenas de peças de esqueleto.

“Ofereça-me um osso... e você concorda em me servir pela eternidade”, disse ele. Não era uma oferta que ele tivesse feito antes, quando tentara simplesmente derreter a mente dela.

Ele acreditava seriamente que ela consideraria se juntar a ele.

Cronan havia invadido cada recanto de seu cérebro. Ele devia saber o quão improvável era que ela se alinhasse com ele. Num instante, suas sombras atravessaram sua cabeça, penetrando seu crânio. Ele falou diretamente em sua mente, dizendo: " *Esta é a única maneira de você poder ficar com seu marido. Ele está aqui agora, comigo. Para sempre. Se você realmente o amasse como diz... esta escolha deveria ser fácil* ."

Um instante depois, ele já não estava mais em seus pensamentos, as órbitas dos olhos dela ardendo com a invasão momentânea.

“Você tem três semanas para tomar sua decisão. É quando eu tomo o seu mundo, e tudo o que há nele”, disse Cronan, e sua coroa voltou a ser de metal. Suas sombras avançaram em sua direção novamente, e ela se preparou para a já familiar onda de dor. Mas, em vez disso, deslizaram pela curva de seu crânio, acariciando seus cabelos em um lembrete zombeteiro do que ele podia fazer sem pensar duas vezes. “Eu saberei qual foi a sua decisão.”

Enganá-lo era impossível. Se ela tivesse planejado algo contra ele durante esse tempo, ele saberia.

Ele a soltou e ela caiu de joelhos com um baque. Ela ouviu Cronan sair da sala enquanto os braços revestidos de metal de dois cavaleiros a içavam. Eles a arrastaram em direção às portas.

Ela lutou para capturar o olhar do marido antes de partir, mas ele estava de costas para ela, encarando os resquícios daquela visão, como se estivesse congelado.

“ *Que horror* —” ela disse. As portas se fecharam entre elas, abafando sua explicação.



SINISTRO

Mesmo muito tempo depois de o Selvagem ter sido arrastado para fora da sala, Grim não conseguia se mexer. Ainda havia resquícios de fumaça no ar, fragmentos dos futuros que o feitiço havia revelado. Apenas a lâmina que lhe atravessara o coração permanecia intacta...

O fato de o amuleto ter contido o futuro era fascinante, mas era evidente que a pulseira significava algo para a Selvagem além de seu poder. Sua aura praticamente se extinguiu de tristeza ao ser arrancada. Devia ter um valor sentimental.

Mais uma prova da insensatez dessa mulher.

“Apagar suas memórias foi um presente”, disse Cronan ao retornar à sala. Grim piscou, imaginando quanto tempo havia ficado ali parado, observando. Atendentes entraram apressados, com os olhos vidrados, enquanto começavam a preparar o que parecia ser um jantar.

Cronan se juntou a ele. "Eu te fiz um favor. Os erros do seu passado são o motivo pelo qual esse futuro é sequer uma possibilidade." Ele sentiu o peso da mão de Cronan pousar em seu ombro. Grim cerrou os dentes. Ele não gostava de ser tocado.

“Eu te dei uma segunda chance na vida.” Ele olhou para os Fios do Tempo em suas mãos. “Assim como você me deu uma segunda chance. Por causa disso, podemos ambos corrigir os erros do nosso passado.”

Nossos passados. Grim se perguntava que erro Cronan havia cometido. Por que ele estava fazendo tudo aquilo.

Ele também se lembrou do que Cronan havia dito. Ele iria destruir o mundo deles e todos que nele habitavam. Até mesmo Nightshade.

Grim não ficaria parado enquanto isso acontecia. Mas era evidente que seu ancestral era poderoso. Ele tinha apenas três semanas para encontrar uma maneira de detê-lo.

Cronan estava alheio aos pensamentos de Grim, exceto quando este o estava penetrando com sombras. Não sentiu um sussurro de suspeita vindo de seu ancestral. Apenas um lampejo de satisfação e... esperança. "Enquanto você a caçava, por acaso encontrou uma poça de prata?", perguntou Cronan.

Ele não esperou por uma resposta. Num instante, suas sombras irromperam, e Grim sentiu-as perfurar sua mente. Sua própria escuridão reagiu em defesa, expulsando as sombras de Cronan de seu crânio. Grim mostrou os dentes para seu ancestral em fúria.

Cronan apenas franziu os lábios, parecendo indiferente. "Não, você não fez

isso..." Cronan começou a andar de um lado para o outro. "Quero que você procure. A piscina se escondeu de mim propositalmente, mas talvez ela se revele a você."

Grim se obrigou a acenar com a cabeça. Fez um esforço enorme para não envolver o pescoço do ancestral com suas sombras. Mas, para reunir todas as informações possíveis, Cronan precisava acreditar que ele era deferente — disposto a executar todos os seus planos, da mesma forma que Grim fizera por seu pai.

"E se ela tiver visto?", perguntou Grim.

Cronan balançou a cabeça. "Eu já passei por toda a mente dela. Eu saberia."

Grim foi tolo o suficiente para sentir um pouco de compaixão pelo Selvagem. Aquele instante em que as sombras de Cronan passaram por sua mente foi pior do que algumas torturas que ele já havia sofrido. Cronan só havia vasculhado alguns dias de memórias de Grim. Uma vida inteira?

Como ela ainda não tinha cedido?

Não. Ele se recusava a sentir compaixão pela mulher que seria sua ruína. Ele tinha visto com os próprios olhos. Ela estava destinada a matá-lo. Ele não se importava que houvesse outro futuro igualmente possível.

Enquanto ela existisse, seria uma ameaça tão grande para ele e seu reino quanto Cronan.



ILHA

Isla estava sentada com as costas encostadas na parede úmida de sua cela. Cronan lhe dera uma escolha impossível. Juntar-se a eles... ou morrer. Escolher abandonar seu mundo e todos os seus habitantes. Escolher matar Oro em vez de seu marido, que nem sequer se lembrava dela e estava ativamente tentando *matá-la* .

Ou dar seu último suspiro aqui, pelas mãos de Cronan.

Nenhuma das opções salvou as pessoas que ela amava. Ela havia viajado até ali em busca de mais opções, mais chances de sobreviver. Para trazer de volta aqueles que havia perdido. Para salvar a si mesma.

Ela desejava poder esquecer a esperança que sentiu ao finalmente ver Grim cair na sala da galáxia. Ele estivera lá para salvá-la e, juntos, teriam salvado a todos.

Agora, toda aquela esperança tola havia se extinguido. Ela pressionou os lábios contra um soluço.

“Finalmente percebeu que ninguém virá te salvar?”

Lark. Sua voz era um arranhão na parede de pedra. O ar escapava de seus lábios, como se sua garganta ainda estivesse aberta.

Isla não disse nada.

Lark soltou um resmungo. "Levei anos para perder a esperança. Mas acho que é tolice esperar qualquer coisa que se assemelhe à força vinda de você."

As palavras de sua ancestral penetraram sua pele indefesa.

Sem esperar por uma resposta, Lark continuou: "Você acha que esta cela é ruim?" Sua risada era meio insana. "Imagine estar enterrado a quilômetros de profundidade."

Nesse instante, Isla ergueu a cabeça bruscamente. "Não preciso imaginar. *Você* me enterrou."

“Aquilo não foi *nada* comparado ao meu túmulo.” Seus olhos verdes brilharam na escuridão. “Você esteve lá por meros *dias* . Eu fiquei aprisionada por milhares de anos. Em metal moldado ao meu corpo, de forma que eu não tinha um centímetro sequer para me mover ou respirar. Sem energia. Sem luz. *Nada* além da escuridão.”

Isla engoliu em seco. Por mais desesperada que se sentisse naquele momento... ela não conseguia imaginar aquela existência. Incapaz de morrer. A morte, naquele estado, teria sido uma misericórdia.

“A única coisa que me manteve firme foi a promessa de vingança”, continuou

ela. “E agora... olhem para mim.”

Lark era ancestral e incrivelmente poderosa. Isla tinha visto tudo o que ela era capaz de fazer. "Então, por que você ao menos não tentou escapar?"

Sua ancestral se virou para ela, captando o filete de luar que vinha de longe. Isla engoliu em seco. O rosto de Lark estava parcialmente desfigurado. Um de seus olhos pendia onde deveria estar sua orelha. Sua garganta estava em frangalhos. Seu peito estava escancarado, seus órgãos grosseiramente comprimidos. "Parece que sou capaz de escapar de alguma coisa?"

Isla respirou fundo, com a voz trêmula. O estado de saúde de seu ancestral estava piorando.

Tudo pode ser quebrado . Até mesmo Lark, ao que parecia.

"Por que vocês não conseguem se libertar do controle dele sobre seus poderes?", perguntou Isla. Se ao menos conseguissem encontrar uma maneira de recuperar suas habilidades, talvez pudessem escapar. Juntos, talvez conseguissem detê-lo.

Lark balançou a cabeça. "Você não entende. O vínculo de Cronan com este mundo é profundo."

“Mas você também é deste mundo”, retrucou Isla.

“Sim, mas este não é o mesmo mundo que deixei”, disse Lark. “Estive ausente por milhares de anos. E nesse tempo, Cronan o envenenou contra todos, exceto contra ele.”

"É por isso que Grim consegue usar suas habilidades?", perguntou Isla. "Por causa de sua linhagem sanguínea?"

“Talvez. Ou porque Cronan permite... embora isso seja uma surpresa.” Lark recuou para as sombras. “Cronan controla tudo neste mundo, não é óbvio? Ele está entrelaçado em sua própria essência.”

Isla começou a entender a raiva de Lark quando percebeu aonde as havia levado.

“Exceto durante as tempestades”, disse Isla.

Lark grunhiu. "Ele não consegue controlar alguns dos outros mundos que se infiltram. Pelo menos, ainda não."

Isso significava que Cronan tinha uma brecha, uma fraqueza. Se ele tivesse um jeito de deter essas tempestades, já o teria feito, não é? Seja lá o que ele tivesse feito com o universo, claramente o havia danificado, causando rupturas entre os mundos.

Com isso, Lark parou de falar.

Cronan disse que o diamante ainda resistia a ele... e que ele havia sido excluído do mundo dela. Claramente, algo estava lutando contra seu domínio. Algo estava *vencendo* . O que significava que talvez houvesse uma chance de detê-lo.

Assim que essa esperança surgiu... ela se dissipou.

Faltavam apenas três semanas para Cronan consumir seu mundo. Ela estava impotente, presa em uma cela com a mulher que quase destruiu tudo o que amava, e seu marido havia se voltado contra ela. Ela estava sozinha.

Como ela poderia impedir o que parecia inevitável?

Encolhida no fundo da cela, naquela escuridão sem fim, ela tentava se lembrar da luz. De se lembrar por que era tão importante continuar lutando.

Ela fechou os olhos e viu aquela piscina prateada, como um espelho em sua mente. Entrou na água e viu memórias que eram como raios de sol, escondidas no fundo de sua cabeça.

Ela estava em uma floresta de flores silvestres, campos de cores que ela mesma havia criado. Estava aprendendo a controlar a onda de poder que pulsava em seu ventre. A usá-la para criar vida. Ele a havia ensinado.

Ele . Ela se virou para o lado e encontrou cabelos dourados, olhos âmbar e uma armadura brilhante bem ao seu lado. Ele estava lhe mostrando como transformar cinzas em mudas. Escuridão em luz. Seus próprios medos em força.

O cinismo se transforma em esperança... e o ódio em amizade. Em algo mais.

Esse sempre foi o poder deles, não é? Transformar coisas difíceis em um peso compartilhado que carregavam juntos.

Ela podia conversar com ele, e ele a ouvia. Ele era paciente e gentil, o amigo mais verdadeiro que ela já conhecera. Ao vê-lo em sua memória, ela desejava agora, mais do que nunca, poder ainda contar com aquela amizade.

Estou perdida , pensou ela. *Estou mergulhada na escuridão* .

E nas trincheiras silenciosas de seu desespero, uma voz ecoou, como uma mão puxando-a para a superfície.

"Encontre sua chama" , dizia a mensagem. E era a voz *dele* . Ela não sabia se ele de alguma forma ouvira seu apelo através do universo, ou se estava repetindo as palavras para si mesmo, mas ela as acolheu. Acolheu-as como brasas que poderia alimentar a chama quase extinta em seu peito.

Encontre a sua paixão .

Ele já a tinha visto fazer isso antes. Já a tinha visto perdida e reencontrada. Já a tinha visto em seus momentos mais difíceis — e em seus melhores momentos.

Ela havia suportado tanta coisa para chegar até ali. E pensou em como tudo teria sido em vão se sua história terminasse ali, em uma cela em um mundo em ruínas. Ela já havia sobrevivido a muitas dificuldades antes, e poderia fazer isso de novo.

Tudo pode ser quebrado .

Cronan estava enganada. Ela não se extinguiria como uma chama esquecida. Ela não se tornaria mais um mundo saqueado e deixado vazio por Cronan.

Ela encontraria sua chama. Ela se incendiaria.

E quando ela fizesse isso, Cronan queimaria.



ORO

Oro suspirou ao vê-la.

“Primeiro meus sonhos... você também precisa me assombrar quando estou acordado?” Sua voz era rouca. “A propósito, como você está fazendo isso?” Ele acabara de retornar à sua sala do trono após uma reunião com seus amigos e Maren. Cinder era necessária na defesa contra as bestas do portal e, em alguns dias, ela era o único motivo pelo qual algum deles ainda estava vivo.

Mas eles não podiam continuar assim. Precisavam de ajuda.

Foi só então que ele percebeu que precisava de Grim para conseguir aquilo. E agora que ele se foi...

Mas Oro esqueceu tudo isso ao ver Isla — parte dele sentiu uma forte saudade ao vê-la, como se sua mente não tivesse compreendido completamente que ela o havia deixado. Ela não respondeu à sua pergunta.

“Como está Grim?”, perguntou ele, com a voz tensa.

Ela fechou os olhos ao ouvir o nome dele, como se a lembrança o doesse, mas logo reprimiu a emoção. "Igualmente."

Antes que ele pudesse perguntar mais alguma coisa, ela já estava falando novamente. "Cronan acha que pode me convencer a ficar do lado dele", disse ela. "Ele vai destruir o nosso mundo em três semanas, Oro."

Ele praguejou. O pior era que ele nem sabia se a ilha deles sobreviveria a mais três semanas de ataques das feras.

Ela deve ter percebido o pavor em seu rosto, porque sua expressão se contorceu em preocupação.

"Você... você está bem?" Ela se inclinou para a frente, como se pudesse de alguma forma alcançá-lo.

Uma onda de defensiva surgiu dentro dele. "Você acha que eu estou bem, Isla?" Chamas crepitaram ao seu redor.

Agora que ele estava usando as emoções para exercer poder — algo contra o qual havia alertado Isla tantas vezes — sentia-se perdido. Às vezes, se perguntava se seus sentimentos estavam alimentando seus poderes ou se seus poderes estavam controlando suas emoções.

A boca dela se contraiu. Ela teve a decência, pelo menos, de parecer arrependida. A preocupação, porém, não abandonou seus olhos enquanto o observava, e ele se perguntou o que ela via. "Você mudou."

Ele se levantou de seu trono flamejante e caminhou em direção a ela. Sentiu sua pele pegar fogo. O chão ao seu redor ardeu. "Se eu mudei", disse ele, "foi

porque você me mudou."

Seus olhos se arregalaram, brilhando com lágrimas não derramadas.

E isso fez com que uma nova raiva incontrolável dentro dele se inflamasse. "Eu gostaria de nunca ter te conhecido", disse ele. "De verdade."

Uma lágrima escorreu por sua bochecha.

Oro apenas balançou a cabeça. Normalmente, ele reprimia essas palavras e sentimentos, mas tudo escapou dele, bruto e desordenado. "Eu queria nunca ter te conhecido, porque mesmo depois de tudo... eu ainda. Te. Quero. Pra. Caralho *"* , disse ele, e sentiu-se pronto para cair de joelhos, como se pudesse implorar para que ela o libertasse desse laço.

“Mesmo que você não me queira. Mesmo que você me mate. Eu percebo agora... não há nada que possa me impedir de te amar. E tenho medo do que esse amor pode causar.”

As chamas ao seu redor rugiam cada vez mais alto. Logo, a sala estava repleta delas. Ele estava no centro de tudo, diante da mulher que ainda possuía seu coração, mesmo tendo sido ela quem o havia partido.

Ele fechou os olhos e, quando não conseguiu vê-la, finalmente conseguiu controlar esses sentimentos. Engoliu em seco, respirando fundo. Tentou reprimir tudo até conseguir falar com mais clareza.

Sua voz estava mais suave agora. "Não posso nos salvar disso", admitiu ele. Você tem razão. Eu não sou eu mesmo. Nosso mundo merece alguém melhor do que eu. Mas não há mais ninguém.

Ele abriu os olhos novamente e ela deu um suspiro de espanto. Ele imaginou que eles tivessem mudado de novo. Na verdade, ele não se importava. A mudança recente na aparência dos seus olhos era a menor das suas preocupações.

Mas Isla não parecia assustada, não como seus amigos. Em vez de se afastar, ela se aproximou, em direção às chamas — em direção a ele.

Ela estendeu a mão e pegou a mão em chamas dele, como se não tivesse medo de se queimar.

E ele podia senti-la como se ela estivesse realmente bem à sua frente. Uma força percorreu seu sangue com aquele toque, e era inegável. Algo ainda existia entre eles, uma ponte que permanecia de ambos os lados.

Ela apertou. "Você está perdido...", disse ela. "E sinto muito por ter feito isso com você. Mas você ainda é a pessoa mais nobre e forte que já conheci", disse ela. "Eu vejo isso agora, mesmo que você não veja. Nenhuma tempestade pode te desarraigar. Nenhuma maré pode te soltar. Eu vou te lembrar disso. Assim como você me lembrou."

Oro se lembrava daqueles dias, tentando treinar Isla em poderes que ele próprio jamais havia usado. Ele fora a personificação do controle por séculos. E agora, estava se desfazendo. Quebrando-se quando o mundo mais precisava dele.

Ele fez uma careta. Não queria perder o controle. Não queria que tudo aquilo e os sacrifícios de seus ancestrais fossem em vão.

Ela apertou as mãos dele. "Não olhe para o passado", disse ela. "Olhe para mim." Ele olhou. E mergulhou num verde infinito. Sua primavera. Seu verão.

Sua vida . Seu amor.

Ela talvez nunca mais fosse dele, mas ele sempre seria dela.

Lentamente, o fogo ao redor deles diminuiu. As chamas que cobriam sua pele se dissiparam. Até que restaram apenas eles, de mãos dadas. "Você é forte. Nunca se esqueça."

Oro observou o olhar dela descer até o pulso dele, onde ele mantinha o colar de rosas douradas dela enrolado várias vezes, contra a pulsação. Era seu bem mais precioso. Seus lábios se entreabriram antes que ela piscasse. "Do que você precisa?", perguntou. "O que posso fazer?" Ela disse isso mesmo estando sentada em uma cela, aprisionada, em um mundo diferente.

Oro concentrou-se em acalmar a respiração, em tranquilizar o pulso, e foi então que percebeu que talvez houvesse algo em que ela pudesse ajudá-lo.

“Seu dispositivo de portal. Você sabe onde ele está?” Ele precisava dele para alertar as novas terras e conseguir ajuda para lutar contra as feras.

Ela franziu a testa, como se tentasse se lembrar. Tinham se passado apenas alguns dias, mas parecia muito mais tempo. "Lark estava com ele", disse ela finalmente. "Nenhum de vocês o encontrou?"

Oro balançou a cabeça negativamente.

Ela olhou para o lado. Oro se perguntou o que via. "Deixe-me ver o que posso fazer."



ILHA

Isla não podia fingir que contar a ela onde estava o bastão estelar beneficiaria Lark em algo. Mas talvez... talvez houvesse algo mais que Lark quisesse.

“O que você quer?”, perguntou Isla. “Diga o preço.”

Lark olhou para ela. "O coração de Cronan, numa bandeja."

“Estou trabalhando nisso”, disse Isla. “O que mais?”

Lark ponderou. Respirou fundo, com um som trêmulo. O silêncio se prolongou, e Isla se perguntou se sua ancestral se recusaria a responder com sua teimosia imortal. Mas então ela falou. "Minha pena", disse ela.

O objeto que Lark usava para armazenar suas habilidades. A pena que Isla encontrou no quarto de Aurora.

“Está aqui”, continuou Lark. “Seu *marido* tem. Eu consigo sentir.”

Isla fez uma careta, lembrando-se da última vez que vira Grim, horas antes. Ele deixara bem claro o que pensava dela.

Mas Oro não teria perguntado sobre o cetro estelar se não precisasse desesperadamente dele. As criaturas só estavam atravessando o portal porque ele e Grim o abriram para salvá-la.

"Eu pego para você", prometeu Isla.

Horas depois, enquanto Grim a guiava pela masmorra, parecia que ele tentava ficar o mais longe possível dela. Não era difícil entender o porquê. Ele havia visto seu destino com a mesma clareza que ela.

Mas se ela quisesse ter alguma chance de derrotar Cronan, e se quisesse conseguir aquela pena, precisava que Grim estivesse do seu lado. Se fosse impossível para ele recuperar suas memórias perdidas... então eles teriam que criar novas.

Quando se conheceram, ambos estavam na prisão. Ela estava trancada em seu quarto de Selvagem, presa ao papel para o qual nascera e à sua impotência. Ele não podia escapar do seu dever para com o seu povo e da sua reputação monstruosa.

De alguma forma, juntos, eles conseguiram se libertar.

Aquele mesmo Grim que se apaixonou por ela estava em algum lugar ali dentro. E não era esse o verdadeiro teste do amor? Ver se eles seriam capazes de se apaixonar um pelo outro, repetidas vezes?

Durante o Centenário, mesmo com suas memórias apagadas, ela começou a nutrir sentimentos por ele. Ela precisava acreditar que ele também pudesse sentir o mesmo.

Ela não aceitaria o acordo oferecido por Cronan. Ela encontraria outro jeito. Ela não sairia dali sem o marido.

"Sua esperança é patética", rosnou Grim, sua voz grave ecoando pelos túneis das masmorras.

"Não é", ela sussurrou. "Você encontrará o caminho de volta para mim. Eu sei disso."

Nesse instante, ele a girou para que ficasse de frente para ele. Estavam no fim do túnel, e a luz invadiu o ambiente, iluminando seu rosto. Estava limpo — o dela, coberto por uma camada de sujeira.

Ele agarrou a frente da blusa dela e a puxou para perto, de modo que ficassem a poucos centímetros de distância. Mas não havia absolutamente nada de amoroso naquele movimento. Ele mostrou os dentes e disse: "Você não é nada para mim. Você *não é ninguém* ."

Seus lábios se contraíram enquanto ela lutava para manter o olhar firme diante das palavras que saíam da boca dele. "Isso... isso não é verdade. Só porque você não se lembra, não significa que não aconteceu."

“É mesmo? Diga-me, o que aconteceu? Por que você está tão desesperado para me convencer de que se importa comigo quando vai me matar?” Os olhos dele a examinaram com um olhar quase desesperado. E Isla percebeu que não tinha nada a ver com ela ou com o amor deles. Era uma ânsia de compreender.

Claro. Parte da sua mente estava faltando. Ele devia querer saber o que continha.

Ela abriu a boca. Fechou-a. Não sabia como convencê-lo de que ele sabia que ela poderia matá-lo, mas mesmo assim veio salvá-la. Ele tinha razão em duvidar. O amor deles não fazia sentido. Nunca fez.

Mas isso não significava que não fosse real e que não valesse a pena lutar por isso.

Diante do silêncio dela, Grim a examinou com puro desgosto. "Certo. Perdoe-me por não ter simpatizado com minha futura assassina", disse ele.

Dito isso, ele a arrastou pelos corredores do castelo. Mas, em vez de irem direto para a sala da galáxia, eles fizeram uma curva. Ele a empurrou para dentro de uma sala desconhecida. "Preparem-na", ele gritou para alguém atrás dela, antes de bater a porta com força.

Isla suspirou e baixou a cabeça. Se ele ao menos a *ouvisse* ...

Ela se virou e se deparou com cinco belas mulheres com a pele brilhando como a luz difusa das estrelas. Seus membros eram longos e esguios. Elas lembraram Isla um pouco dos espectros da floresta, mas sem as garras ou presas.

“Quem são vocês?” perguntou Isla, afastando-se quando eles se aproximaram, e eles não deram nenhum sinal de que a tinham ouvido. “Vocês... vocês podem me ajudar?”

Seus olhos estavam vazios. Sem emoção. Será que Cronan havia entrado em suas mentes? Será que ele os havia destruído para sempre, da mesma forma que tentara destruí-la?

A única resposta foi o som de água correndo em algum lugar próximo. Isla foi empurrada com força para outro cômodo. A porta se fechou atrás dela.

Uma banheira de porcelana branca estava cheia de água fumegante e espuma de sabão. A instrução era clara: ela deveria tomar banho.

A mente de Isla dava voltas e voltas, e ela queria recusar. Por que ela precisaria tomar banho? O que Cronan estava planejando?

Mas ela teria que continuar jogando o jogo dele para ter o tempo que precisava com Grim.

E ela bem que precisava de um banho.

Ela tinha acabado de tirar as roupas imundas e entrar na água deliciosamente quente da banheira quando as portas se abriram e as mulheres entraram. Vários tipos de sabonetes estavam em suas mãos. Uma delas estendeu a mão para o cabelo dela, e Isla se esquivou. "Eu consigo me banhar sozinha", disse ela, e as mulheres ou não a entenderam ou não se importaram, porque começaram a ensaboar o cabelo de Isla até que os fios se desembaraçassem. Esfregaram sua pele áspera e dolorida, até que finalmente ela arrancou uma barra da mão de uma delas e terminou o banho sozinha.

Depois de sair do banho e se secar, ela foi conduzida a uma cadeira em frente a um espelho. Observou seu reflexo, surpresa com o quão diferente estava. Suas maçãs do rosto estavam mais definidas. Gaunter. Sua pele estava mais pálida que o normal, como se o domínio de Cronan sobre ela e este mundo estivesse lhe custando mais do que apenas suas habilidades.

Talvez ela não devesse ter se chocado tanto com a mudança em sua aparência — afinal, *tudo* havia mudado durante o tempo em que esteve ali.

Ela permaneceu imóvel enquanto penteavam seus longos cabelos e os prendiam em uma trança que lembrava uma coroa, deixando o restante em uma dúzia de cachos soltos. Permitiu que aplicassem em seu rosto maquiagens não muito diferentes daquelas que Poppy lhe ensinara a usar, disfarçando os sinais de palidez.

O vestido que lhe apresentaram era ridículo, mesmo para os seus padrões. A seda fina tinha recortes em forma de diamante nas laterais da cintura e um decote profundo que quase chegava ao umbigo. Deixava à mostra todos os seus skyres. O do braço que a ajudava a controlar seus poderes. O que lhe permitira romper o controle sobre suas habilidades no labirinto. E os vestígios quase invisíveis do que cobria a cicatriz em forma de estrela no coração. Era evidente que aquilo tinha o objetivo de deixá-la desconfortável, de exibi-la — mas para quem, ela não sabia.

Ao se olhar no espelho, ela não viu uma mulher com um vestido revelador, produzida e maquiada como um adereço. Não. Ela viu uma guerreira em sua armadura. Este era o campo de batalha para o qual ela havia passado a vida inteira se preparando para o Centenário. Ela estava em seu elemento agora e pronta para lutar.

Ela não lutava apenas por Grim. Ela lutava por seu mundo e pelo que estava por vir. Ela lutava por Oro, que fazia o possível para defendê-lo. Ela lutava por todos que havia matado. E lutaria por este mundo também. Por essas pessoas e criaturas cujo lar fora reduzido a cinzas.

Cronan achava que tinha tudo sob controle. Mas Isla estava acostumada a ficar em uma gaiola.

E ela já havia escapado antes.



ILHA

As mulheres acompanharam Isla para fora do quarto e pelo corredor em direção à sala da galáxia. Ela não fazia ideia do que a esperava quando chegasse lá. Por que Cronan insistira que ela se vestisse daquela maneira? Ele nunca demonstrara a menor preocupação com a aparência dela. O que ele planejava para ela?

Quando as portas se abriram, ela percebeu que não estavam sozinhos.

Uma longa mesa ocupava o centro da sala, exatamente no mesmo lugar onde ela se contorcera de dor no chão inúmeras vezes. Seis homens desconhecidos ocupavam os lugares, mas ela reconheceu apenas um — aquele homem com as estranhas roupas verdes e o sorriso serpentino. Os demais vestiam-se de maneira diferente, com cores e estilos de cabelo variados, e tons de pele diversos. Olhavam para ela com uma mistura de fascínio, desejo evidente e indiferença.

Grim estava sentado na ponta da mesa. Quando seus olhos a encontraram, ele imediatamente franziu a testa.

O lugar ao lado dele, na cabeceira da mesa, estava vazio.

Cronan surgiu da cabeça oposta. Ele vestia as mesmas roupas escuras e a capa de sempre. Seu sorriso era perturbador, pois não se estendia a nenhuma outra parte do rosto. "Nosso convidado de honra chegou", disse ele, erguendo um cálice enorme. Os outros homens à mesa, com exceção de Grim, fizeram o mesmo. "Contemplem... minha chave mundial."

“E que chave impressionante ela é”, disse o homem à sua esquerda. Sua barba era aparada com a precisão de um labirinto. Sua pele era bronzeada, seus cabelos dourados. Ele não havia desviado o olhar da pele nua abaixo da clavícula dela.

“Sente-se”, disse Cronan, a palavra uma ordem clara.

Isla caminhou até a cadeira vazia com a maior confiança que pôde, seu vestido esvoaçando atrás dela. Aquilo não era diferente do Centenário, disse a si mesma. Ela já havia jantado com muita gente que a queria morta.

Cronan permaneceu de pé, com o cálice erguido. "Os deuses estão mortos", disse ele. "Nós nos banqueteamos com seus ossos e cadáveres."

Quando Isla se sentou, percebeu que as cadeiras da mesa eram estofadas em peles. Peles belíssimas e vibrantes em várias cores, como se grandes animais tivessem sido esfolados para fazê-las. E não era só isso: os talheres eram de osso. Exatamente como o osso divino de Hórus que ajudara Isla a chegar a este mundo, e que Cronan lhe havia tirado.

Cronan olhou para ela do outro lado da mesa e ergueu o cálice em sua direção — ele estava bebendo de um crânio.

Isla olhou em volta para a mesa ricamente decorada e quase vomitou.

Principalmente quando os outros homens ergueram seus cálices mais uma vez, para mais um brinde, e ela percebeu que todos eles tinham um dedo a menos. Ela se lembrou das palavras de Cronan. Ele exigia um osso de cada um de seus apoiadores.

Como se a observasse juntar as peças, Cronan apenas sorriu — e sua coroa cintilou novamente, revelando uma das muitas que continha em seu interior. A coroa de ossos. O osso divino agora estava entre eles, brilhando com mais intensidade que os demais.

Voltou a ficar metálico, e a refeição começou.

Uma conversa animada se formou quando os homens brindaram ruidosamente e beberam em crânios. Apenas ela e Grim permaneceram em silêncio. Ela olhou para o marido e viu seu rosto inexpressivo. Ela desejou poder acessar seus poderes novamente, usar suas habilidades para sentir suas emoções. Mas o vínculo entre eles havia se rompido completamente.

“Sua destruição do planeta Finestra foi um espetáculo maravilhoso”, disse um homem duas fileiras à frente. Sua pele escura estava coberta de manchas coloridas. tatuagens, e ela achou que viu uma delas se mexendo. “Conte-nos sobre a próxima. Você vai mantê-la... ou consumi-la?”

Cronan tomou outro longo gole do crânio. "Alguns mundos é melhor deixar conquistados, como você sabe", disse Cronan arrastando as palavras, com os olhos fixos em Isla. "Alguns abrigam as maiores feras do universo, que prosperam em seus habitats naturais. Alguns contêm depósitos de minério que amplificam o poder. Alguns produzem energia que pode ser extraída quando necessário."

Os homens assentiram, atentos a cada palavra de Cronan. Isla se perguntou se cada um deles era o líder de seu planeta e que recurso possuíam que fosse valioso para Cronan. Claramente, era o suficiente para mantê-los vivos, quanto mais para garantir um lugar àquela mesa.

Todos eles devem ter recebido a mesma proposta que Isla. Algum deles hesitou?

“Outros mundos, porém”, continuou Cronan, “são mais úteis alimentando meu próprio poder. É melhor que não existam.” Cronan passou a mão preguiçosamente em frente à sua coroa, e ela se transformou, mais uma vez. Desta vez, tornou-se um círculo de faíscas. A luz e a energia da sala foram drenadas, puxadas para aquele círculo como se fosse um vazio. Isla rangeu os dentes contra aquilo. E daquelas faíscas, uma galáxia se formou. Dezenas de planetas, girando em espiral. Sua garganta secou.

Esses eram todos os planetas que Cronan havia destruído. Eles viviam em sua coroa.

Mas eles não viviam *nele* .

Na verdade, ele não os havia consumido. Ele não era como ela. Ele simplesmente *movimentava* poder, coletando-o, não o absorvendo.

Isla não queria se comparar a um monstro como ele. Mas não conseguia evitar a sensação de que seu poder era maior. Ela tinha certeza de que Cronan

preferiria não ter que manter todas as suas conquistas fora de si, em uma coroa que Isla havia provado poder ser tomada.

A voz de Cronan a despertou de seus pensamentos. "Considere, por exemplo, um mundo insensato onde *todas* as pessoas, e não apenas as elites, têm acesso ao poder." Os olhos de Cronan permaneceram fixos nos de Isla. Ela rangeu os dentes. “Um mundo onde o poder é extraído de todas as forças principais. O sol. A lua. As estrelas. O céu. A escuridão. *A natureza* .” Isla ouviu um rugido em seus ouvidos. “Reúno todos vocês aqui para celebrar, pois finalmente encontramos o caminho para nossa próxima fronteira. Uma nova galáxia para saquear. Em apenas três semanas, romperemos este mundo insensato de que falo para chegar lá. Será nosso campo de caça antes de prosseguirmos nossa jornada. Será a porta para o nosso destino...”

Ele sorriu para Isla. Desta vez, o sorriso chegou aos seus olhos. Gritos e vivas de alegria ecoaram ao redor deles.

"Vou matar cada pessoa ali. Até que o mundo não seja nada além de pó e cinzas em nosso rastro."



SINISTRO

Não faça isso .

Grim sabia exatamente o que a bruxa ia fazer. Ele teve a chance de impedi-la, mas não o fez. Simplesmente ficou sentado, observando-a segurar o garfo esculpido em osso.

E arremesse-a pelo ar, bem no coração de Cronan.

Droga. A mira dela era perfeita. Teria dado certo, se Cronan não tivesse se virado no último instante — e parado o garfo a um centímetro do peito dele.

A sala, que antes estava repleta de aplausos, ficou em silêncio.

Isla soltou um som de engasgo ao ser arremessada para o ar, com a cabeça puxada para trás e os braços rígidos e abertos ao lado do corpo. Ela flutuava acima da mesa, permitindo que todos na sala a vissem bem, inclusive as marcas metálicas que ostentava, como aquela em seu braço que começava a queimar.

De tão perto, Grim conseguia ver os dedos dela se movendo, como se, de alguma forma, ela estivesse se libertando do aperto de Cronan. Mesmo que fosse apenas dessa maneira sutil.

Ela tinha coragem, ele reconhecia isso.

Ela também era uma idiota.

Cronan deu uma risadinha, e o resto da mesa interpretou como um convite para se juntar a ele. Isla engasgou, o rosto empalidecendo. Cronan disse: "Olhem para ela. Lutando em vão por seu planeta patético."

Isla deu um suspiro de espanto quando as sombras de Cronan atravessaram sua testa. E assim, de repente, foi como se sua mente tivesse sido esvaziada, e suas memórias invadiram o quarto para que todos vissem.

Eles viram Lightlark. O mercado. O porto. Testemunharam uma clara tentativa de assassinato da Selvagem pelos Lunares. Teria acontecido durante o Centenário? Ele não conseguia se lembrar. As imagens mudaram, e eles viram Tynan, um dos antigos membros do conselho de Grim, tentar matá-la enquanto ela dormia. Aquele era... aquele era o castelo dele? Aquela era... a *cama dele* ? O quarto mudou, e eles viram Isla sendo amarrada por seu próprio povo e aberta como a comida na mesa de jantar.

Grim franziu a testa enquanto os homens ao seu redor riam, cuspindo saliva. "Vejam só", disse Cronan. "Só um tolo teria qualquer lealdade a um mundo que a tratasse dessa maneira."

Isla tremia de fúria. Seus dedos se contraíam ainda mais enquanto ela lutava contra o aperto de Cronan. Seu rosto estava pálido, mesmo sob todas as camadas

de tinta que lhe aplicaram. Quando Grim teve certeza de que ela perderia a consciência, Cronan a soltou. A última lembrança se dissipou no ar acima deles quando Isla caiu bruscamente em sua cadeira. Ela ofegou em busca de ar, curvada, com as unhas arranhando a mesa.

Ele percebeu algo então que fez seus olhos se estreitarem. Tinha que admitir, a selvagem não tinha audácia. Balançou a cabeça e quase sorriu, preferindo guardar o sorriso para si. Preferia ver como as coisas se desenrolariam.

“Pelo seu próprio bem”, disse Cronan a Isla, “espero que você aprenda. Espero que se junte a nós.” Ele olhou para os demais convidados do jantar. “Pois ela seria uma excelente rainha das cinzas, não seria?”

Os homens à mesa assentiram com entusiasmo.

“E se ela não recobrar os sentidos, vocês a matarão?”, perguntou um dos homens, preguiçosamente, enquanto tomava um gole de sua taça. Ele estalou os dedos, e uma das atendentes, uma mulher com os olhos vidrados, imediatamente a encheu novamente.

“Rapidamente”, disse Cronan.

"Uma pena", disse o homem do outro lado da mesa, com os olhos fixos no peito de Isla, que quase saltava para fora daquele vestido ridículo que ela usava.

Ele não sabia por que o olhar lascivo do homem lhe dava vontade de transformá-lo em pó. O homem lhe sorriu de forma amigável — até que percebeu o olhar fulminante de Grim.

Cronan não deixou escapar nada. "Há algum problema, Grimshaw?", perguntou ele.

Ele franziu a testa ao ouvir o nome. Sempre o odiara. Fazia-lhe lembrar o pai, que nunca o chamara por outro nome. Lentamente, virou-se para o antepassado. "Não. Só acho que festas são uma perda de tempo."

A sala ficou em silêncio. Os outros homens o encaravam boquiabertos por falar com Cronan daquela maneira. Principalmente depois do que ele acabara de fazer.

Mas Grim sabia que seu ancestral se importava principalmente com a continuidade de sua linhagem. Especialmente agora, às vésperas de conquistar uma nova galáxia. E Grim era o único descendente que lhe restava.

Cronan ponderou as palavras de Grim por alguns instantes. "Concordo", disse ele finalmente, com uma naturalidade excessiva. Seus olhos se estreitaram então, a mudança de tom repentina e arrepiante. "Ainda bem que isto não é um banquete. É uma sentença."

Uma das cadeiras tombou e o homem sentado nela foi arremessado contra a parede. Ele se contorceu, imóvel, com os olhos arregalados. Cronan caminhou lentamente até ele. "Meu querido, querido amigo", disse. "Há quantos séculos nos conhecemos?" Sua voz era um sussurro baixo. "E isto... isto é como você me retribui?"

Ele ergueu um frasco, e os convidados do jantar soltaram um suspiro de espanto. “Meus assistentes encontraram isto no seu quarto. Podem ser insensíveis, mas não são burros. Veneno? Que mesquinharia.” Ele sorriu com desdém. “O pior é que vocês acharam que uma gota disso faria efeito...”

Nesse instante, Cronan destampou a garrafa com os dentes, cuspiu a tampa e jogou a cabeça para trás enquanto bebia tudo de uma vez. Engoliu em seco. Apertou os lábios. Parecia que a sala havia prendido a respiração.

Nada aconteceu.

Ele chamou a atendente que segurava o vinho, e Grim podia imaginar o que aconteceria em seguida. "Guardei uma gota para você", disse ele, entregando-lhe o frasco. Sem dizer uma palavra e sem hesitar, ela bebeu. O copo Mal tinha terminado de falar quando a mulher se contraiu. A garrafa de vinho escorregou de suas mãos e se estilhaçou no chão de pedra. O líquido carmesim se espalhou por toda parte, vermelho como sangue. Ela desabou um instante depois.

Cronan voltou-se para o homem, que se agarrava à parede, com os olhos arregalados e aterrorizados, dizendo: “Sou difícil de matar. Você deveria saber disso.” Ele franziu os lábios. “Mas não sou impiedoso... Vou lhe dar uma chance de viver. *Sempre* dou segundas chances...”

Cronan estendeu a palma da mão e, de sua pele, os Fios do Tempo que Grim lhe entregara emergiram. Com um toque de seu dedo, dezenas de portais circulares apareceram, empilhados verticalmente, próximos uns dos outros, formando um túnel de portas que ondulavam como água. Eles se estendiam desde alguns centímetros à frente do homem até o outro lado da sala, atravessando o meio da mesa de jantar.

“Cinquenta mundos. Conquistei cada um deles, então você encontrará meus cavaleiros lá. Você só poderá ir para o próximo mundo depois de matar um deles. Se você chegar ao outro lado desta sala, então eu o deixarei viver. Fingirei que este infeliz acontecimento nunca ocorreu.”

Grim observava essa demonstração de poder com horror e fascínio. Cronan havia usado os Fios do Tempo para invocar diferentes períodos temporais com portais. Ele estava combinando seu poder com os fios...

Cronan o soltou, e o homem caiu pelo primeiro portal. Ele emergiu um segundo depois, com a aparência esfarrapada e ferida. Mas não morto. Grim não sabia quanto tempo o homem levou para massacrar um dos cavaleiros de Cronan, mas, aos olhos deles, ele havia desaparecido por apenas um instante. O homem caiu no portal seguinte. Quando emergiu novamente, vestia roupas diferentes, cobertas de sangue. Ainda vivo, porém.

Na próxima vez que ele apareceu, vinte lâminas perfuraram suas costas. Os portais restantes desmoronaram juntos e desapareceram.

O homem caiu para a frente no chão, formando uma poça de sangue sob seus pés.

Cronan suspirou. "Nem três vidas... Uma pena. Para o seu mundo também."

A aura do homem se desprendeu de sua pele e assumiu a forma de seu planeta, com vários anéis de energia ao redor.

E a onda varreu a sala, fundindo-se à sua coroa. Seus olhos se fecharam. Cronan inspirou profundamente, como se revigorado pelo poder do planeta. Acima, um dos mundos na formação da coroa desapareceu.

Quando Cronan abriu os olhos novamente, eles estavam duros. "Mais alguém planejando um assassinato?", perguntou ele. Ele examinou cada homem,

deixando Isla por último.

Diferentemente dos homens... ela sustentou o olhar dele. Ela não se intimidou sob seu olhar atento.

Foi ele quem desviou o olhar. Na direção de Grim. "Levem-na de volta para as celas", disse ele, antes de se sentar novamente.

Grim segurou seu braço e a ajudou a se levantar. Mas antes de saírem da sala, ela olhou para Cronan uma última vez — seu olhar ainda desafiador.

Enquanto Grim conduzia o Selvagem pelos salões ornamentados do castelo em silêncio, ele se perguntava se entregar os Fios do Tempo a Cronan havia sido um erro. Seu ancestral era mais poderoso do que ele jamais imaginara. Mas será que ele realmente tinha escolha? Não havia segredos ali, considerando as habilidades mentais de Cronan e seu controle sobre todos naquele castelo. A descoberta do veneno apenas comprovou isso.

Este Selvagem, por outro lado, ainda parecia determinado a enganar. O tolo.

Assim que chegaram aos níveis escuros e inferiores da masmorra, Grim se virou e a prendeu contra a parede.

Os dedos dele deslizaram pelas laterais do corpo dela, e os lábios dela se entreabriram num suspiro. Ele franziu a testa. A pele dela sob suas mãos estava quente e formigava de desejo. Quando ele tentou sentir a aura dela, não percebeu nenhum medo. Não. Apenas ondas de desejo.

"Se você quisesse saber se eu estava usando roupa íntima, era só ter perguntado", disse ela, com a voz rouca e rouca.

Ele a encarou com raiva, e ela sustentou o olhar, aqueles olhos verdes o desafiando. Ele mostrou os dentes para ela, justamente quando encontrou o que procurava.

Um lembrete exato do que ela era. Sua assassina.

Ele deslizou a faca da cintura da calcinha dela. Percebeu que ela havia sumido no instante em que ela se deixou cair de volta na cadeira à mesa. A artimanha com o garfo fora uma distração. Para conseguir isso.

A faca era feita de osso resistente. Mas não ia libertá-la da cela. Então, por que ela se deu a todo esse trabalho para roubá-la?

"O que é isso?" Ele apertou o cabo da arma com mais força. "Pronto para me apunhalar no coração?"

"Por que você não me deixa ficar com ele e descobrir?", disse ela, a voz ainda naquele sussurro ofegante que o fez inclinar-se em direção à boca dela. Tão perto, os sentimentos dela eram avassaladores, invadindo os dele, e ele cerrou os dentes contra eles.

Não. Ele não era um tolo fraco que cairia nos truques de uma tentadora.

Em resposta, ele enfiou a faca no próprio bolso. Aquilo pareceu fasciná-la. Ela devia esperar que ele voltasse correndo para Cronan e relatasse a infração do prisioneiro.

Isso teria dependido da suposição de que ele quisesse ter algo a ver com os planos de seu ancestral para destruir o mundo deles. Ele ainda estava formulando os seus próprios planos, mas começava a achar que ela não se encaixava neles de

jeito nenhum.

Ela era transparente. Emocional. Nem de longe tão inteligente quanto pensava. Era quase um insulto acreditar que ela pudesse, em algum momento futuro, ser a causa da sua morte.

Ele estendeu a mão para arrastá-la de volta para a cela. Antes que pudesse, ela escapou de seu aperto, virando-se tão rápido que se tornou um borrão. Num instante, sua coluna bateu na parede. O ar lhe faltou. E a Selvagem estava na ponta dos pés à sua frente, ainda muito longe de sua altura, seus olhos verdes ferozes e brilhantes.

A faca que ele havia guardado no bolso agora estava apontada para sua garganta.



ILHA

"Não era para você me apunhalar no coração, Selvagem?", disse ele, com uma mistura de deboche e irritação na voz. "De qualquer forma, eu imaginaria que seria mais fácil para você me alcançar por ali."

Ela piscou, sua mente captou aquela palavra — *coração* . Mas ela manteve a ponta da lâmina firme contra a garganta dele. "Ele vai destruir nosso mundo e todos que nele habitam. E você simplesmente aceita isso?"

Ele apenas a encarou, sem expressão. Parecia até entediado.

Ela mostrou os dentes e disse: "Você pode não se importar mais comigo, mas pode dizer o mesmo do seu povo?"

Lentamente, ele inclinou a cabeça em sua direção, sua pele roçando a lâmina. Finalmente, ela tinha a vantagem. Estava prestes a exigir que ele lhe entregasse a pena de Lark quando, num instante, suas posições se inverteram. Ela estava pressionada contra a parede, com as mãos vazias.

Seu pulso batia forte contra a faca em sua garganta.

“Não finja saber o que me importa ou não”, disse Grim, com a voz cortante. Seus olhos ardiam de intensidade, praticamente brilhando na penumbra. A lâmina roçou sua pele, como se ele a estivesse testando. Como se pudesse matá-la ali mesmo, naquele corredor, sem esperar três semanas para ver se ela se juntaria a eles.

Mas, pela primeira vez... ela sentiu esperança. Porque o conhecia e podia ver que ele jamais abandonaria seu povo. Ele também estava jogando um jogo, e não apenas seguindo Cronan cegamente.

“Se você é contra ele... eu posso te ajudar”, ela disse, ofegante. “Nós queremos a mesma coisa.”

“Você não sabe o que eu quero”, disse ele, com firmeza. Ele pressionou a faca com mais força, e ela sentiu sua pele se abrir. Uma pequena gota de sangue escorreu até o diamante em sua garganta.

“Talvez não. Mas eu fiz... uma vez”, disse ela. “Você não precisa estar do lado dele só porque ele é seu ancestral. Você já mudou sua linhagem ao quebrar a tradição. Você acabou com a prática de fazer os herdeiros lutarem até a morte quando crianças. Você tornou o treinamento dos Nightshade menos bárbaro. Você protegeu seu povo durante as maldições e as tempestades. Seu povo... eles confiam em você. Eles acreditam em você.”

A lâmina penetrou ainda mais fundo, e ela disse: "Eu... eu acredito em você. Eu sei que você vai voltar a ser você mesmo. Eu sei que você vai... voltar para mim."

Ele estava tremendo. De raiva, talvez... mas ela quase podia *sentir* seu autocontrole se desfazendo. Porque até então, ele havia evitado olhá-la, em geral. Mas agora, seu olhar se desviou, como se ele não conseguisse se conter.

Seus olhos a percorreram, o olhar detendo-se em sua perna, nua até a coxa através da fenda. Isla observou sua garganta subir e descer.

“Eu usei um vestido igualzinho a este uma vez”, disse ela, testando a reação dele. Ele poderia facilmente tê-la arrastado de volta para a cela ou se afastado dela, mas não o fez, então ela continuou. “Naquela noite... eu dancei na sua frente. Estávamos tentando encontrar uma espada...”

Ela não mencionou que a espada estava atualmente na sala galáctica de seu ancestral.

“Você me pressionou contra a parede, exatamente assim”, disse ela, e o ouviu engolir em seco novamente. Ela estendeu a mão para a que não segurava a faca. Com cuidado, como se aquele momento fosse de vidro, levou-a até a coxa, desdobrando cada um dos dedos. E ele deixou. Precisou até se curvar um pouquinho para alcançá-la.

Ele prendeu a respiração quando sua mão se flexionou contra o tecido fino. Sem nunca desviar o olhar do dele, ela deslizou lentamente a palma da mão dele por toda a extensão do tecido. fenda, em direção ao quadril dela. Ela soltou um suspiro involuntário quando os dedos calejados dele roçaram sua pele nua.

“Você fez isso”, disse ela. “E eu... eu pude sentir...”

Ela conseguia senti-lo agora. Bem contra o estômago. Ela se aproximou mais, só um pouquinho, e o olhar dele se intensificou.

Seus lábios se entreabriram. Foi para lá que o olhar dele se dirigiu em seguida. E por um instante, ela se perguntou se ele realmente a beijaria, com aquela faca ainda contra sua garganta. Se ele se lembraria dela e lhe mostraria o quanto sentia sua falta, contra aquela parede.

A mão dele envolveu o quadril dela, prendendo-a a si. Os olhos dele brilharam com algo que ela já vira antes. Desejo. *Necessidade* .

Mas então, ele se afastou dela bruscamente.

"Não aponte uma lâmina para a minha garganta a menos que pretenda usá-la", rosnou ele antes de guardar a faca no bolso e conduzi-la de volta pelos corredores da masmorra.



SINISTRO

Grim franziu a testa, reconhecendo sua própria tolice. Ele e Cronan estavam sentados à mesa de jantar antes que os outros lordes se juntassem a eles. Antes que *ela* se juntasse a eles.

Grim a havia tocado ontem. E fora como tocar em chamas. Mesmo assim, ele não queria retirar a mão. Aquela mulher ia *matá-lo* . Ele não era tolo o suficiente para se deixar levar por uma tentadora.

Ele era o governante de Nightshade. Herdeiro de Cronan. Um guerreiro de corpo e alma — qualquer *sentimento* havia sido completamente reprimido dele.

Mas, além do calor da pele dela... ele não conseguia esquecer as palavras dela.

Você pode não se importar mais comigo, mas pode dizer o mesmo do seu povo?

Durante séculos, tudo o que ele havia suportado fora pela sobrevivência de seu reino. Portanto, sua dor poderia, de alguma forma, ter um propósito.

Cronan deixara claro que destruiria tudo, simplesmente porque podia — e porque isso o tornaria mais poderoso. Grim não queria mais poder. Na verdade, ele nunca quisera poder.

A única esperança para o seu reino era convencer Cronan de que o seu povo, pelo menos, merecia ser salvo. E se não conseguisse, teria que matar o seu ancestral.

"Você parece distraído", disse Cronan, observando-o enquanto ele tomava um gole de vinho de sua taça. Ele poderia facilmente ter penetrado sua mente com suas sombras novamente, mas não o fez.

Seu ancestral o temia. Grim percebeu. Mas por quê, se Cronan tinha tanto poder?

Por que ele havia levado as memórias, para começo de conversa? Não fazia nenhum sentido.

A menos que ele acreditasse... que juntos... ele e o Selvagem poderiam derrotá-lo.

Grim piscou e viu Cronan aguardando uma resposta. Certo. "Desculpe", disse Grim, a palavra escapando de sua garganta. Ele baixou a cabeça e controlou suas feições. Cronan não podia saber que ele estava tramando contra ele. Disse a verdade. "Tem sido perturbador... ter tantas das minhas memórias apagadas. Há lacunas que tenho tentado preencher."

Cronan recostou-se na cadeira. "Não se preocupe", disse ele. "Suas

lembranças com o Selvagem só o enfraqueceram. Você está muito melhor sem elas."

Grim assentiu com a cabeça, mas por dentro, se perguntava se aquilo era verdade.

Cronan continuou a bebericar seu vinho, parecendo absorto em pensamentos. "Na verdade", prosseguiu ele, "se houver mais alguma coisa que você queira esquecer, qualquer coisa que esteja te impedindo de seguir em frente... eu ficaria feliz em te libertar de qualquer fardo."

A mão de Grim se fechou em um punho sob a mesa. Como se ele fosse permitir que seu ancestral voltasse a entrar em sua mente por vontade própria. Mesmo que estivesse melhor sem as memórias com o Selvagem, aquilo tinha sido uma invasão. O vazio era perturbador.

Embora... quando pensava em momentos dos quais gostaria de se livrar... imediatamente pensava em Laila, em suas sombras cortando-a e no sangue dela derramando-se no chão. Ele fora assombrado por essa lembrança praticamente por toda a sua vida. Como seria se ela simplesmente... desaparecesse? Ele se tornaria mais forte por isso?

Não. Ele não apagaria Laila de sua mente. Aquele era o único lugar onde ela ainda existia.

Além disso, ele também sabia apagar memórias. Talvez não tão bem quanto Cronan — ele nunca dominou as habilidades mentais —, mas era o suficiente. E essa ideia nunca havia lhe ocorrido antes.

Principalmente porque toda essa dor só o fortalecia. Era útil.

Mas ele não disse isso para Cronan. Não, ele disse: "Obrigado. Vou pensar no assunto."

Nem pensar que ele faria isso.

Cronan cantarolava, satisfeito, observando os criados trazerem prato após prato de jantar. Havia carnes, legumes e frutas que Grim não reconhecia. Ele não se importava muito com a comida, mas fingia analisá-la, apenas para evitar falar com seu ancestral. Mesmo assim, Cronan não parou. "E como está indo com nossa prisioneira? Vocês fizeram algum progresso em convencê-la a se juntar a nós?"

Nosso lado . Grim quase riu disso. Mas ele teria que continuar com essa farsa até poder garantir a segurança de seu povo.

Na verdade, Grim não havia gasto um segundo sequer do seu tempo com a mulher tentando convencê-la de nada. Ele ainda estava tentando entendê-la, compreender o que havia perdido.

Ele rangeu os dentes, lembrando-se da sensação do corpo dela pressionado contra o seu enquanto ela encostava uma faca em sua garganta. Ele jamais imaginara que aquela posição pudesse inspirar qualquer sentimento que não fosse raiva.

Mas ele tivera *vários* outros sentimentos. "Ela é teimosa", murmurou Grim. Vago, mas não desonesto.

Cronan ergueu uma sobrancelha. "Não me diga que ela conseguiu superar até você."

"Claro que não", respondeu Grim, irritado. Seu sangue fervia de raiva só de pensar nela. "Ela é emotiva, e o amor que sente por mim a torna vulnerável. Ela gosta de resistir, mas no fim, fará tudo o que eu mandar. Ela estará do nosso lado a qualquer momento."

Cronan riu. E ele ainda conseguia ouvir o som satisfeito de sua risada quando os lordes entraram na sala e *ela* se sentou ao lado dele. Discordava de sua ancestral — ela era o problema, não a solução. Ela definitivamente tinha que morrer.

Mas primeiro, Grim ainda precisava de mais informações. Ela se lembrava de tudo que ele não se lembrava. De tudo que Cronan havia lhe tirado. Era por isso que ele insistia em escoltá-la de volta para sua cela depois do jantar.

Ela não demorou muito para começar a falar. "E quanto a Wraith?", perguntou ela.

Grim quase tropeçou ao ouvir aquele nome. Franziu a testa, reconhecendo sua própria incompetência, a facilidade com que ela conseguia chegar até ele. Era ela quem ele estava conduzindo para uma cela, embora às vezes se sentisse como se ele próprio estivesse acorrentado. "E quanto a ele?", exigiu.

“Então você se lembra dele”, disse ela, quase para si mesma. Ela parecia aliviada.

“Claro que sim”, rosnou ele.

"Você se lembra de como o conseguiu?" Sua aura transbordava curiosidade. E esperança.

Que pergunta ridícula. Ele—

Grim franziu a testa. Sua mente estava simplesmente em branco. Como se sua memória fosse uma biblioteca parcialmente saqueada. Alguns livros haviam virado cinzas. Desaparecidos. Ele não estava mentindo quando disse a Cronan o quão perturbador aquilo era.

Ela preencheu as lacunas. Sua voz era suave. "Eu o encontrei. Nós o criamos. Juntos."

Juntos . A palavra o incomodava. Não havia " *juntos"* com ninguém. E certamente não com uma Selvagem. Ele era um governante, acima de tudo, em um reino que há muito se separara do resto. O único ser que lhe trouxera algum conforto era aquele sobre quem ela ousara falar.

“Meu dragão vai sobreviver”, disse ele, empurrando-a para a frente.

"Será?" perguntou Isla, olhando para ele. Ela estava usando outro vestido ridículo, desta vez com mangas cor de vinho que caíam sobre seus ombros. "E se Cronan decidir que quer o dragão para si?"

A ideia de Cronan se aproximar de Wraith fez com que suas sombras se tornassem pontas afiadas. Isla percebeu. Ela continuou cutucando, como qualquer boa guerreira que encontrasse um ponto fraco. "Você pode ficar de lado enquanto Cronan o enfrenta?"

Não. Ele não faria isso. Ele sabia disso, mas não disse uma palavra. Isso não a impediu de continuar.

"E se ele decidir que não precisa de um herdeiro? E se ele usar você para ajudar a conquistar o nosso mundo e depois te matar?"

“ *Você* é quem me mata”, ele cuspiu as palavras. Balançou a cabeça, incrédulo. “Você é tão descarado assim? Tentando me fazer trabalhar com você quando nós dois já vimos o futuro?”

“ *Um* futuro”, ela sussurrou. “Não é garantido.”

Grim soltou uma risada cruel. "Então você tem metade da probabilidade de me matar. Acha que isso me torna algo diferente de seu inimigo?"

Isla engoliu em seco. Pronto. Ela ficou em silêncio por alguns instantes antes de dizer, em voz baixa: "Quando nos conhecemos, você planejou me matar."

Grim não reagiu. Não o surpreendeu. Ele planejava matá-la *agora* .

“Mas nós nos apaixonamos. Você... você mudou de ideia. Você me escolheu, acima do mundo. Acima de si mesma.”

“E veja só onde isso nos levou”, disse ele, com a voz cortante, ao virar a esquina em direção à cela dela.

Sem dizer uma palavra, ele a empurrou para dentro. Bateu a porta com força.

Ele deveria voltar para o jantar. Voltar para Cronan. Mas não conseguia se mexer. Ainda tinha tantas perguntas. *Não era* fascínio por ela, dizia a si mesmo. Era frustração por se lembrar de tão pouco. Por se sentir tão perdido com as peças que faltavam em sua mente, como se algo lhe tivesse sido roubado.

Cronan disse-lhe que, ao roubar suas memórias, o havia libertado. Grim se perguntou se ele teria feito o contrário.

Será que Cronan levou consigo mais do que apenas as suas memórias? Ou será que essas memórias continham algo vital?

Ele estava cansado de não saber. Isla apenas ficou parada do outro lado das grades, olhando para ele, suas emoções tão intensas que ele quase podia senti-las. O olhar de Grim se desviou para o colar que ela usava.

Ela era uma Selvagem. Aquilo não *combinava* com ela.

Antes que percebesse o que estava fazendo, ele estendeu a mão através das grades da cela, agarrou o diamante que ela usava no pescoço e puxou-o para si, aproximando o rosto dela do seu. "Como você conseguiu isso?", exigiu ele, puxando com força, como se pudesse arrancá-lo dela.

Sem desviar o olhar do dele, ela disse: "Você me deu isso."

Impossível. Mas... as emoções dela. Elas estavam estáveis.

Ele deixou cair o diamante, em choque. Só podia ser um truque.

Ele se afastou das grades, como se a distância lhe trouxesse clareza. Perto dela... perto dela, ele não conseguia pensar direito. Se as maldições não tivessem sido quebradas há muito tempo, ele teria culpado os encantos selvagens dela. E ela não tinha nenhum poder ali. Então, o que era? O que ela estava fazendo com ele?

Espere—agora que ele pensou nisso... ele não conseguia se lembrar de como as maldições foram quebradas.

Ela os havia quebrado?

Ela riu baixinho. "Você já se perguntou por que este colar não sai a menos que eu morra? Por que ele simplesmente não o tirou, como fez com tudo o mais?"

Grim ficou completamente imóvel. Não respirava. Ainda não conseguia imaginar por que *ela* usava aquilo.

“E aquela que você tem no pescoço? Já tentou tirá-la?”, perguntou ela.

Grim franziu a testa. Ele levou a mão ao pescoço... e descobriu que uma corrente fina repousava na base do seu pescoço. Ele havia tomado banho várias vezes ali, mas não se olhara no espelho. Ele nem sequer *fora* ele mesmo.

Não importa. Suas sombras envolveram o colar, reduzindo-o a cinzas.

Nada aconteceu.

A constatação o atingiu como uma onda gigante.

Isla deu um passo em direção a ele, o olhar fixo. Inclinou-se para perto. Era bem mais baixa que ele, mas conseguiu olhar para ele de cima. "Olá, marido", sussurrou. Estendeu a mão através das grades, como se fosse cumprimentá-lo. "Sou sua esposa."

Não. *Não* . Ele não se atreveu a tocá-la.

“Um governante das Beladonas jamais se casou!”, gritou ele. Ela fora tola por pensar que poderia fazê-lo acreditar em uma ideia tão ridícula. Tinha que haver outra explicação... outro jeito...

“Você fez isso”, disse ela. Ela estava agarrando as grades agora. Inclinando-se o máximo que podia para perto dele. “Você me escolheu. De uma fila na qual eu nunca deveria estar. Você me levou de volta para o seu quarto... e me beijou.”

"Eu não beijo ninguém", disse ele, com veemência.

“Você *me beijou* ”, disse ela. E por algum motivo, ele se inclinou em sua direção, como se puxado por uma maré invisível. Ela estendeu a mão através das grades e pressionou contra o peito dele. Ele estava tão chocado com tudo aquilo que não conseguiu impedi-la. Sua pele arrepiou-se com a consciência. “Eu te esfaqueei por isso. Bem aqui.” Ela tocou levemente um ponto a poucos centímetros do coração dele, e um arrepio percorreu sua espinha.

"Eu te beijei e você *me esfaqueou* ?", rosnou ele, perplexo. Ela não fazia sentido algum. E por que ele estava a ouvindo, afinal? Por que a deixava *tocá* -lo?

Ela apenas assentiu com a cabeça. "Olha."

Com cautela, ele abaixou a camisa, ainda que fosse só para chamá-la de mentirosa. Mas ali, exatamente onde ela havia pressionado, estava uma cicatriz. Uma que ele já deveria ter apagado, como havia apagado todas as outras.

Por que ele teria guardado essa? Não fazia sentido nenhum.

Ela deve ter percebido a confusão no rosto dele, porque disse: "Você me disse depois que aquilo me fez lembrar de mim."

Ele balançou a cabeça. *Chega* . Cronan tinha razão. Essas lembranças eram vergonhosas. "Não sou um tolo fraco que você possa enganar de novo."

“O amor não nos enfraquece”, disse ela. “Ele nos fortaleceu.”

"É mesmo?" Ele zombou, apontando para a cela atrás dela. "Como você explica isso, então? Você é uma prisioneira."

Um sorriso se abriu em seus lábios, atingindo-o em cheio como uma foice. "Não. *Você é* o prisioneiro", disse ela, inclinando-se para perto, a respiração quente contra a boca dele. "E eu vou te libertar."



ILHA

No dia seguinte, foi Grim quem veio conduzir Isla para fora da cela, em vez de um cavaleiro. Ele lançou um olhar frio para Lark no canto — ela estava ficando mais fraca a cada hora e já não falava muito, o que Isla talvez agradecesse, se ainda não precisasse da localização do cetro estelar.

Mas primeiro, ela precisava da pena. E só Grim podia dá-la a ela.

Sem dizer uma palavra, ele levou Isla até o quarto com a banheira e os atendentes de olhar vazio. Eles a banharam e a vestiram como de costume. Mas antes que terminassem de maquiar seu rosto, ela olhou no espelho e viu Grim parado atrás dela, estudando-a com os olhos semicerrados.

"O que-"

"Fora!", disse ele aos atendentes, a palavra soando como uma ordem brutal.

Como eles não se dispersaram imediatamente, ele berrou: "FORA!"

Eles se dirigiram para a porta, mas aparentemente não rápido o suficiente. Grim os teleportou para longe em uma nuvem de fumaça.

Eles estavam sozinhos.

Ela se virou na cadeira para encará-lo enquanto ele caminhava a passos largos em sua direção.

"Por que eu me casaria com você?", perguntou ele, como se o pensamento o estivesse incomodando. Seus olhos estavam arregalados e franzidos. Parecia que ele não havia dormido nada.

A voz dele estava tão carregada de raiva, tão cheia de irritação, que ela não sabia o que dizer. Ela não pôde evitar se sentir insultada.

Grim revirou os olhos com impaciência. "Sombras não se casam. E você é... você é uma *Selvagem* ." O jeito como ele disse aquela palavra, cuspida como um insulto, não a fez se sentir melhor.

Ele suspirou, flexionando os dedos, como se soubesse que estava falhando miseravelmente em sua tentativa de fazê-la responder. "Olha", disse ele, secamente. "Você é obviamente atraente." Ela ergueu uma sobrancelha. Ele gesticulou em sua direção num movimento apressado. "Não é isso que eu quero dizer. Eu só... preciso saber. Por que *eu me* casaria... *com você* ?"

Ela nunca o tinha visto tão agitado. Ele parecia quase enlouquecido. "Você... me amava", disse ela finalmente.

Ele balançou a cabeça, como se isso estivesse completamente fora de questão. "Você tinha algo de que eu precisava? Você me encontrou ferido? Você... me envenenou?"

Sua boca se entreabriu em indignação.

Mas seus olhos se encheram de esperança. "É isso, não é? Você... você *me envenenou* ." Assim que as palavras fizeram efeito, sua expressão se nublou de raiva.

“Não. Não, eu—”

Suas palavras foram interrompidas quando as sombras dele a prenderam contra a parede. Ela perdeu o fôlego, mas não pôde deixar de notar que sua cabeça não bateu na pedra com o impacto. Era como se as sombras dele a tivessem amortecido levemente. Seria inconsciente? Haveria uma parte dele, enterrada lá no fundo, que ainda se lembrava dela?

Sua esperança morreu ao perceber a expressão dele — impassível, fixa em sua fúria. Ele era exatamente como Cronan quando se agarrava a um pensamento em sua mente, investigando a fundo, aprofundando-se, obcecado em obter uma resposta. "Então, o que era? Você me ameaçou?"

O quê? O que ela poderia ter usado contra ele? Ele pareceu concordar, pois passou para sua próxima teoria.

"Você usou algum elixir?" Ela o encarou, balançando a cabeça negativamente.

“Então, o que era?”, perguntou ele.

“Eu não fiz *nada* .”

De repente, suas sombras a soltaram, e ela desabou no chão. Ele pairava sobre ela, e ela temia que tudo aquilo fosse inútil. Ele jamais confiaria nela, jamais acreditaria nela.

"Eu só... eu só preciso entender", disse ele, com um tom ainda áspero, mas como se estivesse se esforçando ao máximo para soar gentil. O que resultou em não soar nada gentil.

Isla se lembrou de como era ter lacunas na mente. Ela sabia que aquilo devia estar enlouquecendo-o. Ela se sentira da mesma forma quando ele lhe dizia que havia toda uma história de amor entre eles.

Uma que ele a fizera esquecer.

Pelo menos, ela se lembrava aos poucos, com o tempo. Grim jamais se lembraria. Mas se ela ainda tinha alguma esperança de que ele se apaixonasse por ela novamente, ele precisava acreditar que já o havia amado uma vez. E precisava conhecê-la *melhor* .

“Você... você sabe o que é estar presa e sozinha”, disse ela, lentamente, sem se mover do chão.

“Conheço a solidão tanto quanto você”, disse ela. “Minha infância não foi tanto uma educação, mas sim um processo de afiação, de me transformar em uma arma. Passei toda a minha infância pensando que era impotente, fraca. Que decepcionaria meu povo.”

Ele assentiu com a cabeça uma vez, parecendo compreendê-la. Ela sabia que ele podia entender, porque era muito semelhante à sua própria história.

“Encontrei uma chave da minha cela debaixo do assoalho”, disse ela. “Um pedaço de pau imbuído com o seu próprio poder de portal, que você deu ao seu general. Meu... meu pai.” Ela observou os olhos dele percorrerem o espaço como se estivessem vasculhando a memória, processando a informação. “ *Você* ...

indiretamente... me deu liberdade. E foi isso que me levou até você.” Ela engoliu em seco. “Eu já te contei como nos conhecemos.”

“Quando você me esfaqueou”, disse ele, sem rodeios.

Ela revirou os olhos, mas continuou. "Depois disso, você estava me usando. Para conseguir algo *que* precisava."

Grim bufou. "Finalmente, uma parte desta história que parece verossímil."

Ela o encarou com raiva. "Mas então... você mudou de ideia. Você me escolheu, e... e suponho que continuamos nos escolhendo. Todos os dias. Apesar de todos os obstáculos. Nenhum de nós tinha boas intenções. Não aconteceu de forma tranquila, nem de propósito. Quando nos demos conta..." Ela respirou fundo, tremendo. Não sabia se estava falando demais, cedo demais. Não sabia se era algo que ele precisava descobrir aos poucos, da mesma forma que ela havia recuperado suas memórias lentamente.

Por um longo tempo, Grim ficou olhando para o chão, perdido em pensamentos. Então, seus olhos encontraram os dela novamente. Não havia reconhecimento ali. Mas havia um leve sussurro de compreensão.

“Então era a solidão”, disse ele finalmente, endireitando-se, como se a resposta fosse tão simples. “Eu estava sozinho, e você estava lá.”

Ela se irritou. Ela havia sobrevivido a ferimentos de faca que doíam menos. "Você deveria se valorizar mais", ela disparou, querendo apagar a satisfação do rosto dele. Ele pensou que tinha entendido tudo, mas estava enganado. "O amor é uma escolha, e você fez a sua."

Seus olhos brilharam de raiva. De desafio. "E qual será a sua escolha, Selvagem?", disse ele.

Ela se recusou a desviar o olhar, e ele também não. Estavam novamente envolvidos em um duelo.

Ele foi o primeiro a desviar o olhar, mas não havia vitória nisso. Era como se ele tivesse se cansado dela. "Não importa mais. Eu tenho as respostas que preciso." Ele se inclinou para poder dizer as palavras bem na cara dela. "Você pode ter significado algo para mim um dia... mas não significará mais. Eu jamais me importaria com alguém tão fraca e tola quanto você. Se você acha que tem alguma chance de me ter do seu lado... não perca seu tempo."

Então ele se ergueu em toda a sua altura, girou nos calcanhares e foi embora.

Depois disso, os cavaleiros começaram a escoltá-la para os jantares e de volta. Nas refeições em si, Grim nem sequer lhe dirigia um olhar. E sua indiferença era pior que seu ódio.

Ela sentia tanta falta dele que não conseguia expressar em palavras, mas mesmo sentados à mesma mesa, ele parecia estar sempre muito distante. Começava a perceber que não conseguiria convencê-lo a entregar a pena. Oro não tinha esse tempo, e a ideia de vê-lo defendendo o mundo deles sozinho... A ideia de falhar com ele, mais uma vez, depois de ele ter pedido o cetro estelar, por apenas uma coisa...

Não. Ela não o decepcionaria. Ela tomaria as rédeas da situação e roubaria a maldita pena ela mesma.

Era fácil permanecer em silêncio durante os jantares. Comer e ouvir a conversa, caso algo pudesse ajudá-la. Nada ajudou. Cronan, ela descobriu, só gostava de falar sobre os planetas que havia conquistado, os mundos que havia reduzido a cinzas e seus planos para todo o poder que obteria com a iminente invasão do mundo deles... e da galáxia além dele.

A chegada de novas pessoas ao castelo era sinal de celebração. Depois dos jantares, havia festas, embora ela nunca fosse convidada. Mesmo assim, às vezes ela conseguia ouvi-las lá de cima.

Comemorando cada dia em que seu planeta caminhava lentamente para a ruína.

Os cavaleiros a mantinham sob vigilância constante. Não havia nenhuma chance de escapar. Isla estudava seus movimentos, percebendo que não havia chave para ela roubar. Parecia que a porta da cela se trancava apenas com o toque deles — e de Grim.

Será que estava enfeitiçado para reagir ao sangue deles? Isso certamente dificultaria a fuga.

Cronan sempre ordenava aos cavaleiros que a levassem de volta às masmorras antes que a refeição terminasse. Essa seria a oportunidade perfeita para escapar. Grim não estaria em seu quarto. Todos os outros chefes de planetas estariam confinados em um só lugar.

Mas para derrotar um dos cavaleiros, ela precisaria de uma arma, e não tinha nenhuma. Nem mesmo aquela faca que tentara pegar da mesa de jantar — graças a Grim. Ela ainda tinha sua armadura, mas agora... Era minúsculo, cada placa pequena demais para cortar profundamente. Sem seus poderes, ela não conseguia transformar o metal. Ela considerou inúmeras opções em sua mente, chegando a olhar no quarto onde tomava banho e se vestia todos os dias. Mas não havia nada afiado. Absolutamente nada.

Naquela noite, quando foi jogada na cela, ela olhou para Lark e uma ideia surgiu em sua mente. Uma ideia que sua ancestral certamente não iria gostar.

“O quanto você quer essa pena?”



ILHA

Isla enfiou as mãos pelo peito aberto de Lark e quebrou uma de suas costelas fraturadas. Lark sibilou, com os olhos brilhando. Mas não gritou.

A bruxa era forte, Isla admitia isso. Qualquer outra pessoa teria desmaiado de dor.

Isla caminhou até o portão da cela. Escondeu uma das mãos atrás das costas e usou a outra para sacudir o metal com força. Continuou até ouvir passos. Um dos cavaleiros parou diante dela.

Ela já conhecia muito bem aqueles cavaleiros. Todos usavam armaduras que cobriam cada centímetro do corpo... exceto por uma pequena abertura entre os capacetes e as couraças. Essa abertura só era visível quando eles viravam a cabeça.

Eles também eram incrivelmente obtusos.

“O teto”, disse ela, gesticulando para cima.

Bastou isso para o guarda idiota olhar para cima. E antes que ele pudesse pedir ajuda, ela enfiou a costela através das grades, direto na garganta dele. Ele cuspiu sangue. Tentou gritar, mas Isla havia rasgado suas cordas vocais.

Ela estendeu os braços pela grade e o segurou antes que ele caísse, impedindo-o de fazer barulho. Seus joelhos quase cederam com o peso. Lentamente, com os dentes cerrados, ela conseguiu mover o braço dele até a fechadura. Ela pressionou a palma da mão dele contra ela—

A porta destrancou e ela a empurrou, ainda segurando o cavaleiro. Quando finalmente o colocou delicadamente no chão, estava ofegante, com as palmas das mãos suadas escorregando sobre os joelhos.

Ela olhou por cima do ombro para Lark. Tudo o que viu foram olhos verdes brilhantes. Esperava que sua ancestral tentasse fugir, mas ela permaneceu imóvel.

"Minha pena", ela retrucou.

Certo.

Ela olhou para o guarda. Uma poça de sangue se espalhava ao redor dele. Ela não tinha muito tempo. Normalmente não havia outros guardas neste andar, especialmente durante as festas, quando eram necessários lá em cima. Ela só esperava que nenhum deles descesse para verificar nos próximos minutos.

Ela correu pelo corredor, o caminho gravado em sua mente após semanas naquele castelo. Quando finalmente chegou ao andar principal, diminuiu o passo. Abriu a porta lentamente.

O salão estava vazio. Todos estavam na sala da galáxia. Ela conseguia ouvir o som fraco de música e risos. Parecia que, naquela noite, a festa tinha começado mais cedo.

Seu coração batia forte enquanto ela caminhava na direção oposta, rumo ao local onde vira as cabeças dos planetas se reunirem. Ela esperava que os aposentos deles fossem próximos... e que o de Grim também.

Ao virar a esquina, o castelo pareceu mudar. Cada ala era diferente, como se fosse composta por vários palácios distintos, recortados e grosseiramente combinados. Assim como a galáxia que Cronan havia construído. Assim como sua coroa. Aproveitando o melhor de cada planeta para moldar seu próprio universo a seu gosto, sem se importar com o que deixava destruído.

Ela não sabia quanto tempo tinha. Não tinha certeza de quanto tempo havia levado para escapar da cela depois do jantar. A festa podia estar apenas começando ou perto do fim. Um cavaleiro podia se deparar com ela, ou com o corpo na masmorra. Seu coração disparava enquanto ela abria porta após porta, procurando, até que finalmente encontrou o quarto dele.

Não havia nada de especial, na verdade. Apenas uma cama desarrumada, com os travesseiros sob os lençóis. Uma cadeira, puxada para fora da escrivaninha. Estava num ângulo. Mas ela soube imediatamente que era dele. Simplesmente soube. Porque o conhecia. Conhecia as marcas que ele deixava no espaço. O jeito como ele gostava de arrumar as coisas.

Ela passou pela porta sorrateiramente, fechando-a com um sussurro—

E ficou paralisada ao ouvir o som da água corrente.

Ele estava ali. Estava *tomando banho* . Ela deveria ir embora... mas quando mais teria essa oportunidade? Principalmente depois que o corpo do cavaleiro foi encontrado?

Com o estômago embrulhado de nervosismo, ela cambaleou para a frente, os olhos percorrendo o quarto. Revirou as coisas dele o mais rápido que pôde. Checou todas as gavetas. Olhou em todos os armários. Nada.

A água foi cortada.

Ela não podia voltar sem a pena, mas também não podia ser descoberta ali. Passos soaram. Ela não tinha outra escolha. Frustrada e sem esperança, caminhou em direção à porta. Abriu-a com um puxão.

A maçaneta foi arrancada de suas mãos quando a porta foi fechada à força. Seus lábios se entreabriram em um suspiro.

“Que porra você está fazendo aqui?”

Lentamente, com o coração disparado, ela se virou. Grim estava ali, sem camisa, com uma toalha amarrada na altura dos quadris.

Era tão fácil imaginar que aquele era apenas um dia normal juntos. Que aquele momento os levaria a virar aquela cama arrumada.

Mas tudo havia mudado. Isso ficou claro pelo fato de que as sombras que antes acariciavam sua pele agora a prendiam à porta. Elas mantinham suas mãos acima da cabeça.

“Eu perguntei... o que você está fazendo aqui?”, ele repetiu. Ele caminhou em direção a ela até ficar bem em cima dela. Uma gota de água de seu cabelo caiu

em sua bochecha e escorreu por sua garganta. Ele acompanhou o movimento da gota antes de seus olhos voltarem a se fixar nos dela.

“Talvez você responda, Cronan”, disse ele, estendendo a mão para a maçaneta.

“Não, espere!” disse ela, as palavras escapando de sua boca.

Ele a observou com expectativa.

"Levem-me de volta para a cela. Prometo, prometo que não sairei de novo."

Isso não foi suficiente. Os olhos dele se estreitaram. As sombras em seus pulsos se intensificaram a ponto de causar dor. "Por que. Você. Está. Aqui?", ele exigiu.

Ela não podia contar a ele. Ele poderia destruir a pena — ou pior, entregá-la a Cronan. E então ela perderia todo o seu poder de barganha com Lark. Oro precisava do bastão estelar. Ela o havia colocado nessa enrascada e faria tudo ao seu alcance para ajudá-lo.

Os lábios dela permaneceram fechados, e ele se inclinou para frente, de modo que seus olhos ficassem na mesma altura. Suas bochechas estavam coradas pela água quente. Seus cabelos escuros já começavam a se enrolar em volta das orelhas. "Não?", perguntou ele.

Ela balançou a cabeça negativamente.

“Muito bem, então.” Num instante, a toalha foi substituída por roupas pretas e armadura. Ele a empurrou pela porta, tornando ambos irrelevantes por um momento.

Eles não apareceram no salão banhado de estrelas, porém. Estavam nas masmorras. Bem em frente à cela dela. Como se ele quisesse ver exatamente como ela havia escapado.

Ele franziu a testa, olhando para o cavaleiro morto. "Isso... isso é uma *costela* ?" Ela não sabia se a voz dele parecia horrorizada ou impressionada.

Seu olhar se fixou no dela novamente. Sua voz era letal. "Mais uma chance", disse ele.

Ela permaneceu em silêncio.

“Muito bem.” Em vez de empurrá-la de volta para a cela, como ela esperava, ele pegou sua mão e a arrastou para fora do corredor, onde outro cavaleiro já a aguardava.

"Não", disse ela, virando-se para ele com os olhos arregalados. Os olhos dele eram completamente desprovidos de calor.

“Diga a Cronan que seu prisioneiro acaba de escapar.” O cavaleiro assentiu com a cabeça antes de sair correndo.

Isla balançou a cabeça lentamente. "Nossa", ela sussurrou. "Eu tinha me esquecido de como você pode ser um canalha."

Ele se virou bruscamente para encará-la novamente. "O quê?", perguntou ele.

“Eu disse”, ela articulou claramente, “Você é um *bastardo* .” Eles se encararam. Ela podia ouvir o barulho de mais cavaleiros descendo para as masmorras. Seus passos ecoavam acima, levantando poeira e pedras que caíam ao redor deles.

Ela engoliu em seco, seu orgulho se dissipando. Sabia como era fácil para

Cronan invadir sua mente e arrancar a resposta. Pior do que ele ter pegado a pena, ele poderia simplesmente matá-la. Principalmente porque ela não havia dado nenhum indício de que mudaria de ideia sobre trabalhar com ele.

" *Por favor* ." Isla procurou nos olhos dele qualquer sinal do marido. Mas ele apenas sorriu de forma irônica.

“Eu te disse. Você não é nada. Espero que ele te mate por isso”, disse ele. “Assim, nunca mais terei que te ver.”

Ela não pôde deixar de acreditar que ele estava falando sério.

A mesa de jantar havia desaparecido da sala da galáxia. Assim como todos os convidados e qualquer vestígio de celebração. Apenas Cronan e o leve aroma de vinho permaneceram. Ele contemplava sua galáxia. Sua coroa brilhava à luz das estrelas.

“Por que você fugiu?”, perguntou ele. Suas palavras foram concisas. Breves. Exatamente como as de Grim.

E assim como não dissera uma palavra ao marido, Isla permaneceu em silêncio. Manteve o queixo erguido.

Num instante, ele se virou, os olhos faiscando de raiva, e Isla foi impulsionada para a frente por uma força invisível até pairar bem diante dele. Grim apenas observou, a poucos metros de distância. Seu rosto permaneceu inexpressivo.

Ele a atirou de volta ao chão e, de sua coroa, aquelas sombras familiares ascenderam em direção a ela. As galáxias desapareceram, dissolvendo-se sob seus pés. Uma dor cegante e implacável. Ela gritou, convulsionando, a bile subindo pela garganta. Isso era pior do que antes. Cronan havia abandonado qualquer pretensão de preservá-la para seu próprio benefício. Agora, ele afundava suas sombras em sua cabeça como se realmente tentasse quebrá-la. Foi o suficiente para quase fazê-la desmaiar. Mas ela lutaria contra isso. Ela lutaria contra *ele* .

Em vez de ceder aos comandos das sombras que se moviam em sua mente, buscando uma razão para escapar da cela, ela forçou seus pensamentos a seguirem uma direção diferente.

Oro era o motivo da busca pela pena. Então ela o selou, excluindo-o de sua mente. Ela bloqueou o sol com sombras. Ela sufocou sua luz. Ela se distanciou de seus sentimentos por ele, como se pudesse se dividir ao meio — a parte que o amava e a parte que amava Grim.

Ela ergueu uma barreira frágil para que ele pudesse atravessá-la, acreditando que sua vontade simplesmente havia cedido. Só então, e somente então, ela permitiu que Cronan entrasse completamente.

E ela pensou em Grim . Na história deles. Em como a curiosidade se transformou em ódio e depois em amizade. E então em amor. Sacrifício.

Cronan jamais entenderia. Ele jamais saberia que o amor verdadeiro era mais poderoso do que qualquer coisa, porque criava mundos dentro de planetas. E ela vivera em seu próprio mundo com Grim.

Cronan emitiu um som de frustração e desgosto, enquanto as garras em seu

cérebro afundavam ainda mais.

Aqui está , disse ela, introduzindo uma razão, escondendo-a sob outras lembranças, como um tesouro a ser descoberto. Uma explicação plausível para ter entrado sorrateiramente no quarto de Grim tão tarde da noite.

E, à medida que Cronan descobria esse motivo, ela fortalecia sua resistência contra ele.

Ela reuniu todo o amor por Grim, tudo o que um dia perdeu, depois encontrou e, por fim, renovou. Ela se lembrou, se lembrou, e não importava se Cronan a fizesse esquecer também, porque sua alma jamais esqueceria.

Lentamente, ela começou a sentir os dedos. Eles roçaram o chão de pedra fria. Ela cerrou os dentes e, em seguida, seu pulso escapou.

Ela buscou dentro de si mesma até conseguir mover o braço, e desta vez, não tentou atacar Cronan, sabendo que seria um esforço inútil.

Em vez disso, ela estendeu o braço e envolveu a mão no tornozelo de Grim.

Ele arquejou como se tivesse sofrido uma queimadura.

As sombras de Cronan saíram de sua cabeça, sua expressão demonstrando desgosto... mas não fúria. Ele parecia não ter notado que ela havia se desvencilhado de seu aperto. Que ela havia se movido.

Grim não disse uma palavra.

E ela sabia que havia conseguido esconder a verdade — sobre Oro e o cetro estelar — de Cronan. Ela lhe havia contado uma mentira.

Fazer isso consumiu quase toda a sua energia. Seus olhos reviraram, a escuridão a envolvendo.

A última coisa que ela viu foi a expressão horrorizada de Grim, como se uma daquelas lembranças tivesse chegado até ele.



SINISTRO

A bruxa o fez ver algo.

E por mais que Grim lutasse para esquecer aquela lembrança, para enterrá-la junto com todas as outras partes inúteis de sua alma, ele simplesmente não conseguia.

Ele visualizou a lembrança como se estivesse nadando nela, como se a bruxa o tivesse mergulhado naquele momento. Ele também podia sentir suas próprias emoções nela. Era como se seus sentimentos tivessem se fundido com os dela de alguma forma. Como se estivessem entrelaçados. Ele nunca havia sentido isso com ninguém antes em seus séculos de vida. Nunca até conhecê-la.

Ele ficou deitado na cama e repassou a cena repetidamente, como se fosse uma droga da qual não conseguia se livrar.

Um vestido branco jogado no chão. Suas próprias roupas ao lado, uma pilha de peças pretas. E ela...

A bruxa estava deitada na cama, completamente nua, como se existisse apenas para ele.

Vestida, sem roupa, coberta de sujeira ou limpa e pintada, ela era linda. Ele soube disso no instante em que a viu, uma estranha no chão. Ela era impressionante. Era um fato.

Não havia nada de simples na perfeição estonteante com que ela se apresentava sobre os lençóis do quarto dele. Olhando para ele com olhos que prometiam satisfazer todos os seus desejos.

Ele não costumava se curvar diante dos deuses. Ele não rezava. Mas ele se curvou diante dela e a adorou como um zelote.

Os sons que ela fazia, o seu gosto, o jeito como ela se esfregava nele, carente e ávida, quase o levaram à loucura. Ele gemeu contra ela, e isso só a fez arquear as costas, lutando para ficar ainda mais perto.

Ele ergueu os quadris dela e a prendeu contra si, e poderia ter se quebrado sem que ela sequer o tocasse, apenas sentindo o prazer dela atingir o ápice e se despedaçar. Ele quase se juntou a ela. Ela desabou, cansada e exausta, e ele teria ficado feliz em descansar agora, se fosse isso que ela quisesse.

Mas antes que ele pudesse dizer uma palavra, ela o puxou para cima de si. Ela enrolou as pernas em volta dele e se esfregou em seu membro. O movimento o fez ver estrelas.

"Por favor", ela ofegou contra a boca dele. *Qualquer coisa* , ele pensou. *Eu te daria qualquer coisa, especialmente se você implorasse por isso* .

Então ele prendeu as mãos dela acima da cabeça e se inclinou para sussurrar: "Esta noite, grite o quanto quiser."

Então, ele se entregou lentamente a ela, os braços tremendo enquanto lutava contra a vontade de se separar. Ela o tomou por inteiro, cravando as unhas em seus nós dos dedos, pressionando os calcanhares em suas costas. Ela gemeu quando ele começou a se mover, e ele teve que se esforçar para respirar. Seus tornozelos se entrelaçaram atrás dele enquanto ele lhe dava tudo o que ela queria.

E naquele momento, ele acreditava em tudo, absolutamente tudo — porque somente uma força superior poderia criar algo tão perfeito.

O corpo de Grim estremeceu, arrancando-o daquele momento. Daquela lembrança.

Ele estava ofegante. Estava corado. Ele...

Ele estava perdendo completamente a cabeça.

Era exatamente isso que ela queria, ele sabia. Ela queria fazê-lo duvidar. Fazê-lo *sentir* ...

Ele não lhe daria essa satisfação.



ILHA

Grim começou a se afastar visivelmente dela sempre que ela estava por perto. Ele posicionava sua cadeira no jantar o mais longe possível dela, como se fosse uma dor física estar perto dela.

E foi assim que ela teve certeza de que ele tinha visto uma das memórias. Seu plano estava funcionando.

Ela apenas esperava que o comportamento dele significasse que ele estava lutando contra o desejo que sentia por ela... e não que estivesse enojado com isso.

Enquanto ele fingia que ela não existia, ela percebia tudo sobre ele. Então, quando ele estendeu a mão direita para pegar sua taça de vinho, Isla endireitou a postura. Ela conhecia até os mínimos detalhes sobre o marido — como o fato de ele sempre manter a mão dominante pronta para empunhar a espada ou manipular suas sombras, mesmo no meio de uma refeição.

Ela talvez pensasse que o ambiente, com seu próprio ancestral à cabeceira da mesa, o deixaria à vontade. Mas sua postura era rígida demais. Seus olhos, fixos em todos na sala, exceto nela, permaneciam alertas.

"Há algo errado com seu braço?", perguntou ela em voz baixa, enquanto todos os outros estavam absortos na conversa sobre os preparativos para a iminente invasão de seu planeta.

Grim enrijeceu, mas, de resto, não respondeu à pergunta dela.

“Eu posso... eu posso te ajudar.”

Ele bufou cruelmente. Como se pensasse que ela o ajudaria a se jogar de um penhasco. Ela não podia realmente culpá-lo por isso, depois do que ele tinha visto.

Na noite seguinte, a dor parecia ter piorado. Ele quase fez uma careta quando seu braço se moveu bruscamente e ele não o usou de jeito nenhum. Ela se perguntou quanto tempo levaria até Cronan perceber.

Quando Cronan expulsou Isla da sala da galáxia naquela noite, foi Grim quem a escoltou até sua cela.

Quando estavam na privacidade das masmorras, ela se virou e disse: "Então decidiu aceitar minha oferta?"

Seu olhar era penetrante. "O que eu uso?", ele exigiu.

Como uma Selvagem, ela possuía conhecimentos básicos de cura. Mas aquele não era o seu mundo — e restava pouca natureza. Ela não tinha certeza se realmente conseguiria ajudá-lo, mas faria o possível.

“Que tipo de lesão é essa?”

"Um corte", disse ele simplesmente.

Que estranho. "Cronan não tem suprimentos de cura?" Um corte dificilmente havia causado dor a Grim antes. A menos que estivesse envenenado, como no caso dos dreks.

“Não funcionou.”

Ela deveria ter imaginado que seria o último recurso. Estava grata por ele ao menos estar falando com ela. "Você não pode perguntar ao Cronan?"

Grim ficou com a mandíbula travada. Ele não respondeu.

“Você não quer que ele saiba.” Ela inclinou a cabeça. “Você está... escondendo algo dele.”

Ele deve ter pressentido a esperança dela, porque seus olhos se tornaram fulminantes. "Só porque não estou completamente alinhado com ele, não significa que estou alinhado com *você* ." Ele cuspiu a palavra, como se a ideia de trabalharem juntos fosse repugnante. Olhou para ela e só viu seu assassino.

Mas ela percebia que ele estava se desorientando. Seria por causa da lembrança? Será que isso o fazia odiá-la mais... ou menos?

“Posso ver?”

Grim não se mexeu. Certo. Ele também não confiava nela. Como ela poderia curar algo que não conseguia examinar?

Por que isso importaria, afinal? A menos que... a lesão em si fosse algo importante...

Espere. Será que Grim se deu um skyre?

Ela franziu a testa. Ele devia ter vasculhado suas pesquisas quando estava tentando reconquistá-la. Ele devia ter refeito seus passos...

E se os skyre estivessem lentamente o matando? Eles eram perigosos. Era fácil estragá-los. Se ele já estava sentindo tanta dor...

"Seja lá o que você não queira que eu veja, esconda." Ela sabia que ele era capaz de criar ilusões.

Com má vontade, ele estendeu o braço e levantou lentamente a manga.

Um círculo foi grosseiramente esculpido em sua pele. As linhas não estavam cicatrizando — enquanto ela observava, a pele se partia e se reformava, como se algo estivesse tentando desfazer a marca, reverter o skyre... e o poder de Grim estava reagindo.

Deve ter sido assim que Grim conseguiu usar seu poder neste mundo. Afinal, não era sua ligação sanguínea com Cronan. De alguma forma, ele havia descoberto o skyre único de Cronan.

Cronan teria percebido imediatamente que Grim havia encontrado uma maneira de contornar seu escudo. Isla imaginou que ele não teria ficado feliz com isso, desejando, em vez disso, que seu herdeiro fosse tão dócil e submisso quanto o resto de seus súditos. Mas mesmo que pudesse, ele não removeria o skyre à força se quisesse que Grim fosse leal — assim como estava tentando fazer com que Isla fosse leal. Então, ele estava usando seus poderes para combatê-lo.

Isso significava que Cronan tinha medo de que Grim o atacasse? Que Grim se

unisse a Isla e encontrasse uma maneira de destruí-lo juntos?

Isla mordeu o lábio. Ela não tinha seu elixir de cura ali, e mesmo que tivesse, não tinha certeza se funcionaria. Não para um ferimento como aquele.

Mas ela conhecia alguém que podia ajudar.

Grim a acompanhou até sua cela. Lark estava encolhida de lado, encarando os dois com raiva.

"O casal feliz se reconciliou?", perguntou ela.

Isla suspirou. "Preciso do seu sangue", disse ela, secamente. "O que você quer?"

O poder de Lark era a regeneração. Se a teoria de Isla estivesse correta, seu sangue seria a cura mais potente.

O lábio de seu ancestral se curvou para trás. "Você sabe o que eu quero", disse ela. "Ele tem."

O pulso de Isla acelerou. A pena era a forma que ela usaria para conseguir para Oro as informações necessárias para encontrar o cetro estelar. Ela não podia perder sua única carta na manga agora.

“Não, eu—”

Lark voltou seu olhar zombeteiro para Isla, com a pergunta clara: Quem Isla queria ajudar mais, Oro ou Grim?

Isla engoliu.

Como ela não respondeu imediatamente, sua ancestral se virou para Grim e estendeu a palma da mão. "Quero minha pena."

Grim apenas piscou para ela. A princípio, Isla se perguntou se ele não se lembrava. Afinal, fora Isla quem descobrira aquilo.

Mas então ele meteu a mão no bolso. Claro. Era por isso que ela não o tinha encontrado no quarto dele — ele o carregava consigo. Devia estar no banheiro enquanto ele tomava banho, entre as roupas que ele havia tirado.

"Por que você a quer?", perguntou ele, revelando a pena. Estava meio carbonizada, mas mesmo assim, os olhos de Lark brilhavam.

“Faz parte de mim”, disse ela. “Quero me sentir inteira.” Ela zombou das lacunas em seu corpo, de todos os lugares que haviam sido dilacerados e grosseiramente remendados. “O mais inteira possível.”

Grim parecia estar ponderando suas opções. Sua ancestral quase havia devastado suas terras. Ela havia matado centenas de seu povo.

“Você quer ser curado ou não?”, perguntou ela.

Seus olhos percorreram as feridas dela como se ele pudesse simplesmente colher seu sangue sem revelar a pena.

Lark pareceu pressentir isso, pois sorriu com cumplicidade. "Meu sangue não é tão fácil de tirar. E se você tentar, tenho certeza de que Cronan adoraria saber dessa visita." Ela inclinou a cabeça para Grim. "Então, o que será?"

O ferimento de Grim devia estar afetando-o mais do que Isla imaginava, pois ela o viu entregar a pena. No instante em que tocou a mão de Lark, houve um clarão. Isla observou seu corpo começar a se recompor — ela não estava completamente curada, mas estava muito melhor do que antes. Ela respirou

fundo, com um tremor, e sorriu.

Grim abriu a palma da mão em resposta. Ele claramente não queria mostrar a marca a ela, nem mesmo disfarçada.

Lark lançou-lhe um olhar fulminante, também desconfiada. Ela cortou a própria pele com uma unha afiada, revelando apenas uma gota de sangue. Em vez disso, deixou-a pingar na mão de Isla.

"Eu vou saber se você usar isso para qualquer outra coisa", disse ela para Isla. "E estou em muito melhor forma para te machucar aqui dentro."

Isla cerrou os dentes, percebendo que Lark agora poderia representar um perigo muito maior para ela.

— Tudo bem — disse Grim, parecendo irritado com tudo. Ele agarrou o braço de Isla com força.

E eles estavam no quarto dele.

A última vez que ela estivera ali, Grim estava sem camisa. E ele a traíra, trazendo-a para Cronan. Ela ainda sentia as lágrimas em sua cabeça por causa das sombras dele.

Grim não perdeu tempo, sentando-se na beira da cama e puxando a manga para cima, revelando o círculo. Ela sentou-se delicadamente ao lado dele, esperando para ver se ele se oporia. Ele não se opôs.

"Por que você está me ajudando?", perguntou ele antes que os dedos ensanguentados dela pudessem tocá-lo.

Ela olhou para ele. Ele a encarava com os olhos semicerrados. Ela imaginou que ele estivesse tentando decifrar suas emoções. Ele lançou um olhar para o símbolo em seu braço, mas não perguntou nada a respeito.

"Não é óbvio?", perguntou ela. Então, pressionou os dedos contra a marca. Ele também estava escondendo seu formato real do toque dela. Para garantir, ela cobriu toda a área da pele.

O corpo inteiro de Grim enrijeceu, afastando-se ligeiramente dela. "Não gosto de ser tocado", disse ele entre os dentes.

"Eu sei", ela sussurrou.

Ela manteve a mão sobre a pele dele, o corpo dele resistindo e, ao mesmo tempo, acolhendo o toque. Ela percebeu que ele estava com dor pela forma como suas mãos estavam cerradas, os nós dos dedos brancos. Os dedos dele se enrolaram na estrutura da cama, e a madeira estilhaçou.

Seu aperto não afrouxou. Ela precisava de tempo para curar completamente o skyre, de modo que ficasse totalmente gravado em sua pele, impenetrável até mesmo pelo poder de Cronan.

Ela estava virada para ele. Seus joelhos quase se tocavam. O maxilar de Grim se contraiu. Sua voz estava rouca enquanto seu olhar a encarava fixamente. "Eu não te entendo", disse ele. "Eu te chamei de fraca. Eu te chamei de tola. Eu te disse... que eu ia *te matar..."*

Isla deu de ombros. "Você é um canalha em todas as vidas, eu acho", disse ela. "Em todas as versões da nossa história de amor."

“Não há história de amor”, disse ele, com a mão cerrada em punho, as veias do braço tremendo. Sua voz estava tão carregada de malícia que ela tinha certeza

de que ele estava considerando expulsá-la do quarto, apesar de ela precisar de sua ajuda.

"Ainda não", ela sussurrou.

Após uma longa pausa, ele falou como se as palavras lhe custassem a pronúncia, em meio à dor. "Isso... isso não vai me amolecer. Se essa era a sua esperança, não vai funcionar. Estou apenas te usando."

“Não é por isso que estou fazendo isso”, disse ela, balançando a cabeça. Ela aplicou mais pressão e ele sibilou.

"Então por quê?", ele exigiu. "Por que desperdiçar seus esforços me curando apenas para me matar depois? *Não faz sentido* ."

Ele tinha feito o mesmo. Ela não sabia na época, mas ele planejava matá-la usando-a para destravar a espada de Cronan. Mesmo assim, Ele a havia curado em diversas ocasiões. Mas ela sabia que o Grim à sua frente não se importava com isso. E tudo o que ela podia lhe dizer era a verdade.

"Porque eu te amo."

Aquela palavra foi um erro. Seu rosto inteiro se transformou, numa máscara de fúria. "Você não *me ama* . Você ama uma versão fraca e tola de mim que está morta." Seu lábio se curvou em desgosto. E assim que o skyre se curou completamente, ele teleportou Isla de volta para sua cela, onde ela caiu de lado com um baque enquanto a risada presunçosa de Lark ecoava ao seu redor.



ILHA

Isla sentou-se com um gemido e lançou um olhar fulminante para sua ancestral, que ainda gargalhava. "Você conseguiu sua pena", disse ela. "Agora, onde está o dispositivo de portal?"

Lark apenas zombou dela. "Você fez sua escolha. A pena foi em troca do sangue que seu marido precisava."

Isla bateu com a mão no chão úmido da cela, exausta e furiosa. "Não tenho tempo para os seus joguinhos. Cronan vai destruir meu mundo em menos de duas semanas."

“Isto não é uma brincadeira”, disse Lark. “Tínhamos um acordo, e você o mudou. Eu cumpri a minha parte do acordo.”

Ela parecia se deleitar com a raiva de Isla. Isla fechou os olhos com força. "O que mais você quer?", disse ela. Ela não tinha tempo para isso. Oro estava em apuros. Ela abriu os olhos ao se deparar com o silêncio.

Lark fingiu pensar. "Vamos ver... Eu quero você morto", disse ela. "Não?" Ela suspirou. "Bem, então. Acho que você nunca vai encontrar o dispositivo de portal. Eu o escondi muito bem, sabe? Você não o encontrará sem mim."

Isla queria gritar. Se soubesse como, mataria Lark com as próprias mãos. Mas tudo o que conseguiu fazer foi se encolher no chão de pedra frio. Ela não tinha energia nem para chorar.

Isla achava difícil ter qualquer esperança. Como qualquer músculo, estava cansado. O tempo estava se esgotando antes que Cronan a matasse, junto com todos que amava — já que ela jamais se juntaria a ele. Ela não tinha muito tempo para convencer Grim a se aliar a ela. Começava a suspeitar que, mesmo com toda a... Em toda a sua vida, ele não se deixaria influenciar. Ela sabia o quão teimoso ele era, o quão inflexível ele havia sido em relação a nunca se apaixonar antes de conhecê-la.

Ela permaneceu sentada em silêncio enquanto os criados a mimavam, vestindo-a para mais um jantar. Mal notou quando os homens tentaram falar com ela. Não se intimidou com os olhares lascivos. Não conseguia se importar. Nem mesmo quando Grim se sentou ao seu lado como se ela não estivesse ali.

A dor tinha um limite. E ela o havia atingido.

Isla não achava que as coisas pudessem piorar, até que a refeição foi interrompida pelas portas se abrindo com estrondo e os cavaleiros arrastando alguém para dentro da sala.

Não.

A mulher do oásis. *Jessel* . Seus olhos encontraram os de Isla imediatamente e se estreitaram. Ela devia achar que Isla estava envolvida nisso.

Isla se levantou — e foi bruscamente jogada de volta na cadeira por uma força invisível.

Cronan sorriu para ela enquanto mais pessoas de todas as idades eram conduzidas para dentro. Os tecidos esfarrapados que vestiam contrastavam fortemente com a armadura reluzente de Cronan.

Cronan se levantou. “Quando conquistei este mundo”, disse ele, “prometi aos sobreviventes que os deixaria viver. Todos aqueles que não se opuseram a mim puderam manter suas casas. Suas *vidas* . E vejam como eles me retribuem...”

Suas sombras preenchiam a sala e formavam imagens diante deles. Isla viu grupos reunidos em segredo, tramando ataques, derrotando cavaleiros. Sendo capturados e arrastados para longe. Isla reconheceu muitos deles como as pessoas que estavam na sala agora.

A ilusão mudou para uma de Jessel ajudando Isla. Era uma memória que Cronan havia roubado da mente de Isla depois que Grim a trouxe de volta ao castelo.

Jessel nem sequer olhou para ela. O coração de Isla estava na garganta. Ela queria fazer alguma coisa, mas sabia que Cronan a impediria. Isso era quase pior do que ficar completamente imóvel — mesmo que ela pudesse se mexer, era inútil. Ao lado dela, o rosto de Grim não demonstrava nenhuma emoção.

Cronan estalou a língua e dirigiu-se à sala. "Aprendam com isto. Aprendam que aqueles que vocês salvam, aqueles que vocês deixam viver, acabarão por traí-los. Vocês devem massacrá-los primeiro, ou se tornarão os massacrados."

O estômago de Isla revirou.

“Mas eu sempre ofereço uma segunda chance... uma oportunidade para mostrar força.”

Um dos cavaleiros trouxe a primeira pessoa à frente. Ele era pouco mais que um menino, e suas roupas pendiam de seu corpo magro. *Faminto* . Ele estava faminto, enquanto Cronan estava sentado ali com uma mesa coberta por um banquete meio comido e talheres feitos com os ossos dos deuses.

O menino não olhou para a comida, em vez disso, encarou Cronan fixamente, encarando corajosamente seu destino.

Cronan pegou uma de suas facas de jantar e entregou-a a ele. "Aqui está", disse ele, com voz magnânima. "Fera-me e eu deixarei você viver."

A mão do garoto tremeu ao pegar a lâmina. Mas então seus olhos se aguçaram. Ele foi rápido, mais rápido do que deveria ser, considerando seu estado de fome, ao se lançar em direção a Cronan—

Ele nem sequer chegou perto antes que a faca fosse arrancada de sua mão e cravada em seu pulso. Mas, em vez de sair do outro lado, a lâmina afundou completamente em sua carne, subindo pelo braço, sob a pele, atravessando tecido e osso, enquanto ele gritava de agonia. Ele estava tão magro que Isla conseguiu ver o formato da faca com clareza, e sua boca se abriu em horror. A faca moveu-se de seu ombro para o peito, onde finalmente perfurou seu coração, a outra ponta saindo por entre as costelas em um jato de sangue. O garoto

desabou. O cômodo irrompeu em gritos.

“Próximo,” Cronan disse calmamente.

Outra pessoa foi trazida à frente. Mais jovem. Apenas uma criança.

Os homens à mesa de jantar riram, divertidos. Isla mal ouviu, em meio ao rugido ensurdecedor. Ela precisava fazer *alguma coisa* , mesmo que... Era inútil. Ela olhou freneticamente para os objetos à sua frente, tentando decidir qual seria a melhor arma. Um prato? Outra faca?

Apenas uma mão em seu joelho a deteve. Ela olhou para ela, depois para o rosto de Grim, mas sua expressão não revelava nada. Ele ainda parecia entediado, observando os acontecimentos do outro lado da sala com desinteresse.

Mas aqueles dedos se enrolaram em sua perna e *apertaram* , impedindo-a de fazer algo imprudente.

Os olhos de Isla ardiam. Ela não podia simplesmente... simplesmente ficar ali sentada e deixar Cronan matar todos eles. Eram crianças. E Jessel a tinha ajudado.

No instante seguinte, a criança estava sangrando no chão, morta, e Isla nunca se sentira tão impotente.

"Próximo."

Um homem. Mais velho. Cronan ofereceu a faca, e o homem simplesmente cuspiu aos seus pés. Ele nem sequer a pegou.

Ela só pôde sentar e observar enquanto Cronan cortava a garganta do homem com sua lâmina, quase até o osso. Ele desabou no chão, inerte. Os cavaleiros arrastaram seu corpo para fora da sala, o sangue jorrando do ferimento, a cabeça pendurada, restando apenas tiras de pele. Isla quase vomitou.

A próxima foi forçada a avançar. Uma senhora idosa. Cronan riu enquanto ela se atirava a seus pés e implorava, mas ele não teve piedade.

De novo e de novo, pessoa após pessoa. Os dedos de Grim se enrolaram na perna de Isla como uma âncora contra a raiva. Contra a tristeza. Contra a dor. Ela sabia que aquela demonstração também o incomodava.

Mas mesmo assim, ele não o impediu.

Quando Jessel foi arrastado para a frente, uma espessa camada de sangue já cobria o chão.

Cronan era a pessoa mais poderosa do universo. Isso era óbvio. Eles não eram páreo para ele. Ninguém era.

de pé. Ela não podia simplesmente continuar *sentada* assistindo .

Todos na sala se viraram para encará-la, inclusive Jessel. Ela podia sentir os olhos de Grim sobre ela, mas nem sequer olhou para ele.

O mundo parecia distante e estrondoso, como uma onda ao longe, enquanto ela se movia com firmeza ao redor da mesa. Ela não tinha poderes. Cronan governava tanto seu corpo quanto sua mente. Conforme ela se aproximava, ele a examinava com curiosidade, como se aguardasse seu próximo movimento.

Cronan queria que ela aceitasse. Ele ainda tinha esperança de que ela se juntasse a ele.

Ao chegar perto de Cronan, ela simplesmente estendeu a palma da mão e disse: "Deixe-me".

Cronan não tinha motivos para temê-la. Ela não tinha acesso às suas habilidades ali. Não havia nenhum vestígio de tempestade. E mesmo que tivesse, ele a havia subjugado com tanta facilidade antes.

Então ele entregou a lâmina.

Ela ofereceu a Jessel a oportunidade. "Fera-me", disse Isla, "e viverá." Deu-lhe a mesma chance que Cronan dera aos outros.

Hesitante, ela pegou a faca. Seus olhos estavam penetrantes, cheios de raiva e suspeita, mas uma réstia de esperança brilhava. Seus dedos se fecharam em torno da faca. Ela atacou.

Foi fácil demais. Isla desviou-se rapidamente, girou Jessel e arrancou a faca de sua mão.

E cortaram a garganta da mulher.



SINISTRO

O silêncio reinava na sala. A Selvagem devolveu a faca a Cronan com cuidado. Passou por cima do corpo e retornou silenciosamente ao seu lugar.

Cronan parecia satisfeito.

“Parece que ela ainda pode estar convencida”, disse uma das cabeças dos planetas. “Você estava certo, meu senhor.”

“Claro que sim”, disse Cronan. “Eu lhe disse que ela veria as vantagens de se juntar a mim.” Ele voltou ao seu lugar na cabeceira da mesa e ergueu o copo. Ela retribuiu o gesto.

Eles beberam, e Grim observou o vinho carmesim manchar seus lábios.

Mesmo quando a conversa à mesa recomeçou, Grim não conseguia parar de pensar nela. Que jogo ela estava jogando? Com aquele coração mole, ela não parecia ser do tipo que mataria uma mulher inocente daquele jeito.

Você não a conhece , lembrou a si mesmo. Tudo aquilo só provava que ela era imprevisível, uma assassina de sangue frio se precisasse ser. Capaz de matar até mesmo alguém por quem jurava amor.

Mas, do ponto de vista de onde ela se recostou na cadeira, ele percebeu que o sorriso dela não chegava aos olhos. Pela primeira vez, ele desejou ter habilidades mentais como Cronan. Desejou poder sentir mais do que apenas as emoções dela. A aura dela estava mais pálida do que antes, como se tivesse sido drenada de sua essência. Onde antes ela era ardente e feroz, agora estava cinzenta e vazia.

Será que Cronan... a havia quebrado? Será que o comportamento de Grim a fez perceber que ela não tinha a menor chance de convencê-lo a ficar do lado dela contra seu ancestral?

Será que ela realmente havia escolhido se juntar a eles?

A imagem dela cortando a garganta da mulher, seus olhos duros e cruéis, permaneceu gravada na mente de Grim, mesmo horas depois. Ele dizia a si mesmo que só se importava porque ela seria quem o mataria se ele não tomasse cuidado...

Então ele precisava saber se ela estava tramando algo contra ele.

Já era tarde da noite quando ele se teletransportou para as prisões. Ele nem sequer tinha certeza do que ia fazer. Interrogá-la ali mesmo? Tentar fazê-la confessar por que fez aquilo?

Ele estava virando a esquina quando ouviu. *Ela* .

Ela chorava. Sua tristeza o invadiu, densa como neblina.

Ele então teve certeza de que toda a encenação no jantar havia sido uma farsa.

Mas até Cronan acreditara nisso... o que significava que ela havia mantido parte de sua mente escondida dele.

Sem poderes.

Mas por que matar a mulher, então? Para fazer Cronan acreditar que ela estava do lado dele?

Ele se lembrou subitamente de algo que Cronan havia dito. Que o talento da Selvagem era a absorção. Será que ela havia matado a mulher para mantê-la viva, de alguma forma?

Será que ela tinha esperança de que houvesse uma maneira de trazê-la de volta?

Era a única explicação para o sofrimento dela. Grim sabia que devia transmitir isso a Cronan da mesma forma que fizera antes, para mostrar-lhe mais uma vez que sua crença cega nele era inútil.

Mas, enquanto ouvia seus soluços, Grim não conseguiu suportar a ideia de traí-la novamente. Não depois que ela havia curado seu braço. Não depois que ela havia feito *algo* em relação às mortes de inocentes, enquanto ele se mantinha de braços cruzados como um covarde.

Havia algo em sua rebeldia e em sua força silenciosa, em sua fé insensata e lealdade inabalável a ele, que o fez retornar aos seus aposentos em vez de à sala da galáxia. E criar uma barreira de sombras temporária ao redor de sua cela para que os cavaleiros não a ouvissem.



ORO

Ele estava sozinho na varanda, olhando preocupadamente para o horizonte em vez de descansar como seus amigos pensavam que ele estivesse, quando viu Isla se materializar diante dele.

Isla . Sua mera presença era como um bálsamo, mas também uma dor. Ela era a febre e o remédio.

Ela estava mais limpa agora do que antes. Até maquiada. Era melhor do que quando estava ferida, claro, mas Oro temia que sua situação talvez fosse mais perigosa do que antes.

Principalmente quando ele notou as lágrimas em seu rosto... e a mancha de sangue em sua manga.

Ela falou rápido, como se não tivesse certeza de quanto tempo eles tinham.

"Sinto muito", disse ela, balançando a cabeça. "Não consegui fazer com que Lark me dissesse onde está meu dispositivo de teletransporte."

Oro tentou esconder o desespero que sentia. Não havia motivo para perturbá-la ainda mais.

Os últimos dias foram uma decepção sem fim. Muro após muro para derrubar, ele próprio *se tornando* uma barreira entre essas feras e sua ilha.

Uma pessoa só aguenta até certo ponto. Até mesmo Cinder estava enfraquecendo. Ela estava gastando muita energia, então Oro a enviou, junto com Maren, para a Ilha das Estrelas dois dias antes, onde estariam mais seguras, para que ela pudesse descansar. Seus amigos ficaram feridos no último ataque.

Agora era só ele, parado entre dois mundos. Tentando manter a porta aberta, sem deixar nada mais entrar.

Era certo que ele iria cair. Ele não conseguiria fazer isso sozinho. Precisava de mais ajuda.

"Você acha que está em Nightshade?", disse ele. Afinal, Lark tinha chegado lá vindo de Lightlark.

"Provavelmente."

Ele franziu a testa. Bem, então ele teria que ir procurá-lo pessoalmente. "Vou voar até lá", disse ele. "Vou procurá-lo." A viagem levaria dias, mas ele não tinha escolha — eles precisavam daquele dispositivo de portal.

Ele se levantou. Iria buscar Cinder e pedir que ela e seus amigos ficassem de guarda. Eles já tinham tido dias para se recuperar.

“Espere!” A voz de Isla o interrompeu. “Lark disse que você nunca conseguirá encontrar sem ela.”

Oro fechou os olhos. Claro que a bruxa o teria escondido nas profundezas da terra, ou em algum outro lugar que ele nem sequer conseguia imaginar.

Eles não tinham tempo. Cada hora era crucial.

O ataque de Cronan estava a poucos dias de acontecer. Se ele voasse para Nightshade e ainda assim não conseguisse encontrá-lo... ele poderia nem ter tempo suficiente para retornar a Lightlark antes da invasão de Cronan.

Quando abriu os olhos novamente, viu Isla encolhida no chão, o corpo contraído. Ele a reconheceu — sabia que ela estava perdida em seus pensamentos. Provavelmente se odiando por todos os erros que sempre atribuía exclusivamente a si mesma. Ela estava se perdendo. Perdendo as forças.

Mas ele precisava que ela continuasse lutando — por todos eles em Lightlark. E por ela mesma.

“Então acho que você terá que convencê-la de outra forma”, disse ele. Era um desafio. Ele esperou, na esperança de que fosse o suficiente para reacender a chama dentro dela, aquela que sempre fora como a chama eterna da Ilha do Sol. Nunca se apagava. Nunca. Mesmo quando todas as chances e circunstâncias pareciam estar contra ela.

Se isso acontecesse agora... o mundo deles estaria definitivamente condenado.

Isla entreabriu os lábios como se fosse dar outra desculpa. Mas, lentamente, ergueu o queixo. Endireitou a coluna. "Eu irei", disse ela, com a voz firme.

“Ótimo”, disse ele. “Estarei esperando.”



ILHA

Isla foi convocada à sala galáctica de Cronan por seus cavaleiros pela manhã, assim como sempre acontecia antes da chegada de Grim.

Ela presumiu que Cronan quisesse retomar as sessões de tortura e que talvez suspeitasse de seus motivos para matar Jessel, mas ao entrar, ficou surpresa ao encontrar uma pequena mesa posta no meio. Era muito menor do que a que o conselho usava para o jantar e feita de madeira antiga com entalhes intrincados.

Se ela pudesse acessar suas habilidades, poderia sentir suas propriedades.

E transformá-la em uma lança capaz de atravessar Cronan pelo coração.

Cronan se levantou e fez um gesto em direção ao assento vago à sua frente. Um de seus guardas a empurrou sem cerimônia para o lugar antes que os cavaleiros partissem e as portas se fechassem.

No silêncio que se seguiu, Isla esperou que Cronan falasse, que explicasse por que a trouxera até ali. Mas então, uma multidão de atendentes entrou, anunciando o chá. Ela observou-o ser servido e não pôde deixar de pensar em Oro e sua demonstração durante o Centenário. E em todo o chá que haviam tomado juntos nos meses seguintes.

Ela não podia falhar com ele — conseguiria as respostas de que precisava de Lark por qualquer meio necessário.

O chá foi servido e eles finalmente ficaram a sós. "Está pronta para se juntar a mim?", perguntou ele, direto ao ponto. "Sua demonstração ontem à noite foi bastante surpreendente. Meu descendente conseguiu convencê-la a se entregar?"

"Não." Os olhos de Isla não se desviaram dos dele. Ela precisava de mais tempo. Só lhe restavam dez dias antes da invasão.

A irritação brilhou em sua expressão, mas ele não pareceu completamente surpreso. "Eu já suspeitava. Grimshaw é poderoso, mas lhe falta visão." Ele a encarou. "Você, por outro lado... joga a longo prazo. Você não reagiu bem às nossas sessões anteriores..." — *Onde você me torturou* , pensou Isla, com a mão apertando a curva da mesa — "Pensei que pudéssemos ter uma conversa de uma maneira mais... civilizada", disse ele, bem-humorado, como se não fosse ele quem a havia forçado ao chão e aberto sua mente como se fosse uma noz teimosa.

Ela permaneceu em silêncio. Ele fez um gesto em direção ao chá, e ela apenas o encarou.

“É só chá”, disse ele. “Não tem droga, garanto. Por que eu me daria ao trabalho? Eu já poderia te obrigar a fazer qualquer coisa que eu quisesse... inclusive me dizer a verdade.”

Ela engoliu em seco diante da ameaça. Preferia beber um chá potencialmente envenenado a ter as sombras dele rondando sua mente.

Ela tomou um gole e foi recebida por um sabor agradável e calmante de uma flor irreconhecível. Isso a fez lembrar que, embora este mundo fosse apenas uma sombra de sua antiga glória, alguma beleza havia sobrevivido. Havia resistido.

O copo tilintou contra o prato quando ela colocou a xícara de volta na mesa.

“Muito bem”, disse Cronan. “Vou lhe fazer perguntas. E espero não ter que invadir sua mente para obter as respostas.” Ela recostou-se na cadeira, aguardando a primeira pergunta. “Por que você matou aquela mulher depois que ela a ajudou?”

Ela tomou um gole de chá. Disse-lhe exatamente o que achava que ele queria ouvir. E a verdade. "Para absorver o poder dela."

Ela ia morrer de qualquer jeito. O que Isla não contou para ele foi que ela ainda tinha esperança de matar Lark e trazer todos de volta. Inclusive Jessel.

Ao menos, ao morrer pelas mãos dela, havia esperança.

Cronan juntou as pontas dos dedos em frente ao queixo, ponderando sobre ela. "Veja bem... não somos tão diferentes assim, você e eu. Ambos tomamos o poder. Isso nos torna mais fortes."

Ele inclinou a cabeça na direção dela. "Mas você está dividida. Selvagem... e Beladona. Vida... e morte. Assassina... e criadora." Ele franziu os lábios. "Vejo a guerra dentro de você. Você se sente dividida há algum tempo, não é? Entre quem você realmente é e a pessoa que todos os outros querem que você seja?"

“Sim”, ela respondeu honestamente. E com isso, sentiu uma leve pontada no cérebro, uma picada de alfinete, e viu uma lembrança jorrar de sua mente para o quarto. Cronan a havia arrancado de sua cabeça com uma sombra fina como uma navalha. Que belo exemplo de como ele não usava seus métodos.

A lembrança dançava ao redor deles. Isla se viu coberta de serpentes. Seus olhos brilhavam enquanto ela desfilava pela sala do trono de Grim, segurando a cabeça decepada da Beladona que tentara assassiná-la pelos cabelos.

Cronan cantarolou, e o som reverberou pela sala. "Rainha das trevas", disse ele. "É isso que você é. Qualquer outra coisa é apenas uma máscara. Um véu inadequado sobre a verdade."

Quando Isla não respondeu, Cronan deu uma risadinha. "Não?" Ela não sentiu os pensamentos dele vasculhando sua mente, então imaginou que ele pudesse ler a rebeldia em seu rosto.

“Diga-me honestamente”, continuou ele. “Você preferiria estar trancada e impotente, de volta àquele seu quarto...” Isla pensou que ele estivesse falando de sua cela nas masmorras dele, mas uma nova lembrança surgiu ao redor deles — uma que ele havia saqueado há muito tempo. A sala da galáxia desapareceu e ela estava de volta à nova terra dos Selvagens, presa e sozinha. Ela sabia que não era real, era uma ilusão, mas seu coração batia forte por instinto. “Ou você mataria pessoas inocentes, só para se libertar?”

Isla franziu a testa. Ela tinha a resposta na ponta da língua, mas ele a dispensou com um gesto antes que ela pudesse dizer uma única palavra. "Uma pergunta inútil", disse ele, "considerando que você já fez sua escolha. Se você

tivesse simplesmente ficado naquele quarto, muitas pessoas no seu mundo ainda estariam vivas..."

É verdade. Mas agora Isla sabia que muitos mais teriam morrido. Mas ela não ousava pensar em como sabia disso, com medo de que ele invadisse sua mente novamente.

"Por que você é tão leal a um mundo que já te considera um vilão?" Ele parecia genuinamente curioso.

“Porque é meu dever”, disse ela. “Tem sido assim desde o momento em que nasci.”

“Não. É seu dever *governar* .”

“Não acho que governar signifique matar e controlar. Acho que significa ajudar seu povo. Sacrificar-se por eles.”

Seus lábios se curvaram num sorriso torto, como um caco de vidro. "E foi isso que você fez, Isla? Ajudou seu povo?"

Ela não desviou o olhar dele, e ele apenas murmurou, tomando outro gole de chá.

Ela aproveitou a oportunidade para fazer sua própria pergunta. "Você criou o nexo?" Remlar já havia lhe dito isso, mas ela precisava ouvir da boca de Cronan.

Ele pareceu ligeiramente surpreso com isso. "Não como conceito. Mas fui eu quem vinculou os governantes aos seus súditos."

"Por que?"

“Fiz o mesmo com os chefes dos meus planetas. É mais fácil governar uma pessoa cuja vida impacta milhares ou milhões... e também é mais fácil matá-la.”

Isla engoliu em seco. Por algum motivo, quando Cronan descreveu a ideia de matar todos em seu mundo, ela imaginou uma invasão. Uma guerra. Mas Cronan não precisava matar milhares. Ele não precisava massacrar reinos inteiros. Ele só precisava matar seus líderes.

"O que Horus tem a ver com isso?", perguntou ela. Os rebeldes em Lightlark estavam convencidos de que a morte de Oro acabaria com o nexo. Remlar praticamente confirmou isso também.

“Sua linhagem foi afetada pela maldição original do nexo”, disse ele. “Eu simplesmente me inspirei nela. Sua família nem sempre foi tão nobre...”

As maldições eram um poder dos Beladonas. Será que a família de Oro foi amaldiçoada por outro Beladona? Ou por um poder completamente diferente?

Ela foi tirada de seus pensamentos pela próxima pergunta de Cronan: "Você já viu uma piscina prateada?"

A xícara de chá hesitou antes de chegar à sua boca. Foi apenas uma breve pausa antes que seus lábios pressionassem a porcelana aquecida. Ela manteve a expressão impassível e calma enquanto tomava um gole e se preparava para pousar a xícara. Ela acabara de se convencer de que ele não havia notado quando suas sombras irromperam, atingindo-a em cheio no centro da sua mente. Ela deixou a xícara cair e ouviu o estilhaço, mas não conseguia ver nada. Sua visão escureceu, como se uma luz tivesse se apagado repentinamente.

No recôndito mais profundo de seu cérebro, numa parte que ele ainda não havia invadido, ela quase conseguia ver. Prateado, brilhando como uma estrela.

A água parecia escorregar para longe de suas sombras, penetrando ainda mais fundo em sua mente, como se estivesse se escondendo.

Cronan pressionou com mais força, esculpindo mais em sua mente, suas sombras como flechas determinadas a atravessar a parte de trás de seu crânio.

Ela se esforçou para construir sua barreira. Para fazê-lo acreditar que ele havia alcançado a parte de trás de sua cabeça, quando, na verdade, não havia. Ela sabia que ele não suspeitava que ela fosse capaz disso.

Então, quando ele chegou lá, ela sentiu a decepção dele a atingir em cheio.

“Não. Nunca vi uma piscina prateada”, respondeu ela.

Era como se ele não a ouvisse, ou como se não se importasse. Ela podia sentilo vasculhando sua mente, despedaçando-a por onde passava, e nunca o vira tão apressado. Tão desesperado. Ela sentiu sua raiva crescer, inflamar-se. através de seu crânio, seu poder pressionando contra o osso. A pressão a fez gritar. Ela pensou que seus olhos iriam explodir.

Mas foi inútil. Ele não encontrou nada.

Ele a arrancou da mente, e ela caiu para a frente sobre a mesa, as mãos pousando nos cacos da xícara de chá. Suas palmas sangravam, o carmesim se misturando ao chá quente. Ela ofegava, lutando por ar, o pulso tão acelerado que seu coração batia forte nas costelas.

Cronan a encarou com o cenho franzido, o lábio curvado para trás, toda a civilidade desaparecida de seu semblante. Ela sabia que ele tinha um motivo para mantê-la viva, para convencê-la a se aliar a ele. Sua obsessão com a piscina prateada havia ofuscado tudo.

"Levem-na daqui", disse Cronan, e dois cavaleiros invadiram a sala. Agarraram-na pelos ombros. Seu corpo parecia mole enquanto a arrastavam pelos corredores. Sua cabeça girava. Sua visão ficou turva.

Que se dane ele.

Que se dane esse castelo.

Que se danem esses guardas, que faziam tudo o que ele mandava.

Com a voz rouca de tanto gritar, ela disse a um dos cavaleiros: "Você é mesmo uma pessoa aí embaixo? Ou uma besta sem cérebro, seguindo ordens?"

Não houve resposta. Claro que não houve.

Isla riu com amargura, subitamente delirante de dor e exaustão. "Gostaria muito de saber o que te atraiu na causa dele. Foi a destruição de mundos? O assassinato de milhões de pessoas? Ou—"

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, foi atirada contra a parede com o rosto. Seus dentes vibraram com o impacto. Ela sentiu o sangue escorrendo pelo nariz. Por algum motivo, isso a fez sorrir.

“Será que eu disse algo errado?” Ela suspirou. “Se ouvir suas próprias crenças ditas em voz alta causa essa reação, então—”

Seu couro cabeludo ardeu quando os cavaleiros a puxaram pelos cabelos e Bateu o crânio contra a pedra mais uma vez, a testa absorvendo o impacto. Doeu menos do que as sombras de Cronan. Mesmo com a visão turva, ela não conseguiu sentir um pingo de arrependimento por ter aberto a boca.

Eles juntaram os cabelos dela em um punho, tentando empurrar sua cabeça

para trás em direção à parede, mas antes que pudessem, uma voz vinda da própria escuridão ecoou pelo corredor.

“Libertem-na.”

Os cavaleiros pararam, mas não afrouxaram o aperto em seus cabelos. Ela se virou, com a bochecha pressionada contra a pedra ensanguentada, e observou Grim caminhar em direção a eles.

“Não recebemos ordens suas”, cuspiu um dos cavaleiros. Então, ele era uma pessoa. Sua voz era estranha — profunda e ressonante, como se fosse ancestral, talvez mais antigo que o mundo de onde ela viera.

Isso não pareceu importar, já que Grim transformou os dois em montes de cinzas.

O *metal* ... Grim havia transformado o *metal da sombra* em cinzas...

Isla deslizou pela parede, libertando-se do aperto deles. Suas botas escorregaram na bagunça.

Ela sabia que o marido era poderoso. Ela havia *compartilhado* esse poder. Mas, neste mundo, parecia que ele havia se tornado ainda mais forte.

"EU-"

"Não fale", rosnou ele, antes de pegá-la pelo braço. Seu toque era reconfortante, não tão firme quanto nos primeiros dias após perder a memória. Ele a ajudou a se levantar, mas os joelhos dela cederam imediatamente. Sua cabeça... latejava de dor. Até mesmo ficar de pé parecia uma tarefa monumental. Ele suspirou pesadamente antes de se ajoelhar e tomá-la em seus braços.

Foi como um eco do passado. De tantas memórias que aquele momento evocou.

E ele não fazia a menor ideia.

Atordoada, ela se encostou no ombro dele e disse: "Uma vez você matou todo mundo numa sala porque um deles me tocou."

Ela olhou para ele. Sua visão estava oscilando, mas ela percebeu que ele franziu a testa. Os olhos dele se voltaram para os dela antes de se fixarem novamente no corredor. "Parece dramático", disse ele, sem demonstrar emoção.

Seus lábios se contraíram. Seu corpo inteiro estava exausto, sua energia quase esgotada, mas ela lutava para se manter consciente. "Foi", disse ela. "Então você me carregou... assim mesmo..." Uma risada meio desvairada escapou de seus lábios. Quase soou como um soluço. Ela ergueu uma das mãos, com cacos de vidro ainda espetados na palma. "Você não vai acreditar... mas minhas mãos também estavam feridas naquela época." Ele parou então. Era como se não tivesse notado o sangramento em suas palmas. "Você as curou... comigo no seu colo."

Isso fez com que suas sobrancelhas se juntassem. "Por que você estava no meu colo?"

Ela deu de ombros. "Você disse que era para me manter quieta... mas eu tenho outras teorias."

Ele piscou, demoradamente e com força. Parecia estar se esforçando para manter o foco nos ferimentos dela. "Seus poderes estão suprimidos. Suas mãos ficarão com cicatrizes."

Ela suspirou. "Acontece, se vou estar morta daqui a dez dias?"

Seus olhos se estreitaram. "Você tem outra escolha. Outro caminho."

Ela olhou para ele. "Você acha que eu não sei que você planeja me matar se ele não fizer isso?"

Grim nem sequer negou seus planos de matá-la. Ele a encarava como se ela tivesse perdido a cabeça.

“Você se esquece, marido, que eu já vivi isso antes com você. Cada passo. É claro que algumas coisas permanecem as mesmas.” Ele, tramando contra ela. Ele, salvando-a mesmo assim. Ela inclinou a cabeça para ele e sua expressão incrédula. “Preciso acreditar que este final também será assim.”

"Morte, você quer dizer?"

Ela balançou a cabeça, mas isso a deixou tonta e ela gemeu. "Não. A morte não foi o fim. Foi apenas o começo, na verdade."

Ela sabia que não estava falando coisa com coisa. Não conseguia organizar seus pensamentos. Eles escapavam em todas as direções, como se as conexões em seu cérebro tivessem sido cortadas.

Seu olhar desviou-se do rosto dela como se ele estivesse despertando de uma espécie de transe. Ele recomeçou a andar, percorrendo o corredor a passos largos. Ele devia estar impaciente, porque então eles estavam se teletransportando...

Ela estava no quarto dele.

Ele a colocou no chão imediatamente, como se o toque dela o queimasse. Ela caiu no chão, o vestido se espalhando pelo piso. Estendeu as mãos ardendo à sua frente. Estavam realmente um desastre sangrento.

"Aqui está", disse Grim, atirando frascos e bandagens para ela. Ele até jogou uma agulha e linha para ela. Materiais que ele devia ter encontrado para si mesmo, quando estava tentando curar o braço.

Ela olhou fixamente para as ferramentas, com a mente ainda atordoada. Retirar os pedaços de ambas as mãos seria complicado... e ela quase certamente precisaria de pontos.

Ela olhou para ele do chão. Ele estava encostado na cabeceira da cama, com os braços cruzados sobre o peito. Ele não a ajudaria até que ela pedisse.

Desgraçado.

Ela não queria ter que implorar, não assim, mas estava preocupada que, se se curasse nesse estado, acabaria fazendo mais mal do que bem. Finalmente, sussurrou: "Por favor, você pode me ajudar?"

Ele inclinou a cabeça para ela. "Ansiosa para voltar para o meu colo, Selvagem?"

Isla ignorou a pontada de emoção que sentiu com as palavras dele. Mesmo naquele estado, mesmo naquela situação, ela sentia orgulho. "Deixa pra lá", disse ela. "Eu consigo sozinha." E conseguia mesmo. Ela já havia se curado muitas vezes antes mesmo de conhecê-lo. Ela daria um jeito de fazer isso, mesmo agora, enquanto sua cabeça dava voltas.

Ele simplesmente ficou parado, observando.

Ela fez uma careta ao remover o primeiro pedaço de vidro, que tilintou ao cair

no chão. Sozinha, aquilo era mais difícil e doloroso, mas ela se recusava a implorar por ajuda novamente. Ela realmente havia se esquecido de como ele podia ser irritante.

Finalmente, depois de retirar todos os cacos de vidro, ela despejou o álcool em ambas as mãos. Seu corpo se retesou com a ardência. Ela praguejou alto.

Grim ergueu uma sobrancelha para ela. "Você tem a boca suja", murmurou ele.

“Você não faz ideia”, ela sussurrou. Observou os olhos dele se arregalarem em surpresa por uma fração de segundo. Ela sustentou o olhar dele, como que desafiando-o. “Mas você fez... uma vez.”

Ele engoliu em seco.

Ela desviou o olhar, pegando a agulha para passá-la pela pele. Ela praguejou novamente e ignorou a risada grave de Grim. Quando terminou com uma das mãos, cortou a linha com os dentes. Ouviu Grim engolir em seco mais uma vez e percebeu que seus olhos estavam fixos em sua boca. Ele voltou a encará-la. "Como você sabe se curar tão bem?", perguntou ele.

Ela retomou o trabalho. "Igual a você", retrucou.

Ela o observava furtivamente enquanto sua declaração o atingia em cheio. Enquanto ele considerava a possibilidade de terem tido uma infância brutal em comum. Ela já havia lhe contado antes sobre ambos terem sido trancados em quartos e treinados, mas parecia que ele não havia considerado as implicações. Seus olhos se endureceram em compreensão, mas ele não disse uma palavra. Ela continuou costurando, mas sua visão começou a ficar turva. Doía tentar focar. Ela fez uma careta quando a agulha perfurou o lugar errado. E sua mão vacilou.

Aparentemente, o trabalho dela não era limpo ou rápido o suficiente para o gosto dele.

“Aqui está”, disse ele, a palavra carregada de impaciência, enquanto se afastava da cabeceira da cama. Ajoelhou-se diante dela bruscamente, mas seu toque era leve como uma pluma quando gentilmente colocou a mão dela na sua. A palma dela parecia muito menor que a dele. Pegou a agulha e começou a costurá-la ele mesmo.

Ela aproveitou a oportunidade para observar atentamente o rosto dele enquanto ele trabalhava. Seus olhos estavam semicerrados em concentração.

"O quê?", perguntou ele.

As feições dele começaram a ficar embaçadas. Ela piscou para tentar focalizá-las novamente. Sua mente parecia dispersa, desfeita. "Sempre começamos como inimigos", disse ela. "Treinados para nos odiarmos. Mentimos, roubamos e brigamos. Até aprendermos que não somos tão diferentes. Que... estamos do mesmo lado." Ela engoliu em seco. "Você me machuca com suas palavras. Depois... você me cura." Sua risada era meio insana. "É sempre assim."

Ele franziu a testa. "Você diz isso como se não fosse apenas a *segunda* vez."

Ela deu de ombros. "Mesmo que fosse a centésima, ainda acho que seria a mesma coisa. Nós... sempre sendo a maldição e a cura para a alma uma da outra. A ferida... e os pontos. Simplesmente porque estamos sempre em lados opostos

do destino."

Ela não sabia se estava se fazendo entender. Sua mente estava falhando, mas ela precisava dizer aquilo.

“Mas costumávamos desejar um mundo onde não tivéssemos coroas. Onde nunca fôssemos inimigos. Onde o destino não se importasse se nos amávamos. Onde não fôssemos a ruína um do outro. Onde... não houvesse profecias. Nem apostas. Onde pudéssemos ser apenas o bálsamo. Não a lâmina.”

Seus olhos se fecharam com força ao se lembrar da ilusão que Cronan havia mostrado. Um de seus futuros. Ela não queria magoá-lo.

Ela nunca quis magoá-lo .

“O mundo sempre nos viu como armas. Só enxergando as maneiras como podemos ferir. Mas nós também podemos curar... e curamos. E curamos . Sempre.”

Ela abriu os olhos. Com a mão ainda presa na dele, ele olhou para ela. Ele havia terminado; os cortes dela estavam todos cicatrizados. Mesmo assim, ele não soltou a mão dela nem desviou o olhar. Ela se ajoelhou para ficar mais perto da altura dele.

Os ferimentos na cabeça, causados tanto por Cronan quanto pelos cavaleiros, faziam sua mente latejar, dificultando encontrar as palavras. Mesmo assim, ela conseguiu. "Querem saber por que nos apaixonamos? Não porque estávamos sozinhos. Mas porque estávamos feridos. E um no outro... encontramos a cura."

Isla prendeu a respiração. Seu mundo inteiro se resumiu ao cinza frio dos olhos de Grim enquanto ele a encarava. Eles se aproximaram. Cada vez mais. Como se inevitavelmente atraídos pela força gravitacional entre eles. Até que suas bocas estivessem a poucos centímetros de distância. Os dedos dele se curvaram sobre os dela.

Então, ela se foi. De volta à sua cela.

Curado, mas ainda coberto de sangue.



ORO

Oro estava tão confiante de que Isla descobriria a localização do dispositivo de portal que partiu para Nightshade. Para chegar lá saindo de Lightlark, ele precisaria voar por dias. Ele sabia disso porque já havia feito exatamente o mesmo voo meses antes. Tudo para vê- *la* .

Durante aquela jornada, os dias passaram devastadoramente devagar. Ele estava consumido pela preocupação com Isla. Que estranho pensar nisso depois de tudo o que havia acontecido recentemente. Ao menos ela estava neste *mundo* . Agora, Oro não conseguia nem chegar até ela, não importava o quão longe voasse.

E ela ficou presa com a pessoa mais poderosa que já existiu.

Oro quase conseguia sentir a dor dela através da ligação entre eles, como se Cronan a estivesse machucando. Ele apertou ainda mais os laços que os uniam.

E ele viu uma piscina.

Uma piscina prateada, brilhante e reluzente, bem na sua mente. Será que Isla estava projetando isso para ele?

No instante seguinte, ele viu novamente o mar infinito abaixo de si. Nada além de ondas revoltas que se estendiam até o horizonte. Ele voou através de nuvens tênues enquanto o sol aquecia seu pescoço e costas.

Justo quando Oro começava a acreditar que havia imaginado a piscina, o oceano se acalmou, as ondas se aquietaram tanto que parecia um espelho. A água brilhava prateada e intensamente.

A piscina.

Ele viu seu reflexo na superfície, voando. Não estava sozinho... Havia uma mulher de cabelos e olhos prateados bem ao seu lado, acompanhando seu ritmo enquanto cruzavam o céu.

Ele virou-se abruptamente, mas o céu ao seu lado estava limpo. Nada por centenas de quilômetros.

Uma voz ecoou em sua mente, dizendo: "Oro Rey, rei de Lightlark, você foi escolhido pela piscina."

Oro piscou. A piscina?

Como se a mulher tivesse lido seus pensamentos, ela disse: "O mar de possibilidades".

Ele olhou para a água novamente. Um ponto abaixo dele ondulou, como se algo tivesse caído em seu centro. E, à medida que a superfície oscilava, a imagem que refletia se transformava.

"Você terá que fazer uma escolha", disse a voz. Ele não conseguia mais ver a mulher, mas podia senti-la, podia perceber o poder dela no ar ao seu redor.

“Qual a escolha?”, perguntou ele.

A mulher não respondeu, mas a superfície da piscina transformou-se numa imagem. Uma memória.

Oro se viu ao lado de seu irmão. Violet, a governante dos Selvagens, estava bem ao seu lado. Foi nesse momento que Egan lhe disse que queria abdicar.

“Faça uma pergunta ao grupo. Veja como os eventos poderiam ter se desenrolado de forma diferente.”

Oro não sabia quem era aquela mulher, nem o que era aquela piscina, nem se talvez estivesse alucinando por falta de sono, mas não conseguia evitar a pergunta que o atormentava durante todo o seu reinado. Em cada decisão difícil. Em temporadas de guerra e desespero.

E se Egan nunca tivesse decidido abdicar do trono?

Na piscina, ele viu um novo futuro que se assemelhava muito ao seu passado. Aurora inevitavelmente descobriu o caso de Egan e Violet. Ela As maldições foram lançadas por causa da mágoa e da traição. Milhares de pessoas morreram, incluindo o irmão de Oro. Oro tornou-se rei.

Outra pergunta, então—

E se Egan nunca tivesse se apaixonado por Violet?

A piscina não se deslocou.

“Em todas as circunstâncias, eles se apaixonam”, disse a mulher. “Não havia como impedir.”

Oro cerrou os dentes e tentou novamente.

E se Grim não tivesse encontrado o coração de Lightlark para Aurora?

Foi assim que ela lançou as maldições, usando o poder da Beladona aprisionado em seu coração.

Finalmente, com essa pergunta, Oro viu uma nova série de eventos se desenrolar. Ele observou Aurora, furiosa, varrer o castelo, preenchendo-o com a energia dos Starlings. Ela matou Violet primeiro — depois Egan.

Então Oro, porque ele estava com eles.

Com a morte de seu rei, Oro, toda a ilha desmoronou e se fragmentou, até que não restou nada além de ruínas que afundaram nas profundezas do mar. Até que não sobrou absolutamente nada.

Oro ficou tenso, piscando enquanto a imagem na piscina se tornava nítida. Seu coração estava acelerado.

“Veja bem”, disse a mulher. “Isso teria levado a ainda mais derramamento de sangue.”

Não podia ser real. Mas ele podia sentir a verdade disso, na piscina. Por tanto tempo, Oro odiou Grim por seu papel nas maldições...

Quando, na verdade, suas ações salvaram a ilha. Salvaram *a ele* .

Não. Tinha que haver algo que pudesse ter mudado, para impedir tudo isso. Para ter evitado as maldições.

O que teria acontecido se eu nunca tivesse me apaixonado por Isla Crown?

A piscina estava calma, a carranca de Oro refletida em suas águas.

“Em todas as possibilidades, você se apaixona por ela”, disse a mulher. “Assim que a conhece, você a ama.”

Amor . Ele fechou os olhos para afastar as lembranças.

Ótimo. Ele precisava ter feito uma pergunta melhor.

O que teria acontecido se eu nunca a tivesse conhecido?

A piscina mudou de posição.

Ele se via exatamente como estava no início do Centenário. Vazio, frio. Fechado. Moribundo. E só piorou com todas as provações. Até o fim do Centenário. Ele nunca aprendeu a descongelar seu coração.

As maldições nunca foram quebradas. Finalmente, elas o consumiram, e ele morreu. A ilha morreu com ele.

Ele rangeu os dentes, tentando encontrar a pergunta certa para vislumbrar o futuro ideal. Para finalmente perceber onde haviam errado, para chegar à situação em que se encontravam.

Ele tentou encontrar um caminho onde não sentisse que seu coração e sua alma estavam se despedaçando.

E se Cleo não tivesse comparecido ao último Centenário? E se as maldições nunca tivessem acontecido? E se o pai de Grim nunca tivesse declarado guerra? E se eu nunca tivesse perdido meus pais?

Ele voou em direção a Nightshade e viveu dezenas de versões de sua vida. Finais alternativos para uma história que ele já conhecia.

E mesmo em possibilidades onde sua família ainda estivesse aqui com ele, mesmo em possibilidades onde as maldições nunca tivessem ocorrido, mesmo em possibilidades onde todos os seus problemas parecessem ter sido resolvidos...

Ele nunca foi tão feliz quanto quando estava com ela.

A constatação doeu. Ele não precisava da piscina para lhe dizer isso, mas mesmo depois da decepção das últimas semanas, nada havia mudado. Mesmo quando não ficou com ela, mesmo quando ela escolheu Grim, só o fato de tê-la conhecido por um breve período já o havia feito mais feliz do que em qualquer outra vida.

“Por que você está me mostrando isso?”, perguntou Oro, com a voz tensa e a cabeça latejando. Ele estava voando havia horas, mas sua mente estava mais exausta que seu corpo. Tudo isso era passado. Já tinha acontecido. Aconteceu. Mesmo que agora ele soubesse o que poderia ter feito de diferente, não importava.

“Eu te avisei. Porque em breve você terá que fazer uma escolha. Você já viu muito do passado... Mas até agora, você não explorou o seu próprio.”

Oro não sabia como a mulher podia sentir que ele havia usado os Fios do Tempo, mas ela estava certa. Ele estivera perdido no passado, seguira os passos de seus ancestrais por milhares de anos. Ele vira como a história se repetia de forma previsível, inúmeras vezes.

“Você pode quebrar o ciclo”, disse a mulher.

" *Como* ?", perguntou ele, desesperado.

Mas quando Oro olhou para baixo, a piscina havia desaparecido. Restavam

apenas ondas escuras e ondulantes. A lua brilhava no céu, reluzindo no mar. Ele estivera perdido em seus pensamentos durante todo o dia.

Ele engoliu em seco, as palavras da mulher prateada o assombrando. Ainda tinha bastante tempo para contemplá-las enquanto corria em direção a Nightshade.



ILHA

Lark estava dormindo.

Ela apertava a pena nas mãos, como se não quisesse se separar dela nem por um instante. Nunca tinha visto sua ancestral dormir tão profundamente. Talvez a dor tivesse sido insuportável, do jeito que Cronan a deixara. Agora, parecia que ela estava curada o suficiente para descansar.

Ela havia dito a Oro para esperá-la, mas sabia que ele não esperaria. Sua fé nela era inabalável, mesmo agora. Ele provavelmente já estava a meio caminho de Nightshade. Teria que abandonar sua ilha em meio às invasões das criaturas. Teria que deixar seus amigos lutarem sem ele...

Tudo isso porque ela acreditava que faria a sua parte descobrindo a localização do bastão estelar.

Ela tentara, mas não tinha mais nada a oferecer a Lark. Nada com que negociar.

Isla estava deitada no chão imundo da cela e olhou para a única janela, situada no alto da parede. Daquele ângulo, ela conseguia ver um fragmento da lua, como que a encarando. Quase completamente apagado pela estranha tonalidade do céu — peculiar mesmo na escuridão.

Mas depois ficou completamente coberto.

Sob uma nuvem escura.

Muito lentamente, Isla começou a sentir aquela semente de poder dentro de si florescer.

Seus olhos se voltaram para Lark, que dormia. Agora que estava quase curada, ela representava um risco. Mas a tempestade que se aproximava não a despertou. Lark. Era como se seu corpo estivesse recuperando todo o sono perdido, quando ela era apenas fragmentos que mal se encaixavam.

Em seguida, Isla olhou para as grades da cela. Mesmo que quisesse escapar, não conseguiria. O metal não era apenas feito de sombra, mas também estava ligado a Cronan. Ele o controlava.

Foi por isso que ele nem se deu ao trabalho de acorrentar seus prisioneiros. As tempestades podiam dar-lhes acesso aos seus poderes, mas as grades feitas de sombras não podiam ser destruídas com suas habilidades.

Ainda assim... ela seria capaz de usar seus poderes *dentro* da cela...

Seu olhar pousou novamente em Lark.

A tempestade estava passando rapidamente. Ela podia sentir suas habilidades se afastando junto com ela. Mas como usaria seus poderes para obter essa

informação de Lark? A última coisa que ela queria era duelar com sua ancestral tão de perto. Se ao menos ela pudesse ler sua mente...

Por que ela não poderia? Seu pai era Nightshade. Ela tinha esse poder dentro de si.

E durante aquelas longas e dolorosas sessões de tortura... Cronan havia lhe ensinado tudo o que ela precisava saber.

Isla fechou os olhos, concentrando-se, e em instantes, sombras emanaram de sua essência. Elas dispararam em direção a Lark, tão rápidas que se tornaram invisíveis.

Ela era cuidadosa, delicada, como um sonho que inundava a mente de Lark, como a maré que subia. Sua ancestral se mexeu levemente, mas não despertou.

Isla não tinha muito tempo. Ela sentia os resquícios de suas habilidades se esvaindo.

Ela sabia como procurar o que precisava. Cronan havia lhe mostrado isso repetidas vezes. Ela vasculhou a mente de Lark até se deparar com memórias de algumas semanas atrás. De volta a Nightshade.

Ali. As últimas lembranças de Lark com o dispositivo de portal de Isla. Um sorriso lento surgiu no rosto de Isla.

Você e eu... não somos tão diferentes assim ... Cronan havia dito.

Ela não sabia se isso a tornava tão má quanto ele, mas não se importava. Ela vasculhou a mente de Lark em busca da localização do bastão estelar — e o pegou.

Oro não pareceu surpreso por ela ter obtido a informação. Quando ela disse isso, ele deu de ombros.

“Eu sempre acredito em você.”

Ela corou. Era uma tolice, na verdade, porque qualquer outra pessoa veria toda a sua vida como uma longa sequência de erros. Más decisões. Mas Oro olhou para ela e viu primeiro o lado bom.

“Você está em Nightshade”, disse ela, reconhecendo o castelo ao redor dele. Ali fora seu lar. De alguma forma, ela tivera vários lares, mas nenhum que jamais lhe parecera completamente seguro e pleno. Perigos distantes e obstáculos futuros sempre a impediam de se enraizar em algum lugar.

Oro assentiu com a cabeça. "Astria me deixou entrar no castelo. Preparou um quarto para mim. O conselho, como você pode imaginar, não está nada satisfeito."

Ela quase sorriu, imaginando as reações deles. "Você... você deve estar exausto." O que ela quase disse foi que ele *parecia* exausto. Ele devia ter voado a toda velocidade. Havia manchas roxas sob seus olhos. A última vez que o vira tão cansado fora durante o Centenário.

Quando ele estava morrendo.

"Vou ficar bem", disse ele. Ele a olhou nos olhos significativamente, e ela soube que ele havia percebido sua preocupação. Ele a conhecia como a palma da mão. "Como você está?"

"Eu vou ficar bem", ela repetiu.

Um longo silêncio se seguiu. Eles entenderam que ambos guardavam segredos. Não era por maldade. Ela não queria que ele se preocupasse. Ela suspeitava que ele sentia o mesmo.

“Como vai?”, perguntou ele finalmente. “Com... ele?”

Ela deu uma risada frágil. "Quer que eu explique como estou tentando seduzir meu marido?"

Suas palavras foram leves, mas Oro se virou. Sua mão se fechou em punho. O rosto de Isla corou de vergonha. Ela não tinha a intenção de magoá-lo.

“Desculpe, eu—”

“Está tudo bem, Isla. Como vão as coisas?”, perguntou ele novamente.

“Não estou bem.”

Ele pareceu surpreso com isso. "A devoção dele por você..."

"Eu sei." Ela sabia melhor do que ninguém. Deu de ombros. "Mas ele era assim antes também. Quando nos conhecemos. Pior, até... Mas agora, não temos tempo..." Ela pressionou a cabeça contra os joelhos.

“O que foi?”, perguntou ele. “O que está te preocupando?”

Isla respirou fundo e deixou escapar um medo profundo do fundo do coração. "E se tudo o que nos uniu foi apenas o acaso?"

Antes, Grim estava sozinho e desesperado. Aqui, em Skyshade, ele tinha Cronan.

Talvez Grim estivesse certo. Talvez ele apenas estivesse se sentindo sozinho, e ela estivesse lá, tão desesperada quanto ele por conexão.

“Isla”, disse Oro, com tanta delicadeza que ela ergueu os olhos para ele. “Você não é alguém que se deixa amar pelas circunstâncias.”

Ela soltou um suspiro profundo. Ele se inclinou para mais perto.

“Você é amado de propósito. Eu prometo.”

Seus olhos ardiam com lágrimas. "Eu não... eu não sei o que fazer. Não sei nem se vou conseguir falar com ele antes que..." Ela interrompeu a frase para não chorar.

Oro preencheu o silêncio, assim como preenchera a escuridão. "Eu sei que você será capaz", disse ele. "Da mesma forma que eu sabia que você encontraria a localização do dispositivo de portal."

“Você tem muita fé em mim”, disse ela.

Oro apenas sorriu. "Não", disse ele. "Você simplesmente tem muito pouco." Ele estendeu a mão, e ela segurou a dele como se fosse uma tábua de salvação. Uma âncora. As mãos dele estavam quentes como fogo, e reacenderam a chama em seu coração. "Não pare agora, Isla. Ele te amava. Lembre-o disso. Encontre forças para continuar."

"Encontre a sua chama", ela sussurrou.

Ele piscou, parecendo surpreso. "O quê?"

“Encontre sua chama”, ela repetiu. “É isso... é isso que você me disse.” Ele franziu a testa, como se não se lembrasse. “Eu ouvi isso na minha mente... quando

Eu estava num momento muito difícil. Você... você estava dizendo isso."

Ele parecia pensativo. "É algo que minha mãe costumava me dizer quando eu era muito jovem. Guardei isso comigo."

Isla apenas olhou para ele. "Você encontrou sua fogueira?", perguntou ela.

Seus olhos não se desviaram do rosto dela enquanto ele dizia: "Sim, eu fiz."

Seu coração estava pesado. Ela sabia o que ele queria dizer. "Isso te magoou, não é?"

Sua expressão não mudou. Ele apenas assentiu com a cabeça. "Valeu a pena." Ele estendeu a mão, como se fosse colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha dela, antes de dizer: "Mas valeu a pena."



ORO

Lynx o esperava do lado de fora do castelo Nightshade, andando de um lado para o outro, inquieto.

“Acabei de falar com ela”, disse Oro. “Ela está bem. Ela me disse onde está o dispositivo de teletransporte.”

A grande pantera curvou a cabeça, e Oro estendeu a mão. No instante em que seus dedos roçaram a pelagem de Lynx, seus sentidos foram dominados.

Uma dor lancinante percorreu sua cabeça, como se estivesse sendo aberta ao meio. A imagem se transformou em mãos cobertas de cacos de vidro. Em seguida, flashes de sangue na parede. O ponto de vista de Isla, enquanto seu crânio era arremessado contra ela.

Finalmente, Oro viu seu rosto. *Sombrio* . Oro quase se sentiu aliviado ao ver que ele estava bem, até que a cena mudou. E então—

Oro cambaleou para trás, com chamas crepitando em seus punhos.

Grim estava a poucos centímetros de distância, prestes a beijá-la.

Oro sentiu uma estranha mistura de raiva e tristeza, mas também esperança de que estivesse funcionando, de que Grim ajudaria Isla. Ela precisava dele para voltar a este mundo. Ele olhou para Lynx, que parecia apenas preocupada.

“Vamos trazê-la de volta”, disse Oro, aproximando-se da criatura. Lynx baixou a cabeça, desta vez em luto, e Oro pressionou a bochecha contra a dele em sinal de conforto. “Eu prometo, vamos trazê-la de volta. Custe o que custar.”

"Ele gosta muito mais de você do que gosta do Grim", disse uma voz atrás dele.

Oro se virou e viu Astria, general de Grim — e prima de Isla — carregando um grande barril com as duas mãos em direção aos estábulos, cambaleando com o peso. As espadas cruzadas que ela sempre usava no peito brilhavam à luz da manhã.

Ela percebeu o olhar dele fixo no conteúdo do barril e suspirou. "Você não faz ideia do trabalho que dá alimentar ele e o Wraith. Este aqui, pelo menos, se alimenta sozinho na maioria das vezes", disse ela, apontando com o queixo para Lynx. Ela olhou para Wraith com carinho. "Aquele é mimado."

Wraith sorriu como se fosse um elogio. Em seguida, devorou tudo o que havia naquele barril em não mais do que duas mordidas, antes de olhar para Astria com expectativa.

A Beladona suspirou. "O cozinheiro disse que você levou toda a carne que ele tinha! Todo mundo está comendo legumes. Estamos racionados!"

Wraith simplesmente piscou.

Astria balançou a cabeça. Virou-se para Oro. "Por favor, diga-me que eles voltarão logo." A expressão no rosto de Oro fez com que sua postura casual se tornasse séria. "É ruim, não é?"

Oro imaginou que Lynx não estava lhe dando as mesmas atualizações. "Seja lá o que você esteja pensando, é pior."

Ela praguejou. "Do que você precisa?"

Momentos depois, Lynx e Wraith os levaram até o local onde Isla havia indicado que o dispositivo de portal estava escondido. Oro simplesmente precisou tocar a testa de Lynx para transferir a informação. A pantera fez o resto.

Quando Oro deslizou das costas da criatura, deparou-se com um campo simples. Lark havia escondido o dispositivo de portal nas profundezas de Nightshade, em túneis que ela escavou com seu poder Selvagem.

Ele estava parado exatamente onde o dispositivo deveria estar. Apenas quilômetros de rocha os separavam.

“Posso tentar encontrar a entrada dos túneis, ver se é mais fácil por esse caminho”, disse Astria. Ela e Enya já vinham monitorando os movimentos de Lark antes.

Oro balançou a cabeça. "Isla disse que Lark estava fazendo os túneis e fechando-os enquanto caminhava."

Astria praguejou novamente. Oro concordou com a cabeça.

Eles não tiveram escolha a não ser romper a rocha. Astria, Lynx e Wraith se moveram para o outro lado do campo. Oro respirou fundo e, em seguida, enviou uma onda de energia para baixo. O chão tremeu e se fraturou. Ele voou para o ar, esperando a nuvem de poeira e rocha se dissipar.

Ele só conseguiu avançar alguns metros. Segundo informações de Isla, o dispositivo estava *a quilômetros* de profundidade.

Ele ainda estava olhando para baixo quando Astria apareceu e disse: “Minhas sombras não são de muita ajuda aqui. Eu poderia pedir ao resto de nossas forças para cavar, mas—”

Eles não tinham tempo suficiente. Um Selvagem poderia fazer isso facilmente. Mas todos eles haviam sido transferidos para outras terras durante a batalha. Seu vínculo amoroso com Isla era inútil, já que os poderes dela estavam bloqueados.

Oro fechou os olhos com força. Ele precisava de Isla e Grim ali. O mundo deles precisava deles. Nunca tinha sido tão claro quanto agora.

Ele não sabia como conseguiria, mas começou a cavar.

Horas depois, Oro estava cansado e exausto. Mesmo assim, ele continuou disparando onda após onda de energia contra a rocha.

O solo estava coberto de minério e era difícil de penetrar. O suor escorria pelo seu rosto sujo de terra enquanto ele continuava, mesmo com a energia se esgotando.

Nas profundezas subterrâneas, a luz mal o alcançava. O isolamento frio e escuro apenas alimentava a preocupação que fervilhava em seu peito. E se feras

estivessem devastando Lightlark naquele exato momento? E se seus amigos precisassem dele?

Ele esperou sentir as pontadas de dor familiares que indicariam que a ilha estava em perigo, mas não as sentiu. Agarrou-se à esperança de que isso significasse que tudo ainda estava bem.

E quanto a Isla? Ela estava bem agora? Sua energia aumentou ainda mais ao se lembrar dos flashes de imagens que Lynx lhe mostrara. O sangue. Ele não sabia quem tinha feito aquilo com ela, mas queria matar quem quer que fosse. Lentamente. Imaginou quebrar cada um dos dedos que ousaram machucá-la, depois incendiar a pele deles. Congelá-los. E então incendiá-los. Repetidamente, até que seus ossos virassem cinzas e o sangue fosse apenas uma mancha sob suas botas.

Seu único consolo era saber que a mulher que amava os mataria assim que tivesse a oportunidade.

"Amar você me torna assassino", sussurrou ele para a escuridão infinita enquanto sua energia avançava mais uma vez. O chão uivou ao se partir ao seu redor, lançando pedaços que só foram bloqueados por uma parede de energia cintilante. Outro clarão de luz prateada. "Amar você me torna imprudente", disse ele, sentindo-se alcançar o fundo daquela cratera profunda de poder dentro de si. Até que sua energia se dissipou.

Seus joelhos cederam, batendo no chão irregular. Suas palmas pressionaram a terra. Ele olhou para cima — e não conseguiu ver o céu. A escuridão o havia bloqueado.

Ele tentou usar suas habilidades e percebeu que não tinha força suficiente nem para voar. Virou-se de costas, tão cansado que só poderia dormir ali, no fundo da terra.

Era como estar a quilômetros de profundidade no mar com Grim. Ambos impotentes. Mas pelo menos, eles tinham um ao outro. Mesmo em meio ao ódio, eles alimentaram a força um do outro. Ele não teria conseguido sair dali sem ele.

Então, o que aconteceria agora, quando ele estivesse sozinho?

Oro lutou para manter os olhos abertos, mas não conseguiu. E enquanto seu corpo permanecia imóvel contra a terra, ele não pôde deixar de pensar que tudo o que havia conseguido fazer era cavar a própria sepultura.



ILHA

Isla ainda estava pensando nas palavras de Oro durante o jantar quando ouviu seu nome ser mencionado.

Sua cabeça foi puxada para cima por uma força invisível. Cronan a olhava com expectativa. Grim também.

"Sim?", perguntou ela, representando seu papel.

“Eu disse... Acho que está na hora de você mostrar aos outros lordes por que você será tão valioso quando se juntar a nós.”

Isla engoliu com força o último pedaço de comida. Um vegetal roxo tostado com um brilho adocicado que ela admitia esperar ansiosamente todas as noites.

Um dos outros lordes — um homem particularmente pomposo que sempre mastigava de boca aberta — disse: "Um duelo? Finalmente?"

Cronan sorriu. "Paciência, Alaric. Ela terá seu duelo... se decidir não se juntar a mim", disse ele. O pânico percorreu sua espinha.

E o controle que ele exercia sobre os poderes dela foi quebrado.

Isla cambaleou para a frente, enquanto o sangue lhe corria pelas veias. As nuvens em sua mente se dissiparam. Era mais fácil se mover. O veneno havia passado. Ela finalmente podia respirar fundo.

Isso foi um teste. Da última vez que ela teve acesso aos seus poderes na presença dele, ela conseguiu escapar. Desta vez...

Ela permaneceu imóvel. Mesmo sentindo o olhar de Grim fixo em seu rosto.

Ela não iria embora sem o marido.

“Bem, então”, disse Cronan, arrastando as palavras e incentivando-os. “Por que você não mostra a eles?”

Ela não se mexeu.

Ele inclinou a cabeça. "Não? Talvez você só precise de um pouco de incentivo." Ele olhou ao redor da mesa. "Se alguém conseguir derrotá-la, eu lhe darei o planeta de sua escolha na nova galáxia que conquistarmos. A segunda escolha é logo depois de mim."

Imediatamente, todos os lordes se inflamaram com um poder sobrenatural. Voltaram-se para ela, com olhos famintos, como se tivessem esperado vários dias pelo momento de finalmente feri-la. Investiram.

Isla cerrou os punhos.

E cada um deles foi arremessado contra a parede. Um foi preso por uma parede de chamas. Outro por sombras. Outro por correntes de energia. Outro por redemoinhos de vento. Outro por todo o vinho na mesa. Outro por um pedaço

irregular da própria mesa.

Os únicos que ficaram em suas cadeiras foram Grim, Cronan e Isla.

O marido a observava atentamente de lado. Foi então que ela percebeu que sua sombra havia se desprendido do chão e se multiplicado, cada uma empunhando lâminas sombrias e ecoando atrás dela. Poderes roubados. De Sairsha. Multiplicação de um dos outros seguidores do profeta, provavelmente.

Cronan bateu palmas. Seu aperto se firmou sobre seus ossos mais uma vez, e todos os seus poderes desapareceram. Ela se sentiu vazia sem eles.

Os homens foram libertados das habilidades de Isla, relativamente ilesos — exceto pelo orgulho. Eles se entreolharam, com os olhares aguçados, mas se recompuseram e seguiram o exemplo de sua senhora, aplaudindo Isla. Ela apenas os encarou de volta.

“Agora você vê”, disse Cronan, “o poderoso acréscimo que ela trará.”

Quando Grim a acompanhou até a cela, eles nem tinham chegado às masmorras quando ele disse: "Por que você não fugiu?"

Ela bufou. "Ele teria mandado você atrás de mim de novo."

“Uma tempestade foi invocada pelo seu poder. Você poderia tê-lo usado.”

Ele tinha razão. Ela poderia ter ido. Ela olhou para ele. "Não vou embora sem você."

Ele franziu a testa. "Então acho que você não vai embora."

"Talvez não", disse ela, num sussurro. A porta da masmorra abriu-se com um estrondo.

“Por que você simplesmente não desiste?”, perguntou ele, parando naquele corredor escuro. Quase não havia luz, mas ela podia sentir a confusão e a raiva estampadas em cada traço do seu rosto. “ *Por que você não foi embora* ?”, exigiu ele novamente.

Ele disse isso com indignação, como se ela fosse uma idiota, mas ela manteve a cabeça erguida.

“Porque você não teria me deixado”, disse ela.

Um momento de silêncio se interpôs entre eles. E por aquele segundo, eles apenas se encararam. Finalmente, ele balançou a cabeça. "Essa pessoa... essa pessoa que você amava não existe."

“Você está enganada”, disse ela.

Ele a encarou com raiva. "Eu imaginaria que me conheceria melhor do que *você* ."

Ela balançou a cabeça. "Não quando tanta coisa está faltando." Deu um passo em direção a ele. "Você me fez esquecer minhas memórias. Nossa história inteira. Um ano inteiro de amor... perdido. Você achou que isso me salvaria." Ele franziu a testa, assimilando a informação. Ela deu mais um passo. "Eu te odiava. Eu estava em *guerra* com você. Então eu me lembrei. Eu sei o que é esquecer." Mais um passo. "Você pode continuar me dizendo que eu não te conheço, ou que você nunca poderia amar alguém como eu, mas a prova do seu amor está bem aqui, no meu pulso."

Sem desviar o olhar do dele, ela deslizou a mão lentamente pela barriga. Subiu pelo peito. Grim acompanhou seus movimentos com atenção implacável.

Ela não tinha certeza se ele estava respirando. Seus dedos subiram lentamente pelas clavículas até a garganta. Pararam ao redor do diamante. Ela tocou a pedra lisa, e Grim estremeceu, como se pudesse senti-la. Talvez pudesse.

“Esta é a prova de que sou sua.” Ele ficou imóvel ao ouvir as palavras dela. Ela deu um último passo em sua direção. “E você é meu.”

"Não pertenço a ninguém", ele cuspiu as palavras.

"Tem certeza?", perguntou ela. "Cronan parece achar que você pertence a ele."

Grim lançou-lhe um olhar fulminante, mas ela soube que o comentário o tinha irritado profundamente quando ele se inclinou, rápido como um raio, e a puxou para si pelo diamante. Ela ofegou ao cambalear para a frente, parando pouco antes de bater no peito dele.

"Talvez eu queira essa pedra só para mim", sibilou ele, bem na cara dela. "Talvez eu te mate agora mesmo."

Isla não recuou. "Você pode tentar, mas nossas vidas estão ligadas", disse ela. Ela sorriu ao ver a expressão de descrença no rosto dele. "Não estou mentindo. Você deu a sua vida por mim. Para me salvar. Se eu morrer, você morre."

Ele a olhou de cima a baixo com desgosto. "De todas as coisas que você tentou me convencer, acho que esta é a mais ridícula." Ele zombou. "Eu jamais vincularia minha existência à de outra pessoa. Muito menos à de alguém tão insignificante quanto você."

Ele soltou o diamante, e a ela também, e se virou para continuar caminhando pelas masmorras.

Chega . Ela sabia que o marido podia ser um canalha, mas ele estava tornando muito difícil amá-lo.

Como ela não o seguiu imediatamente, ele parou. Seus ombros estavam rígidos. Ele se virou bruscamente.

“Consigo me ver da minha cela”, disse ela.

Suas mãos se contraíram antes de se fecharem em punhos. "Perdoe-me se eu realmente não confio em você para fazer isso."

Ela apenas deu de ombros. "Então os cavaleiros vão me pegar." Ela fez um gesto de mão, dispensando-o. "Volte para o jantar. Tenho certeza de que seu ancestral sente sua falta."

Uma veia em seu pescoço tornou-se visível. Ela encostou-se à parede e o encarou, como se tivesse todo o tempo do mundo para observar sua raiva crescer.

"Você é um idiota irritante que me *enche o saco* ", ele cuspiu as palavras.

Ela não se deixou afetar pelos insultos dele. "Já ouvi tudo isso antes. De você, aliás."

Seu lábio se curvou em um rosnado. "Você nunca aprende? Você nunca para?"

“Acho que não. E você?”

Suas mãos tremiam ao lado do corpo, em pura fúria. Parecia que ele estava se esforçando ao máximo para não destruir o corredor com suas sombras. "Vou te teletransportar. É isso que você prefere?"

Ela se afastou da parede e passou por ele. "Usar seus poderes para resolver problemas? Típico *de você* ."

"O que isso quer dizer?", perguntou ele.

Ela simplesmente continuou andando à frente dele. "Você sempre diz que as pessoas são definidas por quem são sem seus poderes. Mas você adora usá-los, não é?"

Ela podia sentir o olhar dele fixo em suas costas. No instante seguinte, estava contra a parede novamente. Mas desta vez, sua cabeça estava visivelmente protegida pelas sombras dele. Elas acariciavam sua pele como *se se lembrassem dela* .

As mãos dele estavam pressionadas contra a pedra de cada lado da cabeça dela, como se ele estivesse tentando não tocá-la. Ele se inclinou para frente, para poder olhar nos olhos dela. Seus cabelos estavam cacheados e despenteados, como se ele os tivesse passado pelos dedos. Ele fazia isso quando estava frustrado. Com os braços erguidos dessa forma, a barra da camisa subiu. Ela viu um vislumbre de músculos familiares e uma onda de calor percorreu seu corpo ao vê-los.

“ *Pare* ”, ordenou ele.

Ela franziu a testa. "Parar o quê?" Ela nem se mexia. Nem falava.

“Suas emoções”, ele rosnou. Ah. Ele conseguia sentir o desejo dela. Claro que conseguia.

Na verdade, ela vinha sentindo uma série de emoções, mas agora que havia mencionado isso... uma lembrança lhe veio à mente. Deles. Encostados em uma parede. Fazendo algo que não fosse discutir.

Sua respiração ficou mais pesada. " *Pare* ", disse ele, num apelo rouco.

Ela não estava tentando. Sabia que ele estava sendo horrível e que estavam em uma masmorra. Mas ele era seu marido. Ela o amava. *Sentia saudades* dele. Fazia muito tempo que não estavam juntos. Ela não conseguia olhar para o rosto dele sem desejá-lo, não quando ele a encarava com *a* mesma intensidade com que ela o encarava. Imaginou que, se pudesse acessar as habilidades dele, também sentiria desejo da parte dele.

E talvez seja por isso que ele estava tão irritado. Não eram as emoções *dela* em si, mas sim o que elas despertavam nele.

“Não estou fazendo nada”, disse ela, com o pulso acelerado.

“Você está fazendo… *tudo* ”, disse ele, com a voz carregada de uma contenção mal contida. Suas mãos se contraíram contra a parede. Ele fez uma careta como se estivesse travando uma guerra dentro de si. Fechou os olhos com força.

Após um instante, com o que pareceu ser puro e absoluto controle, ele se endireitou. Sem dizer uma palavra, saiu caminhando pelo corredor.

Ela permaneceu onde estava — pressionada contra a parede, com o coração acelerado.

Ela tinha acabado de baixar o olhar para o chão, desapontada, quando ouviu os passos dele diminuírem. Ele se virou.

"Que se dane", disse ele, e então sua boca estava na dela.

Ela soltou um suspiro de surpresa, e então seu sangue ferveu quando ele separou seus lábios. Beijar Grim foi como se a primeira vez e todas as vezes desde então tivessem se misturado.

A língua dele roçou a dela e chamas a percorreram, e ela gemeu quando as mãos dele se curvaram sob ela para erguê-la à sua altura, para que ele pudesse beijá-la como deve ser.

As pernas dela se entrelaçaram atrás dele, e ela não deixou de ouvir o som estrangulado que ele emitiu no fundo da garganta. Ele quase pareceu que ia se afastar, mas, em vez disso, se aproximou ainda mais, pressionando-a firmemente contra a parede enquanto a devorava.

Ele não se lembrava de quantas vezes já a havia beijado. Em sua mente, era a primeira vez que fazia aquilo. E ela notou as semelhanças daquela vez em seu quarto. Como ele era um pouco desajeitado, um pouco brusco, como ele nem parava para respirar, como se não conseguisse se conter e a desejasse.

As mãos dela envolveram o pescoço dele, puxando-o para mais perto, e ela sentiu o pulso dele acelerado contra seus dedos. Quando ele finalmente se afastou, estava ofegante. Os olhos dele encontraram os dela, brilhantes e cintilantes, e então ele mergulhou de volta para mais. Rosnou quando ela mordeu seu lábio inferior, enquanto ela entrelaçava os dedos nos cabelos dele e puxava.

Então, os lábios dele deslizaram pela garganta dela, e ela emitiu um som que ele pareceu gostar, pois murmurou contra a garganta dela, e então ela sentiu os dentes dele roçando levemente sua pele sensível, e foi o eco de quando ele a mordeu ali durante a Batalha do Penhasco de Creetan. Ela arqueou os quadris enquanto ele descia mais, desesperada por fricção, desesperada para sentir o calor dele contra ela.

Ela se moveu apenas levemente, rolando contra a rigidez dele — e a boca dele parou em seu caminho ao longo de suas clavículas. Ele recuou.

É isso aí , pensou ela. O momento em que ele finalmente pôs fim a isso.

Mas, em vez disso, ele disse, com uma voz escura e áspera como a pedra atrás deles: "Façam isso de novo".



SINISTRO

Ela se esfregou lentamente contra ele, e ele gemeu.

Ele *gemeu* . Estava perdendo a cabeça.

“Diga-me o que você quer”, disse ela.

Ele estava impotente diante da intensidade de seus sentimentos enquanto balbuciava: "Você." *Você* .

“Você já me tem”, ela sussurrou em seu ouvido, e fez de novo, arqueando os quadris, e ele governara por séculos, reprimira suas emoções durante a maior parte desses anos, fora um guerreiro eficiente e implacável no campo de batalha...

Mas naquele momento, ele perdeu completamente o controle.

Porque ele estava praticamente se afogando no desejo dela. A cada movimento que ela fazia, esse desejo florescia, inebriante e doce, e só fazia o dele crescer exponencialmente.

O que você quer?, ela perguntou, e ele desejou ter força suficiente para lhe fazer a mesma pergunta. Desejou não estar tão ansioso para lhe dar *tudo o que ela queria* .

Mas ele a desejava. Ele a queria de uma forma profunda e insidiosa, que parecia uma maldição em si mesma. Uma maldição que ele nunca quis quebrar.

Não. Ele queria aproveitar. Queria aproveitar a companhia dela.

Ele olhou para o peito dela, que transbordava daquele vestido ridículo... e através do tecido fino, viu a prova de sua excitação. De sua sensibilidade. Ela olhou para ele e deve ter percebido a direção do seu olhar, porque disse: " *Por favor* ".

E ouvir aquela palavra dela... ouvi-la implorar para que ele a tocasse...

Suas sombras cortavam as alças do vestido, e a parte de cima caía até a cintura dela, revelando seu peito, e—

Porra . Ela era tão perfeita quanto aquela lembrança que ele havia repetido um milhão de vezes. Mas tê-la ali na frente dele, sentindo-a corada e se contorcendo contra ele, o corpo tenso de excitação...

Isso o fez perceber que nunca havia conhecido o verdadeiro desejo. Não antes daquele momento. Não antes *dela* .

Ele não conseguiu esperar nem mais um instante. Abaixou-se, tomou-a com a boca, e o suspiro dela o atingiu em cheio.

Ela gostou . Ele fez de novo. Ele chupou e mordeu de leve, e aqueles sons que ela estava fazendo...

Ele queria que o som ecoasse pelo seu quarto. Queria transportá-la para lá agora mesmo e fazer coisas que nunca tinha feito antes, só para ouvi-la suspirar o seu nome. Moveu-se para o outro ponto sensível dela, aprendendo exatamente o que ela gostava, e então fazendo. Suas sombras deslizavam pela pele dela, como extensões de si mesmo, tocando mais dela, e ela praguejou.

Aquela boca ... As coisas que ele imaginava que ela faria com ele...

O corpo dela se contraiu contra o dele novamente, e de repente ele não tinha outro propósito na vida a não ser fazer aquela mulher irritantemente linda se desmanchar.

Com as mãos em volta dos quadris dela, ele a puxou contra si, aumentando gradativamente a velocidade. Encostou a testa na dela com firmeza para que ela o olhasse. Ele não queria perder um só instante daquilo. Era a coisa mais atraente que já vira na vida, ajudá-la a usá-lo para encontrar prazer. Aquilo lhe proporcionava uma satisfação imensa.

Ele já havia feito muito mais do que isso inúmeras vezes antes. Suas roupas ainda estavam praticamente intactas. Mas, por algum motivo, aquele simples encontro naquele salão fazia seu coração disparar tanto que ele conseguia ouvi-lo. Fazia seu corpo sentir como se cada nervo, finalmente depois de séculos, tivesse se ativado.

Pelo som da respiração dela acelerada, pelos gemidos que escapavam de seus lábios entreabertos e pelas bochechas coradas, ele esperava que ela desabasse.

O que ele não esperava era terminar o relacionamento com ela.

No mesmo instante em que ela arquejou, convulsionando contra ele, ele também se contraiu. Suas sombras flamejaram, arranhando a parede. A pedra estilhaçou e rachou sob sua força. *Merda* .

Eles ficaram ofegantes, olhando um para o outro. Os olhos verdes dela nunca pareceram tão brilhantes.

E... isto era ruim. Ele pensara, talvez, que tê-la uma vez o livraria dessa obsessão irritante. Mas não funcionou. De jeito nenhum. Porque agora, ele a desejava mais do que nunca. Ele podia sentir o desejo dela, e o seu, e a bagunça que ambos haviam feito, e queria fazer mais. Queria virá-la contra esta parede, levantar este vestido e senti-la se contorcer ao seu redor.

Ele a deitou lentamente no chão para poder se afastar dela.

“Grim, eu—”

Não . A voz dela. O rosto dela. *Tudo nela* .

Ele não podia fazer isso. Não podia ficar perto dela. Se permanecesse ali por mais um instante, a teletransportaria para algum lugar onde pudessem repetir aquilo indefinidamente, sem consequências. Ele correria a toda velocidade rumo ao destino que o aguardava.

O que ele estava pensando? Ela estava o levando à ruína. E ele estava permitindo.

Ele forçou um sorriso irônico, para dizer: "Você achou que isso ia funcionar? Achou que isso ia me fazer lembrar?" Ele zombou. "Tudo o que isso fez foi me fazer perceber que eu devia estar te usando o tempo todo."

Isla se arrepiou como se tivesse levado um tapa. Parecia que ela ia *lhe dar um*

tapa . Antes que pudesse, ergueu o queixo, virou-se nos calcanhares e caminhou até sua cela. Ele ouviu a porta se fechar atrás dela.

Só então ele se permitiu encostar-se na parede e praguejar.



SINISTRO

Grim jazia em sua cama, tomado pela raiva e pelo arrependimento. Como pôde se deixar dominar dessa forma? Ele era mais forte do que isso. Ela não era *nada* . Ele vivera séculos, sobrevivera a inúmeras batalhas. Fora implacável, sua mente uma fortaleza inabalável.

Mas no instante em que ela se contorceu sobre ele, ele perdeu completamente o controle.

" *Porra* ", praguejou ele, remexendo-se desconfortavelmente, já dominado pela lembrança. Nunca se sentira assim em toda a sua longa vida. Nem de perto. Os encontros que tivera fora bons, esquecíveis e com um propósito. Nunca sequer sentira vontade de beijar ninguém até então.

Mas isto... isto foi como uma onda que o arrastou para longe. Como se ele tivesse descoberto uma outra forma de gravidade. Como se tivesse acabado de descobrir uma sensação completamente nova.

Ele rosnou ao sair da cama. Precisava sair daquele quarto. Daquela cabeça imunda. Quase amassou a porta ao empurrá-la, fazendo os atendentes que esperavam do lado de fora sobressaltarem-se.

Ele não lhes dirigiu um olhar sequer. E enquanto caminhava furioso pelos corredores, tudo em que conseguia pensar era nela. Em como a havia pressionado contra as paredes de pedra da masmorra. Só agora percebeu que ela poderia estar com frio. Mas sob seus lábios, a pele dela estivera quente.

Não . Ele não ia pensar na cor da pele dela. Ela era prisioneira por um motivo. Ela era a maior ameaça para ele e seu reino. Não havia como negar.

Então, por que a ideia da morte dela o fazia franzir a testa, além da possibilidade de isso levar à sua própria morte? Por que ele quase destruiu aquela fortaleza quando viu aqueles cavaleiros tocarem nela?

Grim entrou na sala da galáxia. Cronan estava lá, como sempre, contemplando tudo o que havia conquistado.

"Mostre-me novamente", disse Grim.

Cronan olhou para ele de relance. "O quê?"

“O futuro. Quero vê-lo.”

Cronan não fez mais perguntas. Em uma nuvem de fumaça que emanou do amuleto em sua coroa, lá estava ela. Quase igual a como estava agora. Olhando para ele. Dizendo que o amava.

Em seguida, esfaqueou-o no coração.

"De novo."

Ele repetiu.

" *De novo* ."

Cronan mostrou-lhe repetidamente. Então, quando se cansou de seu descendente, continuou a visão enquanto saía da sala.

Grim não sabia quanto tempo ficou ali observando. Devem ter sido horas. A essa altura, ele já havia memorizado cada nuance de sua voz. Cada expressão em seu rosto. Cada linha da lâmina intrincada.

O som que fez ao entrar em seu peito.

Até que ele finalmente conseguiu respirar normalmente de novo.



ORO

Oro acordou sentindo um movimento no peito. Era apenas um sussurro que se transformou em um grito.

E de repente, uma parte enorme dele estava inteira novamente. *Isla* .

Ele abriu os olhos e só viu escuridão, mas podia sentir a energia dela. Sentir a conexão. Sentir as habilidades dela.

Ele não hesitou. Qualquer que fosse a oportunidade fugaz, ele não a desperdiçaria. Mesmo com as forças em frangalhos, ouviu aquelas palavras em sua mente.

Encontre a sua paixão .

Dessa vez, os dela encontraram os dele.

Com seus poderes de Selvagem fluindo através da ligação que ainda existia, mesmo depois de tudo, Oro se voltou para aquele chão frio e irregular. Então, ele atravessou a rocha compacta que vinha minerando por meio dia como se fosse manteiga. Até que, finalmente, alcançou aquele dispositivo de portal brilhante. No instante em que o teve em suas mãos, a habilidade de Selvagem desapareceu. Aquela ponte foi destruída mais uma vez.

Mas esses poucos momentos de força foram suficientes para fortalecer a sua própria.

Ele agarrou o graveto com os dedos cobertos de sangue e sujeira, olhou para a superfície e voou direto para ele, com o vento a favor e toda a energia que lhe restava à espreita. Até que a luz do sol finalmente o banhou e ele pôde respirar ar puro. Aterrissou cambaleando, mas Lynx o amparou.

Ele estava esperando ali. Wraith também. E Astria também.

"Você conseguiu", ela sussurrou, olhando para o objeto em suas mãos.

"Com ajuda", disse ele, com a voz rouca e seca.

“Mais ajuda está a caminho”, disse Astria. E isso quase o fez cair de joelhos de alívio. Ela estava certa. Com o dispositivo de portal agora em sua posse, mais ajuda finalmente poderia chegar até eles.

Astria insistiu que ele comesse e bebesse antes de fazer qualquer outra coisa, mas Oro recusou. Ele estava coberto de terra quando Isla estendeu a mão novamente.

Ela estava com mais um vestido que se acumulava ao seu redor, pois estava sentada no chão. Ele imaginou que ela ainda estivesse em uma cela, mas naquele momento parecia que ela estava no quarto que Astria gentilmente preparara para

ele.

Ele a examinou rapidamente, como sempre fazia, em busca de ferimentos. Desta vez, porém, o que ele notou não foram marcas. Ele viu as rugas e os rasgos no tecido. As alças pareciam ter sido cortadas e depois amarradas às pressas em volta do pescoço dela.

Ele engoliu em seco. Ela olhou para o próprio corpo e corou, pressionando os joelhos contra o peito.

"Imagino que... as coisas estejam melhorando com o Grim?", perguntou ele, tentando reprimir todas as suas emoções pelo bem de ambos.

Ela apenas acenou com a cabeça uma única vez.

Ele respirou fundo e fechou os olhos. Conseguia priorizar a razão em detrimento dos sentimentos. Fazia isso há séculos. Conseguia fazer de novo.

Com a mão ainda trêmula, tanto pelo esforço quanto por emoções que ele preferia não nomear, ergueu o dispositivo de portal. "Como eu uso isso?", perguntou. Pelo menos esse era um assunto seguro.

O sorriso de Isla era puro alívio ao vê-lo em sua posse. Ela também devia estar feliz por vê-lo. Oro sabia o quanto ela amava aquela relíquia. Como ela a libertara de seu quarto de selvagem, como ela a usara para explorar o mundo antes do Centenário.

Como ela usou isso para conhecer Celeste. E Grim.

Talvez não houvesse mais assuntos seguros entre eles...

"É preciso um pouco de prática", disse Isla, tirando Oro de seus pensamentos.

Ela explicou como visualizar o destino dele em sua mente, como canalizar sua energia para essa imagem, para o dispositivo, como desenhar uma poça de estrelas com ele e atravessá-la.

“É muito mais difícil ir a lugares que você nunca viu antes”, explicou ela. “E certifique-se de praticar antes de ir a algum lugar muito longe, caso você fique preso e não consiga voltar.”

Oro assentiu com a cabeça e fechou os olhos, imaginando a sala do trono em seu castelo em Lightlark. Era um lugar mais familiar do que qualquer outro.

Seu sangue pulsava enquanto ele canalizava sua energia para o objeto em sua mão. Lentamente, usou-o para desenhar um círculo no chão entre eles. A cada centímetro percorrido, mantinha o foco fixo na sala do trono. Imaginou o sol brilhando contra as paredes, o aroma de chá recém-preparado e Isla atravessando as portas na primeira noite do Centenário, completamente encharcada.

Um clarão dourado brilhou diante dele, tão intenso que ultrapassou suas pálpebras. Ele abriu os olhos e viu a luz do sol entrando pelo portal que criara. Seu trono estava bem no centro dele.

"Exibido", zombou Isla, mas quando ele olhou para ela, ela estava sorrindo.

"Você é uma boa professora", respondeu ele, e ela desviou o olhar de um jeito que o fez se perguntar no que ela estava pensando.

Um lampejo de atividade dentro do portal o despertou desse pensamento. Seus amigos estavam lá, absortos em uma conversa. O clima parecia tenso. "Devo voltar. Eu só... queria ver você primeiro."

E o jeito como ela o olhou, com a mesma preocupação e concentração, fez

com que ele se perguntasse se ela também não estaria desesperada para vê-lo.

"Vá", disse ela finalmente, com um ar de decepção. Enquanto ele se levantava, ela disse: "Fico feliz que tenha dado certo... e que apostar em mim não tenha sido em vão". Suas palavras eram leves, mas ele a conhecia.

“Nunca me arrependerei de ter apostado em você, Isla”, disse ele, erguendo-se em toda a sua altura. “Aposte em si mesma. Você nunca perderá.” Ele estava prestes a atravessar o portal quando hesitou. Havia algo mais em sua mente. Seus amigos lhe diriam para guardar isso para si, mas ele não conseguia. Ele ainda apostava nela, *sempre* apostaria que ela escolheria a luz e os ajudaria a superar tudo isso.

“Eu... eu vi algo no caminho para cá.”

Ela franziu a testa ao perceber a seriedade em seu tom de voz. "O que foi?"

“Uma piscina prateada.”

Os olhos dela se arregalaram, e Oro imediatamente soube que a piscina também havia aparecido para ela. "O que ela te mostrou?"

Ele sentou-se lentamente de novo. Segredos não os ajudariam a salvar o mundo. Ele sabia disso. Então, contou tudo a ela, todas as perguntas que fizera e todas as possibilidades que a água lhe mostrara.

Ela apenas escutou, com uma leve ruga entre as sobrancelhas.

“Eu não tinha noção do quanto de ódio eu guardava”, admitiu ele depois que terminou. “Da raiva que eu ainda sentia do meu irmão, por ele ter sido tão imprudente. Por ter provocado as maldições naquela época — e depois me deixado lidar com as consequências sozinho.”

“Mas agora você vê que as coisas sempre teriam terminado da mesma forma”, disse ela. Ele assentiu. “Lightlark tem sorte de ter você como rei.”

Seus olhos se voltaram para o chão. Ele sentiu um nó na garganta.

Ela estendeu a mão para ele, seus dedos frios envolvendo os dele. "Fico feliz que você veja o que eu sempre vi. Que você é mais do que merecemos. Mesmo nos seus piores momentos, você é melhor do que todos nós." O olhar dele encontrou o dela. Mesmo que as circunstâncias fossem incomuns, ele sabia que ela era uma das poucas pessoas que poderiam entendê-lo. Ele sabia que não estava sozinho.

Isso ficou claro quando ela disse: “Eu vi algo parecido. Sobre... a vila Nightshade. Sobre o que eu fiz.” Uma lágrima escorreu por sua bochecha. “Parece impossível me perdoar. É muito mais fácil me chamar de vilã.”

“Mas você não é uma vilã”, disse Oro, estendendo a outra mão para enxugar aquela lágrima. “Se fosse, teria se juntado a Cronan há muito tempo. Não estaria mais presa em uma cela. Teria escolhido o caminho mais fácil. E você já fez muitas coisas, Isla... mas nunca escolheu o caminho mais fácil.”

“Isso não é verdade.” Sua voz era apenas um sussurro. Ele percebeu que algo a estava incomodando. Esperou, na esperança de que ela se sentisse à vontade para compartilhar, mas sem querer ser indiscreto. Finalmente, ela disse: “Eu tive a chance de ver o futuro. De ver as consequências das minhas escolhas. E eu não vi.”

Oro franziu a testa. "Você se arrepende?"

“Não está olhando?”

Ele assentiu com a cabeça.

"Sim." Ela respirou fundo, com a voz trêmula. "Me arrependo de ter feito uma escolha por medo. Não é isso que eu quero ser. Não é isso que o nosso mundo merece. Ele merece alguém como você. Alguém forte o suficiente para salvá-lo."

Oro passou a mão pelo ombro dela e apertou. Ela estava com tanto frio. Ele enviou um pouco do seu calor para ela, na esperança de que a alcançasse. "Minha mãe costumava contar histórias sobre fênix. Ela dizia que eram como pores do sol, morrendo no horizonte, apenas para renascerem a cada manhã. Ela dizia que a força de uma fênix não estava em suas chamas, mas em suas cinzas."

Ele pensou em sua jornada até o dispositivo de teletransporte. Pensou em cada dor e desafio que enfrentara nas últimas semanas. "Cair é difícil. Levantar é pior." Ele franziu a testa. "Você diz que sou forte. Você diz que sou melhor do que este mundo merece. Mas também sou imperfeito, quebrado e fraco. Tenho arrependimentos. Tenho vergonha. Tenho momentos que me marcaram." Ele olhou para ela. "Os mais fortes não são os ilesos, Isla — são os que permanecem de pé."

Ele estendeu a mão e tocou o centro da testa dela, onde aquela marca escura ainda era visível. "E cicatrizes não são prova de fracasso, mas sim de sobrevivência."

Seus olhos brilhavam com lágrimas... mas também com fogo. Ela era a lâmina que se recusava a ser quebrada. Ela era a chama que se recusava a ser extinta.

Ele disse essas palavras por ela, mas também por si mesmo. Pois ultimamente se sentia perdido. Durante séculos, pensara que precisava fingir ser inquebrável. Pensava que se quebrar era uma falha. Agora, olhando para ela, sabia que a verdadeira força residia em nunca permanecer quebrado.

Porque Isla sempre se levantava, mesmo em circunstâncias impossíveis. Ela sempre *tentava* . E nunca fingiu ser perfeita para ele. Não, Isla era aberta sobre seus sentimentos e medos, e isso o fazia querer se abrir também. Ele percebeu que, ao querer ser forte por ela, não havia permitido que suas próprias fragilidades viessem à tona. E se perguntou se isso a fazia sentir como se ela devesse ser inquebrável.

Ele ergueu as palmas das mãos, ainda cobertas de terra e sangue. “Nenhum de nós é invencível. Não somos deuses. O dever não vem fácil. Há dias em que quero desistir e entregar esta coroa a qualquer outro. É preciso esforço para lutar, perseverar e se reerguer. E é difícil lembrar disso. É difícil levantar-se todos os dias quando é muito mais fácil permanecer no chão.”

“O que você faz?”, ela perguntou. “Para se lembrar?”

Os olhos dele encontraram os dela. "Eu me lembro de você."

Ela engoliu em seco. Ele pensou que ela pudesse olhar para o chão ou dizer que precisava ir embora, mas, em vez disso, ela disse: “Quando penso em paz... penso na nossa praia, Oro. Penso naquele mar. E... e penso em você.” Ela respirou fundo, com a voz trêmula. “Mas a paz parece uma fantasia.”

Oro desejava poder dizer a ela que *era* possível. Que paz, amor e aquela praia poderiam ser um futuro para ambos. Mas se encontrar a piscina lhe ensinara alguma coisa, era que alguns destinos eram inevitáveis. Não importava o quanto todos desejassem que as coisas pudessem ser diferentes.

“Tenho que acreditar que sempre há uma chance para a paz”, disse Oro.

Isla sorriu, mas o sorriso não chegou aos seus olhos. Ela respirou fundo, com a voz trêmula. "Então vale a pena lutar por isso. Pela possibilidade de paz", disse ela, enquanto sua figura desaparecia embaçada.

"Em busca de praias douradas e mares sempre verdes."

Quando ela se foi, Oro ficou de pé, sentindo-se mais determinado do que em dias. Ele lutaria por ela e pela possibilidade de um *depois* .

A janela da sala do trono cintilava sob seus pés. Faltavam apenas alguns dias para que Cronan viesse destruir o mundo deles. Ele precisava garantir que ainda restasse algum mundo para salvar. Endireitou os ombros e fez como sempre fazia: avançou. Direto para o portal.



SINISTRO

Isla usava um vestido de seda roxa que parecia quase líquido. Ele caía em cascata sobre cada curva, não deixando nada para a imaginação. Cronan devia ter conseguido aquele tecido estranho em outro mundo completamente diferente.

A parte da frente do cabelo dela estava presa por dois insetos brilhantes que esvoaçavam como borboletas, mas não eram. As atendentes pintaram suas pálpebras com um tom lavanda de pôr do sol.

Sinceramente, que diabos havia de errado com ele? Ele nunca tinha *reparado* nas roupas das mulheres, e certamente não fazia um inventário como se fosse um pintor estudando uma obra. Mas era assim que se sentia, às vezes. Sabendo que Cronan a mataria em breve, Grim a observava sempre que podia, só para garantir que aquele olhar não fosse o último.

Porque ela era linda. Estúpida e irritantemente linda. A mulher mais linda que ele já tinha visto.

Mesmo que ela fosse sua inimiga.

Ela permaneceu em um silêncio frustrante enquanto Grim a acompanhava até a sala da galáxia, embora um sorriso se formasse em seus lábios. Ele cerrou os punhos ao perceber que havia passado tantos dias pedindo que ela ficasse quieta... e agora, desejava que ela falasse com ele. Estava desesperado para saber o que ela estava pensando.

Ele tateou as emoções dela, com cuidado, analisando cada detalhe. Ela achou graça...

Ele franziu a testa. Será que ela o achava engraçado? Será que ela estava... rindo dele?

— O quê? — ele rosnou. Era ela quem estava em cativeiro, embora não agisse como tal. Ele se lembrou do que ela havia dito—

Você é o prisioneiro .

Os lábios de Isla se contraíram, e suas sombras brilharam em irritação enquanto ele se perguntava o que ela achava tão engraçado.

Finalmente, ela pôs fim ao seu sofrimento. "É engraçado", disse ela.

"O que é isso?", perguntou ele.

Ela se virou para encará-lo, e ele ficou impressionado com a totalidade de sua genialidade. "Você continua fingindo que isso não é inevitável."

Ele estreitou os olhos para ela. Ela estava errada. Era quase lamentável o quão errada ela estava.

As portas se abriram de repente, revelando mais um jantar opulento e

extravagante. Ou, mais precisamente, uma oportunidade para Cronan exibir seu poder absoluto.

Grim não deixou de notar como todos os olhares se voltavam para ela sempre que entrava na sala. Esta noite não foi diferente.

E tampouco o fato de Grim ter tido o breve pensamento de que deveria matar todos naquela sala por olharem para ela da mesma maneira que ele.

Eles foram se sentar, Isla caminhando em direção à cabeceira, como Cronan sempre instruía. Mas hoje, ele ergueu a mão. Usando seus poderes, puxou a cadeira onde Grim normalmente se sentava para Isla. Percebeu que havia uma cadeira extra ao lado.

“Temos mais um convidado de honra conosco hoje”, disse Cronan, com os olhos brilhando como metal líquido.

Isla estava sentada, com a testa franzida em confusão. Grim resistiu à vontade de apertar a mão dela do assento ao lado.

Ele era patético.

Os demais governantes dos planetas conversavam, mas não paravam de olhar para a porta, como se aguardassem uma grande entrada. A curiosidade deles o envolvia. Curiosidade... e medo.

Poucos minutos depois, finalmente aconteceu.

Lark Crown entrou na sala. A pena que ela lhe pedira estava presa em seu cabelo. Embora da última vez que a vira, ela não passasse de um amontoado de ossos e tecidos, agora parecia completamente curada. Usava um vestido de várias camadas em tecidos pesados que brilhavam com pedras preciosas.

Grim conseguia sentir o poder dela. Ele se espalhava pela sala, irradiando dela.

Cronan permitiu que ela o tivesse de volta. Mas por quê?

“Eis aqui”, disse Cronan, apontando para Lark. “Um velho... amigo. A chave para o meu poder regenerativo.”

Enquanto Lark se dirigia para a cabeceira da mesa, os lordes a observavam com olhares famintos. A intriga deles era tão afiada quanto adagas. "O que foi possível porque, veja bem... ela me ama."

Grim ficou surpreso ao ouvir isso, considerando que o único sentimento que percebeu em Lark enquanto ela encarava Cronan era pura e absoluta raiva.

Mas ele se concentrou mais, investigou mais a fundo, e Cronan estava certo. Havia algo no centro de suas emoções. Um amor inabalável.

Aquilo não fazia sentido. Grim tinha visto o que Cronan tinha feito com ela...

“Ela é minha prisioneira agora. Mas eu sou misericordioso. Sempre dou uma segunda chance...”

Com isso, todas as cadeiras foram arremessadas para os lados da sala. As costas de Grim bateram na parede, suas sombras protegendo sua cabeça do impacto.

Ele se virou, esperando ver sangue escorrendo pelas costas de Isla... mas suas sombras haviam se movido sem sua permissão.

Protegendo-a também.

Os olhos verdes dela encontraram os dele, e ele abruptamente se virou para o

meio da sala. O jantar deles nem tinha começado.

Parecia que nunca iria acontecer — com um lampejo de poder, toda a comida e os talheres desapareceram, e Cronan subiu na mesa, com sua coroa. cintilando abaixo de sua galáxia. "Você sempre achou que era melhor do que eu", disse ele para Lark, que estava abaixo dele. "Prove. Vença este duelo e eu te transportarei para qualquer mundo que você desejar."

Ao lado dele, o pânico de Isla se intensificou com a preocupação com o mundo deles.

Os olhos de Lark se estreitaram diante do desafio. Uma das tranças em seu cabelo se transformou em uma raiz que deslizou por sua espinha e abaixo de seus pés, crescendo até o chão e a erguendo até a mesa.

"Eu te odeio", disse ela, com a voz cheia de convicção.

Cronan apenas sorriu. "Prove isso."

Lark ergueu os braços—

E mil trepadeiras romperam o vidro do teto, envolvendo Cronan mais rápido do que ele poderia se tornar uma sombra. Cronan se contorceu enquanto as trepadeiras o apertavam, enquanto os espinhos rasgavam o tecido e a pele.

Com um ímpeto de energia, as trepadeiras voaram para longe, espalhando-se pela sala, murchando como se ele tivesse drenado toda a vida delas.

Antes que ele pudesse atacar, Lark abriu a mão, revelando uma palma cheia de sementes que ela atirou em direção a Cronan.

E elas explodiram em árvores gigantescas no ar, como se ela tivesse acelerado o tempo, a natureza florescendo em um instante.

Uma dessas sementes atingiu o abdômen de Cronan. Um momento de silêncio, de quietude, se estendeu enquanto ele lentamente olhava para Lark.

E então a árvore o atravessou, despedaçando-o em pedaços que se espalharam pela sala. Alguns atingiram o teto, sob uma galáxia que estremeceu.

Silêncio.

Um alívio percorreu o cômodo. E a esperança. Mas antes que Grim ousasse sentir qualquer coisa, os pedaços do corpo de Cronan foram reunidos por uma força estrondosa. Perfeitamente.

O rosto de Cronan esboçou um sorriso amigável, mas Grim podia sentir a fúria sob a superfície, sua aura pálida manchada por ela. Ele estava claramente farto daquele duelo.

Enquanto Lark avançava mais uma vez, ele simplesmente ergueu a mão. E ela foi despedaçada, desmoronando em uma pilha de carne e ossos. Cronan apenas ficou parado, observando seus fragmentos se juntarem novamente, mais lentamente do que ele. E com menos precisão. Quando ela se reformou, ainda estava quebrada. Mesmo assim, ela se arrastou pela mesa, erguendo a mão para liberar outra forma de fúria sobre Cronan.

Aquela mão se desfez em grânulos menores que poeira. Seu braço logo a seguiu, depois o outro, e em segundos, seu corpo inteiro era apenas cinzas que flutuavam no meio da sala. Elas se depositaram em uma pilha no chão. Cronan mal olhou para ela.

Porra.

Grim sentiu uma onda de pânico ao seu lado. Isla. Ele não achava que ela se importasse com seu ancestral. Ou será que se importava? Ele percebeu que Lark poderia ser seu último parente vivo, mas ela quase destruiu o mundo deles...

Os demais lordes aplaudiram, despertando Grim de seus pensamentos. Eles se levantaram de um salto, curvando-se diante de seu suserano. Cronan os ignorou e ajoelhou-se para pegar um punhado de pó de Lark e colocá-lo na mão. "Ora, você é realmente indestrutível, não é? O exemplo máximo de sobrevivência." Ele esfregou o pó entre os dedos antes de soltá-lo, observando-o cair como neve.

Ele suspirou antes de se levantar e se virar para todos. "Ela não está morta. Ela é realmente invencível. Só pode morrer por vontade própria..."

De repente, Cronan criou uma sombra semelhante a uma foice e a usou para cortar o próprio braço.

Ouviram-se suspiros de espanto na sala quando o membro caiu com um baque no chão e o sangue jorrou da ferida. Mas eles viram o membro se regenerar em instantes.

“Vejam, mesmo agora... *ela ainda me ama* .” Ele riu cruelmente. Os outros lordes riram com ele. Cronan atravessou o que restava de Lark, chutando as cinzas.

“Mesmo agora. Mesmo depois de tudo. Ela me ama. E isso mostra o que eu sempre acreditei...” Os olhos de Cronan fitaram Grim ao ouvir suas próximas palavras. “O amor é a decisão mais tola que se pode imaginar. Só pode levar à ruína. É uma maldição.”

Dito isso, ele sacudiu a poeira dos sapatos e abriu os braços.

“Quem está pronto para o jantar?”



ORO

Azul não pareceu surpresa com a chegada de Oro.

Agora que Oro finalmente tinha o dispositivo de teletransporte — e sabia como usá-lo, graças a Isla — ele podia se transportar para qualquer lugar do mundo em instantes.

"Também houve ataques de criaturas aqui?", perguntou Oro assim que pôs os pés no castelo dos Skylings. Ele olhou ao redor e as muralhas pareciam bastante resistentes. As bestas geralmente vinham da poça de maré, mas algumas rasgavam o ar em tempestades que se dissipavam tão rápido quanto surgiam.

“Não”, disse Azul, sua capa azul-clara roçando suavemente o chão de pedra polida enquanto se virava. “Mas somos sensíveis aos céus, e alguns de nós já sentiram suas perturbações.”

Ele olhou para as nuvens no teto aberto por um momento e franziu a testa. "Então, ele se foi?" Oro sabia que ele se referia a Grim. Oro assentiu, e Azul suspirou. "Manter aquele portal aberto deixou um buraco enorme no véu entre os mundos. Pior do que qualquer coisa que já existiu em Nightshade."

Sim, mas que outra escolha eles tinham? Recuperar Isla não era apenas para Oro e Grim... era para o mundo inteiro.

“Confie em mim, eu sei”, disse Oro. Azul o examinou de cima a baixo, seus olhos captando os sinais de cansaço. Azul também os tinha. Oro não duvidava que ele estivesse enfrentando seus próprios desafios, considerando que a maioria dos reinos ainda estava em suas terras. “Eu sei que você está com as mãos cheias aqui, mas precisamos de ajuda, Azul. Eu estou—” Ele engoliu em seco. Ele era o rei de Lightlark. Ele deveria ser a pessoa mais poderosa deste mundo. Mas a força, Ele sabia agora que, às vezes, isso significava admitir fraqueza. "Não vou conseguir segurá-los por muito mais tempo."

Azul o conhecia há muito tempo. Tempo suficiente para saber que ele não pedia nada que não precisasse desesperadamente. Ele assentiu. "Vou convocar voluntários." Então fez uma pausa. E foi por causa desses séculos de convivência que Oro percebeu que o Filho do Céu tinha mais a dizer. Diferentemente dos outros governantes, ele era ponderado com as palavras. Sempre as refletia antes de falar.

Mas eles não tinham tempo. "O que é?", perguntou Oro impacientemente.

Azul observou Oro e disse: "Meu marido me contou outra coisa. Não contei antes porque achei que Grimshaw não entenderia. Mas você... talvez você entenda."

"O que foi?" perguntou Oro, com mais rispidez do que pretendia. Não era

hora de esconder nada, não quando havia tanto em jogo.

“Ele disse que, em algumas interpretações... Crowntide não é um evento. É uma pessoa.”

Oro parou. "O que isso significa?"

“Significa que existe uma pessoa cuja existência inteira altera o destino”, disse ele. “No caso dela... uma pessoa destinada a acabar com este mundo.”

“Ou guarde-o”, acrescentou Oro veementemente.

Azul não parecia convencido. Ele parecia... dividido. Assombrado.

"O que você está dizendo?", perguntou Oro. Ele não gostou para onde a conversa estava indo.

Azul olhou para ele com olhos tristes. "Se ela morrer, seu destino morre com ela."

O silêncio sepulcral tomou conta do cômodo, como se o próprio vento tivesse parado. Oro sentiu uma chama ardente dentro de si, enquanto sua irritação se transformava em fúria. "Você está tentando me fazer matar a mulher que amo?"

Ele deu um passo para trás, afastando-se de Oro. "Estou apenas apontando uma maneira de isso terminar sem envolver a sua morte." Ele fez uma pausa, olhando para o céu novamente. "Isla me contou a profecia. Que ela está destinada a matar um de vocês. Com a vida dela ligada à dele... quem você acha que ela escolherá?"

Ele sabia que tudo o que Azul dizia era verdade. Sabia que todas as profecias prometiam que Isla tinha tanta probabilidade de destruir este mundo quanto de salvá-lo. Mas isso não impediu que sua raiva crescesse até que o fogo ardesse em suas palmas.

Azul suspirou novamente. "Você deu a ela uma escolha. Ela a fez." Ele olhou para Oro com cautela. "Você também pode ter que fazer uma escolha... entre ela e este mundo. Você será forte o suficiente para matá-la se chegar a esse ponto?"

Oro não conseguiu reprimir os pensamentos traiçoeiros que floresciam no fundo de sua mente.

Ela o escolheu em vez de você. Você a escolheria em vez do resto do mundo, se o destino dela fosse acabar com tudo? Mesmo que ela não fosse sua?

Oro afastou a voz insidiosa. Ele jamais faria algo para magoar Isla por causa da escolha que ela fez. Lembrou-se do que vira na piscina: nunca fora tão feliz como quando estivera com ela, mesmo que fosse apenas por um breve período. Não a culparia por sua decisão, acontecesse o que acontecesse.

Mas então ele pensou novamente na pergunta de Azul e em quantas pessoas estavam em risco. Não apenas seus amigos, mas todo o seu povo. As crianças. Ele realmente poderia deixá-las morrer? Poderia pôr um fim a tudo o que ele e sua linhagem juraram proteger?

Será que ele estava sendo egoísta ao sequer considerar essa possibilidade?

Ele desviou o olhar de Azul. Não conseguia pensar nisso. Não agora... e talvez nunca. Mas e se Azul estivesse certo, e essa fosse uma escolha que ele teria que enfrentar? Quem era ele, se tivesse o sangue de um mundo inteiro em suas mãos?

E se ele escolhesse uma mulher entre milhares?

“Mais uma coisa”, acrescentou Azul, como se já não tivesse dito o suficiente. “Meu marido disse que muitas vezes existem interpretações ligeiramente diferentes das profecias, já que o destino é fluido. Múltiplos desfechos. Apenas uma das três irmãs oráculo congeladas chegou a descongelar com Isla. Ela só ouviu uma versão... mas acho possível que a profecia dela seja sobre outra pessoa.”

Oro franziu a testa. "O oráculo disse a Isla e Cleo que Isla determinaria o destino do mundo. Que ela cravaria uma lâmina no meu coração ou no de Grim. Que ela salvaria este mundo... ou o destruiria. Ela é o coração dividido. Foi isso que lhe disseram especificamente."

“Sim.” Azul olhou para Oro significativamente. “Mas *seu* coração também está dividido — entre ela e seu dever. *Você* também é um governante dividido. Ela foi para outro mundo. Suas ações poderiam ter alterado o destino. Talvez a profecia se cumpra... mas talvez agora tudo se resuma a você.”

A mente de Oro estava girando. Ele tinha certeza de que a profecia ainda se referia a Isla. Mas não conseguia deixar de se lembrar do que a mulher prateada dissera — que ele faria uma escolha em breve.

“Tudo isso termina com uma lâmina atravessando um coração”, disse Azul. “Para mim, pode ser o seu, o de Grim... ou o dela.”



ILHA

Isla não disse uma palavra durante o resto da refeição. Nem sequer levantou os olhos do prato. Antes do primeiro prato, os funcionários passaram para varrer a pilha de pó que antes era Lark, e uma fina camada de cinzas permanecia no chão. Debaixo das botas de Cronan.

Isla não estava preocupada com sua ancestral perversa — sabia que logo estaria de volta à cela —, mas não conseguia parar de repassar as palavras de Cronan. Ele havia aprisionado Lark por milênios. Torturara-a. *Destruíra* -a. E ainda assim... ela o amava.

Isla se perguntava se ela era tão tola quanto sua ancestral, destinada a repetir aquele ciclo.

O olhar de Grim continuava a se desviar para ela, mas ela não o encarava. Estava perdida em seus pensamentos. Perdida no que acabara de presenciar.

Após a refeição, Grim a acompanhou de volta à cela em silêncio. Quando chegaram às masmorras, ela ouviu um leve som de rasgo. "Aqui", disse ele, empurrando-lhe um pequeno pedaço de tecido.

Ela piscou, sem saber o que fazer. Ele lançou um olhar significativo para o ombro dela, e ela olhou para baixo. Havia um rastro de sangue ali. Um pouco do sangue de Lark devia ter respingado nela. Ela limpou com o pano.

"Obrigada", disse ela baixinho, virando-se para ele, e foi então que percebeu que ele havia recortado um pedaço da *camisa* com suas sombras para lhe dar. A lateral de seu abdômen agora estava visível, uma linha de músculos que ela conhecia muito bem.

Ele bufou com um leve divertimento. "Finalmente, um pouco de educação."

“Não se acostume com isso”, disse ela, enquanto continuava pelo corredor em direção à sua cela.

Na tarde seguinte, Isla fazia o possível para ignorar os estalos e os músculos crepitantes do corpo de Lark se regenerando quando alguém apareceu à porta de sua cela.

Foi terrível.

Ela franziu a testa. Ainda faltavam horas para o jantar. "O quê—"

“Cronan está invadindo nosso mundo antes da hora”, disse Grim, interrompendo-a. Sua voz era apressada. Suas sombras preencheram o salão, ocultando-os.

Ela se levantou e se aproximou das grades. "O quê?"

Ela mal conseguia ver o rosto dele na escuridão crescente, apenas o brilho dos seus olhos. "Eu o ouvi conspirando com os outros lordes." Ele olhou para ela. "Ele sabe que você não vai se juntar a ele. Ele sabe que você tem conversado com alguém na sua cela."

Oro . Cronan sabia das conversas dela com ele.

“Por que você está me contando isso?”, ela perguntou.

Seus olhos não encontraram os dela. Era como se ele tivesse medo. Ele tocou na porta sombreada e ela cedeu.

"Vou deixar isso em aberto", disse ele bruscamente. "Esta é a sua única chance de ir embora, mas Isla... eu nunca mais quero te ver."

Seus olhos finalmente encontraram os dela. E ela pôde ver o conflito neles com clareza — o quanto ele estava dividido entre ajudar a mulher que poderia lhe ferir o coração com uma lâmina.

Mesmo assim, ele estava abrindo essa porta.

“Por que você está me ajudando?”, ela perguntou.

Seus olhos percorreram os lábios dela, o pescoço, para baixo e para cima novamente, como se ele soubesse que era uma despedida. Como se estivesse tentando memorizá-la.

“Porque eu não me lembro de você.” Essas palavras foram como uma facada no estômago. “Mas eu me lembro de um mundo que valia a pena salvar.”

Ainda havia bondade nele. Ele não era Cronan, determinado a reduzir mundos inteiros a cinzas por ganância.

“Se ele descobrir, vai te prender”, disse Isla, perplexa.

Grim apenas deu de ombros. "Eu disse que me lembrava de um mundo que valia a pena salvar. Não que eu me lembrasse de uma vida que valesse a pena viver."

Isla sentiu um aperto na garganta. O fato de Grim não achar que sua vida valia a pena ser salva...

Seus olhos ardiam. Ela empurrou o portão de volta para o lugar e ficou na ponta dos pés para agarrar a camisa dele com os punhos e dizer bem na cara dele: “ *Eu* me lembro, mesmo que você tenha esquecido. Você não tem apenas uma vida que vale a pena viver — você tem muito mais do que isso. Você tem um amor que vale a pena redescobrir. E o nosso amor valia a pena ser vivido mil vezes mais.” Ela balançou a cabeça. “Eu não consigo fazer isso sem você”, disse ela. “Mas juntos… ele tem medo de nós. Ele sabe que, unidos, podemos derrotá-lo.”

Ele olhou entre a porta fechada e ela. E em seus olhos, ela viu apenas fúria. "Você é um tolo por rejeitar minha ajuda. Esta era sua única chance de sobreviver."

“Você não entende”, disse ela. E desejava desesperadamente que ele entendesse. “Fiz um voto. Não apenas para esta vida. Mas para a próxima. E para a seguinte. E para todas as que vierem depois.”

Ela deu um passo em direção a ele.

“E quando eu finalmente sair desta cela... eu vou escapar”, disse ela, mantendo o olhar fixo nele. Por alguns instantes, eles apenas se encararam.

"Você é um tolo", rosnou ele.

“Então você me disse.”

“Vocês dois são”, disse uma voz, e ela atravessou a obsidiana como uma lâmina. Antes que Isla percebesse, uma nova onda de sombras se formou.

E Cronan estava saindo deles.



ORO

Por centenas de anos, o coração de Oro pareceu congelado em seu peito. As maldições haviam lhe custado tanto. Em um único dia desastroso, a vida de todos mudou. A dele, talvez, mais do que a de qualquer outro, ao se tornar rei.

Até que uma mulher com olhos como uma floresta incendiou sua vida, acendendo uma chama em seu coração. Acendendo a esperança em um mundo que vale a pena não apenas salvar... mas tornar melhor. Durante todo esse tempo, ele simplesmente se concentrou em sobreviver... não *em viver de verdade* .

Isla, por outro lado, era cheia de sentimentos. Ela se guiava pelo coração em tudo o que fazia, o que nem sempre terminava bem, mas pelo menos ela *se importava* . Em um mundo cheio de imortais, cínicos, entediados e raivosos, ela era a primavera — um sopro de ar fresco.

Eles tinham sido inimigos, depois aliados relutantes, depois amigos, e depois algo mais. Ele nunca pensara ser possível amar altruisticamente outro governante sem envolver política, até conhecê-la.

Oro havia se acostumado com o peso do mundo sobre seus ombros. Ele sempre tomava todas as decisões pensando primeiro em seu povo. Agora, ele questionava tudo. Sempre tentara fazer o que era justo, mas nada nessa possível escolha parecia certo.

Ele sentou-se na praia, contemplando o mar que tinha a cor dos olhos dela.

Foi lá que Enya o encontrou.

Ele não queria contar a ela o que Azul tinha dito. Embora soubesse que sua amiga só queria que ele fosse feliz, ela não fazia segredo de que não achava que ele e Isla combinavam.

Ele não podia culpá-la. Enya era extremamente protetora com ele. Desde que ele conhecera Isla, Enya o vira em seus momentos mais difíceis. Mas ela também não podia negar que, com Isla, ele também estivera em seu melhor.

Após alguns minutos sentados juntos em silêncio, Oro perguntou: "Se alguém lhe desse a escolha de me salvar, mas condenar o resto do mundo, o que você faria?" Ele não ouviu nenhuma resposta além do rugido das ondas, então se virou para olhá-la ao seu lado.

Os cabelos ruivos de Enya chicoteavam violentamente ao vento, brilhando à luz do sol. "Eu escolheria você", disse ela por fim.

Oro franziu a testa. "Você mataria todos os outros neste mundo... só para me salvar?"

Enya assentiu. "Eu aceitaria." Ela esticou as pernas. Uma onda quebrou a

poucos metros de distância, sua espuma alcançando-os. "Mas é fácil para mim dizer isso, já que é uma escolha que sei que nunca terei que fazer." Ela olhou para ele. "E eu não sou rei."

Ele baixou a cabeça. "Esta coroa é uma maldição", disse. Sempre fora. Uma parte dele desejava poder simplesmente jogá-la na água, mas isso não o livraria de sua responsabilidade para com seu povo, nem de sua profunda ligação sanguínea com eles.

“Todos eles são”, disse Enya.

Ela tinha razão. Todas as coroas estavam cobertas de sangue. Seja por conquista ou por herança, as pessoas tinham que morrer para que uma coroa pudesse ser transferida para uma nova cabeça.

Ele sentia o peso de toda a sua linhagem sobre si. Agora que tinha visto todas as histórias, sabia o que fora preciso para que sua linhagem sobrevivesse. Para que esta coroa finalmente chegasse às suas mãos.

Oro não conseguiu matar Isla. Mas também não conseguiu ser ele a condenar seu povo e pôr fim a todo o trabalho de seus ancestrais.

"Eu gostaria que a escolha fosse entre ela e eu", disse ele, com a voz embargada pela emoção. "Eu daria minha vida pela dela num instante."

"Mesmo agora?" perguntou Enya. "Depois de tê-lo escolhido?"

“Mesmo agora”, repetiu ele.

Ele percebeu que Enya estava com mil pensamentos sobre aquilo. Imaginou que ela queria gritar com ele, dizer que a vida dele tinha valor, implorar para que ele não fizesse nenhuma besteira. Era a mesma coisa que Oro teria dito a ela, se os papéis estivessem invertidos.

Mas, no fim, eles apenas ficaram sentados em silêncio, lado a lado, observando a maré subir.



ILHA

Cronan olhou para os dois com um ar de decepção.

Ele tinha ouvido tudo. Agora sabia, com certeza, que Isla não iria se juntar a ele. Grim permaneceu imóvel, suas sombras sem se estenderem.

Seu ancestral se virou para ele, com um sorriso zombeteiro. "Eu esperava mais de você. Talvez esse tenha sido meu primeiro erro."

Num instante, a escuridão os envolveu. O poder de teletransporte de Cronan era como um chicote, estalando ao aterrissarem na sala da galáxia. A força quase fez seus joelhos cederem. Cavaleiros estavam encostados nas paredes curvas da sala circular, espinhas eretas como varas. Aguardando ordens. Cronan suspirou, olhando entre eles. "Você poderia ter dado origem a uma nova era inteira." Seus olhos se estreitaram em Isla. "Mas você... eu a subestimei. Você estava escondendo parte da sua mente de mim."

Ele circulou lentamente ao redor deles, e Isla sentiu-se caçada. "Eu sou misericordioso", continuou ele. "Você mesma viu que sempre dou segundas chances àqueles que provam sua grandeza."

Cada um dos cavaleiros deu um passo à frente, e Isla engoliu em seco, contando-os. Uma dúzia. Todos revestidos de metal encantado feito de sombras. Eles não tinham armas, mas Isla sabia, por ter lutado contra eles, que não precisavam delas.

Cronan inclinou a cabeça enquanto a examinava. "Não serei tolo o suficiente para lhe conceder seus poderes novamente, mas não a deixarei de mãos vazias." Uma espada caiu no ar, e ela a pegou antes que atingisse o chão. "Se você conseguir matar todos os meus cavaleiros nesta sala, eu a deixarei ir."

Ela não ia embora sem Grim. Simplesmente ficou parada, recusando-se a se mexer.

Mas então um cavaleiro à sua esquerda atacou-a.

Ela se esquivou no último instante, girando e chutando-o nas costas. Ele deslizou pelo chão. Cronan observava, parecendo divertido.

Ela não deu tempo para o cavaleiro se levantar ou reunir suas sombras. Ela brandiu sua espada e cortou-lhe a cabeça de uma vez.

Ela ouviu uma inspiração profunda, como se Grim tivesse sido surpreendido por sua brutalidade.

Ele não entendia? Ambos eram brutais naquilo a que chegavam um pelo outro.

Ela ouviu o som de sombras se aproximando e, sem olhar, golpeou pelas

costas, ouvindo o som de metal contra metal.

Cronan não lhe dera uma espada afiada o suficiente para atravessar suas armaduras. Claro que não. Ela se virou — e voou pelos ares, atingida por uma onda de sombra. Aterrissou, com o ar arrancado dos pulmões —

E onze cavaleiros estavam bem em cima dela.

Era como estar deitada de costas, no meio da floresta, anos atrás. Impotente diante da chuva que caía sobre ela.

Ela havia perdido seus poderes. Mas isso não significava que ela estivesse impotente.

Lembrando-se de como havia enfraquecido um cavaleiro antes, ela arremessou sua espada na pequena faixa de pele vulnerável entre o elmo e a couraça, e o cavaleiro mais próximo caiu. Num instante, uma sombra avançava em sua direção, e no seguinte, ela amparou o corpo caído, puxando-o para si.

E usando-o para refletir todo o seu poder ruinoso de volta para eles.

Suas armaduras se chocaram contra o mármore quando caíram, atordoados pela própria escuridão, e ela não perdeu um instante. Do chão, arrancou a arma do pescoço do cavaleiro e, de joelhos, virou-se, golpeando sem parar até que todas as gargantas estivessem em frangalhos e ela estivesse coberta de sangue.

Mais dez corpos, espalhados ao redor dela. *Dez.* Ela franziu a testa—

E foi arremessada para a frente por trás. Seus dentes zumbiram em seu crânio com o impacto, e ela se virou, mas ele foi mais rápido, chutando a lâmina de sua mão. Suas mãos se fecharam em torno de sua garganta.

Nenhum cavaleiro se interporia entre ela e Grim. Não depois de ter chegado tão longe. Ela ofegou em busca de ar. Não tinha arma. Nem poderes. Mas tinha as mãos.

Ela estendeu a mão e conseguiu arrancar o capacete da cabeça do cavaleiro, atirando-o para o outro lado da sala. Em seguida, apontou os polegares para os olhos dele.

Mas então ela viu o rosto dele e congelou.

Era... era o rosto *dele* . O de Cronan.

O choque lhe custou caro.

O punho de uma espada atingiu sua têmpora, e ela viu estrelas. Em seguida, o metal frio deslizou contra sua garganta.

"Chega!", disse uma voz, e seu corpo ensanguentado estremeceu ao ser arremessada para o ar. Ela olhou freneticamente entre o cavaleiro, que estava pegando seu elmo, e Cronan. Eles eram idênticos.

“Sim”, disse ele. “Todos são assim. Todas versões de mim. Versões mais fracas.”

Ele olhou para o cavaleiro, que acabara de colocar o capacete de volta na cabeça—

E Cronan a decepou com suas sombras. O corpo do cavaleiro desabou num monte de metal ruidoso enquanto a cabeça rolava pelo chão.

Isla respirou fundo, tremendo. Cronan não tolerava nenhuma fraqueza — nem mesmo em si próprio. Ela tentou encontrar o olhar de Grim, mas ele observava seu ancestral atentamente, sem demonstrar qualquer emoção em seu rosto.

Cronan caminhou até Isla e passou o dedo pela bochecha dela. "Sua morte precisa ser pública, é claro", disse ele. "Afinal, eu fiz tanto para te fortalecer... Outro duelo, é claro. Podemos fazer disso um espetáculo." Ele sorriu de canto, parecendo satisfeito consigo mesmo. "Mas primeiro... vamos derrubar essa barreira que você vem construindo na sua mente, certo?"

Seus ossos se travaram sob o aperto dele. Então, as sombras dele penetraram seu crânio, e ela gritou. Ela não conseguiu evitar, apesar das inúmeras vezes em que ele havia invadido sua mente, procurando pelo que ela mantinha escondido.

Em meio ao seu grito, ela ouviu algo. Começou como um eco fraco, mas foi ficando mais alto à medida que Cronan vasculhava seus pensamentos. Ela não reconheceu a voz...

O que significava que tinha que ter vindo dele.

Foi então que Isla percebeu que, embora ele saqueasse sua mente, ainda deixava a porta da sua escancarada.

Enquanto estivessem conectados dessa forma, ela podia usar seus poderes. Ele podia até conseguir imobilizar o corpo dela, com um aperto mais firme do que nunca depois do que ela lhe fizera, mas e a mente dela? Podia divagar. Podia reagir.

Enquanto suas sombras cortavam o cérebro dela, ela perfurava o dele. Ele estava tão obcecado em desesperadamente romper com os pensamentos dela que nem percebeu. Estava exposto, vulnerável. Não achava que ela fosse capaz de fazer o que ele fazia. Não se deu conta de que, durante todo o tempo em que a manteve subjugada e invadiu sua mente, estava lhe ensinando tudo o que ela precisava saber para invadir a dele.

Assim como com Lark, ela se imaginava como a maré, avançando com força. Sua consciência erodiu a costa da mente dele repetidas vezes, até que vislumbrou lampejos — de pessoas, criaturas e mundos estranhos que jamais poderia ter imaginado.

Ele não tinha apenas paredes dentro da cabeça... ele tinha labirintos. Eles tinham exatamente o formato do labirinto no jardim do palácio de inverno.

Mais. Ela precisava ver mais.

Ela inundou a mente dele, suas águas mergulhando cada vez mais fundo, até que encontrou uma fenda na cerca viva.

Em sua própria mente, ela deixou que uma barreira após a outra se quebrasse. E enquanto as sombras de Cronan tomavam o que ela queria, ela via tudo. *Tudo* .

Ele tinha razão. Todo mundo tem um ponto fraco.

Ela acabara de descobrir o dele.

Mas talvez fosse tarde demais. Porque quando Cronan finalmente saiu de sua mente, deixando-a atordoada e sem fôlego, ele disse: “Todo aquele planejamento com o rei... para nada. Que pena. Você poderia ter sido grandiosa.”

Ele se virou para Grim. "E você", disse ele. "Você ia deixá-la sair."

O rosto de Grim permaneceu inexpressivo. As mãos de Cronan se contraíram, e Isla se perguntou se ele finalmente atacaria Grim. *Que ele tente* .

Em vez disso, respirou fundo e girou os ombros. "Mas eu sempre dou segundas chances." Olhou para os dois. "Conquistarei o seu mundo depois de

amanhã. Convenci-me de que talvez nem todos precisem morrer. Preciso de servidão voluntária. Quem vencer poderá salvar seu reino."

A mente de Isla ainda girava, atormentada pelas sombras em sua cabeça e pela luta com os guardas. Cronan pôde ver o momento em que sua mente confusa finalmente juntou as peças.

Seu sorriso era afiado como uma lâmina. "Isso mesmo", disse ele, deleitando-se com o pânico dela. "Você não vai duelar *comigo* até a morte... Você vai duelar com seu marido."



SINISTRO

Seus olhos se voltaram para Cronan, e seu ancestral simplesmente se virou para ele. Falou diretamente em sua mente e disse: *Você me traiu. Você não achou que eu deixaria você viver, achou?*

Grim engoliu em seco. Ele não sabia o que estava pensando quando foi até a cela dela. Ele tinha ouvido os planos de Cronan e simplesmente agiu. Foi instinto.

Mesmo agora, ele não conseguia se arrepender.

"Eu vi sua mente" , disse seu ancestral. " *Sei que você quer salvar seu reino. Se você vencer o duelo, deixarei Nightshade sobreviver. Juro pela minha coroa* ."

O metal irregular no topo da cabeça de Cronan brilhava, como se refletisse o juramento. Então, suas sombras recuaram.

Ela ia morrer. *Ele* ia matá-la.

Era uma certeza que ele tinha desde o início. Ou Cronan acabaria com ela... ou Grim. Era a única maneira de impedir a possibilidade do destino que ele havia previsto. Só recentemente ele descobriu que, por causa de suas vidas estarem ligadas, a morte dela desencadearia a sua própria.

Embora suas emoções tivessem estado à flor da pele nos últimos dias, agora ele não sentia nada. Apenas uma aceitação apática.

Ele ia morrer. Mas pelo menos seu reino sobreviveria. Ele havia falado sério com as palavras que lhe dissera momentos antes.

Eu disse que me lembrava de um mundo que valia a pena salvar. Não que eu me lembrasse de uma vida que valesse a pena viver .

A paixão avassaladora dela em resposta, a insistência de que ele já fora feliz, acendeu uma estranha chama dentro dele, um desejo de acreditar nela. Uma ânsia desconhecida não apenas de sobreviver, mas *de viver* .

Por um instante, ele vislumbrou um futuro exatamente como ela havia descrito, sem deveres ou destino que os prendessem. Agora, percebeu que tudo não passara de um sonho. Uma fantasia ridícula.

Isla pareceu perceber também. Suas emoções estavam tão áridas quanto um lago enquanto ele a conduzia da sala da galáxia até as mulheres que a prepariam para o duelo do dia seguinte. Ele apenas pressentiu leves indícios de arrependimento e preocupação, mas o resto... era paz.

Ele se perguntou o que aquilo significava. Será que ela finalmente havia percebido que ele jamais se lembraria dela? Que Cronan era imparável, algo que já era evidente mesmo antes de Isla revelar que seus cavaleiros eram todos

versões dele mesmo?

Cronan havia se espalhado por todo o universo, através do tempo, por todo este mundo. Ele não podia ser morto. Se uma versão dele fosse eliminada, outra estaria à espera.

Isla estava errada. Mesmo juntos, eles não teriam tido a menor chance contra Cronan.

Grim precisava salvar seu reino. Ele precisava derrotá-la no duelo.

Ele desejava que a ideia de ter que matá-la não o fizesse franzir a testa. Esse duelo era uma coisa boa. Um *presente* , assim como Cronan ter apagado suas memórias.

Mas Grim não podia negar agora que aquilo parecia mais uma maldição. Mais como uma *perda* . Uma ausência da qual sentia falta.

Em sua última noite de vida, ele teria desejado ter mais momentos para recordar.

Cronan permitiu que ele participasse do jantar com os demais senhores dos planetas. O lugar de Isla estava visivelmente vazio. Ele tentou reprimir suas emoções, para não sentir a ausência dela com a mesma intensidade com que sentira sua presença, mas era impossível.

Ele queria matar seu ancestral. Desesperadamente. Mas isso também era impossível. Então, ele faria o que fosse preciso para garantir a sobrevivência de seu reino.

Após o jantar, ele se teletransportou para seu quarto... e ficou imóvel. A aura dela estava por toda parte. *A dela* ...

Lentamente, ele se virou, apenas para encontrar Isla sentada na beira de sua cama, como se tivesse sido arrancada de um de seus devaneios.

Ela vestia um tecido de outro mundo que brilhava como uma chuva de estrelas. Era fino como teia de aranha e igualmente transparente. Era como se não estivesse usando nada.

“Foi isto que me deram para usar no duelo”, disse ela, notando o escritório dele. O vestido rasgaria ao menor movimento. Cronan claramente pretendia humilhá-la. Ela inclinou a cabeça. “Acho que é um pouco modesto demais.”

Ele piscou algumas vezes, tentando clarear a mente. Manteve a mão no poste da cama, os nós dos dedos ficando brancos enquanto se agarrava a ele como se fosse uma âncora naquele mar de intensidade que ameaçava arrastá-lo.

"O que você está fazendo aqui?" Sua voz estava ofegante. Quase sofrida.

Ela deu de ombros. "Você me mata amanhã", disse ela. Nem sequer tentou fingir que venceria. "Quero passar minhas últimas horas de vida com você."

"Por quê?", perguntou ele. Precisava saber. Precisava entender as emoções que transformavam as pessoas em tolas para não se tornar uma delas.

“Porque você é meu marido e eu te amo”, disse ela. “Mesmo que você acabe me apunhalando no coração amanhã.”

"Você está se ouvindo?" perguntou Grim. Seu peito subia e descia muito rápido. "Você não sabe o quão ridículo isso soa?"

Ela sorriu. "O amor geralmente é assim."

Ela estava diante dele, e ele agora podia vê-la — por inteiro — com clareza.

O tecido escondia pouco, e ela não se encolheu sob o olhar dele. Não, ela diminuiu a distância entre eles como já o fizera mil vezes antes.

“Posso ir embora ou posso ficar. A escolha é sua.” Ela o encarou, aguardando sua decisão. Como ele não disse nada, ela assentiu. Passou por ele rapidamente e saiu pela porta.

Ótimo. Uma noite juntos só complicaria as coisas amanhã. Ele a observou partir.

Antes que ela pudesse sair do quarto dele, ele agarrou seu pulso, puxando-a de volta. Ele havia aparecido no portal tão rápido que o mundo ficou embaçado. Ela parou, olhando por cima do ombro para ele.

A perfeição era uma pessoa. E ela estava bem na frente dele.

Ela ergueu uma sobrancelha, desafiando-o. Eles se encararam. Ele havia prometido a si mesmo que seria melhor, que não cederia à tentação. Ele a vira apunhalá-lo no coração repetidamente. Ele se lembrou de seus incontáveis séculos de autocontrole.

Mas que se dane ele, essa era uma batalha que ele estava disposto a perder.

Ele a puxou para dentro, batendo a porta atrás dela. Foi contra aquela porta que ele a pressionou, sem limites, seus olhos percorrendo seu corpo, estudando-a com avidez.

O vestido estrelado era tão delicado que se rasgaria ao seu toque, se despedaçaria sob seus dentes. Ele sabia que precisava estar intacto para a execução dela, mas sentiu-se tentado a reduzi-lo a farrapos.

Em vez disso, com a mão tremendo de contenção, ele deslizou os dedos suavemente pela coxa dela, os nós dos dedos roçando o tecido perigosamente fino, até encontrar aquela fenda. E então, ele estava alisando a pele quente e macia. Seu coração estava acelerado. O mundo poderia acabar naquele instante e ele nem perceberia, sua atenção estava totalmente voltada para o caminho que subia pela parte interna da perna dela. Mais alto. *Mais alto* . Ela estremeceu sob seu toque, a respiração lenta e pesada. Ela o encarou, expectante. Em seus olhos, ele podia ver todos os seus desejos refletidos. Em sua aura, ele podia sentir a profundidade de seu desejo.

E quando seus dedos finalmente alcançaram o centro dela, ele pôde *sentir* que ela desejava aquilo tanto quanto ele.

Ele praguejou, seus dedos deslizando sobre a seda. Ela gemeu, movendo-se contra seus dedos. Ele se inclinou para observá-la melhor.

Ela ergueu a cabeça, de modo que seus rostos ficaram a poucos centímetros de distância.

“ *Por favor* ”, ela implorou, bem perto da boca dele.

"Tão educado", murmurou ele, com o sangue fervendo de desejo. "Diga-me, você só diz 'por favor' e 'obrigado' quando eu lhe dou alguma coisa?"

Os dedos dele deslizaram por baixo do tecido, e ambos praguejaram. Ela fechou os olhos com força por um instante. Quando os abriu, estavam intensos, de um verde flamejante. Ficou claro quem detinha o poder ali. E ela sabia disso. "Dê-me tudo e descubra."

Naquele momento, ele soube que conseguiria.

Ela era a sua ruína. Ela nem sequer o tocava, e ele já estava perto de se perder completamente.

Ela era a lâmina destinada a cortar seu coração. Parecia que ela já estava lá, testando-o, testando sua capacidade de não se quebrar.

Principalmente quando os dedos dele deslizaram mais para baixo, e ela emitiu um som que o atingiu em cheio no âmago do seu ser. Ali. Ela o queria *ali* . O olhar dele percorreu o corpo dela, traçando-o com os olhos como se quisesse fazer com a boca, e ele nunca estivera tão excitado em toda a sua vida, observando-a se contorcer contra a sua mão, as bochechas coradas, o peito quase saltando para fora do vestido. A cabeça dela virou para o lado, os lábios entreabertos num suspiro, mas, como se pudesse sentir o olhar dele, ela o encarou novamente. Os olhares se encontraram, como uma chave que se encaixa numa fechadura.

“Você tem duas mãos”, disse ela. “Use-as.”

Ninguém jamais havia falado com ele daquela maneira. Ele era o governante de seu reino, o líder de um exército, mas por ela, ele estava disposto a servir. Ele faria qualquer coisa que ela lhe pedisse.

Ele usou a outra mão para acariciar o peito dela, os dedos leves como penas contra o tecido delicado, o polegar roçando o clitóris endurecido, e ela se arqueou contra ele, o corpo se tensionando de prazer. De repente, ele desejou ter mais do que apenas duas mãos, para poder tocá-la *em todos os lugares* , mas então se lembrou de suas sombras. Ele as usou. Ele acariciou seu peito enquanto segurava seu quadril, envolvendo-a firmemente no lugar, antes de finalmente se inclinar e sussurrar em seu ouvido: "Espero que você tenha a noite toda, porque isso é apenas o começo do que tenho a oferecer", e então deslizou um dedo dentro dela.

Um se transformou em dois e ela tomou tudo, esfregando-se contra a mão dele, as unhas cravando em seu pulso enquanto lhe dizia como fazê-la se sentir bem. Ele obedeceu a cada ordem, a cada comando, absorvendo cada palavra dela até que o corpo dela se tensionasse e depois relaxasse ao redor dele.

Foi então que ele ergueu uma das mãos para acariciar a nuca dela e puxou seus lábios para os seus. O *sabor dela* ... Ela era uma droga que o mataria antes que ele conseguisse parar.

Ele não queria deixar um único centímetro de pele intocado. Suas sombras a acariciavam enquanto ele abafava seus gemidos com a boca, guiando-a por cada tremor, até que ela parou de se mover contra ele. Ela ofegava contra a parede, o peito subindo e descendo, os olhos brilhando. Ela o olhou como se precisasse de mais. *De tudo* .

Foi a coisa mais difícil que ele já fizera: deslizar lentamente as alças do delicado vestido dela pelos ombros. Lentamente, desabotoar cada pequeno botão nas costas. Lentamente, tirá-la do vestido. E assim que o vestido tocou o chão, ela estava em seus braços.

Ele a colocou na beira da cama e deu um passo para trás, apenas para admirá-la como uma obra de arte. Porque sua beleza merecia ser venerada. Ele planejava fazê-lo — completamente.

E completamente nu... ele respirou fundo por um instante antes de caminhar

em sua direção. Suas próprias roupas caíram, e ele não deixou de notar como a língua dela deslizou para fora, lambendo os lábios. E só de pensar naquela boca sobre a dele...

"Já fizemos isso antes?", perguntou ele, com a voz carregada de um desejo mal contido. Ele tinha imaginado a cena, mas precisava ter certeza.

“Em todas as superfícies que você possa imaginar.”

"Ótimo." Ela suspirou quando ele a puxou de volta para seus braços. Que se dane a cama. "Vamos adicionar mais alguns lugares à lista."



ILHA

De alguma forma, até agora, eles nunca tinham feito isso em uma banheira.

Eles estavam no chão. Depois, ele a colocou na bancada. Agora, estavam dentro da banheira de porcelana. Ele a deitou na borda e a penetrou assim. Ela se agarrou à borda, os nós dos dedos brancos enquanto lutava contra outra onda de prazer. Ela não queria que aquilo acabasse. *Nunca* .

Grim não estava brincando quando disse que iriam testar aquele quarto, e testaram mesmo. Os lençóis da cama estavam rasgados. A cabeceira estava em farrapos. Havia penas espalhadas por todo o chão. O próprio chão estava repleto de marcas deixadas pelas sombras de Grim, que haviam arranhado o solo com sua libertação.

Ele não se deixou deter. Simplesmente a tirou da confusão, a encostou na parede e recomeçou.

E de novo.

Ela se sentia tão preenchida por ele que mal conseguia respirar. "Esta é a melhor noite", ela sussurrou, enquanto ele a penetrava com movimentos longos, "de todas elas."

Sua respiração quente roçava seu pescoço, causando-lhe um arrepio na espinha enquanto ele dizia: "Ainda não acabou."

De repente, ela se viu de pé, encostada na parede, com o peito sensível pressionado contra ela. Ele ainda estava atrás dela, uma sombra muito mais alta que a sua. Lentamente, ele ergueu uma das mãos dela acima da cabeça, desenrolou cada dedo com uma lentidão dolorosa, roçou o polegar na palma da mão dela e a pressionou contra a parede, colocando a sua própria mão sobre ela. Fez o mesmo com a outra mão.

Então ele se moveu novamente, e ela praguejou contra a rocha lisa, porque aquela era a melhor sensação que sentira em semanas. Suas sombras percorreram sua pele quente, e ela ofegou ao vê-las se moverem com propósito, deslizando por todos os lugares que Grim já havia explorado com a língua.

"Fazemos isso com frequência?", perguntou ele, com a voz rouca e rouca em seu ouvido.

“O tempo todo”, disse ela.

"Bem, pelo menos fiz uma coisa certa", disse ele, e então acelerou o ritmo. Ela o acompanhou em cada movimento, arqueando as costas para que ele pudesse penetrá-la mais fundo, e ele murmurou em aprovação contra o pescoço dela. Seus nervos estavam tão sensíveis, tão bem cuidados. Ele não deixou nenhuma parte dela insatisfeita.

Grim estendeu a mão, pressentindo que ela estava perto do clímax. Ele a conhecia completamente em apenas uma noite, e ela gritou quando ele encontrou exatamente o que ela precisava. Seu corpo se curvou sobre o dela, roçando os dentes em seu ombro, sombras acariciando seu peito, e então a tomou com ainda mais força. Seus longos dedos se flexionaram sobre os dela, uma mão ainda presa acima de sua cabeça, e ele a segurou firme contra a parede enquanto aumentava a velocidade, sabendo que ela precisava daquilo, precisava que todo o seu mundo se resumisse à sensação dele. Sua outra mão a explorou até que os dedos dos pés em que ela estava apoiada começaram a se curvar, e ela agarrou a pedra como se pudesse impedi-la de cair no abismo daquela felicidade infinita. Ela queria viver naquele momento. Desejava que fosse eterno. Sua cabeça caiu para trás enquanto seus lábios se entreabriam, sua espinha um raio, seu prazer atingindo o ápice. Seus dentes roçaram sua garganta. Ela ofegou em êxtase, pulsando ao redor dele, antes que ele gemesse e a acompanhasse até o abismo.

Seu corpo estava quente e pesado enquanto ele se deixava cair sobre ela, exausto. Por enquanto.

Ela ainda estava encostada na parede, com o pulso acelerado, quando ouviu a banheira enchendo. Virou-se, mas ele saiu do quarto antes que pudessem começar outra rodada, o que provavelmente foi melhor assim. Ela se lavou, deliciando-se com o fato de ele ter tocado cada centímetro de sua pele. Ela sentira falta disso. Dessa necessidade insaciável.

Ele voltou com uma toalha e roupas.

"Aqui", disse ele. Sua voz estava um pouco rouca, e ele não a encarou. Ela não se importou. Os olhos dele haviam estado fixos nos dela por horas, dizendo-lhe o quão bom aquilo era, o quão perfeita ela era, o quão bem eles combinavam.

Agora, parecia difícil para ele olhar para ela.

"Obrigada", disse ela, sentindo as bochechas corarem ao se lembrar novamente do que ele havia dito sobre sua *educação* . Talvez ele tivesse razão.

“Não faça isso... isso não muda nada”, ele disse com a voz rouca. “Não vou pegar leve com você na arena. Não vou deixar você ganhar.”

"Eu sei", disse ela. Finalmente, ele permitiu que seus olhares se encontrassem, mas apenas por um instante. E ela viu todos os sentimentos que ele tentara reprimir virem à tona.

Ela procurou, quase desesperadamente, para ver se ainda restava algum vestígio daquele laço da parte dele. Depois de tudo o que tinham feito, ela se atreveu a ter esperança.

Mas não foi.

Ele a acompanhou até a porta. Antes que ela pudesse dizer uma palavra, ele a fechou com força.

Na cela, ela sentiu um aperto no coração. Talvez tivesse entendido tudo errado.

Eles passaram *a noite inteira* juntos. E ela jurou que tinha sido mais do que físico. Ele a tocou como se se importasse com o prazer dela. Ele a olhou como se ela fosse uma deusa a ser adorada.

Ela o conhecia. Ela se agarrava à crença de que ainda o conhecia, enquanto se

virava para a sombra esfarrapada de Lark. Ela mal havia se regenerado depois de ter sido reduzida a um monte de cinzas. A pena, que estava em suas mãos, certamente ajudara a acelerar o processo. Isla arrancou aquela pena de sua ancestral.

E ela começou a trabalhar.



SINISTRO

Se o garfo de Grim não fosse feito de osso divino, teria quebrado sob seu aperto.

Ele rangeu os dentes enquanto lutava contra mais uma lembrança da noite passada. Do jeito que ela—

Não . Ele quis dizer exatamente o que disse. A noite passada foi puramente física. Sem importância.

De qualquer forma, em apenas uma hora, ambos estariam mortos. Os líderes de diversos planetas já estavam na arena em ruínas. Milhares de pessoas deste mundo e de outros também se reuniram, ansiosas pelo espetáculo. Era o entretenimento antes da invasão.

Ouviu-se uma comoção do lado de fora da sala da galáxia. Grim a ignorou, perfurando o pedaço de carne à sua frente. O prato estilhaçou-se.

Cronan olhou para ele com os olhos semicerrados. Antes que pudesse dizer uma palavra, um grupo de cavaleiros irrompeu pelas portas.

"O quê?" Cronan latiu.

“O prisioneiro.”

Grim olhou para cima então.

"E quanto a ela?", perguntou Cronan.

O cavaleiro hesitou por um instante antes de dizer: "Ela se foi."

Cronan franziu a testa. Grim imitou o movimento. Sumiu? Ela não tinha poderes. Ela havia recusado a chance dele de ir embora. Aquelas grades eram feitas de *aço impenetrável* .

E quando eu finalmente sair desta cela... eu vou escapar dela , ela havia dito.

Impossível. A menos que—

Pena de cotovia. Grim havia obscurecido a marca que Isla havia curado... mas será que ela a pressentiu, de alguma forma? Será que ele deixou a ilusão disfarçada cair durante a noite que passaram juntos?

Será que ela o usou para isso? Será que foi por isso que ela estava esperando no quarto dele?

A bruxa. Ela mesma lhe contou como o esfaqueara no peito durante o primeiro beijo. Ele deveria ter imaginado. Durante todo esse tempo, ele se convenceu de que a estava usando... apenas para perceber que era ela quem *o estava usando* .

Ele talvez tivesse ficado impressionado se não estivesse tão puto da vida. Principalmente de si mesmo.

O que Cronan faria se eles não pudessem duelar? Ele simplesmente decidiria

não deixar um de seus reinos sobreviver? A fuga dela poderia custar-lhe a chance de salvar Nightshade.

"Encontrem-na", disse Cronan, com a raiva corrosiva como veneno.

Sim, ele faria isso. Não por Cronan, mas por si mesmo.

Ele começou a sair da sala a passos largos, mas um pensamento o deteve.

O mais sensato para ela seria ir embora daquele lugar. Mas Isla não tomava decisões sensatas. Ela as tomava movida pela emoção.

Ela ainda acreditava que havia esperança de que ele se lembrasse dela. Ele sabia exatamente o que ela estava fazendo.

Ela esperara até aquele momento para agir. Devia saber que ele havia perdido o controle. Claro que sabia, depois do comportamento dele na noite anterior.

Mas ela estava enganada.

A noite passada não significou nada. Especialmente quando a vida de todos em seu reino estava em risco.

Como que para comprovar o fato, ele se voltou para seu ancestral e disse: "Deixe-me provar minha lealdade a você".



ORO

Graças ao dispositivo de portal, agora havia legiões de Skylings, Starlings e até mesmo Moonlings mantendo as criaturas afastadas em Lightlark. Cleo ajudou sem hesitar. Ela queria estar por perto, na esperança de que Isla retornasse em breve.

A ajuda deles havia aliviado o peso sobre os ombros de Oro. Mas, como se desafiassem sua esperança, as criaturas agora atacavam em maior número. Ele lutava contra elas por horas, durante toda a noite e a manhã.

Foi uma boa distração daquilo em que ele vinha se esforçando para não pensar. Quando finalmente foi para a cama, já de madrugada, percebeu que não conseguia escapar daquilo.

A piscina prateada o aguardava em sua mente, como se fosse chamada por seus pensamentos mais nobres e traiçoeiros.

"Você está se escondendo da verdade", disse a mulher, com a voz embargada. "Isso não parece ser a sua cara."

Ele rangeu os dentes. "Você não me conhece."

“Não. Mas você se conhece.”

“A profecia se refere a mim?”, perguntou ele.

“É difícil saber até que esteja feito”, disse ela. “O futuro é incerto, assim como você.”

Ele reprimiu a vontade de revirar os olhos. A resposta dela foi tão vaga e inútil quanto ele esperava.

“Mas existe uma constante em cada caminho. Em cada possibilidade. Mesmo agora.”

A piscina prateada começou a ondular. E em suas águas metálicas, algo emergiu até romper a superfície.

Uma lâmina mais comprida que uma adaga, mas não exatamente uma espada. Possuía um cabo intrincado em forma de coração.

"O que é isto?", perguntou ele, estendendo a mão para o cabo. Antes que pudesse fechar os dedos em torno dele, a lâmina desapareceu de volta nas águas.

“Uma arma lendária capaz de matar qualquer um e qualquer coisa. Ela permaneceu oculta por milênios, longe daqueles que a usariam para o mal.” Seus olhos prateados o perfuraram, arregalados e firmes. “Esta”, disse ela, “é a chave para a paz ou a ruína. Você precisa encontrá-la para ter ao menos uma chance de derrotar Cronan.”

“Onde fica?” perguntou Oro.

“Não está apenas em outro mundo”, disse ela. “Estava escondido em um momento específico do tempo.”

Os Fios do Tempo devem ter sido usados. Ele franziu a testa. "Não tenho mais os Fios do Tempo. Não há como encontrá-los."

“Talvez você seja a única que possa fazer isso”, disse ela.

Com isso, ela desapareceu.



ILHA

Grim a perseguia. Ela podia sentir o poder dele se espalhando por este mundo como um rio de noite iminente.

O labirinto da mente de Cronan tinha a forma de um skyre. *Seu* skyre. Depois que ela o esculpiu na palma da mão com a pena de Lark, seu poder retornou com força, tornando-a imune ao veneno dele.

Ela rompeu as grades de sua cela, depois atravessou todo o castelo, abrindo buraco após buraco até se libertar. E, à medida que subia aos céus e olhava para trás, viu que Cronan não estava arrasando indiscriminadamente aquelas terras.

As cicatrizes deste mundo formaram o mesmo símbolo.

Ela se envolveu em energia até se tornar uma estrela, disparando em direção aos céus. Ela se tornou um farol. E não demorou muito para atrair uma tempestade.

Ela já sabia há algum tempo que as tempestades eram portais. Mas não havia realmente pensado nelas como uma extensão do poder de Cronan — assim como seu bastão estelar era uma extensão do de Grim.

Um relâmpago veio em sua direção do centro da tempestade, e quando a alcançou, ela fechou os olhos e se concentrou. Assim como aprendera tantos anos antes, quando descobrira a relíquia sob o assoalho, pensou exatamente para onde queria ir...

Assim como Grim a havia ensinado. E ela havia ensinado Oro.

A energia do relâmpago encontrou a dela, e seu corpo estremeceu. Juntos, produziram um forte estrondo de trovão. Mas sua concentração não diminuiu. Ela se rompeu e foi sugada pelo portal, caindo no chão um instante depois, espalhando terra e raízes por todo o chão.

Quando finalmente parou, ela abriu os olhos e viu que tinha funcionado.

Ela estava de volta à Floresta Esquecida. Lembrou-se do que a mulher de cabelos prateados havia dito. Era um lugar para o qual era preciso ser convidado para entrar. Era o esconderijo perfeito para Cronan.

Grim já estava atrás dela. Da última vez, levou mais de um dia para encontrá-la. Agora, ela facilitaria as coisas para ele.

Ela levou a mão ao colar em volta do pescoço e puxou.

Um instante depois, ela ouviu passos atrás dela.

Ela engoliu em seco. Isso tinha que funcionar. Se não funcionasse... ele estaria realmente perdido para sempre. E ela não suportava essa possibilidade.

O mundo deles estava morrendo. Oro mal conseguia mantê-lo seguro.

Eventualmente, ele cairia. Ele precisava de ajuda. Precisava dos dois . Cronan ia invadir. Eles precisavam encontrar um jeito de detê-lo.

"Me deu um bolo no nosso duelo?", disse Grim. Suas palavras eram leves, mas seu tom era tudo menos isso. Ele estava furioso. Claro que estava.

“Não. Eu apenas escolhi uma arena diferente.” Lentamente, ela se virou para ele.

Grim estava envolto em sombras afiadas como garras. Contra *ela* .

Ainda assim, ela deu um passo à frente. Aquele era o marido dela. Só porque ele não se lembrava de ter feito aquele voto não o tornava menos verdadeiro.

Agora que seus poderes haviam retornado, ela podia sentir a energia daquela floresta, enterrada profundamente em suas raízes, cascas e folhas.

Ela podia *controlar* isso.

Suas sombras se moveram bruscamente, transformando-se em correntes para prendê-la. Antes que pudessem, ela disparou em sua direção, rompendo as sombras com as suas próprias. Ele franziu a testa, como se as sombras dela fossem um lembrete de que ela também era Nightshade, e que não eram tão diferentes assim. Antes que ele pudesse reunir forças novamente, ela pressionou a mão contra o coração dele—

E a floresta desapareceu.

Eles observaram o castelo de Grim em Nightshade florescer ao seu redor. Havia uma fila de mulheres com roupas idênticas. Isla se reconheceu como uma delas. A cena diante deles estava envolta em sombras, borrada. Os sussurros das mulheres eram ligeiramente abafados, como se viessem debaixo d'água.

Um espírito maligno do passado entrou um instante depois, e todos os sons cessaram.

Seus olhos se voltaram diretamente para ela. Não houve hesitação. Nenhum desvio no olhar. Era como se ele soubesse, desde o momento em que entrara, exatamente o que ela era: *dele* . Alguma parte distante da mente dela sabia que ele era dela.

Isla se virou para o Grim ao seu lado, e o olhar dele estava fixo na cena. Seus olhos estavam semicerrados, as mãos cerradas em punhos. Isla se perguntou quanto tempo lhe restava antes que ele voltasse a usar suas sombras contra ela. Mesmo assim, ele observava. Era tudo o que ela precisava. Apenas alguns instantes.

A cena mudou quando o Grim da memória levou Isla para seu quarto. Ela estava encostada na parede, com as pernas em volta de seus quadris, não muito diferente de como estavam algumas horas antes. Ao lado dela, Grim engoliu em seco.

Ele estremeceu quando ambos observaram Isla cravar uma adaga em seu peito.

A lembrança se dissipou, desfazendo-se em folhas dispersas que rodopiaram para formar uma nova cena—

Uma fenda de escuridão atravessou tudo, e Isla foi arremessada para trás, atravessando suas memórias. Ela caiu no chão de seu quarto de Selvagem. Observou enquanto o Grim do passado forçava a Isla da memória contra a

parede com seus poderes, sombras invisíveis a sufocando.

A Grim anterior a ela fez a mesma coisa agora.

Dois Grims, do passado e do presente, estavam lado a lado, e ambos os Islas agarravam suas gargantas, a centímetros de distância. Seus suspiros em busca de ar sincronizavam-se através do tempo.

Não . Grim estava lutando contra isso, lutando contra a lembrança. Mas isso só significava que estava *funcionando* .

E Isla não era mais a mesma mulher de antes.

Ela rosnou e irrompeu em uma explosão de energia, chocando-se contra Grim. Eles rolaram pela memória, os poderes emanando de suas peles em choque, até que ela conseguiu se desvencilhar e se levantar. Grim estava logo atrás dela. Ele não ia parar para ouvir. Ele estava resistindo. Ele queria lutar.

Isla mostrou os dentes. Um braço ondulava em chamas, crepitando pela floresta, O outro envolto em água do orvalho da mata, que ela endureceu em gelo. "Ótimo. Quer duelar? Vamos duelar", disse ela, enquanto a cena ao redor deles mudava para o mercado.

E ambos se lançaram para a frente.

As sombras de Grim se transformaram em lâminas que dispararam em sua direção, e ela as bloqueou com uma parede de fogo. Ela empurrou as chamas em direção a ele, e ele mal conseguiu se tornar inanimado antes de ser queimado. O fogo continuou, rugindo pela memória do mercado, enquanto eles lutavam através dele, cercados por guardas da Sombra da Noite, enquanto o Grim do passado ordenava que levassem Isla para as prisões.

Uma onda de obsidiana avançou em sua direção, sufocando seus sentidos, mas Isla ergueu a mão no último instante — e aquelas sombras congelaram. Caíram no chão e se estilhaçaram em mil pedaços negros.

A cena se transformou na prisão escura e úmida de Nightshade, e Grim sorriu de canto, olhando para Isla, que estava pendurada no teto pelos pulsos. "Parece que você tem o hábito de ser aprisionada."

"E você tem o hábito de me encarar com malícia", ela retrucou, enquanto ambos o observavam, visivelmente, estudar o corpo de Isla, vestida com um vestido cor de ameixa.

Seu Grim a encarou com raiva — e então avançou. Mas, em vez de seu corpo se chocar contra o dela, sombras emergiram de sua pele, formando seu próprio contorno. Uma. Duas. Depois, meia dúzia, todas a cercando e bloqueando a visão. Ele estava usando os próprios poderes dela contra ela.

Sua voz ecoou pela floresta enquanto ele dizia: "Não é nada pessoal. Preciso salvar meu reino."

Então, ele atacou, com as seis formas se aproximando.

“E eu preciso salvar meu marido.” Isla ergueu os braços, e toda a força da floresta se abateu sobre eles, cortando aquelas sombras em pedaços com cipós, espinhos e cascas irregulares até que não restassem mais do que fitas. No instante em que suas sombras foram destruídas, Grim estava sobre ela novamente, uma espada feita de sombras ondulando de sua palma. Ela a viu se calcificar diante de seus olhos. Flexionou a mão e usou sua energia Estelar para

criar uma lâmina de faíscas e estrelas.

Ela assumiu sua posição. Ele assumiu a dele. Por um instante, o coração de Isla se apertou com a familiaridade da situação — como se estivessem de volta ao Centenário, durante sua primeira manifestação. Mas as circunstâncias eram muito diferentes.

Ele avançou, e ela bloqueou seu ataque, faíscas irrompendo de sua espada estelar. Eles duelaram pela floresta do ferreiro, depois pelo Penhasco de Creetan. E enquanto lutavam através de suas memórias, através de sua história de amor, Isla podia ver mudanças sutis na expressão de Grim enquanto ele observava Isla dançar, naquele palco. Enquanto seu antigo eu a prendia contra aquela parede. Enquanto ele matava todos naquela sala depois que um deles a feriu, enquanto ele recolhia os cacos de vidro de suas mãos. Ecos do passado deles haviam se infiltrado no presente. Ele devia ter visto. Ele devia saber que, não importava o quanto lutassem contra isso, era inevitável.

Estava funcionando .

Mas isso só o deixava mais furioso. Ela grunhiu quando ele desferiu um golpe particularmente brutal que a fez rolar pela floresta. Ela caiu bem ao lado do corpo dele, vindo do passado, no chão do quarto dela. A pele pálida dele estava marcada por cicatrizes escuras. Ferimentos de drogas.

“Eu te curei. E você me curou”, disse ela enquanto as sombras dele se chocavam contra o escudo estelar que ela invocara, impulsionando-a ainda mais pelo chão. Quando parou, ela se virou e viu que Grim estudava a cena à sua frente — observando Isla, do passado, cuidar com zelo dos ferimentos de seu eu do passado.

"Nós nos curamos juntos", disse ela, levantando-se e avançando em direção a ele, bloqueando mais um golpe de sua espada sombria. As folhas coloridas da floresta rodopiaram ao redor deles, antes que a cena se estabilizasse na caverna com o fogo do dragão rugindo em direção a Isla, e as sombras que Grim enviou para detê-lo, salvando-a em vez de reivindicar a espada.

Grim encarou a lâmina, reconhecendo-a claramente como sendo de Cronan. Mas, após um instante, ele avançou em direção a ela novamente, com a arma em punho.

Suas espadas continuavam a se encontrar, repetidamente, emitindo agudos sons de poder e faíscas a cada toque. Isla se lembrou do que a mulher de cabelos prateados dissera sobre pares predestinados. Sobre almas destinadas a se apaixonar repetidamente.

“Nunca fez sentido”, disse ela, enquanto duelavam pelo quarto de Isla, a primeira vez que se tornaram um só. “Este amor... ia contra os nossos interesses...” Ela o atacou no peito antes de se abaixar para golpear suas pernas, mas ele se esquivou. “No entanto... no fim... nós escolhemos um ao outro. Acima de tudo. Sempre.”

Seu quarto havia sido substituído por terra queimada. Ao longe, avistava-se uma vila. O Grim do passado estava a poucos metros de distância, lutando contra um mar de criaturas. Suas sombras estavam vacilando. Ele não duraria muito mais.

Grim parou abruptamente, quase esquecendo-se da sua oponente ao lado.

Observou Isla aparecer ali, perto da cicatriz. O Grim do passado percebeu que só havia uma maneira de ela ter chegado ali sem o seu cetro estelar.

Amor . Ela tinha acesso às habilidades dele. O Grim do passado parecia em paz, pronto para aceitar a própria morte. Ele estava prestes a usar um portal para transportar Isla e salvá-la.

Mas então—garras atravessaram seu peito.

Isla do passado urrou de dor. E sem hesitar um instante, cravou a espada de Cronan no chão e se entregou. Por completo, seu poder emanando dela como uma onda gigante. Incontrolável e infinito, assim como o amor deles.

Ela caiu no chão. Grim correu para ampará-la.

O Grim do presente observou, estoico e imóvel, enquanto ela morria em seus braços. Assim como seu eu do passado fez o mesmo sacrifício por ela.

Conforme a cena se transformava na seguinte, Grim não se moveu. Ele apenas ficou parado, com as mãos tremendo ao lado do corpo, como se não tivesse certeza se queria atacar Isla novamente ou largar a espada.

Isla deu um passo em sua direção. Suas costas estavam tensas enquanto as lembranças mudavam, desde as noites em seu quarto, passando pelo encontro com Wraith, até o momento em que ele a pediu em casamento no campo violeta cintilante de Nightbane.

Para o casamento deles.

Os dedos dela buscaram os dele. Ela estendeu a mão para *ele* . Da mesma forma que já o havia feito inúmeras vezes antes. Da mesma forma que sempre faria.

Mas a centímetros de sua pele, ele se virou num instante, e ela mal conseguiu bloquear um golpe quando suas lâminas se chocaram mais uma vez. Ela cerrou os dentes, empurrando-o, mas ele não se moveu. Nas faíscas que suas espadas produziam, ela podia ver seu rosto claramente, através da escuridão. Sua expressão estava contorcida pela tensão, mas algo lhe dizia que não era apenas por conter a espada. Ele estava lutando contra isso. Ele estava lutando contra *si mesmo* .

“Você me amou”, disse ela, gemendo enquanto concentrava toda a sua força na lâmina. Eles eram igualmente fortes. Imóveis. Ambos inflexíveis. “Olha. *Olha* .”

Mas ele recusou. Não desviou o olhar do oponente enquanto este mostrava os dentes, e a floresta passou como um lampejo de memória após memória. As cenas se formavam mais rapidamente agora, passando rapidamente por todos os momentos desde o casamento, todas as vezes em que o amor deles foi testado e comprovado. Grim rugiu ao girar para o lado, a espada de Isla avançando para o espaço onde ele estivera. Ela girou para bloquear o próximo ataque dele antes que a lâmina pudesse atingir seu pescoço.

E enquanto suas espadas se encontravam mais uma vez, enquanto continuavam a duelar no centro de sua história de amor, Isla percebeu que suas lâminas, a cada choque crepitante, começavam lentamente a se fundir. As sombras da arma dele se misturavam às dela, e as estrelas dela se fundiam com a escuridão dele, formando constelações. O espaço entre eles se tornava indistinto,

unindo-se. *Fundindo-se* .

Estava funcionando . Não importava o que ele dissesse. Não importava o quão ferozmente ele lutasse contra ela naquele momento.

As lembranças giravam ao redor deles ainda mais rápido, alimentando-se do desespero de Isla enquanto ela usava tudo o que Cronan lhe ensinara, transformando a dor em poder para mostrar a Grim tudo o que ele havia esquecido. Ela lhe deu cada momento, exatamente como se lembrava — até que o passado deles se despedaçou, mil folhas girando ao redor deles, bloqueando a visão do resto da floresta. O mundo desapareceu. O universo inteiro sumiu. Só restaram eles. Do jeito que sempre sonharam.

“Demos nossas vidas um pelo outro”, disse ela, gritando por cima do rugido do vento, com os cabelos chicoteando descontroladamente ao seu redor. “Eu te amo. No passado, no presente e no futuro, eu te amo. Neste mundo, no último e em todos os outros, eu te amo.”

Em vez de avançar mais uma vez, em vez de brandir sua espada contra ele—

Ela deixou que a chama se apagasse no nada. Até que ficou indefesa.

Este pode ser o último erro que ela cometeu.

Grim ainda segurava sua espada com firmeza. Mas não atacou. Seus olhos encontraram os dela, e brilhavam com intensidade. Ele respirava com dificuldade.

Ele podia abatê-la ali mesmo, mas ela continuou caminhando em sua direção. Um passo. Outro. Até que estendeu a mão para a que ainda segurava sua lâmina.

“Eu te amo”, ela disse novamente, as palavras tão suaves que se perderam no vento, mas ela sabia que ele a ouvira. Seus dedos roçaram delicadamente seu pulso, e ele fechou os olhos com força, como se o toque dela o queimasse e o curasse ao mesmo tempo. Ela se aproximou ainda mais. “Eu te amo, mesmo que você não me ame.” Lembre-se. Mesmo que você nunca se lembre. Mesmo que você me derrube agora, eu te amo. Este não é o fim. Não há fim. Nosso amor é infinito, como você disse.

Infinito . A palavra era como uma chave. Seus olhos se abriram de repente.

E a espada sombria desapareceu.

Lentamente, a mão que momentos antes empunhava uma arma contra ela agora se estendia em direção ao seu rosto.

Isla não ousava ter esperança. Não ousava respirar. Mas, quando os dedos dele deslizaram suavemente por sua bochecha, ela finalmente se permitiu chorar.

“ *Que triste* ”, disse ela, com a voz embargada.

O polegar dele enxugou suas lágrimas. Ela teve vontade de cair de joelhos, aliviada com a ternura daquele toque. "Você se lembra", disse ela. "Você... vê."

"Sim", disse ele, e ela sentiu que seu coração ia explodir de felicidade. Ele inclinou a cabeça, observando-a atentamente, e então não havia mais dúvidas. Ele a encarava como já a tinha visto mil vezes antes, como se não se cansasse dela, como se nunca mais quisesse olhar para outra coisa. Ela sorriu.

Mas então... toda a sua expressão mudou. Ele apertou o rosto dela com mais força. "Eu simplesmente não me importo."

As folhas em fúria ao redor deles caíram no chão, transformando-se em pó.

E o corpo inteiro de Isla gelou ao sentir aquela força atrás dela — a força de galáxias despedaçadas, mundos virados de cabeça para baixo e morte sem fim. Seus passos ecoavam pela floresta que ele já havia parcialmente destruído. Ele abriu um caminho de ruína, e cada árvore, flor e folha restante murchou até virar cinzas.

A risada de Cronan ecoou pelo vazio.

“Você tinha razão, Grimshaw. Ela nos levou direto para a floresta.”

Não.

Ela se desvencilhou das garras de Grim, invocando seus poderes, energia e fogo a envolvendo — mas então Cronan disse: "Tente qualquer coisa e ele morrerá."

Foi então que Isla viu a adaga das sombras flutuando no ar, com a lâmina pressionada diretamente contra o coração de Grim.

As habilidades do marido dela eram extraordinárias. Mas ele não ostentava a coroa dos mundos destruídos. Se Cronan quisesse cravar aquela lâmina no coração de Grim, nem ele nem Isla seriam capazes de impedi-lo.

Ela parou de lutar. O fogo e a energia ao seu redor se extinguiram.

“Quem diria que seria tão fácil te fazer obedecer às minhas ordens?” Cronan disse arrastado. “Quem diria que você seria tão tola a ponto de ainda nutrir sentimentos por um marido que não te quer de jeito nenhum?” Ele balançou a cabeça, ignorando o que restava de suas memórias. “Se deixar quebrar tão facilmente... esse amor nunca deve ter sido muito forte, para começo de conversa.”

Os olhos de Isla ardiam enquanto ela observava o marido se afastar dela — em direção a Cronan. A adaga se movia com ele, a ponta apontada para o peito dele.

Com um simples movimento da mão de Cronan, o corpo de Isla cambaleou para a frente, as pontas das botas arrastando na terra, até que ele a agarrou pela garganta com o punho. Seu corpo inteiro estava sob seu controle enquanto ele a forçava a levantar o braço... e alcançar a adaga. Seus dedos se fecharam em torno do cabo.

Ela engoliu em seco. Não. *Não* . Não era assim que a história deles terminava. Sua mão tremia, lutando contra o aperto de Cronan. Mas, mesmo com seus poderes, ela não conseguiu impedi-lo de forçar seu pulso para a frente.

E o sangue começou a se acumular.

O sangue pulsava em seus ouvidos. Grim não se mexia — seria porque não conseguia? Cronan também estava controlando seu corpo? Ou Grim estava falando sério quando disse que não se lembrava de uma vida que valesse a pena viver?

Mas antes que a lâmina pudesse penetrar mais fundo, Cronan a fez parar. Um movimento... um segundo... e a profecia se cumpriria.

Isla tremia de raiva quando Cronan disse: "Agora. Leve-me à Piscina das Possibilidades, ou você matará seu marido."



SINISTRO

Ela não significava nada para ele. Então, por que ele estava com as mãos cerradas em punhos enquanto observava seu ancestral arrastá-la pela floresta?

Desde que Cronan apontou aquela adaga para o próprio coração, ela desistiu. A luta a abandonou completamente.

Para *ele* . Embora tivesse quebrado a cabeça em busca de outras motivações, não conseguiu encontrar nenhuma. Ela poderia ter escapado de Cronan várias vezes nos últimos dias. Ela poderia ter ido para casa e deixado Grim aqui.

Mas ela não tinha feito isso. Ela o havia trazido para esta floresta. Ela ainda estava tentando fazê-lo se lembrar de coisas que ele jamais se lembraria. Ela era uma tola teimosa.

Então, por que parte dele se sentia vulnerável e estranha, sabendo que alguém se importava o suficiente com ele para se condenar também?

As lembranças que ela lhe mostrara na floresta lhe pareceram como observar estranhos. Era estranho ver uma versão de si mesmo que ele não reconhecia nem um pouco. Mas ele tinha que admitir que conseguia vislumbrar alguns motivos pelos quais poderia ter desenvolvido sentimentos por ela.

Não, não sentimentos. *Fraquezas* . Cronan tinha razão. A bruxa o havia amolecido. Ele não queria se tornar o Grim das memórias, aquele que colocava uma mulher acima de todos em seu reino.

Mas mesmo que sua morte não fosse iminente, ele não tinha certeza se queria se tornar Cronan, vivendo sozinho nas cinzas de um mundo que destruiu. Seria esse o futuro de Grim, caso sobrevivesse à morte de Isla? Era tudo o que o esperava se continuasse nesse caminho?

Seria mera coincidência que Grim não se lembrasse da última vez em que fora feliz? Ou seria porque todas as memórias com ela haviam se perdido?

Será porque *ela* se tornou a felicidade dele?

Eles chegaram a uma poça prateada e reluzente nos restos carbonizados da floresta. Apenas uma coroa de árvores ao redor da poça havia sido preservada, como se fossem feitas de uma matéria mais resistente que o resto. A água irradiava uma energia estranha e poderosa que Grim não reconheceu — simultaneamente calmante e ameaçadora, como o suave roçar de uma lâmina na pele. Cronan finalmente soltou Isla, e ela caiu de joelhos na terra. Ela não fez nenhum movimento para se levantar. Nem para lutar. Nada.

Era como se ela fosse uma chama que tivesse se extinguido.

E por que isso o deixou furioso?

Ela vinha sendo um espinho irritante em seu pé havia semanas. Ele estava desesperado para que ela desistisse ou, pelo menos, ficasse quieta. Foi só quando a viu frágil que percebeu que sentia falta de sua força.

Não importava mais, mas um aperto se formou em seu estômago ao pensar que ela simplesmente desistiria. Ele afrouxou o controle sobre seus sentimentos, a barreira que tivera que construir quando partira para procurá-la novamente, e a aura de Isla o atingiu em cheio. Ele quase tropeçou ao ser fulminado por sua tristeza esmagadora. Esperança, destruída. Fúria.

Mas nem um pingo de arrependimento.

Cronan, por outro lado, estava radiante de triunfo. Sua aura normalmente fria e impassível brilhava com orgulho. "A Piscina das Possibilidades", disse ele. "Elusiva para mim por séculos..." Seus olhos encontraram os de Grim. "Bom trabalho", disse ele.

Mesmo assim, Cronan não retirou a adaga do peito. A ponta ainda estava cravada em sua pele, a um passo do coração.

Normalmente, Grim preferiria lutar até a morte a permitir que alguém o ameaçasse dessa forma. Mas, se quisesse que seu reino estivesse seguro, ele precisava seguir as regras de seus ancestrais.

Cronan acenou com a mão sobre sua coroa. No centro dela, os fios dourados do Tempo brilhavam. "O lugar mais antigo do universo é uma árvore ancestral, da qual cresceu uma floresta inteira. Nessas matas, você pode encontrar todos os portais para todos os mundos que já existiram", disse ele, e Grim teve a sensação de que ele estava falando mais consigo mesmo do que com alguém em particular. "Uma vez, há muito tempo, tive a chance de fazer o que precisava ser feito para chegar a esse lugar. Mas tomei a decisão errada."

Cronan dissera que a piscina lhe mostraria todas as escolhas do seu passado que precisaram ser alteradas para que ele encontrasse aquela floresta. E os fios o levariam de volta no tempo, para fazer exatamente isso. Para mudar *a história* . Quem sabe quais seriam as consequências disso?

Cronan olhou para Isla. "E o diamante amplificará tudo o que sou. Ele me permitirá conquistar este universo de uma vez por todas. Começando pelo seu patético mundinho. Não que você esteja aqui para ver."

Ele se virou para Grim. "O diamante nunca me permitiria reivindicá-lo, mas agora *você* o controla. Quando ela morrer, antes de você cair, você o entregará a mim. E então, eu cumprirei minha parte do nosso acordo."

Dito isso, seu ancestral entrou na piscina. Ela brilhava como metal líquido. No instante em que ele pisou, as águas mudaram. Elas se aquietaram.

Lentamente, Cronan tirou a coroa da cabeça. Colocou-a na água e, do metal quebrado, sombras começaram a se espalhar como tinta, crescendo até que a prata se reduziu a meros pontos brilhantes. O lago se transformou num pedaço do céu noturno.

As águas se acalmaram novamente, e os olhos de Cronan ficaram vidrados.

Essa era a chance de Grim. Ele poderia matar seu ancestral. Será que ele queria? Com pedaços de si mesmo espalhados pela galáxia, faria alguma diferença? Antes que pudesse fazer um único movimento, Cronan foi libertado

de seu transe. Sua coroa voou de volta para sua cabeça quando ele pisou em terra firme.

Cronan tinha tudo o que precisava, então não havia mais motivo para manter Isla viva. Mesmo assim... ela não tentou fugir. Ela não correu. Ela apenas olhou para Grim do chão, depois encarou Cronan, buscando a morte de frente.

Seu ancestral caminhou em direção a ela, o rosto contorcido num sorriso de pura satisfação. Grim deveria estar feliz, sabendo que seu reino sobreviveria. Mas tudo o que sentia era pavor. Parecia tão cruel, pôr fim a algo que parecia estar apenas começando.

E mesmo à beira da morte, as emoções de Isla estavam repletas de uma paz que o invadiu como uma onda suave. Paz, clareza e força inabalável.

Foi naquele momento que Grim percebeu que havia força em se render. Sua aura irradiava. Não havia dúvida dentro dela. Nenhum medo. Apenas fortaleza.

Mesmo com as mãos de Cronan apertando seu pescoço, ela não vacilou. Não lutou. Apenas sustentou o olhar de Grim, como se não estivesse coberta de terra no meio daquela floresta incrustada de cinzas. Como se não estivesse a um passo da morte. Ela o olhou da mesma forma que o fizera naquelas lembranças, do outro lado do corredor do casamento deles.

"Eu te amo", disse ela.

E então Cronan quebrou o pescoço dela.



ILHA

HORAS ANTES

Isla tinha um plano. Era imprudente. Provavelmente não daria certo. Mas por eles, por *ele* , ela tinha que tentar.

Mesmo que isso tenha terminado com a morte dela.

"Você me odeia", disse ela a Lark na cela, sem rodeios.

Lark mal conseguia olhar para ela. "Claro que sim."

“Mas você odeia Cronan ainda mais.”

Lark não negou. Isla rastejou até sua ancestral, ignorando o cheiro de podridão. O rosto de Lark estava manchado de infecção e carne em decomposição. Desta vez, ela mal conseguira se regenerar. Uma simples brisa a faria se dispersar novamente. Era um milagre que ela ainda conseguisse falar. "Ele está sufocando seus poderes. Você pode nunca morrer, mas esta é uma existência cruel."

Lark também não negou isso.

"Eu posso matá-lo", disse Isla. "Eu quase o fiz."

Lark finalmente encontrou seu olhar, rindo. "Você não pode derrotá-lo", disse ela.

Você tem razão. Não está sozinho. Mas com ajuda...

"O que você quer?", perguntou Lark, irritada.

“Diga-me como te matar.”

Lark mostrou os dentes para ela. Eram apenas lascas irregulares de podridão.

Isla suspirou. Eles não tinham tempo para isso. "Deixe-me matar você, e eu absorverei seu poder e o trarei de volta à vida", disse ela.

Os olhos de Lark se fixaram na marca que Isla havia gravado em seu braço com a pena, antes que sua ancestral despertasse. Isla percebeu a compreensão se formando. Parecia que ela poderia gravar o skyre em si mesma. Mas suas mãos eram apenas tiras de carne. Quase não havia mais nada para *gravar* .

"Preciso de você", disse Isla, sem rodeios. "Eu já te disse; não consigo fazer isso sozinha. Juntos, só conseguiremos acabar com ele. Nós dois, invulneráveis à morte. Ele seria impotente contra nós."

Lark a encarou por um longo tempo, claramente ponderando suas opções. Elas já haviam confiado uma na outra, uma vez, na Floresta Esquecida. Tudo em

nome da sobrevivência.

"Eu sei que você me odeia", Isla cuspiu as palavras, cerrando os punhos em frustração. "Mas somos família. Isso tem que... tem *que* significar alguma coisa." Ela pensou em sua mãe e em todas as gerações de governantes Selvagens que a precederam. Quase podia vê-los naquela cela, entre eles, até mesmo aqueles cujos nomes ela não conseguia nomear. Seus olhos ardiam. "Por favor", disse ela, a palavra um sussurro desesperado. "Não deixe que ele acabe com todos nós. Não deixe que ele destrua tudo o que você criou."

Parecia que tinham se passado anos até que Lark se inclinasse para a frente.

E contou-lhe tudo o que ela precisava saber.

Isla levou menos de um instante para pôr fim à vida de sua ancestral — e seus olhos se arregalaram enquanto todo aquele poder infinito e ancestral fluía por suas veias. Ela se tornou a última governante viva de sua linhagem. O mundo ficou prateado enquanto seu corpo se enchia de energia. Levou alguns instantes para respirar em meio a essa onda infinita de poder. Para conseguir alcançar sua superfície e forçá-la de volta para o seu peito, em uma semente flamejante de força. Finalmente, a célula voltou a ficar nítida.

Isla olhou para o cadáver de Lark. "Que bom que você se foi, sua assassina desgraçada", disse ela.

Ela se levantou, deixando Lark em um monte de sua própria decomposição, e dobrou as grades da cela improvisada com as próprias mãos antes de romper as paredes.



SINISTRO

Grim não estava preparado para a onda de dor e sofrimento que o atingiu quando Cronan matou Isla. Ele viu o corpo inerte dela cair no chão, e sua própria alma pareceu se despedaçar com o impacto.

A princípio, Grim pensou que era porque suas vidas estavam ligadas e ele estava morrendo.

Mas quando o corpo de Isla se mexeu... quando aquele osso quebrado voltou ao lugar... Grim percebeu que a resposta era muito mais complicada.

Essa onda de angústia, raiva e arrependimento era toda dele. Tudo por *ela* .

Ela estava viva .

E embora parecesse que tivessem se passado séculos desde que ele sorrira pela última vez, não conseguiu impedir que um sorriso lento se espalhasse por seu rosto ao perceber o que ela havia feito.



ILHA

A cabeça de Isla voltou ao lugar e o mundo voltou a ficar nítido. Ela encarou o olhar devastador de Cronan.

E sorriu.

Então ela liberou um raio de energia prateada de sua testa que cortou todas as suas sombras como uma lâmina brilhante.

Ele foi arremessado através da clareira, seu corpo cortando árvores antigas com a força do impacto. O chão tremeu com a queda.

Isla se ergueu do chão, como uma fênix renascendo das cinzas. *Resista* , sua mãe lhe dissera. Ela faria isso e muito mais. Ela abriria um novo caminho, para que ninguém jamais tivesse que suportá-lo novamente.

Ele pensou que a tinha matado.

Ele ia desejar *poder matá-la* .

Cronan não ficou caído por muito tempo. Suas sombras irromperam de sua coroa, através da abertura na floresta, mas ela era fogo, vento, estrelas, céu, sombra e o próprio chão, e o mundo parecia se curvar à sua vontade enquanto a rocha à sua frente se elevava, o céu descia e a energia se inflamava entre eles, protegendo-a com um poder forjado a partir de todos os elementos. Era tão brilhante que ela viu Grim se virar e proteger os olhos.

Quando a luz se dissipou, Isla vestia uma armadura completa e brilhante. Ela empunhava uma espada forjada com cada fragmento de seu poder. E tudo parecia convergir para algo novo. Algo mais forte.

“Você não pode ter o meu mundo. Você não pode ter o meu marido”, disse ela, dando um passo à frente. Quando as sombras de Cronan dispararam contra ela novamente, ela as bloqueou com sua espada, o som produzindo um estrondo ensurdecedor. uivo. "Você não pode me quebrar. Não porque eu seja inquebrável, mas porque não estou sozinha", disse ela.

Com isso, as águas da piscina iluminada pelas estrelas atrás dela começaram a ondular. Ela podia sentir como se estivesse em sua própria mente. Sua consciência estava em dois lugares.

Isla formou uma gaiola de raízes ao redor de Cronan, e então despejou o resto de si naquela piscina — o talento que herdara de Lark, as habilidades com as quais nascera, o poder que reivindicara para si. Vida, morte e tudo o que havia entre elas turbilhonavam em suas águas escuras como a noite.

O diamante em seu pescoço começou a queimar, penetrando em sua pele. O fragmento do coração de Lightlark que havia costurado o seu próprio coração

pulsou, despertando.

Ambas as forças infinitas se fundiram, amplificando tudo o que ela era.

E ela era gloriosa.

Não ileso, mas inabalável. Uma chama que se recusava a extinguir, um céu noturno que se recusava a se apagar. Uma mente e um corpo fraturados e sangrando, mas ainda de pé.

Tudo nela estava concentrado naquela piscina. Seus braços estavam estendidos. Sua cabeça estava jogada para trás. Foi desse ângulo que ela viu um clarão de escuridão espiralar pela noite — obsidiana pura, concentrada em uma lança. Ela perfurou todas as camadas do escudo ao seu redor. Seus dedos se contraíram, mas todo o seu poder estava concentrado na direção oposta. Cronan havia se libertado da jaula e agora iria dividir sua mente ao meio, em tantos pedaços que talvez nunca mais se reunissem da mesma forma. Ela ofegou, preparando-se para o impacto.

No instante anterior ao golpe da lança, uma onda de energia prateada, como metal líquido, floresceu diante de Isla, e a lança de Cronan se estilhaçou. Isla virou a cabeça e viu um rosto familiar olhando para ela, os cabelos prateados brilhando tanto quanto a energia que a envolvia.

“Eu cuido da sua frente. Você, termine com isso”, disse Aurora, virando-se bruscamente para Cronan e liberando uma torrente de poder que paralisou tudo. Suas sombras se aproximavam no ar, então as estourou, uma a uma. " *Vá* ", disse Aurora, quando Isla não se moveu.

Funcionou.

Lentamente, Isla se virou, reunindo seu poder em seu corpo, e viu que a poça estava cheia de figuras, ainda se formando. Seu alívio foi quase suficiente para fazê-la soluçar ali mesmo, naquela floresta, mas seu trabalho ainda não estava terminado.

Ela encarou Grim. Sua postura era rígida enquanto ele olhava de Cronan para ela, como se ainda estivesse indeciso. Ainda dividido. Ela estendeu a mão. "Precisamos de você." Grim não se moveu. "Nós—" Ela deu um passo à frente, no exato momento em que Aurora foi arremessada pela floresta, sua energia se esvaindo ao cair na água.

Cronan havia se libertado novamente. Suas sombras avançaram rapidamente, e Isla ergueu o braço para formar um escudo. Ela sentiu o impacto nos ossos ao ser derrubada na piscina, e sua visão escureceu quando sua cabeça atingiu o fundo.

Silêncio. Tudo estava tão silencioso ali. Ela piscou para afastar a escuridão, que só diminuiu um pouco quando sua visão retornou. Seu mundo se tornou águas da meia-noite, que se moviam conforme os membros se moviam ao seu redor.

A energia que ela usara para transformar a morte em vida e para se libertar das almas que a habitavam começava a cobrar seu preço. Ela tentou se mover—

Então percebeu que não conseguia. A sensação familiar das sombras de Cronan a prendeu pelos pulsos e pés, acorrentando-a ao fundo. Ela tentou se mover, lutar, mas elas a mantiveram firme. Sua garganta se contraiu. Seus

pulmões queimaram. Sua visão ficou turva.

Finalmente, ela não aguentou mais e a água jorrou em sua boca.

Ela se afogou.

De novo.

De novo .

A voz de Cronan falou em sua mente. *Este é o seu destino. Eu a manterei aqui por toda a eternidade... ou lhe concederei a misericórdia da morte, se você me trouxer o Rei Sol* .

Oro? Por que ele precisaria de Oro? O que Cronan teria visto nessas águas?

Não. Ela recusou.

Ela se afogou novamente. Ao seu lado, as pessoas que ela havia matado — aquelas que ela desesperadamente desejava ver — estavam quase acordadas.

Você acha mesmo que eu vou deixá-los viver?, disse ele. *No momento em que eles aparecerem, vou matá-los todos* .

Através da água escura, ela viu suas sombras se formando, transformando-se em adagas acima da superfície. Se ele os matasse, ela não sabia se teria forças para trazê-los de volta. Principalmente se Cronan a mantivesse nesse ciclo de morte. Ela estava presa. Ele havia vencido.

Enquanto a água enchia seus pulmões novamente, queimando como chamas, ela se virou para o lado e viu outra pessoa no fundo da piscina, bem ao seu lado. Ela mesma, com oito anos de idade. Ela também estava se afogando. Seus olhos estavam arregalados. Seus braços se debatiam. Não. Aquela garotinha já tinha sofrido o suficiente. Demais para terminar assim.

Ela não havia lutado tanto para chegar a este mundo, para desfazer o que lhe fora feito, para que um homem lhe tirasse tudo. Ele tentara quebrá-la. Ele a ferira . Mas todos os seus ataques apenas afiaram a lâmina dentro dela. Ele só a tornara mais forte.

Aguentar .

Quando o mundo te derruba, você reage .

Encontre a sua paixão .

"Nós somos fortes" , disse ela à menina. " *Eu me lembro* ..."

As mãos de Isla se fecharam em punhos. Seu diamante começou a brilhar como uma estrela, fortalecendo o que restava.

Ela começou a fortalecer-se, não através da dor, mas através do amor. Ela se lembrou de Oro a resgatando dos destroços da ilha. Ela se lembrou de Grim a trazendo de volta à vida.

O amor sempre fora a única coisa poderosa o suficiente para vencer a morte. Para vencer o destino.

Ela se preenchia com cada momento entre eles, cada lembrança, porque era a única coisa que ela tinha e Cronan não.

O brilho infinito se intensificou, cortando a piscina, atravessando a escuridão. Ela podia ver Cronan olhando para ela. E no reflexo dos olhos dele, ela viu os seus próprios — e viu que brilhavam, assim como seu diamante.

Um único olhar dela fez com que todas as sombras de Cronan se dissipassem completamente.

A luz dentro dela cresceu, inundando seu sangue, até que todo o seu corpo pareceu brilhar. Uma a uma, as correntes se quebraram.

Obrigada por me mostrar o quão forte eu posso ser , ela disse em sua mente. *E por me ensinar isso* . Então, sombras irromperam da mente dela diretamente para a dele.

Ele urrou. Sua mente derreteu sob as lâminas sombrias dela, suas defesas se transformando em pó. Por que ele precisava de Oro? O que ele estava planejando?

Escondida nas profundezas, ela encontrou aquilo que ele mais temia. A única arma capaz de matá-lo de verdade. Uma adaga com um cabo de formato peculiar.

Lâmina do Coração .

Podia matar qualquer um e qualquer coisa. Até mesmo ela, com o talento de Lark. Era a maior arma já forjada neste universo.

Suas sombras recuaram quando ela se levantou, emergindo das águas em que Cronan a afogara repetidamente. E ela não estava sozinha. Ao seu redor, estava cercada por si mesma aos oito, aos doze, aos dezesseis, aos vinte anos. Ele cambaleou para trás, mas ela envolveu seus membros com seu poder, forçando-o a se ajoelhar. Ela inclinou a cabeça para ele. Sua voz vinha de cada versão de si mesma ao seu lado, ecoando. "Eu vi dentro da sua mente, Cronan, e você está tão quebrado quanto o metal que usa na cabeça. Irregular, Incompatível e forjada a partir do ódio. Esta coroa é feita de tudo o que você já reivindicou. É uma coroa de ossos e cinzas. E agora... ela será a sua ruína.

A boca de Cronan se abriu em um rugido, seu poder infinito irrompendo—

Enquanto ela o pegava.



ORO

Você talvez seja o único que pode .

Oro continuava desejando ver a piscina mais uma vez. Ele precisava entender por que era ele quem havia sido encarregado de encontrar aquela arma misteriosa capaz de matar qualquer pessoa ou ser. Seria porque ele era o rei de Lightlark? O governante de Sunling? Ele não sabia por onde começar.

Foi então que Isla apareceu de repente, avisando-o de que Cronan estava invadindo antes da hora. Ela desapareceu num instante.

Ele entrava em seu castelo após ter alertado seus amigos e todas as forças voluntárias quando sua visão ficou prateada. A piscina e a mulher o aguardavam.

As águas agora tinham uma aparência diferente, escuras como tinta.

“O futuro foi despejado nesta piscina. Agora você pode fazer perguntas... e ver como as consequências de cada possibilidade se desenrolarão.”

Oro ficou imóvel, sem entender como aquilo era possível. Se perguntando se significava que as coisas tinham dado terrivelmente errado... ou certo.

Isla havia lhe dito que se arrependia de não ter previsto o futuro. Arrependia-se de ter cedido ao medo de ver o que estava por vir.

A mulher acusou Oro de estar escondendo a verdade.

Mas Oro seria mais forte agora — por si mesmo e por Isla. Pelo mundo deles. Ele não desviaria o olhar das duras verdades. Ele não deixaria o medo guiar sua vida.

Ele entrou na piscina até ficar flutuando de costas. Fechou os olhos.

E ele perguntou sobre todos os cenários que conseguia imaginar. Todas as possibilidades. Até conhecer todos os futuros.

Ele viu a morte. A vida.

Havia uma distinção clara. Um momento decisivo — uma escolha — que mudou o destino do mundo deles e de todos que nele habitavam.

Ele arquejou ao romper a superfície, cuspindo água, com as veias inundadas de pânico.

A profecia estava certa. *Estava certa* . Alguém tinha que morrer. A destruição total e completa poderia ter sido evitada com essa única escolha.

Uma parte dele desejava não ter visto aquilo. Mas a verdade não podia ser desvista, assim como não podia ser desdita.

Oro sabia o que tinha que fazer.

Ele simplesmente não sabia se era forte o suficiente para fazer isso.



SINISTRO

Isla forçou a coroa de Cronan em sua cabeça, e o próprio mundo ondulou. Ela se tornou a gravidade, a maré, a força entre todos eles. Grim quase foi derrubado. Ele teve que se ancorar com suas sombras.

O mundo se acalmou, e tudo o que ele viu foi ela, uma rainha das trevas e da ruína, parada em um lago escuro. Cronan estava curvado diante dela — forçado a se ajoelhar.

Ao longo dos últimos minutos, enquanto Isla e Cronan lutavam, Grim desejou intervir mil vezes, mas se conteve. Seu coração estava dividido. Estava *acelerado* . Ele estava confuso e temia que qualquer movimento que fizesse pudesse colocar seu reino em risco.

Isla se virou para olhar para Grim, seus olhos brilhando com poder, e todas as suas defesas se fecharam. Ela estendeu a mão mais uma vez. "Juntos, podemos destruí-lo. Eu sei como." Abaixo dela, as águas mudaram, revelando uma lâmina poderosa o suficiente para matar não apenas Cronan, mas todas as partes de sua alma que haviam sido espalhadas pelo universo. "Está escondida aqui, mas em outra época. Eu a vi, em sua mente." Isla possuía a coroa de Cronan, com os Fios do Tempo dentro dela. Ela só precisava da habilidade de Grim de criar portais para viajar no tempo.

Juntos, eles poderiam encontrar a lâmina e acabar com ele. Poderiam salvar o mundo e todos que nele habitam.

Grim deu um passo em direção a ela — em direção à sua *esposa* . Deu um passo em direção a um futuro que mal podia esperar.

Isso era real. Ele não precisava mais lutar. Bastava se entregar a ela e a tudo que ela prometia. Deu mais um passo, até chegar à beira da água.

Ali, ele viu o reflexo da mão estendida dela. Alcançando-o como se estivesse agora... mas segurando uma adaga. A mesma que ela queria que ele a ajudasse a encontrar, para acabar com Cronan.

Não. Era apenas um dos muitos destinos. Ele deu mais um passo em direção a ela, e no instante em que seu pé tocou a piscina, ele viu tudo. Todas as possibilidades. Todos os futuros. E ele sabia com certeza que, se fosse com ela naquele momento, morreria.

A única chance que ele tinha de sobreviver era com Cronan.

Isla ainda estendia a mão para ele. Suas emoções eram ecos das dele — esperança, alívio e desejo.

Ele se lembrou da sensação dos lábios dela contra os seus, de como os dedos dela deslizavam sobre sua pele, de como ela o ensinara que sentir não significava

apenas sentir dor. Ele se lembrou da força dela contra todas as adversidades, da crença inabalável que ela tinha nele e de como ela o olhava como se ele fosse mais do que apenas um vilão. Ele se lembrou da admiração ao vê-la se reerguer e de como ela sempre derrubava tudo que se interpunha entre eles.

Ela era infinita. Ela era *dele* . Ela era sua esposa, e ela era tudo o que sempre faltou em sua vida.

Suas mãos se roçaram, e seu sangue ferveu com um conhecimento profundo e visceral. Como se sua alma a conhecesse, mesmo que ele não a conhecesse.

Ela o puxou para perto, e ele a acompanhou, até que suas testas se tocaram. Até que suspiraram contra os lábios um do outro. Até que os dedos dele deslizaram pelos cabelos dela. E ao redor da coroa de sua cabeça.

Ela ficou imóvel.

"Desculpe", disse Grim, contra a boca dela. Então ele rompeu todas as suas defesas e barreiras, porque ele era o único que podia.

Ele teleportou a coroa para longe. Arremessou Cronan para fora da piscina com uma onda de sombras.

Finalmente, suas habilidades se voltaram para ela. Sua salvação.

Sua *ruína* .

Mas, enquanto sua escuridão avançava em direção a ela, para aprisioná-la, para impedi-la de encontrar aquela lâmina e selar seu destino, ele sentiu algo atravessar seu peito e puxá-lo.

Seus olhos encontraram os dela, e o pavor percorreu suas veias. "Não", sussurrou ele. *Não de novo* .

A última coisa que ele viu foi a devastação em seu rosto enquanto ela e a piscina desapareciam por meio de um portal.



ORO

Isla estava chegando. Oro podia senti-la atravessando o universo em alta velocidade, vindo direto em sua direção.

Alívio e pavor lutavam em igual medida, depois de tudo o que ele acabara de ver. Sua mão tremia de ambos enquanto ele usava o dispositivo de portal para ir até a poça de maré. Aquela que ele e Grim haviam transformado em um portal. Estava silenciosa agora, pela primeira vez em dias. Mas suas águas cintilavam.

Cleo já estava lá, esperando. Ela não havia saído desde o momento em que fora convocada. Nenhum dos dois disse uma palavra, sem ousar ter esperança, sem ousar respirar. Uma onda quebrou em sua direção, sussurrando contra a areia.

De repente, o mar pareceu se estilhaçar quando a energia caiu na poça, lançando água contra os penhascos e o horizonte. A poça de maré se alargou, formando uma cratera que quase ocupou toda a costa, fervilhando e se dispersando, com sua areia sendo arrastada para cima. E a água que restou agora era tão escura quanto um céu de meia-noite.

Oro permaneceu firme no lugar, seu poder o enraizando. Cleo ainda estava ao seu lado. Ela estendeu a mão para dentro da água e puxou um menino.

O filho dela. Ele estava vivo.

O grito de alívio de Cleo fez com que ondas se elevassem centenas de metros, quebrando nas falésias e inundando a ilha com sua alegria.

Todos estavam vivos . Pessoas emergiam daquelas águas, ofegantes. E Isla estava no centro delas, erguendo-se como um deus.

Seus olhos brilhavam de forma sobrenatural. Seus cabelos chicoteavam atrás dela ao sabor de um vento invisível. Ela vestia uma armadura e empunhava uma espada de metal que ele não conseguia identificar.

Oro não conseguiu conter o pânico que lhe percorria as veias. Ele vira o futuro. *Vira a ruína* . Mas, ao olhar para ela, sentiu vontade de esquecer tudo. Esquecer sua coroa. Esquecer seu dever.

Esqueça o futuro.

"Amor", disse ele, a palavra escapando de seus lábios, e naquele instante, o cabelo dela se acalmou. O brilho de seus olhos se apagou. Ela piscou muitas vezes, depois olhou ao redor, como que em transe. Finalmente, seus joelhos cederam. Oro a amparou antes que ela atingisse a areia.

Os olhos dela se arregalaram ao vê-lo. *Verde* . Aquele verde estava de volta, pensou ele.

“Você está em casa”, disse ele, com a voz embargada pela emoção. Ela assentiu, lágrimas escorrendo pelo rosto. Ele não queria dizer aquelas palavras, mas no fim, teve que fazê-lo. Seus destinos estavam todos entrelaçados. Com o futuro em mente, ele perguntou: “Onde está Grim?”



ILHA

“Ele escolheu Cronan”, disse Isla, os olhos âmbar de Oro sendo a única âncora em sua tristeza esmagadora. O sol brilhava forte atrás dela, seu calor como uma carícia.

Seu corpo estava lentamente voltando ao normal, repleto de poder e, ao mesmo tempo, exausto. Cheio de felicidade por rever Oro e de tristeza por ter perdido Grim novamente.

Ela poderia ter matado Cronan. *Eles* poderiam ter... feito isso juntos.

"Desculpe", disse Oro, e parecia que ele estava falando sério, mas ela balançou a cabeça negativamente.

“Ele me ama. O fato de eu estar aqui já é a prova disso.” Isla estendeu a mão desesperadamente em direção à ponte que os separava — e sentiu aquele fio. Ele se formara em algum momento naquela floresta. *Ele a amava* .

Mas a lâmina que ele vira refletida naquelas águas o fez vacilar.

"Amor—" disse Oro, a palavra tão suave que ela quase não ouviu. Ela franziu a testa. Por que ele parecia tão cheio de arrependimento? Tão dividido? Tão... devastado?

Seus músculos se tensionaram. "Você viu o futuro, não é?" perguntou Isla. Oro hesitou. Mas ele não mentiria para ela. Ela sabia disso. Finalmente, ele assentiu. Um pavor percorreu seus ossos. "O que você viu?"

Ele abriu a boca... e depois fechou. Como se não conseguisse pronunciar as palavras.

Ela se desvencilhou dos braços dele e deu um passo para trás. Ele deu um passo em sua direção, e a sensação era quase de outro duelo. Isla se perguntou se deveria desembainhar sua espada.

Mas antes que ela pudesse ver o que ele faria em seguida, o mundo parou, como se estivesse prendendo a respiração.

Então, tudo desmoronou.

O céu se abriu com um uivo que despedaçou seus sentidos. Portal após portal se formou sobre todos eles.

Dezenas de mundos. *Os mundos de Cronan* .

Vim aqui para conquistar.

Cronan precisava dela morta para conseguir o diamante. Com o poder de Lark dentro dela, ela não podia ser morta sem sua permissão. A menos que ele encontrasse aquela adaga.

Era a única maneira de matá-lo também. A guerra havia começado. E só

poderia ser terminada pela Lâmina do Coração.

A piscina havia lhe mostrado que, com os Fios do Tempo e a viagem pela galáxia, o destino havia sido alterado. Fragmentado. Havia mais futuros possíveis do que antes. Agora, a profecia talvez não fosse sobre ela.

As escolhas de Grim, Oro e Isla definiriam o destino.

Apenas estes fatos eram certos. Um deles empunharia a Heartblade. Um deles morreria por ela, para sempre. Um deles salvaria o mundo ou o destruiria.

Tudo terminou com uma lâmina atravessando o coração.

A única questão era—

Cujo?



AGRADECIMENTOS

Comecei a escrever a primeira versão desta série há uma década. Naquela época, eu não conseguia imaginar que alguém se importasse com esses personagens ou com este mundo tanto quanto eu. Vocês mudaram tudo. Então, antes de mais nada, muito obrigada a você, leitor, pelo seu apoio. Você é a razão pela qual consigo contar esta história exatamente como sempre a planejei. Tudo o que escrevo é para vocês. *Obrigada* . Obrigada a todos que tornaram a publicação deste livro possível. Obrigada à minha incrível agente literária, Jodi Reamer, que é minha estrela guia e a maior defensora do meu trabalho que eu poderia imaginar. Este foi o ano mais corrido da minha vida, mas você é a bússola que me mantém no caminho certo. Obrigada pelos telefonemas diários, pelas mensagens de apoio e por garantir que eu tenha o tempo necessário para me concentrar na escrita. Obrigada à minha incrível editora, Claire Stetzer, por toda a sua orientação editorial, por ficar tão empolgada com as reviravoltas (!!!) e por sua dedicação incansável em fazer desta história tudo perfeito. Eu realmente agradeço.

Obrigada a todos ao meu redor que continuam tornando tudo isso possível. Obrigada a Berni Vann e Michelle Weiner da CAA por tudo. Berni, cada vez que falo com você é uma alegria. Obrigada a Annika Patton por ter visto a magia desta série há tantos anos. Obrigada a Elise Mesa e Emma Eales por tudo o que fazem. Obrigada a Anqi Xu por sempre me dar ótimas dicas. E obrigada a Cecilia de la Campa, Alessandra Birch e Sofia Bolido por levarem esta história aos leitores do mundo todo.

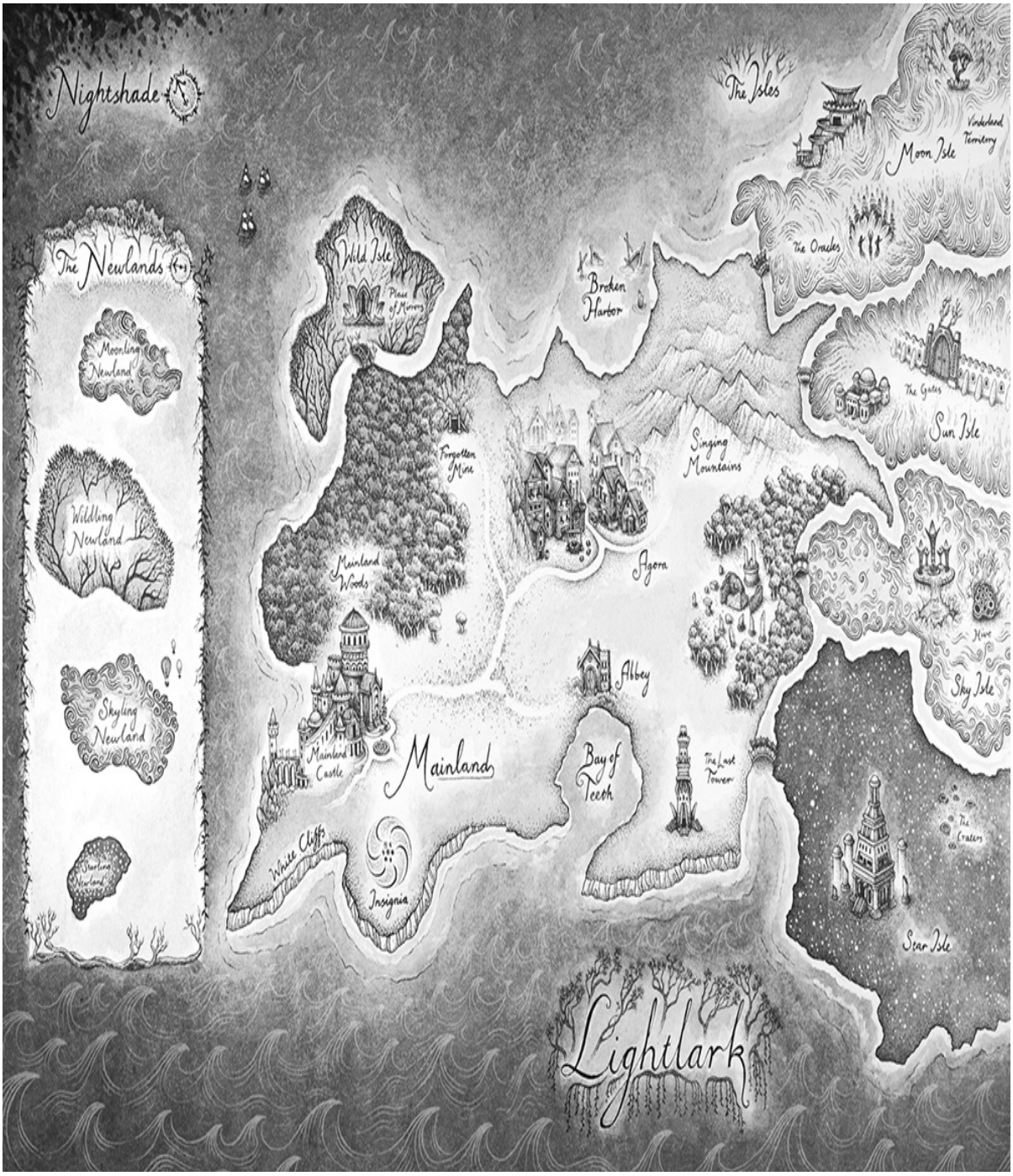
Agradeço a todos da Abrams que apoiaram esta série, incluindo Anne Heltzel, Maggie Lehrman, Lori Benton e Melanie Chang. Agradeço a Micah Fleming por sua direção de arte incomparável e ideias incríveis — sempre. E a Sasha Vinogradova por ajudar a criar a capa dos meus sonhos. Agradeço a todos que tornam possível que este livro chegue às mãos dos leitores — da formatação à edição, da produção ao ebook e audiolivro, do marketing à divulgação — incluindo: Borana Greku, Cristina Gilbert, Taryn Roeder, Mitch Thorpe, Talia Behrend-Wilcox, Angelica Busanet, Megan Carlson, Christine Edwards, Elizabeth Frew, Mark Harrington, Maggie Moore, Mary O'Mara, Jason Orlando e Josh Weiss.

Obrigada, meu amor, pelo seu apoio. Você torna a realidade melhor que a ficção. A escrita tomou conta da minha vida por completo — obrigada por sempre estar ao meu lado quando preciso de inspiração.

Meus infinitos agradecimentos à minha família e amigos que não me veem há

mais de um ano por causa desses prazos. Prometo dormir mais em breve. Talvez. Vocês sabem quem são, e sou muito grata por tê-los na minha vida.

Por fim, e mais uma vez, muito obrigado, leitor, por embarcar nesta jornada comigo. Serei eternamente grato pelo seu apoio. Obrigado por tudo.


Nightshade
The Isles
Moon Isle
Wonderland Territory
The Oracles
The Newlands
Wild Isle
Place of Mirrors
Broken Harbor
Moonling Newland
Forgotten Mine
Singing Mountains
The Gates
Sun Isle
Wildling Newland
Mainland Woods
Agora
Abbey
Hive
Sky Isle
Skyling Newland
Mainland Castle
Mainland
Bay of Teeth
The Last Tower
The Craters
White Cliffs
Insignia
Starling Newland
Star Isle
Lightlark

Gostou do livro?
Confira todo o nosso catálogo de ótimos romances, histórias em quadrinhos e livros de não ficção para jovens adultos e leitores do ensino fundamental na Amulet Books !

Com vontade de mais livros para jovens adultos?
Confira



prévias exclusivas , bastidores, entrevistas e muito mais inspirados em nossos lançamentos mais recentes em piquebeyond.com !

Praise for the LIGHTLARK Saga

"Fantasy that reads like a breath of fresh air. Filled with secrets aplenty and enthralling magic, *Lightlark* will have you gasping then swooning."
–CHLOE GONG, #1 *New York Times* bestselling author of *These Violent Delights*

"Gorgeously lush and cinematic, *Lightlark* is the kind of fantasy that indulges all your senses, makes you swoon, and then knocks you sideways with twists. You won't want to put this down." **–MARIE LU**, #1 *New York Times* bestselling author of *Skyhunter*

"If *The Hunger Games* was a dark fairy tale, you'd get the vicious and enchanting *Lightlark*. Get ready to be transported into a dazzling world."
–ADAM SILVERA, #1 *New York Times* bestselling author of *They Both Die at the End*

"Alex Aster's *Lightlark* is an ebullient, fast-paced fantasy, with a beautifully rendered world that seethes with intrigue, romance, and tension. I couldn't turn the pages fast enough."
–SABAA TAHIR, #1 *New York Times* bestselling author of *An Ember in the Ashes*